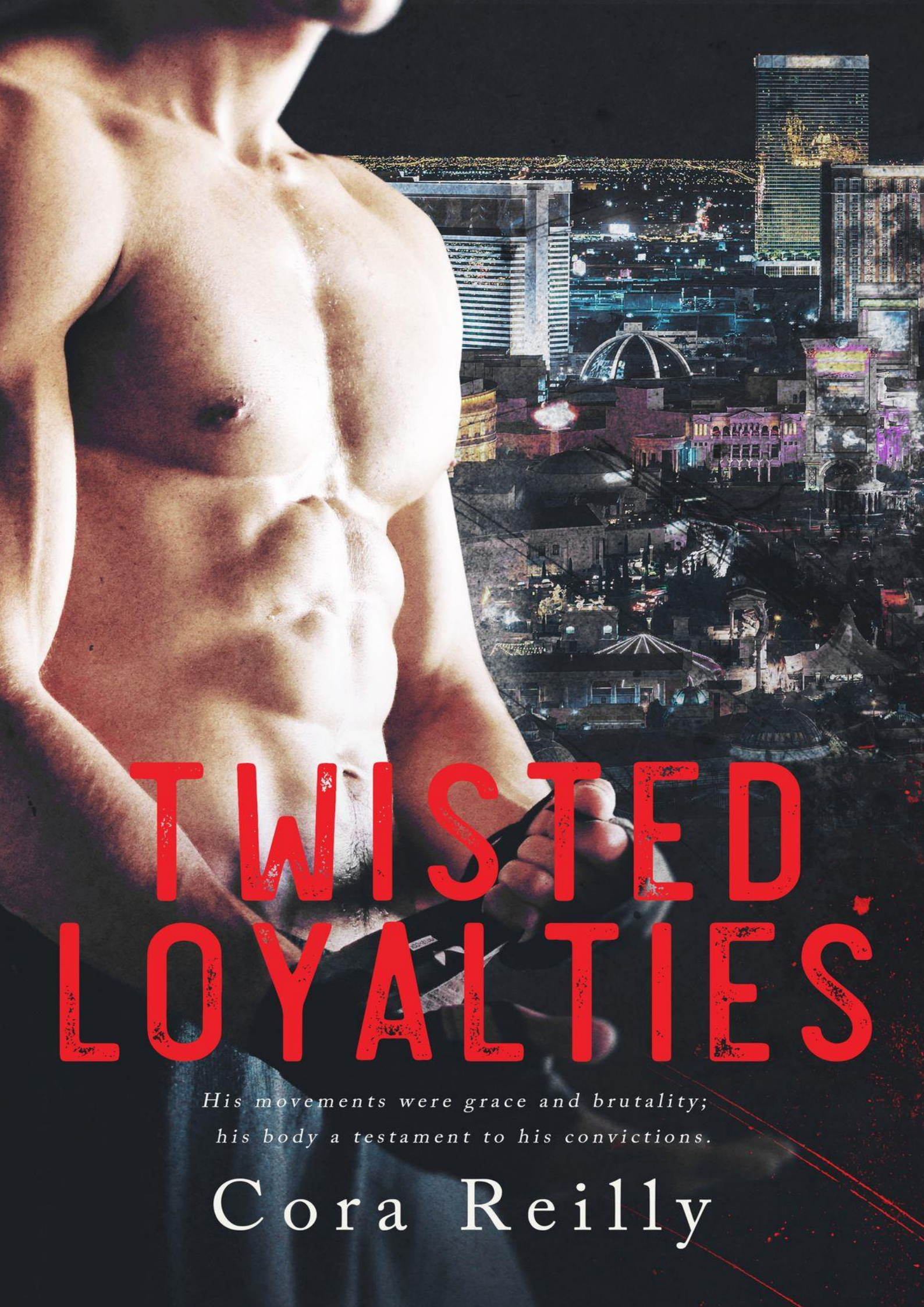




TWISTED LOYALTIES

*His movements were grace and brutality;
his body a testament to his convictions.*

Cora Reilly





Cora Reilly

#1 Twisted Loyalties

Série Camorra Chronicles



Tradução Mecânica: Chloe

Revisão Inicial: Chloe, Si, Syd Hart, Pamela

Revisão Final: Lala

Leitura: Aurora

Data: 02/2019

Twisted Loyalties Copyright © 2018 Cora Reilly

SINOPSE

Fabiano foi criado para seguir os passos de seu pai como Consigliere da Outfit - até que seu pai o abandona. Deixado para se defender, Fabiano é forçado a lutar por um lugar no mundo da máfia. Como um lutador de rua implacável, ele rapidamente ganha seu lugar como o novo Executor da Camorra de Las Vegas - um homem a temer.

Leona quer construir uma vida decente para si mesma, longe de sua mãe viciada em drogas. Mas logo chama a atenção de um homem perigoso - Fabiano Scuderi. Ficar longe de problemas e viver uma vida normal é quase impossível com um homem como ele.

Leona sabe que precisa evitar Fabiano, mas homens como ele não são fáceis de se livrar.

Eles sempre conseguem o que querem.

Fabiano se preocupa com apenas uma coisa: a Camorra.

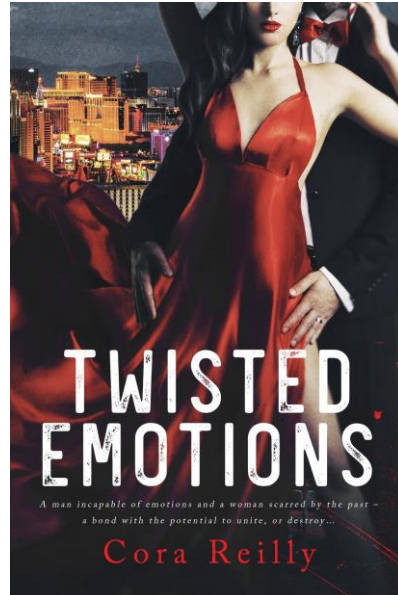
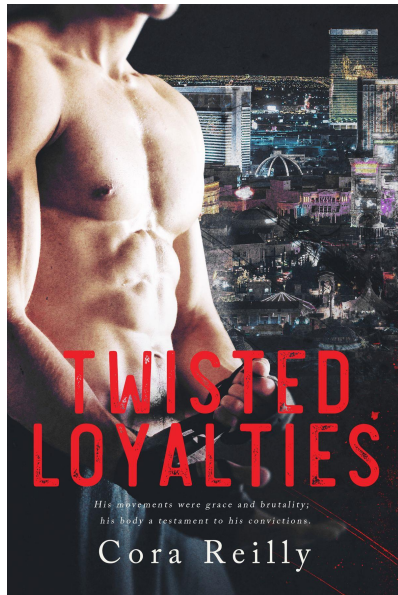
Mas sua atração por Leona logo coloca sua lealdade inabalável a teste.

Por Leona vale a pena arriscar tudo pelo que ele lutou e, por fim, sua vida?

A SÉRIE

Série Camorra Chronicles

Cora Reilly



Prólogo

NEW YORK

Território Famiglia

Luca foi Capo por mais de dez anos, mas as coisas nunca tinham estado mais fodidas do que estavam agora. Ele estava empoleirado na beira da larga escrivaninha de mogno enquanto examinava o mapa amassado que mostrava os limites de seu território. Sua Famiglia ainda controlava toda a extensão da Costa Leste, do Maine à Geórgia. Nada mudou em décadas. A Camorra, no entanto, estendeu seu território para muito além de Las Vegas, no leste, tendo conquistado Kansas City dos russos apenas recentemente. Remo Falcone estava começando a ficar muito confiante. Luca tinha um pressentimento de que seu próximo passo seria um ataque ao território da Outfit ou Famiglia. Agora ele tinha que garantir que Falcone mirasse as cidades de Dante Cavallaro e não as dele. A guerra entre Famiglia e Outfit já havia matado muitos de seus homens. Outra guerra com a Camorra os esmagaria. — Eu sei que você não gosta da ideia, — ele murmurou para seu soldado.

Growl assentiu. — Eu não gosto, mas não estou em posição de lhe dizer o que fazer. Você é o Capo. Só posso dizer o que sei sobre a Camorra e não é bom.

— E daí? — Matteo, irmão de Luca e seu braço direito, perguntou com um encolher de ombros, girando a faca entre os dedos. — Nós podemos lidar com eles.

Uma batida soou e Aria entrou no escritório que ficava no porão do clube de Luca, o Sphere. Ela ergueu as sobrancelhas loiras com curiosidade, imaginando por que o marido a chamara. Ele normalmente lidava com os negócios sozinho. Matteo e Growl já estavam lá dentro, e Luca ergueu sua estrutura alta de onde estava inclinado contra a mesa quando ela entrou. Ela foi até ele e beijou seus lábios, em seguida, perguntou.

— O que há de errado?

— Nada, — disse Luca com naturalidade. Algo em seu rosto estava estranho, no entanto. — Mas nós contatamos a Camorra para negociar.

Aria olhou para Grawl. Ele havia fugido de Las Vegas seis anos antes, depois de matar o Capo da Camorra, Benedetto Falcone. Pelo que ele havia dito, a Camorra era muito pior que a Outfit ou a Famiglia. Eles ainda lidavam com escravidão sexual e sequestro, além do habitual negócio de drogas, cassinos e prostituição. Mesmo no mundo da máfia, eles eram considerados encrenca. — Você contatou?

— A luta com a Outfit está nos enfraquecendo. Com a Bratva já invadindo nosso território, temos que ter cuidado. Não podemos arriscar a Outfit forjar um acordo com a Camorra antes de termos a chance. Se eles lutarem juntos, estaremos em apuros.

Culpa encheu Aria, ela e suas irmãs eram a razão pela qual a trégua entre a Outfit de Chicago e a Famiglia de New York havia acabado. Seu casamento com Luca deveria criar um vínculo entre as duas famílias, mas quando sua irmã mais nova, Liliana, fugiu de Chicago para se casar com o soldado de Luca, Romero, o chefe da Outfit, Dante Cavallaro, declarou guerra a eles. Ele não poderia ter reagido de outra maneira.

— Você acha que eles vão mesmo considerar falar conosco? — Aria perguntou. Ela ainda não tinha certeza do porque estava aqui em primeiro lugar. Ela não tinha nenhuma informação útil sobre a Camorra.

Luca assentiu. — Eles enviaram um dos seus para falar conosco. Ele estará aqui em breve. — Algo em sua voz, uma leve tensão e preocupação, arrepiaram os pelos em seu pescoço.

— Eles estão correndo um grande risco enviando alguém. Eles não sabem se ele vai voltar vivo — Aria disse surpresa.

— Uma vida não é nada para eles, — Grawl murmurou. — E o Capo não enviou um de seus irmãos. Ele enviou seu novo executor.

Aria não gostou do jeito que Luca, Matteo e Grawl estavam olhando para ela.

— Eles acham que ele será poupado, — disse Luca. — Porque é seu irmão.

O chão se abriu sob os pés de Aria e ela agarrou a borda da mesa. — Fabi? — Ela sussurrou. Ela não o via ou falava com ele há muitos anos. Desde que a guerra foi declarada, não lhe permitiram entrar em contato com o irmão. Seu pai, o Consigliere da Outfit, tinha se certificado disso.

Ela fez uma pausa em seus pensamentos. — O que Fabi está fazendo com a Camorra? Ele é um membro da Outfit. Ele deveria substituir meu pai como Consigliere um dia.

— Ele deveria, sim, — disse Luca, trocando um olhar com os outros homens. — Mas seu pai tem dois filhos mais novos com sua nova esposa e aparentemente um deles se tornará Consigliere. Não sabemos o que aconteceu, mas por algum motivo Fabiano desertou para a Camorra e, por algum motivo, eles o acolheram. É difícil conseguir informações válidas sobre o assunto.

— Eu não posso acreditar. Eu vou ver meu irmão novamente. Quando? — Ela perguntou ansiosamente. Ele era quase nove anos mais novo, e ela o criou até que teve que se casar com Luca e sair de Chicago.

Growl balançou a cabeça com uma careta.

Luca tocou o ombro de Aria. — Aria, seu irmão é o novo Executor da Camorra.

Demorou alguns segundos para a informação penetrar. Os olhos de Aria se voltaram para Growl. Ele ainda a assustava com suas tatuagens e cicatrizes, com a escuridão persistente em seus olhos. E ela não se assustava facilmente, não sendo casada com Luca.

Growl fora o Executor da Camorra quando Benettone Falcone era Capo. E agora que o filho de Falcone havia tomado o poder, Fabi assumiu o papel. Ela engoliu em seco. *Executor*. Eles faziam o trabalho sujo. O trabalho sangrento. Eles se certificavam de que as pessoas obedecessem, e se não o fizessem, os Executores asseguravam que seu destino fosse um aviso para qualquer um considerando o mesmo.

— Não, — ela disse suavemente. — Não Fabi. Ele não é capaz desse tipo de coisa. — Ele tinha sido um menino carinhoso e gentil, sempre tentando proteger suas irmãs.

Matteo deu-lhe um olhar que dizia que ela estava sendo ingênua. Ela não se importou. Ela queria ser ingênua se isso

significasse manter a memória de seu irmãozinho carinhoso e engraçado. Não queria imaginá-lo como qualquer outra coisa.

— O irmão que você conheceu não será o irmão que verá hoje. Será outra pessoa. Aquele menino que você conheceu está morto. Ele tem que estar. A execução não é um trabalho para os bondosos. É um trabalho cruel e sujo. E a Camorra não demonstra piedade pelas mulheres como é hábito em Nova York ou Chicago. Eu duvido que isso tenha mudado. Remo Falcone é um filho da puta cruel como seu pai, — Growl disse em sua voz rouca.

Aria olhou para Luca, esperando que ele desmentisse o que seu soldado disse. Ele não fez isso. Algo em Aria quebrou. — Eu não posso acreditar. Não quero, — disse ela. — Como ele pode ter mudado tanto?

— Ele está aqui, — um dos homens de Luca os informou. — Mas ele se recusa a entregar suas armas.

Luca assentiu. — Não importa. Estamos em maior número. Deixe-o passar. — Então ele se virou para Aria. — Talvez descubramos hoje.

Aria ficou tensa quando os passos se aproximaram. A porta foi aberta e um homem alto entrou. Ele era quase tão alto quanto Luca. Não tão grande, mas musculoso. Uma tatuagem espreitava sob as mangas da camisa enroladas. Seu cabelo loiro escuro era curto nas laterais e levemente mais comprido em cima, e seus olhos azuis como gelo...

Frio, calculista, cauteloso.

Aria não tinha certeza se o teria reconhecido na rua. Ele não era mais um menino, era um homem. Não só pela idade. Seus olhos pousaram nela. O sorriso do passado não veio, embora o reconhecimento brilhasse em seus olhos. Deus, não havia mais nada do garoto alegre que ela lembrava. Mas ele era seu irmão. Sempre seria. Foi tolice, mas ela correu em direção a ele, ignorando o aviso de Luca.

Seu irmão ficou tenso quando ela jogou os braços ao redor dele. Ela podia sentir as facas presas nas suas costas, as armas no coldre em volta do seu peito. Ela sabia que havia mais armas em seu corpo. Ele não a abraçou de volta, mas uma de suas mãos segurou seu pescoço. Aria olhou para ele então. Ela não esperava ver raiva em seus olhos antes que ele voltasse seu foco para Luca e os outros homens na sala. — Não há necessidade de empunhar as armas, — disse ele com

uma pitada de diversão fria. — Não viajei essa distância toda para machucar minha irmã.

Seu toque no pescoço dela parecia menos um gesto de familiaridade do que uma ameaça.

Os dedos de Luca se fecharam ao redor de seu braço e ele a puxou de volta. Fabiano seguiu a cena com humor negro em seus olhos. Ele não se moveu um centímetro.

— Meu Deus, — Aria sussurrou com voz embargada. — O que aconteceu com você?

Um sorriso predatório curvou seus lábios.

Não era mais Fabi.

Esse homem na frente dela era alguém a temer.

Fabiano Scuderi.

Executor da Camorra.

Capítulo Um

O passado:

Fabiano

Eu me enrolei em mim mesmo. Eu não reagi. Eu nunca o fiz.

Papai grunhiu pelo esforço de me bater. Soco após soco. Minhas costas. Minha cabeça. Meu estômago. Criando novas contusões, despertando velhas contusões. Ofeguei quando a ponta do sapato dele atingiu meu estômago e tive que engolir a bile. Se eu vomitasse, ele só me bateria mais. Ou pegaria a faca. Estremeci.

Então os golpes pararam e eu me atrevi a olhar para cima, pisquei para clarear minha visão. Suor e sangue escorriam pelo meu rosto.

Papai olhou para mim, respirando com dificuldade. Ele limpou as mãos em uma toalha que seu soldado Alfonso lhe entregou. Talvez este tenha sido o último teste para provar meu valor. Talvez eu finalmente me torne uma parte oficial da Outfit. Um Homem Feito.

— Eu vou receber minha tatuagem? — Eu murmurei.

O lábio do pai se curvou. — Sua tatuagem? Você não fará parte da Outfit.

— Mas... — Ele me chutou de novo e eu caí de lado. Eu insisti, sem me importar com as consequências. — Mas serei Consigliere quando você se aposentar. — *Quando você morrer.*

Ele agarrou meu colarinho e me levantou. Minhas pernas doeram quando tentei ficar de pé. — Você é um maldito desperdício do meu sangue. Você e suas irmãs compartilham os genes contaminados da sua mãe. Uma decepção após a outra. Todos vocês. Suas irmãs são prostitutas e você é fraco. Cansei de você. Seu irmão se tornará Consigliere.

— Mas ele é um bebê. Sou seu filho mais velho. — Desde que papai se casara com sua segunda esposa, ele me tratou como

lixo. Achei que era para me tornar forte para minhas tarefas futuras. Fiz tudo para provar o meu valor para ele.

— Você é uma decepção como suas irmãs. Eu não vou permitir que você me envergonhe. — Ele me soltou e minhas pernas cederam.

Mais dor.

— Mas pai, — eu sussurrei. — É tradição.

Seu rosto se contorceu de raiva. — Então, teremos que nos certificar que seu irmão seja meu filho mais velho. — Ele acenou para Alfonso, que arregaçou as mangas. O primeiro soco atingiu meu estômago, então minhas costelas. Mantive meus olhos em meu pai enquanto soco após soco sacudiu meu corpo, até que minha visão finalmente ficou preta. Ele me mataria.

— Certifique-se que ele não seja encontrado, Alfonso.

Dor.

Profunda.

Eu gemi. As vibrações enviaram uma pontada nas minhas costelas. Tentei abrir meus olhos e me sentar, mas minhas pálpebras estavam coladas. Gemi novamente.

Eu não estava morto.

Por que não morri?

A esperança reascendeu.

— Pai? — Eu resmunguei.

— Cale a boca e durma, garoto. Vamos chegar em breve.

Essa era a voz de Alfonso.

Esforcei-me para sentar e abri meus olhos. Minha visão estava embaçada. Eu estava sentado no banco de trás de um carro. Alfonso se virou para mim. — Você é mais forte do que pensava. Bom para você.

— Onde? — Eu tossi, então estremei. — Onde estamos?

— Kansas City. — Alfonso conduziu o carro para um estacionamento vazio. — Parada final.

Ele saiu, abriu a porta traseira e me puxou para fora. Eu ofeguei de dor, segurando minhas costelas, então cambaleei contra o carro. Alfonso abriu a carteira e me entregou uma nota de vinte dólares. Eu peguei, confuso.

— Talvez você sobreviva. Talvez não. Suponho que agora seja o destino. Mas não vou matar um garoto de quatorze anos. — Ele agarrou minha garganta, forçando-me a encontrar seus olhos. — Seu pai acha que você está morto, garoto, então se certifique de ficar longe do nosso território.

Seu território? Era o meu território. A Outfit era o meu destino. Eu não tinha mais nada.

— Por favor, — eu sussurrei. Ele balançou a cabeça, depois contornou o carro e entrou. Dei um passo para trás quando ele partiu, depois caí de joelhos. Minhas roupas estavam cobertas de sangue. Agarreí a nota de dólar nas palmas das minhas mãos. Isso era tudo que eu tinha. Lentamente me estiquei no asfalto frio. A pressão contra minha panturrilha me lembrou da minha faca favorita amarrada ali por um coldre. Vinte dólares e uma faca. Meu corpo doía e eu nunca quis me levantar novamente. Não havia sentido em fazer nada. Eu não era nada. Desejei que Alfonso tivesse feito o que meu pai ordenou e me matado.

Eu tossi e senti gosto de sangue. Talvez eu morresse de qualquer maneira. Meus olhos voaram ao redor. Havia um enorme grafite na parede do prédio à minha direita. Um lobo rosnando em frente a espadas.

O sinal da Bratva.

Alfonso não conseguiu me matar.

Esse lugar conseguiria. Kansas City pertencia aos russos.

O medo me instigou a levantar e partir. Eu não sabia ao certo para onde ir ou o que fazer. Eu estava todo machucado. Pelo menos não estava frio. Comecei a caminhar para procurar um lugar onde pudesse passar a noite. Por fim, me acomodei na entrada de uma cafeteria. Eu

nunca estive sozinho, nunca tive que viver nas ruas. Puxei minhas pernas contra o meu peito, engoli um gemido. Minhas costelas. Elas doem ferozmente. Eu não poderia voltar para a Outfit. Papai me mataria. Talvez pudesse tentar entrar em contato com Dante Cavallaro. Mas ele e papai trabalharam juntos por muito tempo. Eu pareço um maldito rato, um covarde e fraco.

Aria ajudaria. Meu estômago apertou. Ela ter ajudado Lily e Gianna foi a razão pela qual o pai me odiava em primeiro lugar. E correr para Nova York com o rabo entre as pernas para implorar a Luca para fazer parte da Famiglia não ia acontecer. Todos saberiam que eu tinha sido aceito por pena, não porque era um recurso digno.

Inútil.

Era isso. Estava sozinho.

Quatro dias depois. Só quatro dias. Eu estava sem dinheiro e esperança. Todas as noites voltava para o estacionamento, esperando que Alfonso voltasse, que o pai tivesse mudado de ideia, que seu último olhar impiedoso e odioso para mim tinha sido minha imaginação. Eu era um idiota de merda. E com fome.

Nenhuma comida em dois dias. Desperdicei todo o meu dinheiro no primeiro dia em hambúrgueres, batatas fritas e refrigerante.

Segurei minhas costelas. A dor tinha piorado. Tentei conseguir dinheiro batendo carteiras hoje. Escolhi o cara errado e fui espancado. Eu não sabia como sobreviver na rua. Eu não tinha certeza se queria continuar tentando.

O que eu ia fazer? Sem roupas. Sem futuro. Sem honra.

Afundi no chão do estacionamento à vista dos grafites da Bratva. Eu deitei de costas. A porta se abriu, os homens saíram e foram embora. Território de Bratva.

Estava tão cansado.

Não seria lento. A dor nos meus membros e desesperança me mantiveram no lugar. Olhei para o céu noturno e comecei a recitar o juramento que memorizei meses atrás, em preparação para o dia da minha indução. As palavras italianas saíram da minha boca, enchendo-me de perda e desespero. Repeti o juramento inúmeras vezes. Tinha sido meu destino tornar-me um homem feito.

Havia vozes à minha direita. Vozes masculinas em uma língua estrangeira.

De repente, um cara de cabelos negros olhou para mim. Ele estava machucado, não tanto quanto eu, e vestido com shorts de luta. — Eles disseram que tem um italiano louco do lado de fora do Omertá¹. Eu acho que eles se referiam a você.

Fiquei em silêncio. Ele disse 'Omertá' como eu diria, como se significasse alguma coisa. Ele estava coberto de cicatrizes. Apenas alguns anos mais velho. Dezoito talvez.

— Falar desse tipo de merda nessa área significa que você tem um desejo de morrer ou é um louco de merda. Provavelmente ambos.

— Esse juramento era a minha vida, — eu disse.

Ele encolheu os ombros, depois olhou por cima do ombro antes de se virar com um sorriso torcido. — Agora vai ser a sua morte.

Eu me sentei. Três homens em short de luta, corpos cobertos por tatuagens de lobos e Kalashnikovs², cabeças raspadas saíram de uma porta ao lado do grafite da Bratva.

Eu considereei deitar e deixá-los terminar o que Alfonso não pode.

— Que família? — O cara de cabelos negros perguntou.

— Outfit, — eu respondi, mesmo quando a palavra abriu um buraco no meu coração.

Ele assentiu. — Suponho que eles se livraram de você. Não teve bolas para fazer o que era preciso para ser um Homem Feito?

¹ O Omertá é um código de honra que dá importância ao silêncio, à falta de cooperação com as autoridades e à não interferência nas ações ilegais de terceiros. Originou-se e continua a ser comum no sul da Itália, onde organizações criminosas de banditismo e criminosas do tipo Máfia são fortes.

² Rifle Kalashnikov, uma série de rifles automáticos com base no projeto original de Mikhail Kalashnikov.

Quem era ele? — Eu tenho o que é preciso, — eu assobiei. — Mas meu pai me quer morto.

— Então prove isso. E agora levante do chão e lute. — Ele estreitou os olhos quando eu não me mexi. — Fique. De. Pé. Porra.

E eu levantei, mesmo que meu mundo girasse e tivesse que segurar minhas costelas. Seus olhos negros absorveram meus ferimentos. — Suponho que terei que lutar praticamente sozinho. Tem alguma arma?

Puxei minha faca Karambit do coldre em volta da minha panturrilha.

— Eu espero que você saiba manejar essa coisa.

Então os russos estavam em cima de nós. O cara começou uma merda de artes marciais que manteve dois dos russos ocupados. O terceiro veio na minha direção. Eu o ataquei com minha faca e errei. Ele me acertou alguns golpes que fizeram meu peito chiar de agonia e eu caí de joelhos. Meu corpo machucado não tinha chance contra um lutador treinado como ele. Seus punhos choveram sobre mim, duros, rápidos, impiedosos. *Dor.*

O cara de cabelos negros atacou meu agressor, enfiando o joelho em seu estômago. O russo caiu para frente e eu levantei minha faca, que se enterrou em seu abdômen. O sangue escorreu pelos meus dedos e soltei o cabo como se estivesse queimado quando o russo caiu de lado, morto.

Eu olhei para a minha faca saindo de sua barriga. O cara de cabelos negros a puxou, limpou a lâmina no short do homem morto, depois estendeu para mim. — Primeiro assassinato? — Meus dedos tremiam quando a peguei, então assenti.

— Haverá mais.

Os outros dois russos também estavam mortos. Seus pescoços haviam sido quebrados. Ele estendeu a mão, que eu peguei, e me puxou para os meus pés. — Devemos sair daqui. Mais filhos da puta russos chegarão em breve. Vamos.

Ele me levou até um caminhão amassado. — Notei você se esgueirando pelo estacionamento nas últimas duas noites quando estive aqui para lutar.

— Por que você me ajudou?

Lá estava aquele sorriso torcido novamente. — Porque gosto de lutar e matar. Porque odeio a porra da Bratva. Porque minha família me quer morto também. Mas o mais importante, porque preciso de soldados leais que me ajudem a recuperar o que é meu.

— Quem é você?

— Remo Falcone. E eu serei o Capo da Camorra em breve. — Ele abriu a porta do caminhão e já estava na metade quando acrescentou. — Você pode ajudar ou pode esperar que a Bratva te pegue.

Eu entrei. Não por causa da Bratva.

Porque Remo me mostrou um novo propósito, um novo destino.

Uma nova família.

Capítulo Dois

Leona

A janela do ônibus de Greyhound parecia pegajosa e quente, ou talvez fosse o meu rosto. A criança na fileira atrás de mim parou de chorar a dez minutos - depois de quase duas horas. Eu tirei minha bochecha do vidro, me sentindo lenta e cansada. Depois de horas, espremida no assento abafado, eu mal podia esperar para sair. Passamos pelos luxuosos subúrbios de Las Vegas com seus verdes imaculados, sempre suficientemente regados por sprinklers. Cercado pelo deserto, esse era provavelmente o sinal definitivo de riqueza. Decorações de Natal elaboradas adornavam as varandas e fachadas de casas recém-pintadas.

Essa não seria minha parada.

O ônibus se arrastava, o chão vibrando sob meus pés descalços, até que finalmente chegou naquela parte da cidade onde nenhum turista jamais pusera os pés. Os buffets “coma tudo o que puder” custam apenas US \$ 9,99 por aqui, não US \$ 59. Eu não podia pagar nenhum deles, joguei minha mochila por cima do meu ombro. Não que eu me importasse. Cresci em áreas como estas. Em Phoenix, Houston, Dallas, Austin... E vários outros lugares que eu possa contar.

Por hábito, enfiei a mão no bolso por um celular que não estava mais lá. Mamãe o vendeu por uma última dose de metanfetamina. Vendê-lo por US \$ 20 foi uma lástima, sem dúvida.

Coloquei meus chinelos, joguei minha mochila no ombro e esperei até que a maioria das outras pessoas saísse antes de descer do ônibus, soltando um longo suspiro. O ar estava mais seco do que em Austin e alguns graus mais frio, mas ainda não frio de inverno. De alguma forma já me sentia mais livre longe da minha mãe. Esta era sua última chance na terapia. Esperava que ela tivesse sucesso. Eu fui estúpida por esperar que ela conseguisse.

— Leona? — Veio uma voz profunda de algum lugar à direita.

Eu me virei surpresa. Meu pai estava a poucos metros de mim. Cerca de trinta quilos a mais em seus quadris e menos cabelo na cabeça. Não esperava que ele viesse me pegar. Ele prometeu fazer isso, mas sabia o que uma promessa dele ou da minha mãe valia. Menos que a sujeira debaixo dos meus sapatos. Talvez ele realmente tivesse mudado como alegou?

Ele rapidamente apagou o cigarro sob os mocassins gastos. A camisa de mangas curtas esticada sobre a barriga. Havia um ar errático sobre ele que me preocupava.

Eu sorri. — A primeira e única.

Não fiquei surpresa que ele tivesse que perguntar. A última vez que o vi foi no meu décimo quarto aniversário, há mais de cinco anos. Não tinha exatamente sentido sua falta. Eu tinha perdido a ideia de um pai que ele nunca poderia ser. Ainda assim era bom vê-lo novamente. Talvez pudéssemos começar de novo.

Ele veio até mim e me puxou para um abraço desajeitado. Eu passei meus braços ao redor dele, apesar do cheiro persistente de suor e fumaça. Fazia um tempo desde que alguém me abraçou. Ele se afastou e me examinou da cabeça aos pés. — Você cresceu. — Seus olhos pararam no meu sorriso. — E suas espinhas se foram.

Já faz três anos. — Graças a Deus, — eu disse em vez disso. Ele enfiou as mãos nos bolsos, como se de repente não tivesse certeza do que fazer comigo. — Fiquei surpreso quando você ligou.

Coloquei uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, incerta se sabia onde ele queria chegar com isso. — Você nunca fez, — eu disse, soando alegre. Eu não tinha vindo a Vegas para culpá-lo. Papai nunca foi um bom pai, mas ele tentou ocasionalmente, mesmo que sempre falhasse. A mãe e ele, ambos eram fodidos a sua própria maneira. Seus vícios sempre foram a única coisa que os impedia de cuidar de mim do jeito que deveriam. Sempre seria assim.

Ele me avaliou. — Tem certeza de que quer ficar comigo?

Meu sorriso vacilou. Era disso que se tratava tudo isso? Ele não me queria por perto? Eu realmente queria que ele tivesse mencionado isso antes de eu pagar por uma passagem para atravessar metade dos Estados Unidos. Ele disse que havia vencido seu vício, que tinha um emprego decente e uma vida normal. Queria acreditar nele.

— Não é que eu não esteja feliz em ter você comigo. Senti sua falta — ele disse rapidamente, muito rápido. Mentiras.

— Então é o quê? — Eu perguntei, tentando, mas não conseguindo esconder minha mágoa crescente.

— Não é um bom lugar para uma garota legal como você, Leona.

Eu ri. — Eu nunca vivi exatamente nas partes agradáveis da cidade, — eu disse a ele. — Eu me viro sozinha.

— Não. É diferente aqui. Acredite em mim.

— Não se preocupe. Sou boa em ficar longe de problemas. Eu tive anos de prática. — Com uma mãe viciada em metanfetamina que vendia qualquer coisa, até mesmo seu corpo, pela próxima dose, você tem que aprender a abaixar a cabeça e cuidar da sua sobrevivência.

— Às vezes, o problema encontra você. Acontece por aqui mais vezes do que você imagina. — Do jeito que ele falou, eu me preocupei que o problema fosse um convidado constante em sua vida.

Suspirei. — Honestamente, pai, eu vivi com uma mãe que passou a maior parte de seus dias desmaiada no sofá e você nunca se preocupou o suficiente para me afastar dela. Agora que estou crescida, você está preocupado que eu não possa lidar com a vida na cidade do pecado?

Ele olhou para mim como se fosse dizer mais, mas finalmente pegou minha mochila antes que eu pudesse segurá-la. — Você está certa.

— E eu só vou ficar aqui até ganhar dinheiro suficiente para a faculdade. Há lugares suficientes por aqui onde posso conseguir dinheiro decente com gorjetas, suponho?

Ele parecia aliviado por eu querer trabalhar. Ele achou que eu viveria as custas dele?

— Há lugares mais do que suficientes, mas poucos que são adequados para uma garota como você.

Eu balancei minha cabeça com um sorriso. — Não se preocupe. Posso lidar com bêbados.

— Eu não estou preocupado com eles, — disse ele nervosamente.

Fabiano

— Você está realmente pensando em trabalhar com a Família? — Eu ofeguei quando desviei de um chute apontado para a minha cabeça. — Eu te contei como eles foderam com a Outfit.

Enfiei meu punho enfaixado na lateral de Remo, então tentei chutar as pernas dele e levei um soco no meu estômago. Eu saltei para trás, fora do alcance de Remo. Então fingi um ataque pela esquerda, mas chutei com a perna direita. O braço de Remo se ergueu, protegendo a cabeça e tomando toda a força do meu chute. Ele não caiu. — Eu não quero trabalhar com eles. Não com o maldito Luca Vitiello, nem com o fodido Dante Cavallaro. Nós não precisamos deles.

— Então por que me mandar para Nova York? — Perguntei.

Remo pousou dois socos rápidos no meu lado esquerdo. Respirei fundo e bati meu cotovelo no ombro dele. Ele assobiou e se afastou, mas eu o peguei. Seu braço estava pendurado, eu desloquei seu ombro. Meu movimento favorito.

— Recusando abertamente? — Ele perguntou meio em tom de brincadeira, sem dar nenhuma indicação de que estava em agonia.

— Você deseja.

Remo gostava de quebrar coisas. Não achei que ele gostasse de algo mais. Às vezes achava que ele queria que eu me revoltasse para que pudesse me quebrar, porque seria seu maior desafio. Eu não tinha intenção de dar a ele a chance. Não que ele teria sucesso.

Ele olhou e se lançou em mim. Eu mal desviei dos seus dois primeiros chutes, o terceiro bateu no meu peito. Fui jogado no ringue de boxe e quase perdi o equilíbrio, mas me apoiei agarrando a corda. Eu rapidamente me endireitei e levantei meus punhos.

— Oh foda-se essa merda, — Remo rosnou. Ele agarrou seu braço e tentou realocar seu ombro. — Eu não posso lutar com essa merda de membro inútil.

Eu abaixei minhas mãos. — Então você desiste?

— Não, — disse ele. — Empate.

— Empate, — eu concordei. Nunca houve nada a não ser empate em nossas lutas, exceto no primeiro ano quando era um garoto magricela, sem a menor ideia de como lutar. Nós dois éramos lutadores muito fortes, muito acostumados à dor, indiferentes demais se viveríamos ou morreríamos. Se alguma vez lutássemos até o fim, nós dois acabaríamos mortos, sem dúvida. Peguei uma toalha do chão e limpei sangue e suor do meu peito e braços.

Com um grunhido, Remo finalmente conseguiu fixar seu braço. Se eu tivesse ajudado, teria sido mais rápido e menos doloroso. Ele nunca me deixaria. A dor não significava nada para ele. Nem para mim.

Eu joguei uma toalha limpa nele e ele pegou com o braço ferido para provar um ponto. Ele secou o cabelo, mas só conseguiu espalhar o sangue de um corte em sua cabeça por todo o cabelo preto. Ele largou a toalha sem cerimônia. Sua cicatriz que ia da têmpora esquerda até a bochecha esquerda estava vermelha da luta.

— Então por quê? — Eu perguntei, removendo as ataduras manchadas de vermelho ao redor dos meus dedos e pulso.

— Eu quero ver como as coisas estão indo por lá. Estou curioso. Isso é tudo. E gosto de conhecer meus inimigos. Você será capaz de reunir mais informações do que qualquer um de nós apenas observando-os interagir. Mas, acima de tudo, quero enviar-lhes uma mensagem clara. — Seus olhos escuros se tornaram duros. — Você não está pensando em brincar de família feliz com suas irmãs e se tornar um dos cachorrinhos de Vitiello?

Eu levantei uma sobrancelha. Mais de cinco anos. E ele realmente tinha que perguntar? Saltei sobre o ringue de boxe e aterrissei no chão do outro lado, quase sem som algum. — Eu pertencço à Camorra. Quando todos eles me abandonaram, você me acolheu. Você me fez quem eu sou hoje, Remo. Você deveria ser mais esperto do que me acusar de ser um traidor. Eu sacrificaria minha vida por você. E se for preciso, levarei a Outfit e a Famiglia para o inferno comigo.

— Um dia você terá sua chance, — disse ele.

De dar a minha vida por ele, ou derrubar as outras famílias?

— Eu tenho outra tarefa para você.

Eu assenti. Esperava isso. Ele segurou meus olhos. — Você é o único que pode se aproximar de Aria. Ela é a fraqueza de Vitiello.

Mantive minha expressão impassível.

— Traga-a para mim, Fabiano.

— Morta ou viva?

Ele sorriu. — Viva. Se você a matar, Vitiello vai ficar violento, mas se tivermos a esposa dele, ele será nosso fantoche.

Eu não tive que perguntar por que ele tinha interesse em derrubar a Famiglia. Nós não precisávamos do seu território e não valia muito, desde que Dante possuísse tudo no meio. Nós estávamos ganhando dinheiro suficiente no Ocidente. Remo queria vingança. Luca cometera um erro ao acolher o ex-Executor da Camorra, e cometera um erro ainda maior quando mandou o homem de volta para matar muitos Camorristas de alta patente enquanto Las Vegas não possuía um Capo forte para liderar a cidade. Antes de Remo.

— Considere feito.

Remo inclinou a cabeça. — Seu pai foi um idiota por negligenciar seu valor. Mas é assim que os pais são. O meu nunca teria permitido que eu me tornasse Capo. É uma pena que não conseguí matá-lo eu mesmo.

Isso era algo que Remo me invejava. Eu ainda podia matar meu pai e um dia iria.

Fazia anos desde a última vez que pisei em Nova York. Eu nunca gostei muito da cidade. Não significava nada além de perda para mim.

O segurança na frente do Sphere me avaliou rapidamente quando me aproximei. Eu detectei outro segurança no telhado. A rua estava deserta, exceto por nós. Isso não mudaria até muito mais tarde, quando os primeiros clientes tentassem entrar.

Eu parei na frente do segurança. Ele descansou a mão na arma em seu suporte de quadril. Ele não seria rápido o suficiente. — Fabiano Scuderi, — eu disse simplesmente. Claro que ele sabia. Todos eles sabiam. Sem uma palavra, me deixou entrar na sala de espera. Dois homens barraram meu caminho até lá. — Armas, — um deles ordenou, apontando para uma mesa.

— Não, — eu disse.

O mais alto dos dois, vários centímetros mais baixo que eu, aproximou seu rosto do meu. — O que foi isso?

— Isso foi um não. Se você é surdo ou estúpido demais para me entender, chame alguém que possa. Estou perdendo a paciência.

A cabeça do homem ficou vermelha. Bastaria três movimentos para arrancar a cabeça de seu corpo. — Diga ao Capo que ele está aqui e se recusa a deixar suas armas.

Se ele achava que poderia me intimidar com a menção de Luca, estava enganado. A época em que o temia e o admirava havia ficado no passado há muito tempo. Ele era perigoso, sem dúvida, mas eu também.

Eventualmente, ele voltou e finalmente fui autorizado a passar pelo vestiário e pista de dança iluminados de azul, em seguida, até o porão. Bom lugar se alguém quisesse impedir que pessoas de fora ouvissem gritos. Isso também não conseguiu me incomodar. A Famiglia não conhecia muito bem a Camorra, não me conhecia muito bem. Nós nunca tínhamos valido a atenção deles até que nosso poder se tornasse forte demais para eles ignorarem.

No momento em que entrei no escritório, examinei o ambiente. Growl estava parado ao lado esquerdo. *Traidor*. Remo adoraria ter sua cabeça entregue a ele em uma sacola plástica. Não porque o homem tivesse matado seu pai, mas porque ele havia traído a Camorra. Esse crime valia uma morte dolorosa.

No meio da sala estavam Luca e Matteo, ambos altos e morenos, e minha irmã Aria com seus cabelos loiros como um farol de luz.

Lembrei-me que ela parecia mais alta, mas, novamente, eu era uma criança quando a vi pela última vez. O choque no rosto dela era óbvio. Ela ainda não conseguia disfarçar suas emoções. Nem mesmo seu casamento com Luca mudou isso. Você acharia que ele já teria

quebrado seu espírito agora. Estranho ela ainda ser a mesma que eu lembrava quando me tornei alguém novo.

Ela correu em minha direção. Luca estendeu a mão, mas ela foi mais rápida. Ele e seus homens sacaram suas armas no momento em que Aria colidiu comigo. Minha mão subiu para o seu pescoço momentaneamente. Ela me abraçou, suas mãos espalmadas nas minhas costas, onde eu tinha minhas facas. Ela era muito confiante. Eu poderia tê-la matado em um piscar de olhos. Quebrar seu pescoço teria exigido pouco esforço. Eu matei assim antes em lutas de vida ou morte. A bala de Luca atingiria seu alvo tarde demais. Ela olhou para mim esperançosa, então lentamente a percepção e o medo surgiram. Sim, Aria. Não sou mais um garotinho.

Eu olhei para frente. — Não há necessidade de empunhar as armas, — eu disse a Luca. Seu olhar cauteloso passou entre meus dedos posicionados perfeitamente no pescoço dela e meus olhos. Ele reconheceu o perigo em que sua pequena esposa estava, mesmo que ela não o fizesse. — Eu não viajei essa distância toda para machucar minha irmã.

Era a verdade. Eu não tinha intenção de machucá-la, mesmo que pudesse. O que Remo tinha em mente para ela, não saberia dizer. Eu coloquei um bilhete no bolso do jeans dela.

Luca cambaleou até nós e a puxou para longe de mim, uma advertência clara em seus olhos.

— Meu Deus, — Aria sussurrou, lágrimas enchendo seus olhos. — O que aconteceu com você?

Ela realmente precisava perguntar? Ela estava tão ocupada salvando minhas irmãs, que não tinha considerado o que isso significaria para mim?

— Você, Gianna e Liliana aconteceram.

Confusão encheu seu rosto. Ela realmente não entendeu. Fúria fria me atravessou, mas enterrei isso. Todo horror do meu passado me fez quem eu sou hoje.

— Eu não entendo.

— Depois que Liliana fugiu também, papai decidiu que algo deveria estar errado com todos nós. Que talvez o sangue da mãe

correndo em nossas veias fosse o problema. Ele achou que eu fosse outra desgraça em construção. Ele tentou me bater para tirar isso de mim. Talvez ele achasse que, se eu sangrasse com frequência suficiente, me livraria de qualquer vestígio dessa fraqueza. No momento em que a prostituta de sua segunda esposa deu à luz a um menino, ele decidiu que eu não era mais útil. Ele ordenou a um de seus homens que me matasse. Mas o homem teve pena de mim e me levou a um pardieiro em Kansas City para que a Bratva pudesse me matar em vez disso. Eu tinha vinte dólares e uma faca. — Fiz uma pausa. — E eu fiz bom uso dessa faca.

Eu podia ver as palavras sendo assimiladas. Ela balançou a cabeça. — Nós não queríamos te machucar. Só queríamos salvar Liliana de um casamento horrível. Não achamos que você precisaria ser salvo. Você era um menino. Você estava a caminho de se tornar um soldado da Outfit. Teríamos te salvado se você tivesse pedido.

— Eu me salvei, — eu disse simplesmente.

— Você ainda pode... Sair de Las Vegas, — disse Aria com cuidado. Luca enviou-lhe um olhar.

Eu ri sombriamente. — Você está sugerindo que eu deixe a Camorra e me una à Família?

Ela parecia surpresa com a dureza do meu tom. — É uma opção.

Eu virei meu olhar em direção a Luca. — Ela é Capo ou você? Eu vim aqui para conversar com o homem que lidera o show, mas agora acho que pode ser uma mulher depois de tudo.

Luca não parecia perturbado pelas minhas palavras, pelo menos não abertamente. — Ela é sua irmã. Ela fala porque permiti que fizesse isso. Não se preocupe, Fabi, se tivesse algo a dizer para você, eu diria.

Fabi. O apelido não me provocou do jeito que deveria. Eu desisti dele quando amadureci. Ninguém me conhecia por esse nome em Vegas e, mesmo que o fizessem, não se atreveriam a usá-lo.

— Nós não somos seus inimigos, Fabi, — disse Aria. E eu sabia que ela estava falando sério. Ela era o vício do Capo, e ainda assim ela não sabia nada. Seu marido me viu como eu o vi: um adversário a ser observado. Um predador se intrometendo em seu território.

— Eu sou um membro da Camorra. Vocês *são* meus inimigos. — Se esta viagem servisse para alguma coisa, seria para provar a mim mesmo que realmente não havia mais nada daquele garoto estúpido e fraco que eu era. Ele havia sido espancado de dentro de mim, primeiro pelo meu pai e mais tarde na rua e nas gaiolas de combate enquanto eu lutava por um lugar neste mundo.

Aria balançou a cabeça, incapaz de entender. Ela não me abandonou de propósito, não selou meu destino com minhas irmãs, ajudando-as a fugir de propósito, mas às vezes as coisas que causamos sem intenção eram as piores.

— Eu tenho uma mensagem de Remo para você, — eu disse a Luca, ignorando minha irmã. Eu lidaria com ela mais tarde. Ela não era a única razão pela qual eu tinha vindo para Nova York. — Você não tem nada a oferecer para Remo ou a Camorra, a menos que você envie sua esposa para um passeio. — As palavras deixaram um gosto amargo na minha boca, mesmo porque ela era minha irmã.

Luca estava na metade da sala antes de Aria entrar em seu caminho. Eu tirei minha arma e uma das minhas facas. — Calma, Luca, — implorou Aria. Ele olhou para mim. Oh, ele queria me rasgar em pedaços, e eu queria vê-lo tentar. Ele seria um adversário desafiador. Em vez disso, deixou minha irmã convencê-lo, mas seus olhos continham uma promessa: *você está morto*.

Remo nunca teria escutado uma mulher, nunca teria mostrado esse tipo de fraqueza na frente de ninguém. Nem eu. A Outfit e a Famiglia tinham enfraquecido ao longo dos anos. Eles não eram uma ameaça para nós. Se manejassemos a situação com inteligência, logo seus territórios seriam nossos.

Eu fiz um arco simulado. — Presumo que é tudo.

— Você não quer saber como Lilly e Gianna estão? — Aria perguntou esperançosa, ainda procurando por um sinal do menino que ela conheceu. Eu me perguntei quando ela perceberia que ele tinha ido embora para sempre. Talvez quando a Camorra assumisse o poder algum dia e eu cravasse minha faca no coração do seu marido.

— Elas não significam nada para mim. No dia em que você partiu para sua vida pomposa em Nova York, você deixou de existir para mim.

Eu me virei. Dar minhas costas ao inimigo não era algo que eu normalmente faria. Mas sabia que Aria impediria Luca de me matar

com seus olhos de cachorrinho, e queria mostrar a ele e seu irmão Matteo que eu não os temia. Eu não temia ninguém há muito tempo.

Eram quase duas horas da madrugada. Tinha começado a nevar há algum tempo e uma camada fina de branco cobria minha jaqueta e o chão aos meus pés. Eu estava esperando por mais de uma hora. Talvez Aria tivesse mais senso do que lhe atribui.

Passos suaves rangeram à minha direita. Eu me afastei da parede, puxando minha arma, mas abaixei quando Aria apareceu, enrolada em um grosso casaco de lã e cachecol. Ela parou na minha frente. — Olá Fabi. — Ela estendeu o papel que eu tinha colocado no seu bolso. — Você disse que queria falar comigo sozinha porque precisava da minha ajuda?

Sua necessidade de ajudar os outros, primeiro Gianna, depois Lily e agora eu, era sua maior fraqueza. Eu realmente queria que ela tivesse ficado em casa. Eu me aproximei.

Ela me olhou com olhos tristes. — Mas você estava mentindo, não estava? — Ela sussurrou. Se não estivéssemos tão perto, não a teria entendido. — Você estava tentando me pegar sozinha.

Se ela sabia, por que veio?

Ela esperava por misericórdia? Então percebi porque ela sussurrou. Eu apertei minha mão na minha arma. Meus olhos vasculharam a escuridão até que encontrei Luca encostado a uma parede à esquerda, sua arma apontada para minha cabeça.

Eu sorri então porque a subestimei, e uma parte pequena e fraca estava aliviada. — Finalmente sendo sensata, Aria.

— Eu sei uma coisa ou duas sobre a vida da máfia.

Apenas as coisas que Luca permitia que ela visse, sem dúvida.

— Você não está preocupado com a sua vida? — Ela perguntou curiosa.

— Porque eu estaria?

Ela suspirou. — A Camorra quer me sequestrar? — Novamente aquele sussurro, não destinado aos ouvidos de Luca. Ela estava tentando me salvar de sua ira? Não deveria.

Eu não disse nada. Ao contrário de Luca, não divulgaria informações apenas porque ela bateu os cílios para mim. A época que ela tinha poder sobre mim como minha irmã mais velha passou há muito tempo. Mas meu silêncio parecia toda a resposta que ela precisava.

Ela levantou um braço e eu segui o movimento com cautela. Com a outra mão, ela tirou uma joia do pulso e estendeu para mim.

— Era da mãe. Ela me deu pouco antes de sua morte. Quero que você fique com isso.

— Por quê? — Eu perguntei enquanto examinava a pulseira de ouro com safiras. Eu não me lembrava de nossa mãe usá-la, mas eu tinha apenas doze anos quando ela morreu e estava prestes a iniciar o processo de indução para a Outfit. Eu tinha outras coisas em mente do que joias caras.

— Porque quero que você se lembre.

— A família que me abandonou?

— Não, o menino que você costumava ser e o homem que você ainda pode ser.

— Quem disse que eu quero lembrar? — Eu disse em voz baixa, inclinando-me, para que ela pudesse olhar nos meus olhos, apesar da escuridão. Ouvi o clique suave de Luca liberando a trava de segurança. Eu sorri. — Você quer que eu seja um homem melhor. Por que você não começa com o homem que aponta uma arma para minha cabeça?

Ela empurrou a pulseira contra o meu peito e eu finalmente a peguei.

— Talvez um dia você encontre alguém que o ame apesar do que você se tornou, e ela fará com que você queira ser melhor. — Ela se afastou. — Adeus, Fabiano. Luca quer que você saiba que da próxima vez que vier a Nova York, pagará com sua vida.

Meus dedos se fecharam ao redor da pulseira. Eu não tinha intenção de voltar a esta cidade abandonada por nenhum outro motivo a não ser arrancá-la das mãos sangrentas de Luca.

Capítulo Três

Fabiano

Voltar para Vegas, sempre parecia como voltar para casa. Eu estive em Nevada por quase cinco anos. Quando cheguei pela primeira vez, não achei que duraria tanto tempo. Cinco anos. Tanta coisa mudou desde que papai me quis morto. Passado era passado, mas às vezes as lembranças voltavam e eram um bom lembrete de que eu devia a Remo minha lealdade e minha vida. Sem ele, eu estaria morto há muito tempo.

Talvez eu devesse ter visto isso chegando depois que estraguei meu primeiro trabalho como um iniciante da Outfit de Chicago. Eu tinha sido honrado com a tarefa de patrulhar os corredores no dia do casamento da minha irmã mais nova, Liliana. Estava animado até encontrar minhas irmãs Aria e Gianna com seus maridos Matteo e Luca, assim como Liliana e alguém que *definitivamente* não era o homem com quem ela havia casado.

Eu soube imediatamente que eles estavam levando Liliana para Nova York com eles, e também sabia que, como membro da Outfit, deveria detê-los. Não tinha a minha tatuagem ainda, desde que minha iniciação não foi concluída, mas já tinha jurado a Outfit. Eu tinha apenas treze anos, fui fraco e estúpido naquela época, e permiti que Aria me convencesse a deixá-los ir. Eu até os deixei atirar no meu braço, para que parecesse convincente para todos. Para fazer parecer que eu *tentei* pará-los. Dante Cavallaro não me puniu. Ele acreditou na minha história, mas meu pai me descartou naquele dia como descartou as filhas que não conseguiu controlar. E foi aí que tudo começou. Quando as coisas desencadearam para levar o primeiro membro da Outfit a se tornar parte da Camorra.

Depois de errar no meu primeiro trabalho, só consegui assistir dos bastidores, considerado jovem demais para ser uma parte real da Outfit. Eu tinha quatorze anos, ansioso para agradar a Dante e meu pai, mas falhando.

Depois que Alfonso me deixou no território da Bratva, deveria ter morrido. Os russos teriam me espancado até a morte e, se não fossem eles, outra pessoa teria.

Eu não tinha ideia de como sobreviver na rua ou sozinho. Mas Remo sabia. Ele nasceu um lutador. Estava em seu sangue e ele me mostrou como lutar, como sobreviver, como matar.

Ele me deixou morar no apartamento miserável que compartilhava com seus três irmãos. Ele colocou comida na nossa mesa com o dinheiro que ganhou nas gaiolas de combate e eu o paguei com lealdade e com a feroz determinação de me tornar o soldado que ele precisava ao seu lado para ajudá-lo a matar os filhos da puta que estavam reivindicando o território que era legitimamente dele.

Quando chegamos a Reno, parte do território da Camorra, quase quatro meses depois, eu não era mais o garoto mimado da Outfit. Remo e Nino tinham me surrado em lutas de treinamento, me ensinaram a lutar sujo. Mas, acima de tudo, Remo me mostrou o meu valor. Eu não precisava da Outfit, não precisava de uma posição entregue a mim em uma bandeja de prata. Remo e eu tivemos que lutar pelo que queríamos. Ali estava: um propósito e alguém que viu o meu valor quando ninguém mais pôde.

Quando pisamos pela primeira vez no solo da Camorra, eles ainda estavam em tumulto já que seu Capo havia sido morto por um homem chamado Growl. Ainda não havia um novo Capo, mas muitos brigavam pela posição.

Remo, Nino e eu passamos os meses seguintes lutando em Reno, ganhando dinheiro e, eventualmente, vencendo todas as lutas que até mesmo o mais novo Capo em Las Vegas começou a prestar atenção. Juntos fomos lá e matamos todos que eram contra Remo. E quando ele finalmente assumiu como Capo, me tornei seu Executor, um cargo que eu não tinha herdado; um posto pelo qual paguei com sangue e cicatrizes. Um título do qual me orgulhava, e iria defender até a minha morte, assim como defenderia Remo.

A tatuagem no meu antebraço me marcando como Homem Feito da Camorra de Las Vegas foi mais além do que a profundidade da pele. Nada e ninguém me fariam quebrar o juramento que fiz ao meu Capo.

Eu respirei fundo. O cheiro de alcatrão e borracha queimada pairava no ar. Familiar. Emocionante. As luzes chamativas de Las Vegas brilhavam à distância. Uma visão que me acostumei. *Casa*.

Estas partes da cidade, perto da Sierra Vista Drive, estavam longe do glamour da Strip. Violência era a língua comum por aqui. Minha língua preferida.

Uma longa fileira de carros de corrida se alinhava no estacionamento do Shopping Boulevard fechado. Era o ponto de partida da corrida ilegal de rua hoje à noite. Alguns dos motoristas acenaram em minha direção, outros fingiram não me notar. A maioria deles ainda tinha dívidas para pagar, mas esta noite eu não tinha vindo por eles. Eles não precisavam se preocupar.

Eu fui em direção a Cane, um dos organizadores da corrida. Ele ainda não tinha pago o que devia e era uma soma que não podia ser ignorada, mesmo que ele fosse um ativo lucrativo.

A maior parte do dinheiro que fazíamos com as corridas de rua ilegais vinha de apostas. Nós tínhamos uma equipe de câmeras que filmava as corridas e as colocava em um fórum bloqueado na Darknet; todos com um código de acesso poderiam assistir. Essa parte do negócio era bem recente. Remo havia criado as corridas quando tomou o poder. Remo não se apegava às regras antiquadas que ligavam a Outfit e a Famiglia; regras que os tornaram lentos em se adaptar. Ele estava sempre à procura de novas maneiras de trazer a Camorra mais dinheiro, e ele foi bem sucedido.

Alguns motores rugiram, saturando o ar com vapores de gasolina. A partida estava apenas a alguns minutos de começar. Mas eu não vim assistir a corrida. Estava aqui a negócios.

Eu avistei meu alvo ao lado do nosso agenciador de apostas Griffin - um cara baixo, quase mais largo do que tinha de altura. O rosto enrugado de Cane franziu quando ele me viu andando em sua direção. Ele parecia considerar correr. — Cane, — eu disse agradavelmente quando parei diante dele. — Remo está sentindo falta de uma grana.

Ele deu um passo para trás e levantou as mãos. — Eu vou pagá-lo em breve. Eu prometo.

Eu prometo. Eu juro. Amanhã. Por favor. Palavras que ouvi muitas vezes.

— Hmm, — eu murmurei. — Em breve não era sua data de vencimento.

Griffin desligou o iPad e se desculpou. Ele estava interessado apenas nos aspectos financeiros de nossos negócios. O trabalho sujo o afugentou.

Eu peguei Cane pela manga de sua camisa e o arrastei para o lado, mais longe da linha de partida. Não que me importasse se alguém visse o que eu estava fazendo, mas não gostava de comer fumaça e sujeira quando os carros arrancavam.

Empurrei Cane para longe de mim. Ele perdeu o equilíbrio e caiu de costas. Seus olhos corriam para a esquerda e para a direita como se estivesse procurando por algo para se defender. Agarrei sua mão, torci toda para trás e quebrei seu pulso. Ele uivou, embalando a mão machucada contra o peito. Ninguém veio para ajudá-lo. Eles sabiam como as coisas eram. As pessoas que não pagavam suas dívidas recebiam minha visita, e um pulso quebrado era um dos resultados mais gentis.

— Amanhã, eu volto, — eu disse a ele. Apontei para o seu joelho. Ele sabia o que isso significava.

Do lado esquerdo, perto da linha de partida, notei um rosto familiar com cachos negros. Adamo, o irmão mais novo de Remo. Este definitivamente não era um lugar que ele deveria estar a esta hora da noite. Ele tinha apenas treze anos e foi pego em um carro de corrida antes. Aparentemente, Remo ter enlouquecido com ele não o fez ver a razão. Eu corri até ele, e os dois caras mais velhos ao lado dele pareciam não estar fazendo nada de bom. No momento em que me viram, foram embora, mas Adamo sabia que não devia tentar o mesmo. — O que você está fazendo aqui? Você não deveria estar na cama? Você tem escola de manhã.

Ele deu de ombros entediado. Legal demais para uma resposta adequada.

Eu agarrei o colarinho dele. E seus olhos finalmente encontraram os meus. — Não é como se eu precisasse estudar. Vou me tornar um homem feito e ganhar dinheiro com merda ilegal.

Eu o libertei. — Não vai doer usar o seu cérebro, então a merda ilegal não te levará para a cadeia. — Eu balancei a cabeça em direção ao meu carro. — Eu vou levá-lo para Remo.

— Você não terminou a escola. E Remo e Nino também não. Por que eu tenho que fazer essa merda?

Eu bati na parte de trás de sua cabeça levemente. — Porque estávamos ocupados tomando Las Vegas de volta. Você só está ocupado se metendo em apuros. Agora se mexa.

Ele fez uma careta, esfregando a parte de trás de sua cabeça. — Eu posso ir para casa sozinho. Não preciso de uma carona.

— Então você pode tentar entrar sem que ele perceba? — Eu balancei a cabeça em direção ao meu carro novamente. — Não vai acontecer. Agora se mexa. Eu tenho coisas melhores para fazer do que tomar conta de você.

— Como o quê? Espancar outros devedores?

— Entre outras coisas, sim.

Ele caminhou em direção ao carro e praticamente se jogou no banco do passageiro, depois fechou a porta com tanta força que temi que tivesse danificado o sensível mecanismo de fechamento. Desde que ele atingiu a puberdade, ficou completamente intolerável, e já tinha sido difícil mesmo antes disso.

Ouvi os suspiros ofegantes no momento em que entrei na sala de jogos do cassino abandonado que funcionava como nossa academia. Parei Adamo com uma palma contra o peito. Eu deveria saber que Remo não estava sozinho. Más notícias sempre o levavam para a academia para o seu tipo de treino.

— Você vai esperar aqui.

Adamo cruzou os braços. — Não é a primeira vez que vejo Remo espancando alguém.

Ele estava certo. Ao longo dos anos ele testemunhou a violência. Era impossível mantê-lo longe das realidades cruéis de tudo isso, mas Remo não queria que ele iniciasse o processo de indução

antes de seu décimo quarto aniversário e até então não precisaria ver o pior de nossos negócios. — Você vai esperar.

Eu disse com firmeza antes de continuar. Ele se esgueirou até o quebrado bar de Champanhe e começou a quebrar alguns copos.

Remo estava dando uma surra daquelas em um pobre filho da puta que eu não conhecia quando entrei na segunda sala de jogos que nós usamos para o nosso treinamento de kickboxing, provavelmente ainda furioso porque eu não tinha sido bem sucedido trazendo Aria de volta para ele, ou furioso por causa da minha ligação mais cedo lhe dizendo sobre seu irmão estar na rua no meio da noite. Novamente.

Ele parou quando ele me viu, limpando um pouco de suor e sangue da testa com as costas da mão. Ele nem se incomodou em envolver as mãos com faixas. Ele deveria estar ansioso para aliviar a tensão.

— Eu tirei esse de suas mãos. Às vezes preciso resolver os negócios por minha conta, — disse ele. Ele olhou novamente para o amontoado sangrento de um homem, que estava enrolado em si mesmo, gemendo. Seus cabelos grisalhos estavam emaranhados com sangue.

Eu ri quando pulei na plataforma do ringue de kickboxing. — Eu não me importo.

— Onde ele está?

— Eu o fiz esperar na entrada.

Ele assentiu. — E? — Ele perguntou, vindo em minha direção e deixando sua vítima caída em seu próprio sangue. A cicatriz sobre o olho estava um pouco mais vermelha do que o habitual, como sempre acontecia quando ele se esforçava. — Como foi em Nova York? Sua mensagem não foi muito esclarecedora.

— Eu falhei como você pode ver. Luca não deixou Aria fora de sua vista.

— Percebi isso. Como ele reagiu à minha mensagem?

— Ele queria arrancar minha garganta.

Um brilho animado encheu seus olhos. — Eu gostaria de ter visto o rosto de Vitiello. — Os sonhos molhados de Remo provavelmente incluíam uma luta de gaiola contra Luca. Destruir o Capo da Famiglia

seria seu triunfo final. Remo era um lutador cruel, implacável e mortal. Ele poderia vencer quase qualquer um. Mas Luca Vitiello era um gigante com as mãos feitas para esmagar a garganta de um homem. Essa seria uma luta que faria história, sem dúvida.

— Ele estava chateado. Ele queria me matar, — eu disse a ele.

Remo me deu uma olhada rápida. — E ainda assim não há um arranhão em você.

— Minha irmã o impediu. Ela o tem em suas mãos.

Os lábios de Remo se curvaram em desgosto. — Pensar que as pessoas na costa leste ainda o temem como o diabo.

— Ele é um filho da puta enorme e brutal, quando minha irmã não está por perto para mantê-lo sob controle.

— Eu adoraria conhecê-la. Vitiello perderia a porra da cabeça.

Luca derrubaria Las Vegas por Aria. Ou pelo menos ele tentaria. Mas eu estava inquieto com Aria como um tópico. Apesar da minha indiferença em relação a ela, não gostei da ideia de vê-la nas mãos de Remo.

Remo olhou para a minha mão. Eu segui seu olhar e percebi que estava girando a pulseira em volta dos meus dedos.

— Quando eu lhe disse para me trazer o tesouro de Luca, quis dizer outra coisa, — ele disse sombriamente.

Empurrei a pulseira de volta no meu bolso. — Aria achou que poderia amolecer meu coração com isso porque pertencia à nossa mãe.

— E poderia? — Remo perguntou, algo perigoso à espreita em seus olhos escuros.

Eu ri. — Tenho sido seu Executor por anos agora. Você realmente acha que eu ainda tenho coração?

Remo riu. — Negro como alcatrão.

— E aquele cara? — Eu balancei a cabeça em direção ao homem choramingando, querendo distrair Remo. — Você terminou com ele?

Remo pareceu considerar o homem por um momento, e o homem se acalmou imediatamente. Finalmente ele assentiu. — Não é divertido se eles já estão quebrados e fracos. É divertido quebrar os fortes.

Ele pulou as cordas do ringue e pousou ao meu lado. Batendo no meu ombro, ele disse: — Vamos pegar alguma coisa para comer. Organizei um pequeno entretenimento para nós. Nino e Savio também se juntarão a nós. — Então suspirou. — Mas primeiro terei que conversar com o Adamo. Por que o garoto tem que se meter em apuros o tempo todo?

Adamo tinha sorte de seu irmão mais velho ser Capo, ou ele provavelmente estaria morto em um beco escuro agora. Remo e eu voltamos para a área de entrada. Adamo estava encostado no balcão do bar, digitando algo em seu telefone, mas ele rapidamente colocou-o no bolso de trás quando nos viu.

Remo estendeu a mão. — Celular.

Adamo ergueu o queixo. — Eu tenho direito a alguma privacidade.

Poucas pessoas ousavam desobedecer a Remo, menos ainda sobreviveram quando o fizeram.

— Um dia desses vou perder minha paciência com você. — Ele agarrou o braço de Adamo e virou-o, depois me fez um sinal e eu peguei o celular.

— Ei, — protestou Adamo, tentando alcançar a coisa.

Eu bloqueei sua mão, e Remo o empurrou contra a parede. — Qual é o problema com você? Eu te digo de novo, não teste a porra da minha paciência, — Remo murmurou.

— Estou cansado de você me dizer para ir à escola e estar em casa às dez quando você, Fabiano, Nino e Savio passam as noites fazendo todo tipo de coisas divertidas.

Coisas divertidas. Ele veria como a maioria das coisas era divertida uma vez que fosse introduzido no próximo ano.

— Então você quer brincar com os meninos grandes?

Adamo assentiu.

— Então por que você não fica aqui? Algumas garotas estão chegando daqui a pouco. Tenho certeza de que encontraremos uma para você que te fará um homem de merda.

Adamo ficou vermelho e sacudiu a cabeça.

— Sim, foi o que eu pensei, — Remo disse severamente. — Agora espere aqui enquanto chamo Don para buscá-lo e levá-lo para casa.

— E o meu telefone?

— Ele é meu por agora.

Adamo franziu o cenho, mas não disse nada. Dez minutos depois, Don, um dos soldados mais antigos a serviço de Remo, veio buscá-lo.

Remo suspirou. — Quando eu tinha a idade dele, não diria não para um pedaço de bunda grátis.

— Seu pai te deu sua primeira prostituta quando você tinha doze anos. Adamo provavelmente nem chegou à segunda base³ ainda.

— Talvez eu devesse pressioná-lo mais.

— Ele vai ser como nós em breve. — Esta vida não lhe daria uma escolha.

Logo as primeiras garotas de um dos clubes de strip de Remo chegaram. Elas estavam ansiosas para agradar como sempre. Não que eu me importasse. Eu tive um longo dia e poderia apreciar um bom boquete para me livrar de um pouco da tensão. Eu assisti através de olhos meio fechados quando uma das garotas se ajoelhou na minha frente, e me inclinei para trás na cadeira. Era por isso que a Camorra iria invadir primeiro a Outfit e depois a Família. Nós não deixamos as mulheres se meterem em nossos negócios. Nós só as usamos para nossos propósitos. E isso era algo que nunca mudaria. Remo nunca iria permitir isso. E eu não dava a mínima. Empurrei meus quadris para a boca disposta. Sentimentos não tinham lugar na minha vida.

³ A segunda base é quando um cara sente o seio de uma mulher sobre roupas, roupas ou sob o sutiã.

Capítulo Quatro

Leona

Papai vivia em um pequeno apartamento em um canto desolado da cidade. A Strip parecia distante e o mesmo acontecia com os generosos clientes. Ele me mostrou um pequeno quarto. Cheirava a gato como o resto do apartamento, embora eu não tivesse visto um. A única mobília era um colchão no chão. Uma das paredes estava apinhada quase até o teto com velhas caixas cheias de Deus sabe o que. Ele nem sequer colocou lençóis no colchão, nem eu vi qualquer tipo de roupa de cama.

— Não é muito, eu sei, — disse ele, esfregando a parte de trás de sua cabeça. — Não tenho um segundo par de roupas de cama. Talvez você possa sair e comprar um hoje?

Eu parei. Eu tinha usado quase todo o meu dinheiro com a passagem de ônibus. O que guardei era para comprar um belo vestido para entrevistas de emprego em restaurantes decentes e bares de coquetel perto da Strip. Mas eu não conseguiria dormir em um colchão velho que tinha manchas de suor ou pior sobre ele. — Você tem pelo menos um travesseiro e um cobertor disponível?

Ele colocou minha mochila ao lado do colchão, fazendo uma careta. — Acho que tenho um velho cobertor de lã em algum lugar. Deixe-me verificar. — Ele se virou e saiu apressado.

Lentamente afundei no colchão. Era mole e uma lufada de poeira subiu. Meus olhos viajaram até a montanha de caixas ameaçando me esmagar por baixo delas. A janela não tinha sido limpa há algum tempo, ou nunca, e deixava entrar pouca luz. Não havia sequer um guarda-roupa para guardar minhas roupas. Abracei minha mochila. Ainda bem que eu não possuía quase nada. Eu não precisava de muito. Tudo o que já tinha amado tinha sido vendido pela minha mãe por metanfetamina em algum momento. Isso me ensinou a não me apegar a coisas físicas.

Papai voltou com um monte do que pareciam farrapos negros. Talvez essa fosse a fonte do cheiro de gato. Ele me entregou e percebi que era o cobertor de lã ao qual se referiu. Estava comido por

traça e cheirava a fumaça e algo mais que não pude identificar, mas definitivamente não era gato. Coloquei no colchão. Eu não tinha escolha a não ser comprar roupa de cama. Encarei meus chinelos. Agora eles eram meus únicos calçados. As solas do meu tênis Converse favorito haviam caído dois dias atrás. Achei que seria capaz de conseguir novos sapatos assim que chegasse a Las Vegas. Eu tirei trinta dólares da minha mochila.

Papai olhou o dinheiro de um jeito estranho. Desesperada e faminta.

— Suponho que você não tenha algumas moedas extras para mim? Os negócios estão lentos agora e preciso comprar um pouco de comida para nós.

Eu não tinha perguntado qual era exatamente o seu negócio. Aprendi que fazer muitas perguntas frequentemente leva a respostas desagradáveis.

Eu dei a ele dez dólares. — Eu preciso do resto para os lençóis de cama.

Ele parecia desapontado, mas depois assentiu. — Certo. Eu vou comprar algo para comer hoje a noite. Por que você não vai ao Target e vê se consegue um edredom e lençóis?

Quase parecia que ele queria me tirar daqui. Eu assenti. Preferiria sair do meu suado par de jeans e camisa, mas peguei minha mochila.

— Você pode deixar isso aqui.

Eu sorri. — Ah não. Preciso disso para carregar o que eu comprar, — eu menti. Aprendi com minha mãe, a nunca deixar minhas coisas por aí ou ela venderia. Não que eu tivesse algo de valor, mas odiava as pessoas mexendo nas minhas roupas íntimas. E conhecia o olhar do papai quando viu meu dinheiro. Eu tinha quase certeza de que ele estava mentindo quando disse que seu vício era uma coisa do passado. Não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Não podia lutar essa batalha por ele.

Eu me arrastei para fora do apartamento, o ar seco de Las Vegas me atingiu mais uma vez. Alguns caras estavam nadando na piscina comunitária apesar do frio, mergulhando e gritando. A área da piscina parecia precisar de uma boa limpeza também. Um dos rapazes me viu e soltou um assobio. Eu acelerei meus passos para evitar um confronto.

Lençóis, um edredom e um travesseiro me custaram 19,99 dólares, deixando-me com exatamente um centavo. Nenhum vestido bonito ou sapatos para mim. Eu duvidava que um restaurante me contratasse em minhas roupas gastas de segunda mão.

Quando voltei para casa, papai não estava lá, nem a comida. Procurei na geladeira, mas encontrei apenas algumas latas de cerveja e um pote de maionese.

Eu afundei na cadeira, obrigando-me a esperar por meu pai.

Quando ele chegou em casa, estava escuro lá fora e eu adormeci à mesa, minha testa pressionada contra os meus antebraços. Eu fiz uma varredura de seus braços vazios e expressão miserável.

— Sem comida? — Perguntei.

Ele congelou, seus olhos se movendo nervosamente em busca de uma boa mentira.

Não dei a ele a chance de mentir para mim e me levantei. — Está tudo bem, não estou com fome. Vou para a cama. — Eu estava morrendo de fome. Não tinha tido comida nada desde o donut que comprei pela manhã. Beije a bochecha de papai, sentindo o cheiro de álcool e fumaça em sua respiração. Ele evitou meus olhos. Quando saí da cozinha com a mochila, o vi pegando uma cerveja na geladeira. Seu jantar, eu assumi.

Coloquei os novos lençóis, em seguida, deixei cair o edredom e o travesseiro no colchão. Eu nem sequer tinha roupa de dormir. Em vez disso, peguei uma camiseta e uma calcinha limpa, antes de deitar no colchão. A nova roupa de cama cobria o fedor rançoso do colchão com seu aroma químico. Eu não tinha visto uma máquina de lavar roupa no apartamento, então teria que conseguir algum dinheiro antes que pudesse lavar minhas coisas em uma lavanderia.

Fechei meus olhos, esperando que pudesse dormir, apesar do estrondo do meu estômago.

Quando me levantei na manhã seguinte, tomei banho, tentando não olhar nada de perto. Teria que fazer uma boa limpeza no banheiro e no resto do apartamento assim que encontrasse um emprego. Essa deve ser minha maior prioridade agora. Eu vesti as coisas mais legais que possuía, um vestido de verão florido que chegava aos meus joelhos. Então coloquei meus chinelos. Não era uma roupa que me dava pontos bônus em uma entrevista de emprego, mas não tinha escolha. Papai estava dormindo no sofá com as roupas de ontem. Quando tentei passar por ele, ele se sentou. — Aonde você vai?

— Quero procurar um emprego aqui por perto.

Ele balançou sua cabeça. Ele não parecia muito de ressaca. Talvez pelo menos o álcool não fosse o seu problema. — Não há lugares respeitáveis por aqui.

Eu não disse a ele que nenhum lugar respeitável me contrataria da maneira que estava.

— Caso você tenha a chance, talvez você possa comprar alguma comida? — Papai disse depois de um momento.

Eu balancei a cabeça, sem dizer nada. Jogando minha mochila por cima do ombro, saí do apartamento. Infelizmente, o inverno de Las Vegas decidiu mostrar sua cara feia hoje. Estava um pouco frio para minhas roupas de verão e a promessa de chuva jazia no ar. Nuvens escuras cobriam o céu.

Eu caminhei pela vizinhança por um tempo, observando os exteriores decadentes e pessoas sem-teto. Caminhei por dez minutos, mais perto do centro de Las Vegas, quando o primeiro bar apareceu, mas logo percebi que, para uma garota trabalhar lá, ela tinha que estar disposta a se livrar de suas roupas. Os dois próximos bares ainda não estavam abertos e pareciam tão surrados que eu duvidava que conseguisse algum dinheiro trabalhando neles. Uma onda de ressentimento tomou conta de mim. Se papai não tivesse me feito gastar todo o meu dinheiro com roupas de cama, eu poderia ter comprado roupas bonitas e ido procurar um emprego perto da Strip, e não por aqui onde o valor de uma mulher parecia ligada à maneira como ela podia dançar em um poste.

Eu sabia que essas garotas ganhavam um bom dinheiro. Mamãe estivera em contato com bailarinas em seus melhores dias, antes de começar a vender-se por alguns dólares a motoristas de caminhão e coisas piores.

Estava começando a perder a esperança e minha cabeça estava zozinha por falta de comida. O frio também não estava ajudando. Já era por volta da uma da tarde e as coisas não pareciam boas. E então o céu se abriu e começou a chover. Uma gota enorme depois de outra caiu em cima de mim. Claro, estava de chinelos em um dia de dezembro que choveu em Nevada. Fechei meus olhos por um momento. Eu realmente não acreditava em nenhum poder superior, mas se alguém ou alguma coisa estivesse lá em cima, ele não pensava carinhosamente em mim.

O frio ficou mais proeminente quando meu vestido grudou no meu corpo. Eu tremi e esfreguei meus braços. Não tinha certeza do quão longe estava de casa, mas tinha a sensação de que ficaria resfriada amanhã, se não encontrasse abrigo logo. O zumbido baixo de um motor atraiu minha atenção de volta para a rua e para o carro vindo em minha direção. Era um modelo alemão caro, um Mercedes de algum tipo, janelas de cor preta, pintura preta fosca. Elegante e quase assustador.

Minha mãe não tinha sido o tipo que me advertiu sobre entrar em carros de estranhos. Ela foi o tipo de mãe que trazia estranhos assustadores para casa porque eles a pagavam por sexo. Estava gelada e com fome, e já cansada desta cidade. Queria voltar para o calor. Eu hesitei, em seguida, estendi meu braço e levantei meu polegar. O carro diminuiu a velocidade e parou ao meu lado. Pelo jeito que eu parecia pensei que ele passaria direto por mim.

Surpresa passou por mim quando vi quem estava sentado ao volante. Um cara, talvez com vinte e poucos anos, vestido de terno preto e camisa preta, sem gravata. Seus olhos azuis pousaram em mim e o calor subiu pelo meu pescoço pela intensidade do seu olhar. Mandíbula forte, cabelo loiro escuro, curto nas laterais e mais longo em cima. Ele era impecável, exceto por uma pequena cicatriz no queixo. E eu parecia ter me arrastado para fora da sarjeta. Maravilhoso.

Fabiano

A garota chamou minha atenção de longe, vestida para qualquer coisa, menos este tempo. Seu vestido estava grudado em seu corpo magro e seu cabelo no rosto. Ela tinha os braços em volta do estômago

e uma mochila brega pendia sobre o ombro direito. Eu diminuí a velocidade consideravelmente quando me aproximei dela, curioso. Ela não parecia uma de nossas garotas, nem me alguém que sabia alguma coisa sobre vender seu corpo. Mas talvez ela tivesse acabado de chegar e não soubesse que essas ruas nos pertenciam e que teria que pedir se quisesse trabalhar nelas.

Eu esperava que ela fugisse quando me aproximei. Meu carro era facilmente reconhecível. Ela me surpreendeu quando estendeu a mão para eu pegá-la.

Eu parei ao lado dela. Se ela tentasse me oferecer seu corpo, teria uma surpresa desagradável. E se isso fosse algum esquema de assalto insano com seus cúmplices esperando para me pegar de surpresa, eles teriam uma surpresa ainda mais desagradável. Eu coloquei minha mão na minha arma antes de deslizar minha janela para baixo e ela se inclinou para olhar dentro do meu carro. Ela sorriu com vergonha. — Eu me perdi. Você pode me levar para casa, talvez?

Nada de prostituta.

Eu me inclinei e abri a porta.

Ela entrou e fechou a porta. Ela colocou a mochila no colo e esfregou os braços. Meus olhos caíram para os pés dela. Ela estava usando apenas chinelos e pingando água nos meus bancos e no chão.

Ela notou meu olhar e corou. — Eu não esperava a chuva.

Eu balancei a cabeça, ainda curioso. Ela definitivamente não me conhecia. Ela estava pálida e trêmula, mas não por medo. — Onde você precisa ir?

Ela hesitou, depois soltou uma gargalhada envergonhada. — Eu não sei o endereço.

Eu levantei minhas sobrancelhas.

— Eu só cheguei ontem. Moro com meu pai.

— Quantos anos você tem?

Ela piscou. — Dezenove?

— Essa é a resposta ou uma pergunta?

— Desculpa. Estou desorientada hoje. É a resposta. — Novamente o sorriso tímido e envergonhado.

Eu assenti. — Mas você sabe a direção para a casa de seu pai?

— Havia uma espécie de acampamento por perto. Não é muito legal lá.

Eu me afastei do meio-fio, em seguida, acelerei. Ela agarrou sua mochila.

— Existem um lugar específico que você lembra?

— Havia um clube de strip nas proximidades, — disse ela, um rubor profundo tingindo suas bochechas molhadas. Definitivamente não é uma prostituta.

Eu a acalmei e dirigi na direção generalizada que ela descreveu. Não era como se eu precisasse estar em outro lugar. Sua ignorância da minha posição era quase divertida. Ela parecia uma gata afogada com o cabelo escuro colado à cabeça e o vestido grudado no corpo trêmulo.

Seu estômago roncou. — Eu gostaria de saber o nome do clube, mas estava apenas prestando atenção aos bares que poderia trabalhar e que definitivamente não era nenhum deles, — disse ela rapidamente.

— Trabalho? — Eu repeti, cauteloso novamente. — Que tipo de trabalho?

— Como garçoneiro. Preciso ganhar dinheiro para a faculdade — disse ela, depois ficou em silêncio, mordendo o lábio.

Eu a analisei novamente. — Cerca de uma milha daqui tem um bar chamado Roger's Arena. Eu conheço o dono. Ele está procurando por uma nova garçoneiro. As gorjetas são boas pelo que ouvi.

— Roger's Arena, — ela repetiu. — Nome estranho para um bar.

— É um lugar estranho, — eu disse a ela. Era um eufemismo, claro. — Mas eles não têm padrões elevados quando se trata de seu pessoal.

Seus olhos se arregalaram, então corou de vergonha. — Eu pareço tão ruim assim?

Eu a observei novamente. Ela não parecia ruim, muito pelo contrário, mas suas roupas e cabelos molhados, e aqueles chinelos gastos, não ajudavam muito. — Não.

Ela não pareceu acreditar em mim. Seu aperto em sua mochila aumentou. Eu me perguntei por que ela estava se agarrando a ela com tanta força. Talvez ela tivesse uma arma dentro. Isso explicaria por que ela se arriscara a entrar no carro de um estranho. Ela pensou que seria capaz de se defender. Seu estômago roncou novamente.

— Você está com fome.

Ela enrijeceu mais do que o necessário para uma pergunta tão simples. — Estou bem. — Seus olhos estavam colados ao para-brisa, determinados e teimosos.

— Quando você comeu pela última vez?

Ela me olhou rapidamente e depois voltou para a mochila.

— Quando? — Eu pressionei.

Ela olhou pela janela. — Ontem.

Eu lancei um olhar para ela. — Você deveria considerar comer todos os dias.

— Não tínhamos comida na geladeira.

Ela não disse que morava com o pai? Que tipo de pai era ele? Provavelmente tão carinhoso quanto meu pai fora pelo jeito que ela parecia.

Eu dirigi o carro em direção a um drive KFC.

Ela balançou a cabeça. — Não, não faça isso. Eu me esqueci de trazer dinheiro comigo.

Ela estava mentindo.

Eu pedi uma caixa de asas de frango e batatas fritas e entreguei a ela.

— Eu não posso aceitar isso, — ela disse calmamente.

— É frango e batatas fritas, não um Rolex.

Seus olhos correram para o relógio no meu pulso. Não era um Rolex, mas não menos caro.

Sua determinação não durou muito tempo. Ela rapidamente atacou a comida como se sua última refeição decente tivesse sido mais do que apenas ontem. Eu a observei de canto de olho enquanto meu carro deslizava pelo tráfego. Suas unhas eram curtas, não as longas unhas falsas vermelhas que eu estava acostumado.

— O que você faz? Você parece jovem para um homem de negócios ou um advogado — ela disse quando acabou de comer.

— Homem de negócios? Advogado?

Ela encolheu os ombros. — Por causa do terno e do carro.

— Nada disso, não.

Seus olhos se demoraram nas cicatrizes nos meus dedos e ela não disse mais nada. Ela se sentou de repente. — Eu reconheço essa rua. Vire à esquerda aqui.

Eu virei, e diminuiu quando ela apontou para um complexo de apartamentos. O lugar parecia familiar à distância. Ela abriu a porta e se virou para mim. — Obrigada pela carona. Eu duvido que alguém mais tivesse parado pelo jeito que pareço. Eles provavelmente pensariam que eu iria roubá-los. Ainda bem que você não tem medo de garotas de chinelo.

Meus lábios se contorceram com sua piada. — Não, eu não tenho medo de nada.

Ela riu, em seguida, silenciou, olhos azuis traçando meu rosto. — Eu devo ir.

Ela saiu e fechou a porta. Então ela rapidamente correu para se abrigar. Eu a observei se atrapalhar com as chaves por um tempo antes de desaparecer de vista. Garota estranha.

Leona

Eu olhei por trás da janela quando o Mercedes partiu. Eu não podia acreditar que deixei um estranho me trazer para casa. E não podia acreditar que o deixei me comprar comida. Eu achei que tivesse superado esse tipo de coisa. Quando era uma garotinha, estranhos ocasionalmente me compravam comida porque sentiam pena de mim. Mas esse cara, ele não mostrou nenhum sinal de pena. E o terno, de alguma forma, parecia errado nele.

Ele não revelou o que fazia. Não era um advogado ou homem de negócios. O que então? Talvez ele tivesse pais ricos, mas não parecia o típico garoto rico.

Não que isso importasse. Eu não o veria novamente. Um homem como ele, com um carro como aquele, passava seus dias em campos de golfe e em restaurantes chiques, não nos lugares onde eu podia trabalhar.

Papai não estava em casa. Considerando a força da chuva, eu ficaria presa no apartamento por um tempo. Entrei na cozinha, verifiquei a geladeira, mas a encontrei vazia como de manhã, depois afundei em uma cadeira. Estava com frio e cansada. Eu teria que pendurar minhas roupas para secar logo, então poderia usá-las amanhã novamente. O vestido era a melhor peça de roupa que eu possuía. Se eu quisesse ter alguma chance de garantir um emprego nesta arena, precisava usá-lo.

Este novo começo não foi muito promissor até agora.

No dia seguinte saí em busca da Roger's Arena, demorei um pouco e eventualmente tive que perguntar aos transeuntes a direção. Eles me olharam como se eu tivesse perdido a cabeça por perguntar por um lugar como esse. Que tipo de lugar o cara me sugeriu?

Quando finalmente encontrei a Roger's Arena, um edifício comum com uma pequena placa de neon vermelha com seu nome ao lado da porta de entrada de aço, e entrei, comecei a entender por que as pessoas haviam reagido daquele jeito.

O bar não era exatamente um bar de bebidas ou boate. Era um enorme salão que poderia ter sido um armazém uma vez. Havia um balcão de bar do lado direito, mas meus olhos foram atraídos para a enorme gaiola de combate no centro do grande salão. Mesas estavam

espalhadas ao redor, e também havia algumas cabines de couro vermelho contra as paredes para os clientes abastados, eu supus.

O chão era de pedra fria. As paredes também eram, mas estavam cobertas por uma tela de arame e entremeadas por tubos vermelhos de neon que formavam palavras como Honra, Dor, Sangue, Vitória, Força.

Eu hesitei na frente, tentada a me virar e sair, mas então uma mulher de cabelos negros veio na minha direção. Ela deve ter trinta, trinta e um anos, talvez? Seus olhos estavam fortemente delineados e seus lábios eram de um rosa brilhante. Eles combinavam com o brilho vermelho das luzes de néon. Ela não sorriu, mas também não parecia exatamente hostil. — Você é nova? Você está atrasada. Em trinta minutos, os primeiros clientes chegarão e eu nem sequer limpei as mesas ou os vestiários.

— Eu não estou realmente trabalhando aqui, — eu disse devagar. E não tinha certeza se era um lugar que eu deveria considerar trabalhar.

— Você não está? — Seus ombros caíram, uma das alças finas deslizando do ombro e permitindo um olhar no sutiã rosa sem alças debaixo de seu top. — Oh droga. Eu não posso fazer isso sozinha esta noite. Mel ligou avisando que está doente, e eu... — Ela parou. — Você poderia trabalhar aqui, sabe?

— É por isso que estou aqui, — eu disse, mesmo que a gaiola de combate me assustasse. *Mendigos não podem escolher, Leona.*

— Perfeito. Então vamos lá. Vamos encontrar o Roger. Eu sou Cheryl, a propósito.

Ela agarrou meu antebraço e me puxou. — O pagamento é tão ruim por isso você está tendo problemas para encontrar pessoal? — Eu perguntei enquanto corria atrás dela, meus chinelos batendo contra o piso frio.

— Oh, é a luta. Muitas garotas são sensíveis — disse despreocupadamente, mas tinha a sensação de que havia mais coisas que ela não estava me contando.

Nós passamos por uma porta preta atrás do balcão do bar, ao longo de um corredor estreito de paredes nuas com mais portas, e em direção à outra porta de madeira maciça no final. Ela bateu.

— Entre, — disse uma voz profunda. Cheryl abriu a porta de um grande escritório que estava embaçado pela fumaça de cigarro. Dentro, um homem de meia-idade, construído como um touro estava sentado atrás de uma mesa. Ele mostrou os dentes para Cheryl, seu queixo duplo ficando mais proeminente. Então seus olhos se fixaram em mim.

— Eu consegui uma nova garçonete para nós — disse Cheryl, com uma pitada de flerte em sua voz. Sêrio? Talvez tenha sido uma coisa de chefe.

— Roger, — o homem se apresentou, esmagando um cigarro aceso no prato manchado de ketchup na frente dele. — Você pode começar a trabalhar imediatamente.

Eu abri minha boca em surpresa.

— É por isso que você está aqui certo? Cinco dólares por hora, mais tudo que você conseguir de gorjetas.

— Ok? — Eu disse incerta.

— Vestida assim você não vai ganhar muitas gorjetas, garota. — Ele pegou seu celular e gesticulou para que saíssemos. — Arranje algo que mostre sua bunda ou peitos. Isto não é um convento.

Quando a porta se fechou, dei a Cheryl um olhar interrogativo. — Será sempre assim?

Ela encolheu os ombros, mas novamente tive a impressão de que estava escondendo algo de mim. — Ele está realmente desesperado agora. Esta noite é uma luta importante e ele não quer que as coisas fiquem confusas porque estamos com pouco pessoal.

— Por que importa como estou vestida? — Meu receio venceu. — Nós não temos que fazer nada com os clientes, certo?

Ela balançou a cabeça. — Não precisamos, não. Mas temos alguns clientes ricos que significam bom dinheiro. Especialmente se você lhes der alguma atenção especial.

Eu balancei a cabeça. — Não, não. Isso não vai acontecer.

Ela assentiu. — Cabe a você. — Ela me levou de volta para fora. — Você pode deixar sua mochila aqui. — Ela apontou para o chão atrás do bar. Relutantemente, eu a abaixei. Não poderia ficar com ela enquanto trabalhava. Ela remexeu em um pequeno armário à esquerda

do bar e apareceu com um esfregão e um balde. — Você pode começar limpando o vestiário. Os primeiros lutadores chegarão em cerca de duas horas. Até lá tudo deve estar limpo.

Eu hesitei. Ela franziu a testa. — O quê? Boa demais para limpeza?

— Não, — eu disse rapidamente. Eu não era boa demais para nada. E já havia limpado muitas coisas repugnantes na minha vida. — É só que eu não comi nada desde a noite passada e me sinto um pouco fraca.

Eu odiava admitir isso. Mas a geladeira ainda estava vazia e eu ainda estava sem dinheiro. E papai não parecia preocupado com comida. Ou ele comia onde quer que fosse à noite ou vivia de ar. Piedade cruzou seu rosto, me fazendo lamentar minhas palavras. Piedade era algo a que eu havia sido submetida com muita frequência. Sempre me fez sentir pequena e sem valor. Com uma mãe que vendia seu corpo na rua, meus professores e assistentes sociais sempre foram muito receptivos com sua pena, mas nunca com uma saída para o problema. O cara de ontem, quando me comprou comida, não pareceu um ato de caridade por algum motivo.

Cheryl largou o esfregão e o balde e pegou algo de uma geladeira atrás do balcão. Ela colocou uma coca na minha frente, então ela se virou e passou pela porta vai e vem. Ela voltou com um sanduíche de queijo grelhado e batatas fritas, ambos frios. — São da noite passada, mas a cozinha ainda não está aberta.

Eu não me importei. Eu comi tudo em poucos minutos e engoli com a coca gelada. — Obrigada, — eu disse com um grande sorriso.

Ela examinou meu rosto e balançou a cabeça. — Eu provavelmente não deveria perguntar, mas quantos anos você tem?

— Tenho idade suficiente para trabalhar aqui, — eu disse. Eu sabia que precisava ter 21 anos para trabalhar em um lugar como este, então não mencionei que tinha terminado o ensino médio este ano.

Ela parecia duvidosa. — Tenha cuidado, menina, — ela disse simplesmente e empurrou o esfregão em minhas mãos. Eu peguei, peguei o balde e fui para a porta com a placa de neon vermelha onde se lia vestiário. Eu a abri com o cotovelo e entrei.

Havia vários chuveiros abertos, uma parede de armários e alguns bancos no interior. O chão de azulejos brancos estava coberto de manchas de sangue e algumas toalhas sujas. Ótimo. Elas provavelmente estavam caídas aqui por dias. O cheiro de cerveja e suor pairava no ar. Ainda bem que aprendi a lidar com coisas assim graças à minha mãe. Comecei a esfregar e ainda estava lá quando a porta se abriu de novo, e dois homens – de trinta e cinco, talvez quarenta – entraram, tatuados da cabeça aos pés. Eu parei.

Seus olhos vagaram sobre mim, descansando em meus chinelos e vestido. Eu sorri de qualquer maneira. Eu aprendi rapidamente que era mais fácil desarmar as pessoas com um sorriso do que com raiva ou medo, especialmente se você fosse uma mulher pequena. Eles acenaram para mim, desinteressados. Quando o primeiro começou a tirar sua camisa, eu rapidamente me desculpei e saí. Eu não queria vê-los se despir. Eles poderiam ter a ideia errada.

Alguns clientes já estavam se misturando ao redor do bar agora iluminado de vermelho, obviamente impaciente por bebidas. Cheryl não estava à vista. Larguei o balde e o esfregão e corri para o balcão. Uma vez atrás, enfrentei o grupo de homens sedentos, sorrindo. — Então, o que posso fazer por vocês?

Cerveja era a escolha certa, obviamente. Alívio me inundou. Esse pedido era um que eu poderia lidar. Se eles tivessem pedido coquetéis ou bebidas caras, eu teria me perdido. Metade deles pediu o que tinha na torneira⁴ e entreguei os copos cheios a eles, a outra metade escolheu garrafas. Eu rapidamente examinei a geladeira. Havia apenas três garrafas de cerveja. Eu duvidava que durassem muito tempo. Esses caras pareciam considerar uma caixa de cerveja um bom aperitivo.

Onde estava Cheryl?

Quando estava começando a ficar nervosa, ela finalmente passou pela porta, parecendo um pouco desganhada. Sua saia estava torta, a blusa ao contrário e o batom desapareceu. Eu não disse nada. Ela já ganhara algum dinheiro extra com um cliente? Olhei em volta para os poucos homens reunidos nas mesas e no bar. Alguns deles me lançavam olhares curiosos, mas nenhum deles parecia estar prestes a me oferecer dinheiro para fazer sexo. Relaxei um pouco. Eu sabia que era particularmente sensível sobre o assunto, mas estaria fora desse

⁴ Uma **torneira** de cerveja é uma válvula, especificamente uma **torneira**, para controlar a liberação de cerveja. Enquanto em outros contextos, dependendo da localização, uma **"torneira"** pode ser uma "torneira", "válvula" ou "espigão", o uso de **"tap"** para cerveja é quase universal.

bar, desesperada por dinheiro ou não, no momento em que um deles colocasse dinheiro na minha frente para fazer sexo. Havia uma atmosfera estranha no bar de qualquer maneira. As pessoas trocavam dinheiro e conversavam em voz baixa. Havia alguém no canto que foi abordado por todos os clientes e anotou algo em seu iPad assim que lhe entregaram dinheiro. Ele era um homem muito redondo e muito pequeno, com um rosto tímido. Presumi que ele estava recolhendo as apostas. Eu não sabia nada sobre as leis em Nevada, mas isso não poderia ser legal.

Não é da minha conta.

— Boneca? Dê-me uma cerveja, por favor? — Um homem na casa dos sessenta disse.

Eu corei, então rapidamente peguei um copo. Estava começando a sentir que este lugar poderia estar propenso a problemas.

Capítulo Cinco

Fabiano

Eu parei no estacionamento da Roger's Arena, desligando o motor. Meus músculos já estavam tensos com a ansiedade. A emoção de lutar ainda me tomava depois de todos esses anos. Na gaiola, não importava se o seu pai era Consigliere ou um peão. Não importava o que as pessoas pensavam de você. Tudo o que importava era o momento, suas habilidades de luta, sua habilidade de ler o inimigo. Era um contra um. A vida raramente era tão justa quanto isso.

Eu entrei na Roger's Arena. Já estava lotado. O fedor de suor velho e fumaça pairava no ar. Não era um lugar convidativo. As pessoas não vinham aqui pela atmosfera ou boa comida. Eles vinham por dinheiro e sangue.

A primeira luta estava prestes a começar. Os dois oponentes já estavam de frente um para o outro no centro da gaiola. Eles não eram a atração principal. Os olhos se voltaram para mim e rapidamente se afastaram, enquanto eu passava a passos largos pelas mesas com os espectadores. Minha luta era a última. Eu lutaria contra o pobre otário que provou ser o melhor das últimas semanas. Remo achou bom que eu batesse os lutadores mais fortes numa polpa sangrenta em uma gaiola para mostrar a todos que tipo de Executor a Camorra tinha. E eu não me importava. Isso me ajudou a lembrar do começo, me ajudou a manter os pés no chão e cruel. Quando você se permitia ser mimado, se prepararia para o ataque e para o fracasso.

Meus olhos foram atraídos para o bar. Levei um momento para reconhecê-la, sem tremer e pingando como ontem. Ela tinha longos cachos cor de âmbar, características afiadas e elegantes. Ela estava servindo bebidas para os homens reunidos no bar, homens com olhos de lobos famintos. Ela estava focada na tarefa, alheia aos seus olhares. Era óbvio que ela não tinha muita experiência trabalhando em um bar. Ela demorou demais para servir uma simples cerveja. Para ser honesto, eu não esperava que ela começasse a trabalhar aqui. Que ela tinha aceitado o emprego depois de ver a gaiola me disse duas coisas: ela estava desesperada e tinha visto pior em sua vida.

Ela olhou para cima, percebendo minha atenção. Eu ainda esperei pela reação inevitável. Não veio. Ela sorriu timidamente, seus olhos registrando minhas roupas. Nenhum terno hoje. Calça jeans preta e camisa preta de mangas compridas, meu estilo preferido, mas às vezes o terno era necessário. Ela hesitou, então rapidamente voltou para a tarefa de servir cerveja para um velho filho da puta.

Quem era essa garota? E por que ela não estava com medo?

Virando meus olhos para longe dela, fui em direção a Roger que estava conversando com nosso agenciador de apostas Griffin. Eu apertei a mão de ambos os homens. Então eu balancei a cabeça em direção ao bar. — Garota nova?

Roger encolheu os ombros. — Ela apareceu hoje no meu escritório, procurando emprego. Eu preciso de uma nova equipe. — Ele me olhou incerto. — Você quer que eu alerte Stefano?

Stefano era o nosso sedutor. Ele predava mulheres, fingia estar apaixonado por elas e acabava obrigando-as a trabalhar em um dos bordéis da Camorra.

Não me dava bem com ele. Eu balancei a cabeça. — Ela não se encaixa no perfil.

Não sabia como Stefano escolhia as garotas que ele perseguia, e eu não dava à mínima.

— Então, como está indo? — Eu balancei a cabeça em direção ao iPad de Griffin, onde ele tinha todas as apostas chegando.

— Bem. Os poucos idiotas que apostaram contra você nos trarão muito dinheiro.

Eu balancei a cabeça, mas meus olhos foram até o balcão do bar novamente, não tinha certeza do por que. Levei a garota para casa ontem à noite por um capricho, e foi isso. — Eu vou pegar algo para beber.

Não esperei que eles respondessem, fiz meu caminho em direção ao bar. As pessoas arriscavam olhar para mim como sempre faziam antes de desviar o olhar. Era chato pra caralho. Mas trabalhei duro para ganhar o medo deles.

Eu parei em frente ao balcão e coloquei minha bolsa de ginástica ao meu lado, em seguida, sentei em um banquinho. Os homens do

outro lado do bar lançaram olhares inquietos na minha direção. Reconheci um deles como alguém que visitei por causa de três mil recentemente. Seu braço ainda estava engessado.

A garota se aproximou de mim. Sua pele estava levemente bronzeada, mas não tinha o tom de bronze não natural de alguém que ia para as espreguiçadeiras como a maioria das mulheres que trabalhavam em nossos lugares.

— Eu não esperava vê-lo tão cedo novamente, — disse ela. Ela deu aquele sorriso tímido que me lembrou de dias passados. Dias que queria esquecer a maior parte do tempo. Ela tinha uma leve pitada de sardas no nariz e nas bochechas, e olhos azuis de centaurea⁵ com um anel mais escuro ao redor deles. Agora que o cabelo dela não estava molhado, era castanho escuro com reflexos dourados.

Eu descansei meus antebraços no balcão, contente que minhas mangas compridas cobriam minha tatuagem. Haveria tempo para a revelação depois. — Eu disse a você que frequentava este lugar.

— Nenhum terno, mas todo de preto. Você gosta de escuro, suponho — brincou ela.

Eu sorri. — Você não tem ideia.

Suas sobrancelhas se juntaram, então o sorriso retornou. — O que posso fazer por você?

— Um copo de água.

— Água, — ela repetiu em dúvida, os cantos de sua boca se contorcendo. — Essa é a primeira vez. — Ela soltou uma risada suave.

Eu não tinha colocado minha roupa de luta ainda. Não disse a ela que tinha uma luta marcada naquela noite, que era uma das razões pelas quais eu não podia beber, e que eu tinha que quebrar algumas pernas pela manhã, que era a outra.

Ela me entregou um copo de água. — Ai está, — disse ela, andando ao redor do bar e limpando uma mesa ao meu lado. Eu deixei meus olhos percorrerem seu corpo. Ontem eu não tinha prestado

⁵ A *Centaurea cyanus*, também conhecida popularmente no Brasil como escovinha, marianinha (especialmente na Região Sul), botão de solteiro ou simplesmente centáurea em Portugal, é uma pequena planta anual de flor azul a violeta, nativa da Europa e pertencente à família Asteraceae. Esta planta é também comumente, embora de forma incorrecta, chamada de chicória.

atenção suficiente aos detalhes. Ela era magra e pequena, como alguém que nunca soube se haveria comida na mesa, mas conseguia se portar com certo ar gracioso, apesar de suas roupas surradas que não favoreciam a forma de seu corpo. Ela estava usando o mesmo vestido de ontem, e aqueles chinelos horríveis, ainda completamente errados para o tempo.

— O que a trouxe aqui? — Eu perguntei. Seu pai morava em uma parte ruim da cidade. Eu não podia acreditar que ela não tivesse outro lugar onde pudesse ficar. Em qualquer outro lugar teria sido melhor. Com suas sardas, sorriso tímido e características elegantes, ela pertencia a um subúrbio agradável, não um bairro fodido e definitivamente não em um clube de luta em território da máfia. Mas o último foi minha culpa, claro.

— Tive que morar com meu pai porque minha mãe está de volta à reabilitação, — disse ela sem hesitação. Não houve reserva, sem cautela. Presa fácil neste mundo.

— Eu conheço seu pai? — Perguntei.

Suas sobrancelhas franzidas. — Por que você conheceria?

— Conheço muitas pessoas. E ainda mais pessoas me conhecem, — eu disse com um encolher de ombros.

— Se você é famoso, você deveria me dizer, então não passarei vergonha com a minha ignorância, — brincou ela facilmente.

— Não sou famoso, — eu disse a ela. Notório era mais parecido com isso.

Ela balançou com a mão para mim. — Hoje você não parece um advogado ou um homem de negócios.

— O que eu pareço então?

Um suave rubor viajou por sua garganta. Ela deu de ombros delicadamente antes de voltar para trás do bar, então hesitou novamente, olhando meus braços que eu tinha apoiado no bar. — Talvez você possa me ajudar a pegar algumas caixas de cerveja no porão. Duvido que Roger queira fazer isso e não acho que eu seja forte o suficiente. Parece que você pode carregar duas ou três sem suar a camisa.

Ela se virou e caminhou até a porta vaivém, tomando à dianteira, depois lançou um olhar por cima do ombro para ver se eu a estava seguindo.

Eu coloquei meu copo no balcão e me levantei, curioso. Ela parecia completamente inconsciente do *que* eu era. E não quis dizer minha posição na máfia. As pessoas geralmente ficavam inquietas ao meu redor, mesmo sem ver minha tatuagem. Ela não era uma boa atriz e teria sentido o medo se ela escondesse algum. Segui-a até os fundos e depois pela longa escadaria para o depósito. Eu conhecia o lugar, usei para algumas conversas mais intensas com os devedores. A porta se fechou atrás de nós. Um lampejo de suspeita passou por mim. Ninguém poderia ser tão confiante. Isso era uma armação? Mas isso teria sido igualmente estúpido.

Ela procurou no fundo da sala. Ela nunca olhou por cima do ombro para ver o que eu estava fazendo. Confiante demais. Muito inocente.

— Ah, aqui estão elas, — disse ela, apontando para as caixas de cerveja. Ela olhou para mim, então franziu a testa. — Algo está errado?

Ela parecia preocupada. Porra, porra. Ela parecia preocupada *comigo*. Todas as outras garotas de Vegas, e todo homem também, teriam se cagado se estivessem em um porão à prova de som a sós comigo. Eu queria colocar algum juízo nela.

Eu andei a passos largos em direção a ela e peguei três caixas. Quando me endireitei, senti um aroma doce. *Porra*.

Ela sorriu para mim. Estava quase sem maquiagem, apenas o suficiente para destacar sua beleza natural. Ela tocou a suave camada de sardas na bochecha timidamente. — Tenho alguma coisa no meu rosto? — Ela perguntou com uma risada constrangida. Eu poderia dizer que ela era autoconsciente sobre suas sardas. Mas foda-me, eu gostei delas.

— Não, — eu disse.

— Oh, tudo bem, — disse ela. Ela procurou meus olhos, as sobrancelhas se juntando. Não tente olhar por trás dessa máscara, garota. Você não vai gostar disso. — Nós provavelmente deveríamos voltar para o andar de cima. Não devo deixar o bar sozinho por tanto tempo.

Ela tinha visto algo no meu olhar que finalmente colocou uma saudável dose de medo nela? Pelo jeito que ela segurou a porta aberta para mim com a mesma expressão inocente, eu receava que não.

Eu balancei a cabeça em direção às escadas. — Vá em frente. — Ela hesitou, em seguida, caminhou na minha frente. Talvez ela pensasse que eu queria dar uma boa olhada em sua bunda, mas não era apenas seu vestido que tornava isso impossível, mas odiava ter pessoas atrás de mim.

Passamos pelo estreito corredor quando a porta da área principal se abriu e Roger e Stefano entraram.

Ambos pareciam consternados ao me verem com a garota. Seu rosto se transformou em uma expressão de desconforto ao ver Stefano, o que me deixou curioso. Ele parecia o sonho de qualquer sogra e seu charme era a melhor arma da Camorra quando se tratava de atrair mulheres para os nossos bordéis no final das coisas.

— Fabiano, posso falar com você? — Roger perguntou, seus olhos examinando a garota, provavelmente procurando por um sinal de que eu a agredi no depósito. Mas Stefano também estava me dando um olhar contemplativo. — Volte para o trabalho, Leona.

Leona. Então era esse o nome dela. Ela não me pareceu uma leoa. Talvez houvesse mais nela.

Ela não se moveu apesar do pedido de Roger. Seus olhos estavam em mim. Eu assenti. — Vá em frente, — eu disse a ela. — Eu estarei lá em um minuto.

Ela saiu e, para minha total irritação, Stefano decidiu ir atrás dela. *Afaste-se, filho da puta.*

Ele definitivamente colocaria sua mira nela. Por que ele estava mesmo considerando ela para um dos nossos bordéis? Ela realmente não parecia desse tipo.

— Eu sei que você lida com as coisas da maneira que quiser, mas recentemente eu perdi muitas garçonetes para os bordéis da Camorra ou acidentes infelizes.

Esses acidentes foram principalmente relacionados aos soldados de Remo agindo.

— Estou feliz por ter essa nova garota. Os clientes parecem gostar dela e ela realmente sabe como se comportar. Eu apreciaria se ela fosse minha funcionária por mais de duas semanas.

— Nós lidamos com as coisas como queremos, você disse isso, Roger, — eu disse em aviso. — Se decidirmos colocá-la em um dos nossos outros estabelecimentos, não iremos lhe pedir.

Ele assentiu, mas não gostou. Isso fez dois de nós.

Passei por ele e empurrei a porta com o cotovelo, depois voltei para trás do balcão.

Leona estava ocupada conversando com dois clientes antigos, rindo de algo que eles haviam dito. Stefano estava sentado no outro extremo do bar, observando-a como um falcão. Seu cabelo castanho estava penteado para trás de forma imaculada. Aposto que o babaca passou horas na frente do espelho.

Leona parecia determinada a ignorá-lo, no entanto. Eu abaixei as caixas. Leona me lançou um olhar agradecido. Os homens atrás do bar rapidamente se concentraram em sua cerveja.

Eu caminhei ao redor do bar e peguei minha bolsa de ginástica onde eu a deixei no banco antes de parar ao lado de Stefano. Ele olhou para mim de sua posição sentada. Ele estava abaixo de mim na máfia, então o brilho desafiador em seus olhos me fez considerar colocar minha faca neles. — Você pensa em fazer um movimento sobre ela?

— Estou pensando nisso, — disse ele. — Ela parece que iria responder bem ao menor sinal de bondade, faz com que seja fácil de manipular. — Esse olhar malicioso de merda, ainda estaria em seu rosto se eu cortasse sua garganta?

— Ela não parece interessada em seus avanços.

— Isso vai mudar, — disse ele presunçosamente.

— Remo a viu? — Essa era a única coisa que importava, na verdade.

— Não. Eu acabei de encontrá-la. Mas tenho certeza que ele vai aprovar.

Eu tinha a sensação de que Stefano estava certo. — Não perca seu tempo. Ela já tem dono.

— Quem?

— Eu, — eu rosnei.

Ele franziu a testa para mim, mas depois deu de ombros, esvaziou a cerveja e saiu. Eu observei suas costas enquanto ele desaparecia pela porta dos fundos. Stefano era alguém para ficar de olho. Ele e eu nunca nos demos bem. Tinha a sensação de que isso não mudaria tão cedo, mas ele sabia que não deveria mexer em alguém que eu queria.

Meus olhos encontraram Leona novamente. Ela estava assistindo minha conversa com Stefano com uma expressão confusa, mas com o ruído de fundo do bar ela não poderia ter ouvido nada. Ela era tão diferente das mulheres que costumavam frequentar os lugares onde eu passava meu tempo. Havia pessoas incapazes de esconder o medo e aquelas que esperavam ganhar algo por estarem perto de mim. Mas ela não sabia quem eu era. Era estranho ser tratado como alguém... normal. Eu lutei muito para receber o respeito e medo que todos me mostravam, mas não me incomodava que ela não soubesse do meu status. Eu me perguntei quando alguém diria a ela e como ela olharia para mim então.

— Eu conheço esse olhar, — disse Remo, se esgueirando ao meu lado. Eu deveria ter percebido que ele entrou na cena. As pessoas pareciam ainda mais desconfortáveis do que apenas comigo no salão. Ele acenou com a cabeça em direção a Leona. — Leve-a se quiser. Ela é sua. Ela não é ninguém. Não é como se precisássemos dela de qualquer maneira. Ela não parece um entretenimento para mim.

Eu olhei para Leona. Ela estava limpando o balcão, inconsciente dos olhares indecentes que estava recebendo de alguns dos homens ao seu redor.

— Eu não quero levá-la, — eu disse. Em seguida, alterado quando vi a expressão de Remo. — Eu não vou.

— Por que não? — Remo perguntou curiosamente.

Perigo. — Você mesmo disse, ela não parece um entretenimento.

— Talvez ela seja divertida quando estiver tentando lutar com você. Pode valer a pena tentar. Algumas mulheres se transformam em gatos selvagens quando estão encurraladas. — Ele bateu no meu ombro.

Eu não disse nada.

Remo encolheu os ombros. — Mas se você não a quer...

— Eu quero, — eu disse rapidamente. — Eu apreciaria se espalhasse a notícia que tenho meus olhos fixos nela. Apenas no caso. Não quero que Stefano mexa com ela.

Remo riu. — Certo. Faça sua reivindicação sobre ela, Fabiano.

Essa era a vantagem de estar do lado bom dele. Remo me permitia coisas que seus outros soldados nem sonhavam. Ele me deixou com isso e foi para uma mesa com alguns dos grandes apostadores de um dos nossos cassinos premium. Voltei para o bar. Haveria tempo para colocar meu calção de luta depois.

Os outros homens se desculparam e Leona se aproximou de mim, parecendo intrigada. — Estou perdendo algo?

Dei de ombros. — Eu sou a razão pela qual alguns deles perderam dinheiro. — *E membros.*

Ela abriu a boca para dizer algo mais, mas o som de um corpo batendo contra a gaiola a silenciou, seguido por uma rodada de aplausos em êxtase. Ela bateu a mão sobre os lábios, os olhos arregalados. Eu olhei por cima do meu ombro. Um dos lutadores estava deitado no chão, inconsciente. O outro estava de pé em cima dele, braços erguidos, fazendo algum tipo de dança vitoriosa e fraca. Talvez ele fosse meu próximo adversário em algumas semanas, se ele ganhasse mais algumas vezes. Eu teria que quebrar seus joelhos para evitar futuras escapadas de dança.

— É horrível, — Leona sussurrou, a voz entupida de compaixão, como se ela pudesse sentir sua dor.

Eu me virei para ela.

— Por que alguém quer assistir algo tão brutal?

Brutal? Ela não tinha visto brutal ainda. Se ela tivesse sorte, nunca o faria. — É da nossa natureza, — eu disse. — Sobrevivência do mais forte. Lutas de poder. Sede de sangue. Isso tudo ainda está enraizado em nosso DNA.

— Eu não acho que isso seja verdade, — argumentou ela. — Acho que seguimos em frente, mas às vezes caímos em velhos hábitos.

— Então, por que as pessoas ainda seguem os fortes? Por que as mulheres preferem os machos alfas?

Ela bufou. — Isso é um mito.

Eu levantei uma sobrancelha e me inclinei mais perto. Eu peguei um vislumbre dentro do vestido dela. Algodão branco. Claro. — É? — Eu perguntei. Ela examinou meu rosto, vermelho subiu para sua garganta e bochechas.

Eu sufoquei uma risada. Levantei-me antes que ela pudesse dizer qualquer coisa. Precisava me trocar. — Volto daqui a pouco, — eu disse a ela.

Quando entrei no vestiário, os outros lutadores ficaram em silêncio. Alguns deles retornaram meu olhar, apenas um me desafiou abertamente com seus olhos. Eu assumi que ele seria meu oponente hoje à noite. Ele tinha em torno de 1,93 cm. Apenas três centímetros mais alto do que eu. Bom. Talvez esta seja uma luta mais longa.

Eu tirei a roupa, então puxei minha boxer. Esperava que eles tivessem visto todas as cicatrizes. Eles não sabiam nada de dor. Eu enviei a meu oponente um sorriso. Talvez ele vivesse para ver o amanhã.

Saí do vestiário e voltei para o bar. Leona estava congelada enquanto seus olhos se arrastavam dos meus pés descalços até meu short e meu peito nu. Ela deixou cair o copo que estava limpando de volta para a água da lavagem. Uma miríade de emoções brilhou em seu rosto. Choque. Confusão. Fascinação. Apreciação. Esse último eu pude sentir no meu pau. Eu trabalhei duro pelo meu corpo.

Eu peguei meu copo e bebi o resto da minha água. Então tirei a fita da minha bolsa e comecei a envolver minhas mãos, sentindo seu olhar curioso em mim o tempo todo.

— Você é um deles?

Inclinei a cabeça, sem saber ao que ela estava se referindo. Um lutador? Um membro da Camorra? Um assassino? Sim, sim, sim.

Não havia medo em seus olhos, então disse: — Um lutador de gaiola? Sim.

Ela lambeu os lábios. Aqueles malditos lábios rosados deram ao meu pau ideias que eu não precisava antes de uma briga.

— Espero não ter te ofendido mais cedo.

— Porque você acha que é muito brutal? Não. É o que é.

Seus olhos continuavam traçando minha tatuagem e as cicatrizes e, ocasionalmente, meu abdômen. Eu me inclinei sobre o bar, aproximando nossos rostos. Eu sabia que todos estavam nos observando, mesmo que eles tentassem fazer isso secretamente.

— Você ainda está certa de que as mulheres não gostam de machos alfa? — Eu murmurei. Ela engoliu em seco, mas não disse nada.

Eu dei um passo para trás. Todos na sala deveriam ter entendido a mensagem.

O olhar que ela me deu apertou minhas bolas. Algo sobre essa garota me atraía. Eu não podia dizer o que era, mas descobriria.

— É a minha vez, — eu disse a ela quando terminei de enfaixar minhas mãos.

— Não se machuque, — ela disse simplesmente. Os homens perto do bar trocaram olhares, rindo, mas Leona não sabia da reação deles.

— Eu não vou, — eu disse, então me virei e atravessei as mesas em direção à gaiola de combate.

Entrei na gaiola sob os uivos e aplausos estrondosos da multidão. Eu me perguntei quantos apostaram contra mim. Eles ficariam ricos se ganhassem isso. Claro, eles nunca ganhariam.

Peguei Leona me observando por trás do balcão do bar, os olhos ainda arregalados de surpresa. Sim, eu era um lutador, e essa ainda era a parte menos perigosa de mim.

Ela largou o que estava fazendo e deu a volta no balcão. Ela subiu em um banco do bar, sacudiu os chinelos e levantou as pernas até que se sentou de pernas cruzadas, a saia do vestido caindo cuidadosamente sobre as coxas. Essa garota. Ela não pertencia aqui.

Meu adversário entrou na gaiola. Ele se chamava Snake. Ele até tinha cobras tatuadas em sua garganta; subindo sobre as orelhas e soltando as presas dos dois lados da cabeça. Snake. Que nome idiota pra se dar. Eu não sabia por que as pessoas achavam que um nome

assustador as faria parecer assustadoras. Eu nunca tive que me chamar de nada além de Fabiano, e foi o suficiente.

O juiz fechou a porta e explicou as regras para nós. Não havia nenhuma. Exceto que isso não era uma luta até a morte, então Snake provavelmente viveria.

Snake bateu no peito com as mãos planas, deixando escapar um grito de guerra. Qualquer coisa que acenda a coragem dele...

Levantei a mão e acenei para ele. Eu queria começar essa luta. Com um rugido ele me atacou como um touro. Eu me esquivei dele, agarrei seu ombro e bati meu joelho em seu lado esquerdo três vezes em rápida sucessão. O ar deixou seus pulmões, mas ele não caiu. Ele girou o punho para mim. E pegou meu queixo. Pulei para trás, mirando um chute forte em sua cabeça e apesar de sua reação rápida, meu calcanhar pegou sua orelha. Ele cambaleou dentro da gaiola, balançou a cabeça e atacou novamente. Isso seria divertido.

Ele durou mais que o anterior. Mas eventualmente os pontapés na cabeça dele o pegaram. Seus olhos ficaram fora de foco mais e mais. Eu agarrei-o pela parte de trás de sua cabeça, levantei meu joelho ao mesmo tempo em que empurrei seu rosto para baixo. Seu nariz e bochecha quebraram contra o meu joelho. Ele gritou com voz rouca e tombou para trás. Eu fui atrás dele, o joguei na gaiola, e quando ele bateu no chão com um estrondo retumbante, me agachei sobre ele e bati meu cotovelo em seu estômago. Uma vez. Duas vezes. Ele bateu levemente no chão, o rosto inchado e respirando com dificuldade. Desistindo.

— Rendição! — Gritou o juiz.

Eu nunca entendi homens como ele, morreria antes de me render. Havia honra na morte, mas não em implorar por misericórdia. Eu me levantei. A multidão aplaudiu.

Remo me deu os polegares para cima do lugar dele na mesa com os grandes apostadores. Eu poderia dizer pelo brilho animado em seus olhos que ele queria entrar na gaiola novamente em breve. Levar os altos apostadores no papo, que estava no alto da sua lista de ódio. Mas alguém tinha que fazer isso. Nino era eloquente e sofisticado, mas depois de um tempo esqueceu-se de colocar emoções em seu rosto e, assim que as pessoas percebiam que ele não tinha nenhuma, corriam o mais rápido que podiam. Savio era adolescente e caprichoso e Adamo. Adamo era um garoto.

Eu me virei. Leona ainda estava sentada no banquinho em frente ao bar, me observando horrorizada. Esse era um olhar que se aproximava aos que eu estava acostumado nas pessoas. Vendo-me assim, coberto de sangue e suor, talvez ela entendesse por que deveria estar apavorada comigo.

Ela desembaraçou as pernas do vestido, desceu do banquinho e desapareceu pela porta vaivém.

Saí da gaiola, pingando sangue e suor no chão. Eu precisaria me costurar.

— Boa luta. — Eu ouvi ocasionalmente.

Apertei algumas mãos me parabenizando e depois me retirei para o vestiário. Estava vazio, vendo que a minha tinha sido a última luta e meu oponente estava a caminho do hospital. Eu abri meu armário quando uma batida soou. Eu peguei uma das minhas armas e segurei-a nas minhas costas enquanto me virava. — Entre.

A porta se abriu antes que Leona enfiar a cabeça, os olhos fechados. — Você está decente?

Eu coloquei minha arma de volta na minha bolsa de ginástica. — Eu sou o cara menos decente da cidade. — Exceto por Remo e seus irmãos, talvez.

Ela abriu os olhos com cautela, procurando na sala até que eles se fixaram em mim. O alívio inundou seu rosto e ela entrou na sala antes de fechar a porta atrás dela.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Você está aqui para me dar um presente de vitória? — Eu perguntei, encostado nos armários. Meu pau tinha todo tipo de presentes em mente. Todos eles envolviam sua boca perfeita, e sua boceta sem dúvida perfeita.

— Oh, eu só tenho uma garrafa de água e toalhas limpas. — Ela me mostrou o que segurava em suas mãos, sorrindo e desculpando-se.

Eu balancei a cabeça, rindo. Deus, essa garota.

Realização inundou seu rosto. — Oh, você quis dizer... — Ela gesticulou na direção de seu corpo. — Ah não. Não. Desculpe.

Fechei meus olhos, lutando contra o desejo de rir. Fazia um tempo desde que uma mulher me fez rir. Principalmente elas apenas me fizeram querer fodê-las sem sentido.

— Espero que você possa viver com uma garrafa de água gelada, — disse ela em uma voz provocante. Quando abri os olhos, ela estava na minha frente, estendendo a garrafa. Ela era mais do que uma cabeça menor do que eu e a menos de um braço de distância. Garota idiota. Ela precisava aprender a autopreservação. Peguei a garrafa e esvaziei em alguns goles.

Ela examinou meu corpo. — Há muito sangue.

Eu arrisquei olhar para baixo. Havia um pequeno corte nas minhas costelas, onde uma borda afiada da gaiola me tocou, e hematomas se formaram sobre o meu rim esquerdo e na minha coxa direita. A maior parte do sangue não era meu. — Não é nada. Eu tive piores.

Seus olhos se demoraram na minha testa. — Você tem um corte que precisa ser tratado. Existe um médico por perto que eu deveria chamar?

— Não. Eu não preciso de um médico.

Ela abriu a boca como se quisesse discutir, mas depois pareceu pensar melhor. Ela fez uma pausa.

— Você parecia tão... — Ela balançou a cabeça, o nariz franzindo da maneira mais adorável possível. Porra, essas malditas sardas. — ... Não sei como descrever. *Feroz*.

Eu me endireitei, surpreso. Ela parecia quase fascinada. — Você não estava enojada? Pensei que fosse muito brutal.

Ela encolheu os ombros, um movimento delicado. — Estava enojada. É um esporte tão marcial. Eu nem sei se você pode chamar assim. É tudo sobre bater uns nos outros.

— É também sobre ler seu oponente, sobre ver suas fraquezas e usá-las contra ele. É sobre velocidade e controle. — Eu a examinei novamente, lendo-a como fiz com meus oponentes. Não foi difícil adivinhar porque Stefano a escolheria se eu permitisse. Era óbvio que ela teve uma vida difícil, que ela tinha pouco, que não havia ninguém para cuidar dela, nunca teve. Era óbvio que ela queria mais, que queria

alguém para cuidar dela, alguém que fosse gentil com ela, alguém para amar. Stefano era bom em fingir que era alguém assim. Ela acabaria aprendendo que era melhor confiar apenas em si mesma. Amor e bondade eram raros, não apenas no mundo da máfia.

— Eu não entendo porque as pessoas veem os outros se machucarem de propósito. Por que as pessoas gostam de infligir dor a alguém?

Eu era a última pessoa que ela deveria perguntar. Ela nunca tinha me visto machucar as pessoas. Aquela briga era uma piada em comparação aos meus trabalhos como executor da Camorra. Eu gostava de machucar as pessoas. Era bom nisso, aprendi a ser bom nisso.

Capítulo Seis

Leona

Seus olhos estavam ilegíveis. O que ele estava pensando? Talvez eu estivesse começando a irritá-lo com minha conversa constante sobre a brutalidade da luta.

A luta de gaiola era obviamente importante para ele. Eu ainda estava tentando reunir os três lados dele que vi até agora: o homem de negócios, o cara legal e o lutador. Embora agora percebesse que apenas o último parecia natural, como se fosse o único em que ele não se sentisse fantasiado.

— Eu provavelmente deveria sair, — eu disse. Não era a melhor ideia estar no vestiário com ele. As pessoas podem ter ideias e começar a falar, e isso era algo que eu realmente não queria.

Ele assentiu. O jeito que ele estava me olhando enviou um arrepio nas minhas costas. Seus olhos, sempre tão aguçados e cautelosos, e azuis como o céu sobre o Texas na primavera, me mantinham congelada. *Controle-se.* Eu me virei e caminhei em direção à porta. Antes de sair, arrisquei mais um olhar por cima do meu ombro. — Eu nem sei o seu nome, — eu disse.

— Fabiano, — disse ele. O nome parecia normal demais, gentil demais para um homem como ele, especialmente agora, coberto de sangue.

— Eu sou Leona, — eu disse a ele. Eu nem sabia por que, mas por algum motivo ele me deixou curiosa. Ele enganchou os dedos em seus shorts e eu rapidamente saí, mas antes de fechar a porta, peguei um vislumbre de seu traseiro enquanto ele se dirigia para o chuveiro. Com cada passo seus músculos flexionavam. Oh inferno. Eu afastei meu olhar de sua bunda. Havia cicatrizes nas costas, mas não pareciam falhas nele. O calor surgiu na minha cabeça e eu rapidamente me virei, apenas para encontrar o rosto de Cheryl. — Baby, não brinque com os meninos grandes. Eles não brincam muito bem — ela disse enigmaticamente.

— Não estou brincando com ninguém, — eu disse, envergonhada por ela ter me surpreendido espionando Fabiano.

Ela deu um tapinha no meu ombro. — Apenas fique longe dos tipos como ele.

Eu não tive a chance de perguntar o que ela queria dizer. Roger gritou para ela entrar em seu escritório. Ela empurrou o esfregão para mim. — Aqui, você tem que limpar a gaiola. — Então ela saiu correndo.

Já eram duas da manhã e eu estava incrivelmente cansada. Apenas alguns clientes estavam espalhados pelas mesas, bebendo sua última cerveja. Mas a maioria das pessoas saiu depois da luta de Fabiano. Eu estremeci quando meus olhos observaram a bagunça sangrenta que era a gaiola de combate. Nunca tive problemas com sangue, mas isso era mais do que eu tinha visto em muito tempo. A última vez que tive que limpar uma bagunça assim foi quando minha mãe bateu a cabeça na banheira em seu estupor cristalino.

Suspirei. Não adiantava adiar o inevitável. Escalei as portas da gaiola e comecei a limpar. Ao meu redor os últimos clientes reuniram suas coisas, prestes a sair. Acenei para eles quando me desejaram boa noite.

Mantive meus olhos abertos procurando por Roger, esperando que ele me desse algum dinheiro pelo trabalho de hoje. Eu realmente precisava de alguns dólares para comprar comida e talvez outro par de sapatos. Fiz uma careta quando vi algumas manchas de sangue em meus dedos nus. Sandálias definitivamente não era uma escolha sábia para um trabalho como este.

Eu também ocasionalmente me permiti um olhar na direção da porta do vestiário, mas Fabiano parecia estar tomando seu tempo tomando banho. Uma imagem dele nu sob um fluxo de água surgiu, e rapidamente limpei a última mancha de sangue e saí da gaiola. Estava cansada demais para pensar direito. Precisava chegar em casa, embora a ideia de caminhar para casa no escuro por mais de um quilômetro não fosse boa para mim. Eu não estava com medo, mas tinha uma sensação saudável de autopreservação.

Depois que guardei o esfregão e o balde, continuei pelo corredor que levava ao escritório de Roger, mas hesitei na metade do caminho. Uma mulher estava gritando. Estremeci. Então ouvi a voz de Roger. — Sim, você gosta disso na sua bunda, sua vagabunda. Sim, apenas assim.

Cheryl foi quem gritou, mas aparentemente com prazer. Isso era muito perturbador. Precisava desesperadamente do dinheiro que Roger me devia, mas não havia como interromper o que quer que estivesse acontecendo. Eu recuei e bati diretamente em um corpo forte. Eu abri minha boca para um grito assustado quando uma mão apertou meus lábios. Medo disparou através de mim e o instinto assumiu. Empurrei meu cotovelo para trás o mais forte que pude, e colidi com um estômago parecido com uma rocha. Meu oponente nem sequer estremeceu, mas ele apertou os dedos na minha cintura, o que eu nem tinha notado antes. — Shhh. Sou eu.

Relaxe e ele tirou a mão dos meus lábios. Eu torci em seu domínio, inclinando a cabeça para trás. Fabiano. Ele estava vestido em sua camisa preta e jeans, e ele estava limpo. A ferida no couro cabeludo foi costurada. Então foi isso que demorou tanto tempo. Eu não poderia me imaginar me consertando com uma agulha, mas como um lutador de gaiola, você provavelmente teve que sofrer com uma dor pior do que algumas cutucadas de agulha.

— Você me assustou.

Havia uma sugestão de diversão em seus olhos. O que era tão engraçado nisso?

Fabiano

Eu a assustei? Se esta foi a primeira vez que minhas ações a assustaram, ela era tão louca quanto linda.

— Eu não queria que você interrompesse Roger com seu grito, — eu disse. Ninguém queria ver Roger com as calças abaixadas.

Seus olhos correram para a porta e ela estremeceu. — Eu não sabia que eles eram um casal. Eles não agem como um.

— Eles não são, — eu disse. — Eles fodem.

— Oh. — Um rubor tentador colorido suas bochechas. — Eu deveria ir embora.

— Você quer que eu te leve? — Eu não tinha certeza por que diabos eu estava oferecendo a ela uma carona - de novo. Afinal, ela não morava exatamente na esquina do meu apartamento.

Ela fez uma pausa, o conflito dançando em seus olhos. Finalmente, alguma desconfiança. Talvez me ver lutando a tenha feito perceber que ela nunca deveria ter entrado no meu carro em primeiro lugar. É engraçado o quão diferente as pessoas reagem a alguém, dependendo da roupa da pessoa. Terno? Confiável.

— Eu não posso deixar você fazer isso de novo.

— Então chame um táxi. Você não deveria andar nessa área sozinha à noite. — Eu sabia todas as razões pelas quais ela não deveria pelo nome.

— Eu não tenho dinheiro, — ela disse, então parecia que queria engolir a língua.

Eu alcancei minha bolsa e tirei um rolo de notas de cinquenta dólares.

Os olhos de Leona se arregalaram. — Onde você conseguiu tanto dinheiro?

Ela não parecia impressionada, apenas cautelosa. Bom. Não havia nada pior do que as mulheres que decidiram que eu valia a atenção delas depois que viam que você tinha dinheiro.

— Dinheiro por ganhar minha luta. — Que era quase a verdade.

Tirei uma nota de cinquenta dólares e estendi para ela.

Ela balançou a cabeça veementemente. — Não. Eu realmente não posso aceitar isso.

— Você pode devolver quando Roger te pagar.

Ela balançou a cabeça novamente, mas com menos convicção desta vez. Ela estava cansada, eu poderia dizer. — Pegue, — eu pedi.

Ela piscou para mim, atordoada pelo comando, mas incapaz de resistir, então ela finalmente pegou a nota. — Obrigada. Eu pagarei de volta em breve.

As pessoas sempre diziam isso para mim.

Ela ergueu a mochila no ombro. — Eu preciso ir, — ela disse desculpando-se.

Eu a levei para fora. Meu carro estava bem na frente da porta. Ela olhou para ele. — Você ganha tanto dinheiro lutando em gaiolas?

— Não é meu trabalho. É um hobby.

Mais curiosidade da parte dela. Sem perguntas. Uma menina que tinha aprendido que a curiosidade matou o gato.

— Chame um táxi, — eu disse a ela.

Ela sorriu. — Não se preocupe, eu vou. Você não precisa esperar.

Ela não chamaria um táxi. Eu poderia dizer. Esperei pacientemente. Se ela pensou que poderia me dispensar assim, estava enganada.

— Eu não tenho telefone, — ela admitiu com relutância.

Sem dinheiro, sem telefone. Eu peguei o meu no bolso da calça quando ela suspirou e balançou a cabeça.

— Não, não faça isso. Eu realmente quero andar. Não posso me dar ao luxo de desperdiçar dinheiro com um táxi — disse ela com desconforto flagrante.

Era óbvio que ela era pobre, então era inútil tentar esconder isso de mim. Stefano não a teria notado se ela não parecesse um alvo fácil. E o inferno, com este vestido surrado, sandálias e a porra da mochila mais gasta do planeta, não precisava ser um gênio para ver o quão pobre ela era.

— Então deixe-me pelo menos andar com você, — eu disse a ela para minha própria surpresa.

Eu não queria que Stefano tivesse outra oportunidade, ou que um dos bandidos pusesse uma mão nela. Algo sobre sua inocência confiante me atraiu como uma mariposa para a chama. Era a emoção da caça, sem dúvida. Eu nunca havia caçado alguém assim.

— Mas você pode dirigir. Você não precisa andar.

— Você não pode andar sozinha à noite, acredite em mim.

Seus ombros caíram e seus olhos dispararam para o meu carro. — Então eu vou pegar uma carona com você. Não posso deixar você andar comigo e depois voltar para o bar novamente para pegar seu carro.

Eu segurei a porta aberta para ela e ela entrou. Confiante demais. Eu deslizei para o banco ao lado dela. Ela afundou no banco de couro, bocejando, mas seus braços envolveram firmemente sua velha mochila.

Eu duvidava que ela tivesse algum tesouro escondido em sua profundidade. Talvez ela realmente tivesse algum tipo de arma para se defender.

Faca? Spray de pimenta? Arma de fogo?

Nada a teria salvado se eu tivesse qualquer intenção de fazer um avanço sobre ela. Eu liguei o motor, que veio à vida com um rugido, e saí do estacionamento. Em um espaço fechado como este, ela não seria capaz de ter uma boa chance. Eu não teria problemas em desarmá-la e então ela ficaria indefesa. As mulheres muitas vezes carregavam armas porque pensavam que iria protegê-las, mas sem o conhecimento de como usá-las, elas eram apenas um risco adicional.

Ela me deu o endereço dela novamente.

— Eu lembro, não se preocupe.

Ela passou as pontas dos dedos ao longo do couro preto de seu assento. — Você é de uma família rica?

Eu era, mas não era por isso que eu tinha o carro e tudo mais. — Não, — eu disse a ela.

Ela ficou em silêncio. Ela estava cheia de mais perguntas. Estava escrito em todo o rosto dela.

Quando parei em frente ao complexo de apartamentos, a porta do segundo andar se abriu. E eu imediatamente reconheci o homem — moderadamente alto, meio careca, com a bolsa pendurada no cinto, todo patético — como um dos viciados em apostas que frequentavam um de nossos cassinos. Eu não tinha lidado com ele ainda. Ele não era importante o suficiente e nunca nos devia dinheiro suficiente para merecer minha atenção. Soto havia lidado com ele uma vez. Ele cuidava da escória menor. Depois daquela vez, ele sempre esteve em dia com

seus débitos. Ele era um perdedor que sempre perseguia o próximo dólar para gastá-lo em apostas.

— Esse é o meu pai, — disse Leona. Havia um toque de ternura em sua voz. Ternura que ele com certeza não merecia. — Obrigada pela carona.

Seu pai estava descendo a passarela em nossa direção, então ele congelou quando me reconheceu atrás do volante. Eu segui quando Leona saiu.

— Leona! — Ele resmungou. Seus olhos fizeram um rápido exame de seu corpo. — Você está bem? Ele...? — Ele limpou a garganta pelo olhar que eu dei a ele. Eu não esperava esse tipo de preocupação dele. Pelo que tinha visto dele até agora, só dava a mínima para si mesmo. Pessoas como ele sempre faziam. É por isso que gosto de lidar com eles.

Leona piscou. — O que está acontecendo? Estou bem. Por que você está agindo tão estranho?

— Você está bem? — Ele perguntou novamente.

Eu andei até eles. Imediatamente o cheiro de bebida barata flutuou no meu nariz. Jogos de azar e álcool era uma combinação estrondosa. Uma que eventualmente o levaria a uma sepultura prematura. Seja pela Camorra ou pela Mãe Natureza.

Ela assentiu e gesticulou na minha direção. — Fabiano foi bom o suficiente para me trazer para casa.

Eu era muitas coisas, mas bom não era uma delas. Seu pai parecia que ia explodir em ira. — Eu não te disse para ter cuidado por aqui? Você não pode simplesmente sair por aí falando... — Ele ficou em silêncio, salvando sua própria bunda.

Eu dei a ele um sorriso frio. — Eu realmente gostei de *conversar* com sua filha.

Ele esfregou as palmas das mãos sobre o jeans desbotado nervosamente.

— Leona, você pode ir em frente. Eu preciso conversar com seu pai, — eu disse.

Os olhos de Leona se lançaram entre o pai e eu. — Vocês já se conhecem?

— Nós temos um amigo em comum.

— Ok. — Ela me deu um sorriso incerto. — Vejo você em breve?
— Era meia pergunta, meia declaração.

— Pode apostar, — eu disse baixinho.

Seu pai segurou meu braço no momento em que ela se foi.

— Por favor, — ele implorou. — É por causa do dinheiro que não paguei? Eu pagarei em breve. Apenas não...

Eu deixei meu olhar cair em seus dedos segurando meu braço e ele soltou como se tivesse sido queimado. — Não o quê? — Eu perguntei perigosamente.

Ele recuou, balançando a cabeça. Ele estava preocupado por si mesmo. Pensou que eu tinha vindo para lidar com ele.

— Eu ficaria triste em vê-la ir embora, — eu disse casualmente. — Suponho que ela vai ficar por um tempo?

Ele olhou para mim.

— Eu realmente odiaria que ela ouvisse as coisas erradas sobre mim. Entendeu?

Lentamente ele assentiu.

Voltei para o meu carro. Seu olhar medroso me seguiu enquanto eu partia. Eu não tinha certeza do que exatamente me fez querer fazer dela minha. Seu pai sabia que não havia nada que ele pudesse fazer para me impedir, não que ele fosse do tipo que tentasse. A única coisa que poderia ter me impedido de persegui-la agora que meu interesse havia sido despertado, era Remo, e ele não tinha motivos para interferir.

Capítulo Sete

Leona

Eu dormi até tarde no dia seguinte. Eu não teria que trabalhar até às três da tarde e precisava descansar um pouco. Quando entrei na cozinha, uma caixa de donuts estava na mesa e papai estava segurando uma xícara de café.

— Bom dia, — eu disse, embora fosse quase meio dia. Eu servi um pouco de café antes de afundar na cadeira em frente a ele.

— Você nos trouxe o café da manhã, — eu disse surpresa e me servi de um donut. Eu sabia que não deveria esperar que surpresas agradáveis como essa acontecessem diariamente.

— Pedi a um vizinho um dinheiro até que eu receba amanhã. — Ele era uma espécie de mensageiro pelo o que eu tinha entendido, me perguntei como ele poderia manter o emprego, considerando que seu hálito sempre fedia a álcool.

— Eu posso dar-lhe cinquenta dólares, — eu disse, retirando o dinheiro do cós do meu short. Eu aprendi a esconder dinheiro perto do meu corpo. — Então você pode pagá-lo e comprar comida para os próximos dias.

Ele olhou a nota do dólar como se fosse algo sujo. — Onde você conseguiu isso?

— Encontrei um emprego, — eu disse com um sorriso.

Ele não parecia feliz. — E eles pagaram cinquenta dólares no primeiro dia?

Ele fez parecer que eu estava fazendo algo proibido, *algo sujo*.

— Não, ainda não. Eu vou ser paga hoje. — Isso é o que eu esperava, pelo menos. Não tinha certeza de como Roger lidava com as coisas, mas como ele não pediu meu número do seguro social ou qualquer outra informação relevante, presumi que não seguiria exatamente um plano de pagamento regular.

— Então, onde você conseguiu esse dinheiro?

Ele parecia zangado. Qual era o problema dele? Ele e mamãe definitivamente nunca fizeram muitas perguntas sobre dinheiro. — Fabiano me deu.

Ele deu um pulo. Sua cadeira caiu no chão com um estrondo. Eu recuei no meu lugar. Memórias distantes surgiram, dele brigando com minha mãe, dele levantando seu punho e ela arranhando-o por sua vez.

— Você pegou dinheiro... dele?

— O que está acontecendo aqui? — Eu perguntei.

— Você não pode sair por aí pegando dinheiro emprestado de pessoas como ele. Nós não precisamos de mais atenção de pessoas como ele.

— Pessoas como ele, — repeti. — Que tipo de pessoas exatamente?

Ele parecia dividido. Eu não tinha certeza de quem ou o que ele estava tentando proteger, mas certamente não era eu. Ele nunca foi o pai protetor.

— Eu sei que ele é um lutador de gaiola, pai. Eu o vi lutar, ok? Então, por favor, cuide do seu próprio negócio. — Como você fez nos últimos cinco anos.

— Você sabe? Por quê? — Então algo pareceu clicar em sua mente e ele fechou os olhos. — Não me diga que você está trabalhando na Roger's Arena.

— Eu estou.

Ele pegou a cadeira e a endireitou antes de afundar como se suas pernas estivessem fracas demais para carregá-lo. — Você nunca deveria ter vindo aqui. Não deveria ter deixado você vir. Você vai nos colocar em apuros. Eu realmente não posso carregar esse tipo de bagagem agora.

Eu fiz uma careta para o meu café. — Eu sou adulta e me viro sozinha. Não posso ser exigente com os trabalhos que consigo. Não é como se eu tivesse muita escolha.

— Dê a ele esse dinheiro de volta hoje. Não use para nada. E...

— Fique longe dele? — Eu interrompi. Era tarde demais para uma conversa protetora do papai.

— Não, — ele disse baixinho. — Seja cuidadosa. Eu não preciso que você estrague as coisas. É tarde demais para eu dizer para você ficar longe.

Tenho a sensação de que ele quis dizer isso de um jeito diferente de mim. — Eu poderia ficar longe. Não é como se eu estivesse ligada a ele.

Papai sacudiu a cabeça. — Não, você não pode ficar longe. Porque isso não é mais com você. Ele vai decidir a partir de agora, e não vai deixar você ficar longe até que consiga o que quer que seja de você. — Seus lábios se curvaram, como se ele soubesse exatamente o que era isso.

Eu odiava como ele poderia me fazer sentir suja com essa expressão. Como se ele tivesse o direito de me julgar quando alegremente deixava minha mãe vender seu corpo para que ele pudesse pagar suas contas de jogo.

— Não estamos vivendo na idade média, pai. Não é como se ele tivesse algum poder sobre mim. — Eu não tinha certeza do porque estávamos discutindo isso. Fabiano e eu não tínhamos feito nada além de conversar e ele tinha sido o perfeito cavalheiro até agora. Talvez o papai tivesse um problema pior de bebida, ou drogas mais pesadas. Mamãe também era paranoica.

Ele puxou um cigarro - seu último - de um pacote surrado antes de acender o toco e dar uma tragada profunda. — A Camorra é dona da cidade e de seu povo. E agora *ele* é seu dono. — Ele soltou a fumaça, nos ocultando nela. Eu tossi.

— Camorra? — Eu tinha ouvido o termo em uma reportagem sobre a Itália na TV há algum tempo. Eles eram um ramo da máfia, mas esta era Las Vegas e não Nápoles. — Você quer dizer a máfia?

Papai levantou-se. — Eu já disse muito, — disse ele com pesar, dando outra tragada. Seus dedos segurando o cigarro estavam trêmulos. — Eu não posso te ajudar. Você já está muito envolvida.

Muito envolvida? Estive em Las Vegas por três dias e trabalhei no bar de Roger por apenas um dia. Como poderia estar envolvida demais? E o que exatamente isso significa?

Papai não me deu a chance de fazer mais perguntas, ele saiu correndo da cozinha e, alguns segundos depois, ouvi a porta de entrada se fechar.

Se ele insistisse em bater nessa tecla, teria que atormentar Cheryl com perguntas. Ela parecia saber mais se suas advertências enigmáticas de ontem eram alguma indicação. Eu não ia perguntar diretamente a Fabiano a não ser que não tivesse outra opção. Ele provavelmente riria da minha cara se eu perguntasse sobre a máfia.

Quando entrei no bar, Cheryl já estava lá, colocando copos nas prateleiras presas à parede atrás do bar. As lâmpadas vermelhas de neon ainda estavam desligadas e, sem o brilho delas, a área parecia aborrecida. Havia também outra mulher limpando o couro das cabines. Ela assentiu na minha direção quando me pegou olhando. Seu cabelo era de um tom agradável de marrom claro, mas seu rosto parecia cansado, esgotado. Drogas pesadas. Isso fez com que sua idade fosse difícil de adivinhar. Ela poderia ter quarenta ou trinta anos. Não havia como dizer.

Eu fui direto para Cheryl e coloquei minha mochila atrás do bar. Quando nossos olhos se encontraram, minhas bochechas ficaram quentes com a lembrança do que tinha ouvido com Roger na noite passada. Felizmente ela não pareceu notar. — Você está atrasada, — disse ela, um pouco irritada.

Olhei para o relógio na parede do outro lado da sala. Eu estava no horário certo, mas decidi não dizer nada. Afinal, queria conseguir algumas informações de Cheryl.

— Desculpe, — eu disse quando peguei dois copos e a ajudei a encher as prateleiras.

— Você poderia limpar o vestiário ou o escritório de Roger. Eu cuido daqui.

O escritório de Roger era o último lugar que eu queria limpar. — Vou limpar os vestiários, — eu disse, então me virei para ela.

Ela voltou meu olhar interrogativamente. — Você está bem?

— Você sabe que eu sou nova na cidade, então não sei o que está acontecendo por aqui, — eu comecei e pude ver suas defesas surgirem. Talvez conseguir respostas dela não fosse tão fácil quanto eu esperava.

— Mas as pessoas estão agindo de forma estranha em torno de Fabiano, você conhece o cara que lutou na última batalha?

Ela riu amargamente. — Oh, eu o conheço.

Fiquei surpresa. — Oh, tudo bem. Então, qual é o problema com ele? Meu pai se apavorou quando Fabiano me deu uma carona para casa ontem à noite.

— *Ele* te deu uma carona para casa?

OK. Isso estava realmente começando a irritar meus nervos. Por que ela não podia simplesmente falar logo?

— Ele deu. Era tarde e ele não queria que eu andasse sozinha. Ele parecia preocupado. — Decidi não mencionar que ele me pegou na noite anterior também.

Cheryl me deu uma olhada como se eu tivesse perdido completamente a cabeça. — Confie em mim, ele não estava. Não sei por que ele te levou para casa, mas com certeza não foi pela bondade do coração dele. Você tem sorte que não aconteceu nada.

Eu me aproximei dela até quase nos tocar. — Cheryl, apenas me diga o que está acontecendo. Este bar, Fabiano, desembuche.

— Este é o território da Camorra, garota. Tudo pertence a eles em algum grau. E seu Fabiano.

Ele não era meu Fabiano, mas eu não queria interrompê-la por medo de que ela mudasse de ideia sobre me dar uma resposta honesta.

— Ele é a mão direita de Falcone.

— Falcone?

O nome não me disse nada, mas soava italiano. Ela amaldiçoou em voz baixa. — Não é da minha conta. Não quero ficar em apuros.

— Então Falcone é algum tipo de mafioso? — Eu tinha visto filmes sobre a máfia, e sabia que eles eram os caras maus, mas isso

realmente existia? Era o século 21. A máfia parecia algo do século 19 ou 20, homens velhos fumando charutos em filmes em preto e branco. Fabiano era alguém que incutia respeito nos outros, podia ver isso, mas isso resultou de ele ser um mafioso ou o fato de que ele era simplesmente impressionante de se ver? Qualquer um que o tivesse visto nas gaiolas de combate pensaria duas vezes sobre um confronto com ele.

— Algum tipo de mafioso, — ela murmurou como se eu tivesse cometido blasfêmia. — Você diz isso como se fosse um trabalho normal, garota. Não é, confie em mim. As coisas que a Camorra faz, as coisas que seu Fabiano faz, elas... — Seus olhos foram para algo atrás de mim e ela ficou em silêncio.

— Agora vá limpar os vestiários, — ela murmurou. Eu me virei, observando Roger a poucos passos de nós, com uma expressão de desaprovação. Ele não estava olhando para mim, apenas para Cheryl, e uma conversa silenciosa que eu não estava ouvindo pareceu passar entre eles.

Peguei o esfregão e o balde e apressei-me a passar por ele. Estava acostumada a ser a nova garota da cidade. Mudei-me uma dúzia de vezes nos últimos dez anos, e sempre me senti a margem da vida por causa disso. Eu nunca entendia as piadas internas.

Sabia que ser um mafioso não era um trabalho normal. Essas pessoas eram coisa ruim. Mas Fabiano não parecia ruim. Algo sobre ele me deixou curiosa, me fez querer ter um vislumbre por trás daquela máscara cautelosa que ele usava. Quem sabia por que ele se tornou um mafioso? Às vezes a vida simplesmente te deixa com pouca ou nenhuma escolha.

Fiquei contente porque a limpeza do vestiário não exigia nenhuma concentração, porque minha mente estava ocupada processando as informações. Eu não sabia o que pensar porque não sabia o suficiente. A Camorra, Falcone, mafiosos - as palavras não tinham significado para mim. Mas para meu pai e Cheryl, elas tinham. Para eles, elas incutiram medo.

Minha sequência de pensamentos foi interrompida quando os primeiros lutadores entraram no vestiário. Aparentemente, havia lutas programadas todas as noites. Eu me perguntei onde Roger encontrava todos esses caras ansiosos para bater um no outro, supus que muitos

deles tinham tão pouca escolha quando se tratava de trabalhos quanto eu.

Um deles, o mais novo do grupo, mais ou menos da minha idade, chegou mais perto. Levantei o balde do chão de azulejos brancos, pronto para deixá-los sozinhos. Ele me deu um sorriso de flerte, que morreu quando um dos outros caras sussurrou algo em seu ouvido. Depois disso, poderia muito bem ter ficado invisível. Confusa, saí do quarto. Eu era algum tipo de pária? A senhora da limpeza intocável?

Não que eu tivesse algum interesse em flertar com aquele cara, mas sua mudança de comportamento foi um pequeno golpe na minha confiança. Eu não me enganava achando que era bonita como algumas outras garotas, definitivamente não usando o mesmo vestido florido de ontem.

Pelo menos não fedia. Ainda.

Eu hesitei em meus passos quando vi um rosto familiar entrar no bar. Fabiano vestia calça preta e camisa branca com as mangas arregaçadas. O branco contrastava bem com seu bronzeado. Ele era um espetáculo para ser visto. Alto e bonito, distante e frio. Ele exalava poder e controle. Ele tinha uma segurança com graça natural que me hipnotizou. Era como assistir a um leão à espreita. Havia quase muito dele para absorver. Suas palavras sobre machos alfa passaram pela minha mente, seguidas pelo fato de que ele era um membro da Camorra. As pessoas me alertaram para ficar longe dele.

Minha mãe sempre disse que eu era uma reparadora. Eu precisava de algo quebrado para poder ver se era capaz de consertar. Animais feridos, pessoas doentes, carros quebrados, *ela*. Ela disse que isso me causaria problemas um dia. Porque as pessoas não podiam ser consertadas, e algum dia encontraria alguém tão quebrado, que me quebraria antes que eu pudesse consertá-lo.

Foi isso que me atraiu desde o primeiro segundo? Senti que algo sobre ele estava errado e queria consertá-lo?

Fabiano

Algo em sua expressão estava diferente. Ela estava um pouco mais hesitante do que antes. Observei-a carregar o balde e esfregar atrás do balcão, depois ocupou-se com o estoque da geladeira, de costas para mim.

Tinha a sensação de que ela não queria que eu visse seu rosto. Talvez ela pensasse que poderia disfarçar suas emoções de mim desse jeito. *Como se isso fosse funcionar.* Uma olhada em seu corpo me disse tudo o que eu precisava saber. Ela estava tensa e sua respiração estava controlada demais, como se estivesse tentando parecer não afetada, mas falhando.

Apoiei meus cotovelos no balcão, observando-a em silêncio. Ela usava o mesmo vestido de novo e as mesmas sandálias. Isso estava começando a me deixar louco. Seu pai não poderia parar de jogar por um dia para que ela pudesse comprar algumas roupas decentes? Raiva se levantou em mim com a óbvia negligência que ela provavelmente estava sofrendo por toda a sua vida. Negligência era algo que eu conhecia muito bem. Ela vinha em diferentes aparências e formas.

Esperei pacientemente até que ela não pudesse mais fingir que havia algo remotamente interessante na geladeira. Ela endireitou os ombros e se virou para mim.

Seu sorriso estava todo errado. Tenso e inseguro. À beira de ser falso. E havia um lampejo de cautela, mas ainda sem medo. — Água? — Ela adivinhou, já pegando um copo.

Eu balancei a cabeça. — Nenhuma briga hoje à noite. Dê-me um uísque.

— Certo, — disse ela. — Você vai sair? Você está bonito.

— Bonito, hein? — Eu repeti. Ela não precisava saber que Remo e eu visitaríamos um dos nossos clubes de strip hoje à noite. Havia algumas inconsistências nos livros, que precisávamos investigar. E depois disso teríamos uma longa conversa com as vadias trabalhando lá.

Um rubor se espalhou por suas bochechas, fazendo-me querer avançar sobre o balcão e escovar meus dedos sobre ela, sentir sua pele aquecida e aquelas malditas sardas. O ato inocente geralmente não era algo que me afetava, porque geralmente era apenas isso, um ato. Mas

com Leona eu poderia dizer que nenhum ato era necessário. — Apenas negócios, sem diversão, — eu disse a ela.

Seu sorriso vacilou novamente. Ela pegou a garrafa mais barata de uísque. Eu balancei a cabeça. — Não esse. Dê-me o Johnnie Walker Blue Label ali. — Era o uísque mais caro que a Roger's Arena oferecia. Não era realmente um estabelecimento para bons gostos. Os caras por aqui gostavam de suas bebidas como gostavam de suas mulheres: baratas.

— São trinta dólares por copo, — ela disse.

— Eu sei, — eu disse quando ela deslizou o copo para mim. Eu tomei um longo gole do líquido âmbar, apreciando a queimação. Eu não bebia com frequência, só tinha bebido duas vezes na vida. Havia outras maneiras de conseguir essa sensação - uma boa foda e lutar, minhas favoritas.

Empurrei uma nota de cinquenta dólares para ela. — Fique com o troco.

Seus olhos se arregalaram e ela deu uma pequena sacudida de cabeça. — Isso é muito.

Ela se atrapalhou na caixa registradora e empurrou os vinte dólares de troco para mim, depois se abaixou por um momento, para pegar outra nota de cinquenta dólares e colocar na minha frente também.

— Eu lhe disse que não quero esse dinheiro de volta, e os vinte dólares é sua gorjeta.

— Eu não posso aceitar nenhum deles. Não é certo.

— Quem te contou? — Perguntei.

Ela piscou, depois desviou os olhos. — Quem me contou o quê? — Ela era uma mentirosa horrível e uma atriz pior.

— Não minta para mim, — eu disse, uma sugestão de impaciência rastejando em meu tom.

Seus olhos azuis encontraram os meus. Ela hesitou. — Eu ouvi algumas pessoas conversando.

Eu não acreditei nessa merda por um segundo. Ela examinou meu rosto. — Então é verdade?

— O que é verdade? — Eu a desafiei.

— Que você é parte da Camorra?

Ela disse isso como se a palavra não significasse nada para ela. Ela não sabia exatamente o que significava, não sabia quão poderosos nós éramos. Para a maioria das pessoas, a simples palavra estava associada ao medo, não para ela. Esperava que permanecesse assim, mas sabia que não iria. Vivendo nesta parte da cidade, trabalhando para Roger, ela logo veria ou ouviria coisas que a fariam perceber o que a Camorra fazia.

— Eu sou, — eu disse, esvaziando o resto do meu uísque.

Seus olhos se arregalaram de surpresa. — Você não deveria manter isso em segredo?

— É difícil manter um segredo que não é. — A Camorra era Las Vegas. Nós controlamos as boates e bares, restaurantes e cassinos. Nós organizamos as lutas de gaiola e corridas de rua. Dávamos aos pobres filhos da puta grana e jogos, e eles aceitavam qualquer distração de suas vidas miseráveis avidamente. As pessoas sabiam sobre nós, nos reconheciam. Não fazia sentido tentar fingir que éramos outra coisa.

— Mas e a polícia? — Perguntou ela. Alguns outros clientes lançavam olhares para ela, os copos vazios, mas nenhum deles se atreveria a nos interromper.

— Não se preocupe, — eu disse simplesmente. Eu não poderia contar a ela sobre nossa associação com o xerife do condado de Clark e nossa conexão com alguns dos juízes. Isso não era algo que ela precisava saber.

Os setenta dólares ainda estavam no balcão entre nós. Eu os peguei e andei em volta do bar. O olhar de Leona era uma mistura de cautela e curiosidade. Peguei o pulso dela. Ela não resistiu, apenas me observou atentamente. Lutei contra a vontade de apoiá-la contra a parede e sentir o gosto dela. Porra, mas eu realmente queria esse gosto.

Virei à mão dela e coloquei o dinheiro na sua palma. Ela abriu a boca, mas eu balancei a cabeça. — Eu não quero esse dinheiro de

volta. Você vai comprar um belo vestido e usá-lo amanhã. E me faça um favor e se livre dessas sandálias. Então nossa dívida está liquidada.

Constrangimento encheu seu rosto quando ela olhou para si mesma. — Eu pareço tão mal que você sente a necessidade de me comprar roupas?

— Não estou comprando nada para você. Só estou te dando o dinheiro.

— Eu tenho certeza que é um grande *não*, pegar dinheiro de alguém como você, — disse ela calmamente. Eu ainda estava segurando a mão dela e podia sentir seu pulso acelerando sob as pontas dos meus dedos.

Eu me inclinei até o ouvido dela. — É um não ainda maior recusar um presente de alguém como eu.

Ela estremeceu, mas ainda não se afastou. Quando a soltei ela ficou perto de mim. — Então não terei escolha, suponho, — disse ela.

— Você não tem, — eu concordei.

As pessoas assistiam a nossa troca com uma curiosidade mal disfarçada. Uma olhada no relógio revelou que eu precisava ir. Eu não queria que o Remo esperasse.

— Amanhã espero ver você em suas roupas novas, — eu disse a ela.

Ela assentiu e finalmente deu um passo para trás. Sua expressão estava dividida.

— Então você voltará amanhã? — Ela perguntou.

Dei a volta no bar, depois me virei para ela mais uma vez. — Sim.

Leona

Eu vi Fabiano recuar. Agora que ele não estava mais lá para me distrair, percebi quantos clientes estavam sentados em frente a copos vazios. Cheryl e a garçonete de idade não identificável estavam do outro lado do salão, e só agora começaram a se aproximar de mim. Eu rapidamente escondi o dinheiro na minha mochila antes de correr para a primeira mesa para pegar os pedidos. Poderia dizer que as pessoas estavam me observando com curiosidade. Essa conversa com Fabiano atraiu mais atenção para mim do que gostaria.

Eu ainda podia sentir os restos de vergonha quando pensei em seu pedido para comprar um vestido novo para mim. Sabia que minhas roupas tinham visto dias melhores. E meus chinelos... eu soltei um suspiro longo.

Talvez eu devesse ter resistido e recusado o dinheiro. Dever dinheiro para a máfia não era bom, mas Fabiano me presenteara com dinheiro não como um mafioso, mas como um... como o que exatamente? Nós não éramos amigos. Mal conhecíamos um ao outro. Eu estava em dívida com ele, ou pior com a Camorra? Ele esperava algo em troca?

A ideia era aterrorizante e excitante ao mesmo tempo. Não que eu fosse lhe dar qualquer tipo de proximidade física em troca de dinheiro, mas a ideia de que ele pudesse estar interessado em mim, me encheu de um entusiasmo vertiginoso.

— Então, ficar longe dele não está indo tão bem, não é? — disse Cheryl ao parar ao meu lado, carregando uma bandeja com garrafas de cerveja.

— Eu não posso impedi-lo de tomar uma bebida no bar, — eu disse com um pequeno encolher de ombros.

— Ele não vem pelas bebidas. Antes de você começar a trabalhar aqui, ele quase não estava por perto e, para ser sincera, eu preferia assim. — Ela se afastou, os quadris balançando de um lado para o outro enquanto perambulava habilmente pelas mesas em seus saltos altos.

Suspirei. O talento de minha mãe para homens problemáticos obviamente havia sido passado para mim. Talvez houvesse alguma maneira de perder a atenção de Fabiano. O problema era que parte de mim não queria que ele perdesse o interesse em mim. Alguma parte distorcida e idiota estava ansiosa por sua atenção. Que um homem como ele tivesse pelo menos um lampejo de interesse em mim

aumentava minha escassa autoconfiança. Na época da escola, os meninos só me davam atenção porque achavam que eu cederia fácil sendo a filha de uma prostituta. Eles não estavam interessados em mim porque era bonita ou inteligente, mas porque eles achavam que eu era fácil. Mas Fabiano não sabia sobre a minha mãe, e com a aparência dele, certamente não tinha dificuldade em encontrar mulheres dispostas.

Cheryl me lançou um olhar através do salão. Estava perdida em meus pensamentos e parei de trabalhar novamente. Empurrei Fabiano da minha cabeça. Se eu não quisesse perder esse emprego, teria que me controlar.

Naquela noite depois do trabalho, Fabiano não estava lá para me levar para casa. E percebi que estava secretamente esperando que viesse depois que ele lidasse com negócios - o que quer que isso significasse.

Eu balancei minha mochila por cima do meu ombro, e agarrei as tiras firmemente quando comecei a minha caminhada para casa. Poucas pessoas circulavam por aqui, e a maioria delas me fez querer correr. Acelerei o meu ritmo, verificando meus arredores. Ninguém estava me seguindo e, no entanto, senti como se estivesse sendo caçada. Toda essa conversa sobre a Camorra foi combustível para minha imaginação.

Era ridículo. Estava acostumada a andar sozinha. Quando morava com a minha mãe, ela definitivamente nunca me pegou em nenhum lugar. Eu tinha sido a única a ir buscá-la mais de uma vez quando ela não voltou para casa. E muitas vezes a encontrei desmaiada em um de seus bares favoritos, ou uma ruela.

Quando finalmente cheguei em casa, soltei um suspiro aliviado. As luzes ainda estavam acesas na sala de estar.

— Leona? É você?

Papai parecia bêbado. Eu hesitei. Lembrei-me da última vez que o vi bêbado quando tinha doze anos. Ele teve uma briga enorme com minha mãe e bateu tão forte nela que ela perdeu a consciência. Depois disso ela o deixou. Não que os homens haviam melhorado depois disso. Para minha mãe, a vida era uma espiral descendente que nunca parou. Talvez ela colocasse um fim nisso agora, provavelmente sua última chance na reabilitação.

Parei na porta da sala de estar. Papai estava sentado no sofá, a mesa na frente dele coberta com garrafas de cerveja e papéis. Pareciam boletos de apostas. Eu duvidava que ele estivesse comemorando sua sorte nas apostas.

— Você chegou tarde, — disse ele, um leve insulto em sua voz.

— Eu tive que trabalhar. O bar fica aberto até tarde, — eu disse, querendo nada mais do que ir para o meu quarto e deixá-lo dormir com sua intoxicação. Ele se empurrou do sofá e deu a volta e se aproximou de mim.

— Pensei que você não estivesse bebendo mais.

— Eu não estou, — disse ele. — A maior parte do tempo. Hoje não foi um bom dia.

Eu tinha a sensação de que os bons dias eram poucos e distantes entre si. — Sinto muito, — eu disse automaticamente.

Ele assentiu. Ele deu outro passo na minha direção e quase perdeu o equilíbrio. Memórias de todas as brigas entre ele e minha mãe que eu testemunhei ressurgiram uma após a outra. Eu não tinha energia para elas agora. — Eu provavelmente deveria ir para a cama. Amanhã será outro longo dia.

Eu me virei quando ouvi seus passos descoordenados e então sua mão apertou meu pulso. Pulei de surpresa.

— Espere, — ele falou enrolado. — Você tem que me dar algum dinheiro, Leona. Roger deve ter te pago agora.

Tentei escapar do aperto dele, mas estava muito firme e doloroso. — Você está me machucando, — eu disse com os dentes cerrados.

Ele não pareceu ouvir. — Preciso de dinheiro. Preciso pagar minhas dívidas de apostas ou estaremos em apuros.

Por que *nós* estaríamos em apuros se ele não pagasse *suas* dívidas de apostas?

— Quanto você precisa? — Perguntei.

— Só me dê tudo o que você tem, — ele disse, seus dedos no meu pulso, tanto uma forma de me impedir de sair, como de manter-se em pé.

Eu sabia como seria. Mamãe era o mesmo com seu vício. Ela roubou cada centavo que encontrou no meu quarto, até que não tive escolha senão carregá-lo em meu corpo o tempo todo. Não que isso a tenha afastado em seus dias mais desesperados.

— Preciso guardar o dinheiro para a faculdade e precisamos de comida. — Eu não tinha muita esperança de que ele usasse muito do seu próprio dinheiro para fazer compras. Os donuts tinham sido uma exceção única.

— Pare de pensar na faculdade. Garotas como você não vão para a faculdade.

Eu finalmente consegui me livrar de seu aperto esmagador. Esfregando meu pulso, eu dei um passo para longe dele.

— Leona, isso é sério. Eu preciso de dinheiro, — disse ele.

O desespero em seu rosto me fez enfiar a mão em minha mochila. Peguei a nota de cinquenta dólares e entreguei a ele. Isso me deixou com pouco mais de cem dólares depois que Roger me pagou hoje. Gorjetas eram decentes na arena.

— Isso é tudo?

Não tive a chance de responder. Ele cambaleou para frente, me pegando de surpresa. Ele tirou minha mochila da minha mão, empurrou o braço para dentro e começou a vasculhar. Tentei recuperar, mas ele me afastou. Eu colidi contra a parede. Quando ele encontrou o resto do dinheiro, largou a mochila e empurrou as notas no bolso do jeans.

— Uma boa filha não mentiria para o pai, — disse ele com raiva.

E um bom pai não roubaria de sua filha. Peguei minha mochila do chão. Uma das alças agora tinha um rasgo nela. Lutando contra as lágrimas, corri para o quarto e fechei a porta.

Cansada e abalada, afundei no colchão. Claro, nada havia mudado. Perdi a conta das vezes que minha mãe me prometeu que começaria de novo. As drogas tinham sido mais fortes que sua força de vontade e seu amor por mim. E aqui estava eu com meu pai que lutava

contra seu próprio vício e estava presa a ele. Por que as pessoas na minha vida sempre quebravam suas promessas?

Eu não tinha dinheiro para sair de Las Vegas e, mesmo que o fizesse, para onde iria? Não podia pagar um apartamento em lugar algum, e não tinha amigos ou família a quem pudesse recorrer.

Tirei a roupa, colocando o vestido cuidadosamente no chão. Sem dinheiro, não seria capaz de comprar roupas novas, mas de jeito nenhum poderia usar meu vestido de novo. Cheirava a suor e tinha uma mancha de ketchup na saia. Eu tirei shorts jeans e uma camisa branca simples da minha mochila. Eles estavam amassados pela busca do meu pai, mas teriam de servir.

Cansada, deitei novamente.

A faculdade não é para garotas como você.

Talvez eu fosse boba por sonhar com isso, mas meus sonhos eram a única coisa que me mantinham de pé. Queria me formar em direito. Ajudar as pessoas que não podiam pagar um bom advogado. Fechei meus olhos. Uma imagem de Fabiano apareceu na minha cabeça. Ninguém jamais tiraria dinheiro dele. Ele era forte. Ele sabia como conseguir o que queria. Eu queria ser assim. Forte. Respeitada.

Bem cedo na manhã seguinte, lavei meu vestido de verão e pendurei-o no chuveiro para secar. Mesmo que ainda tivesse algumas horas até o trabalho, saí do apartamento. Não me sentia confortável depois do incidente com meu pai ontem. Ele não me assustou. Muitas vezes eu tinha sido confrontada com o mesmo desespero escancarado da minha mãe.

Felizmente, encontrei alguns dólares em moedas que eu tinha conseguido como gorjeta ontem no fundo da mochila e poderia pegar o café da manhã para mim.

Com meu café para viagem e um pão doce, atravessei as ruas sem um propósito real. Quando notei o ônibus, que estava indo em direção à Strip, usei meu último dinheiro para comprar uma passagem. Eu não

tinha certeza do por que. Não era como se eu pudesse pedir um emprego em qualquer lugar lá. Eles iriam rir na minha cara.

Desci perto do Venetian e continuei andando, maravilhando-me com o esplendor dos hotéis, com a despreocupação dos turistas. Esta era uma Las Vegas diferente daquela que eu tinha experimentado até agora. Parei eventualmente em frente às fontes do Bellagio. Fechei meus olhos. Como eu ia conseguir um bom emprego por aqui quando não conseguia nem mesmo comprar um vestido decente?

Eu tinha visto os seguranças ficarem de olho em mim quando vaguei pelos hotéis. Eles me marcaram como uma ladra com apenas uma olhada.

Sabia que meu pai continuaria pegando meu dinheiro a menos que de repente ele parasse de perder suas apostas, o que era altamente improvável. A banca sempre vencia.

Perguntei a um transeunte pelas horas desde que eu não tinha relógio ou celular. Eu tinha apenas trinta minutos até ter que estar no trabalho. Não havia como chegar a tempo, considerando que eu dera meu último dinheiro para a passagem de ônibus para a Strip e teria que voltar. Isso levaria pelo menos uma hora, provavelmente mais. Com a minha sorte, até começaria a chover novamente.

Comecei a me afastar do luxo do Bellagio, sentindo-me cada vez mais deslocada na Strip com minha camisa branca enrugada e shorts jeans de segunda mão. Para completar, estava congelando. Talvez papai estivesse certo. Talvez eu ainda trabalhasse no bar do Roger quando fosse velha e amarga. Eu quase ri e balancei a cabeça. Se parasse de acreditar no meu futuro, estaria perdida, mas dias como o de ontem dificultavam a esperança.

Fabiano

Eu avistei Leona no momento em que saí do Bellagio. O porteiro me entregou a chave do meu carro e eu entrei, sem tirar os olhos da garota. O motor veio à vida com seu rugido familiar e saí da garagem, descendo a rua em direção a Leona.

Ela não me notou até que parei ao lado dela e abaixei a janela. Meus olhos viajaram para seus malditos chinelos. — Você não deveria estar usando seu novo vestido hoje? — Eu gritei sobre o barulho do motor e do tráfego passando enquanto me inclinei sobre o banco do passageiro para dar uma boa olhada nela. Ela estava vestida com uma camisa branca enrugada que estava enfiada em shorts jeans velhos. Embora eu apreciasse o primeiro vislumbre de suas coxas magras e tonificadas, fiquei aborrecido por ela não ter comprado um vestido novo para si mesma. Eu não estava acostumado com as pessoas ignorando meus desejos assim.

Ela encolheu os ombros, parecia obviamente desconfortável. Eu abri a porta do passageiro. — Entre, — pedi, tentando dominar meu aborrecimento.

Por um momento, tinha certeza que ela diria não, mas então tirou a mochila do ombro e afundou no banco. Ela fechou a porta e colocou o cinto antes de finalmente encontrar o meu olhar, quase desafiadoramente.

Eu deixei meus olhos vagar por seu corpo, parando sobre os leves hematomas em seu pulso esquerdo. Eu peguei a mão dela e inspecionei o hematoma. Ela se afastou e escondeu o pulso sob a outra mão.

— Eu perdi o equilíbrio no chuveiro esta manhã, — ela mentiu facilmente.

— Você tem certeza que não caiu da escada? — Perguntei em voz baixa. A raiva começou a ferver debaixo da minha pele. Eu conhecia hematomas. E conhecia as mentiras que as mulheres contavam para esconder que estavam sendo abusadas. Meu pai batia em minhas irmãs e em mim quase todos os dias, especialmente Gianna e eu. Nós éramos aqueles que ele não podia controlar, os que sempre faziam coisas erradas aos seus olhos. E eu perdi a conta das vezes em que vi minha mãe encobrir suas contusões com maquiagem.

O hematoma ao redor do pulso de Leona era de um aperto muito forte.

Ela me deu uma olhada, mas sua expressão vacilou e ela balançou a cabeça. — Não é nada.

— Quem fez isto?

— Não é nada. Não dói nem nada.

— Seu pai.

— O que faz você pensar isso? — Ela perguntou, sua voz um pouco mais alta do que antes.

— Porque ele é o único que você tem razão para proteger.

Ela lambeu os lábios. — Ele não queria me machucar, estava bêbado. Ele não percebeu o quão forte estava me segurando.

Ela realmente acreditava nisso? Ou estava com medo do que eu faria com ele? E por Deus queria rasgá-lo como um cão de caça faminto.

Não era como se fosse da minha conta o que o pai dela fazia com ela. Não deveria ser. Mas a mera ideia de que ele estava machucando-a fez com que eu quisesse visitá-lo e dar-lhe um gostinho do que eu era capaz.

— É por isso que você está vestida assim? — Eu perguntei com um aceno para suas roupas. Afastei o carro do meio-fio, atravessei quatro pistas para chegar à faixa do meio, depois dei meia-volta, seguido por uma cacofonia de buzinas de carros e levantei o dedo médio para os motoristas dos dois lados da rua.

— O que você está fazendo? — Perguntou Leona, segurando as laterais do assento. — Esse é o caminho errado.

— Não é. Vamos comprar um vestido para você e fodidos sapatos novos. Se eu tiver que ver você nesses malditos chinelos mais uma vez, vou ficar enfurecido.

— O quê? — Seus olhos se arregalaram. — Não seja ridículo. Preciso começar a trabalhar. Não tenho tempo para fazer compras.

— Não se preocupe. Roger vai entender.

— Fabiano, — ela disse suplicante. — Por que você está fazendo isso? Se você espera algo em troca, não sou esse tipo de garota. Sou pobre, mas isso não significa que eu possa ser comprada.

— Eu não tenho intenção de comprar você, — eu disse a ela. E isso era verdade. Algo sobre Leona me fez querer protegê-la. Era uma experiência nova para mim. Não que eu não a quisesse na minha cama, mas queria fazê-la querer também. Nunca tive que pagar por sexo, e

nunca faria. As prostitutas de Las Vegas estavam na folha de pagamento da Camorra, de qualquer maneira.

Ela me observou por um longo tempo. — Então por quê?

— Porque eu posso e porque eu quero.

A resposta não pareceu satisfazê-la, mas me concentrei na rua e ela não fez mais perguntas, o que foi uma coisa muito boa, porque realmente não queria analisar os detalhes do meu fascínio por ela. Ela me lembrou das minhas irmãs. Não de uma maneira pervertida. Mais como se ela me lembrasse de um desejo que enterrei no fundo do meu peito. Foda-se.

— Então seu pai roubou o dinheiro que eu te dei? — Eu perguntei eventualmente, meus dedos apertando o volante, e desejando que fosse a porra da garganta dele.

Ela assentiu. — Ele parece estar em apuros.

Se ele estivesse em apuros, eu saberia. O dinheiro que ele nos devia, não poderia ser muito ainda. Se Soto ainda lidava com ele, ele era um homem de sorte.

— Homens como ele estão sempre em apuros, — eu disse a ela. — Você deveria se afastar dele.

— Ele é meu pai.

— Às vezes temos que deixar a nossa família se quisermos fazer alguma coisa na vida.

Surpresa e curiosidade apareceram em seu rosto. Eu cerrei os dentes, irritado comigo mesmo pelas minhas palavras.

Estacionei na calçada em frente a uma das butiques de classe alta que eu sabia que as mulheres da sociedade frequentavam, ocasionalmente as fodia quando elas sentiam que deveriam adicionar uma emoção as suas vidas mimadas de merda.

Leona olhou na direção da loja, em seguida, de volta para mim, seus lábios se abrindo em descrença. Um pequeno vinco se formou entre as sobrancelhas dela. — Não me diga que você quer que eu vá lá. Elas nem me deixarão entrar do jeito que estou. Elas vão pensar que vou roubar suas roupas.

Elas iriam? Nós veríamos isso. Saí do carro, dei a volta no capô e abri a porta para ela. Ela saiu e pegou a mochila. Eu a parei. — Você pode deixar no meu carro.

Ela hesitou, depois recuou para que eu pudesse fechar a porta. Ela olhou em volta nervosamente. Ela se sentia desconfortável. Estendi minha mão para ela. — Venha, — eu disse com firmeza.

Ela colocou a palma da mão na minha e eu fechei meus dedos ao redor da mão dela. Que Leona confiava em mim, apesar do que sabia sobre mim, me fez querer ser bom para ela, o que era surpreendente. Eu raramente queria ser bom para alguém. Mas tinha dinheiro suficiente, então um vestido não ia me matar. E os sapatos novos eram muito mais para minha sanidade do que qualquer outra coisa. Esses chinelos tinham que sumir.

Eu a levei em direção à loja. A vitrine da loja estava decorada com bolas de Natal pratas e douradas. O guarda de segurança, um filho da puta alto e de pele escura, lhe deu uma olhada, mas nos deixou entrar quando registrou meu rosto. A vendedora não conseguiu esconder seu desdém pela aparência de Leona. Seus lábios vermelhos pintados se torceram e a mão de Leona na minha ficou tensa. Meus olhos se inclinaram para ela. A mão livre dela mexia na camisa branca enrugada; a vergonha tomou conta de seu rosto e suas sardas desapareceram entre o rubor.

Ela se aproximou de mim, procurando abrigo. Ela procurou a porra de um abrigo em um homem como eu. Duvidava que ela notasse. *Mas eu notei.* E eu levantei meus olhos para o rosto da vendedora, deixando-a vislumbrar por trás da máscara que usava quando não estava lidando com negócios, deixá-la ver porque eu era o Executor da Camorra. Por que algumas pessoas imploravam antes que eu colocasse minha faca contra a pele delas. Ela endureceu e recuou.

Eu sorri friamente. — Eu suponho que você pode nos ajudar.

Ela assentiu rapidamente. — O que você está procurando? — Ela me perguntou.

— Você deveria perguntar a ela, — eu disse em voz baixa, acenando para Leona.

— Um vestido, — Leona disse rapidamente, em seguida, acrescentou: — E sapatos.

A vendedora olhou os chinelos de Leona. Mas desta vez sua expressão não denunciou seu desdém. Bom para ela.

— Que tipo de vestido?

Leona procurou meu olhar, impotente. Fiz um gesto para a vendedora nos dar um momento. Ela correu para os fundos da loja, onde outra vendedora estava de pé atrás do balcão do caixa.

— Eu nunca tive que escolher. Não sei nada sobre vestidos ou sapatos. Compro o que quer que se encaixe em mim da Goodwill.

— Você nunca teve uma peça de roupa nova? — Perguntei.

Ela desviou o olhar. — A roupa não era minha prioridade. Eu tinha que colocar comida na mesa. — Seus olhos foram atraídos para a linha de vestidos à nossa direita.

— Experimente qualquer coisa que chame a sua atenção.

Ficou óbvio que ela não ia tocar em nenhum dos vestidos, então puxei um vestido verde escuro com mangas compridas e estendi para ela. Ela pegou e seguiu a vendedora em direção aos provadores nos fundos. Eu me inclinei contra a parede, mantendo meus olhos na cortina que escondia Leona de vista. Demorou mais do que se trocar deveria. — Você está bem aí?

Ela saiu, fazendo uma careta. Eu me endireitei. O vestido abraçou seu corpo em todos os lugares certos e se alargou até chegar aos seus joelhos. E nas costas, era baixo, revelando suas delicadas omoplatas e espinha. Ela parecia completamente diferente. Ela se olhou no espelho e balançou a cabeça, seus lábios se apertando. — Isso parece uma fantasia, — ela disse baixinho. — Como se eu estivesse fingindo que sou alguém que não sou.

Eu me aproximei. — E quem é que você está fingindo ser?

Ela olhou — Mais do que *lixo branco*.

— Lixo branco, — eu repeti com uma voz tão calma quanto a minha raiva permitia. — Quem te chamou assim?

— Sou filha de uma viciada e viciado em jogos de azar. Eu sou lixo branco. Eu não sou isso. — Ela apontou para seu reflexo.

— Ninguém vai te chamar de lixo branco de novo, você entendeu? E se o fizerem, você vai me dizer e eu vou arrancar suas gargantas, que tal?

Ela inclinou a cabeça, novamente tentando me ler, me entender. — Você não pode mudar meu passado. Você não pode mudar quem eu sou.

— Não, — eu disse com um encolher de ombros, meu dedo arrastando por sua garganta. Ela não estava respirando e eu também prendi a respiração ao sentir sua pele macia. — Mas você pode. Eu só posso forçar as pessoas a tratá-la como você quer ser tratada.

Ela desviou o olhar do meu e deu um passo para trás. Eu deixei cair a minha mão, então voltei e escolhi outro vestido. Ela pegou sem dizer uma palavra e voltou para a cabine.

Eu afundei em uma das poltronas muito macias. Ela parecia muito bem em todos os vestidos que experimentava. Ninguém a chamaria de lixo branco vestida assim. Ninguém deveria chamá-la de lixo branco vestida com a porra da roupa de segunda mão também. — Compre todos eles, — eu disse a ela, mas ela balançou a cabeça com firmeza.

— Um, — ela disse, levantando um único dedo. — Eu vou pegar um porque eu te prometi. Mas não mais. — Ela levantou o queixo e endireitou a coluna. Teimosa e corajosa, apesar do que ela sabia sobre mim.

— Então pegue aquele, — apontei para o vestido verde escuro que ela colocou primeiro.

— Não é muito revelador? — Ela sussurrou.

— Você tem o corpo para isso.

Um rubor satisfeito se espalhou por suas bochechas sardentas, mas ainda havia hesitação. — Eu não quero que as pessoas tenham a impressão errada.

Eu inclinei minha cabeça. — Que tipo de impressão?

Ela desviou o olhar, mexendo no tecido do vestido. Quando a vendedora estava fora de vista, ela disse baixinho: — Que estou vendendo mais que bebidas. Cheryl mencionou que alguns clientes pagam a ela para fazer *outras coisas*.

Eu me levantei da poltrona e me aproximei. Ela olhou para mim. — Ninguém vai tentar nada, Leona. Eles sabem que você está fora dos limites.

Suas sobrancelhas se uniram. — Por quê?

— Pegue o vestido, — eu pedi.

Ela endureceu sua espinha novamente. Teimosa. Eu suavizei minhas próximas palavras. — Você prometeu.

Ela assentiu devagar. — Tudo bem.

Eu me virei para a vendedora, que estava pairando do lado de fora dos vestiários. — Ela vai vesti-lo imediatamente. Ainda precisamos de sapatos.

Ela saiu correndo e voltou com as sapatilhas combinando em couro verde escuro. Esperava por saltos, mas duvidava que Leona pudesse usá-los de qualquer maneira. Assenti em aprovação e ela os entregou para Leona. Seus olhos encontraram os meus, e novamente a pergunta, então ela desapareceu atrás da cortina mais uma vez.

Leona saiu do provador, usando seu novo vestido e sapatos, parecendo porra incrível. Deixei meus olhos vagarem por seus ombros delgados, sua cintura estreita e pernas magras. O vestido terminou alguns centímetros acima de seus joelhos e mergulhou baixo em suas costas, revelando centímetro por centímetro da pele imaculada.

Ela carregava suas roupas velhas. Eu queria dizer a ela para jogá-las fora, mas tive a sensação de que ela não tinha nenhuma roupa de sobra. Em vez disso, fui até o caixa e paguei pelo vestido e pelos sapatos.

Os olhos de Leona se arregalaram quando ela viu o valor.

— Não acredito no quanto você pagou! Eu poderia ter comprado dez vestidos no Walmart com tanto dinheiro — ela sussurrou enquanto a levava para fora da loja.

Eu pressionei minha palma contra a pele nua entre suas omoplatas, saboreando seu pequeno tremor e a forma como arrepios subiram por sua pele. O familiar rubor se espalhou em suas bochechas. Antes de abrir a porta, inclinei-me para ela, meus lábios roçando sua orelha. — Valeu cada centavo, confie em mim.

Ela soltou um suspiro pequeno e rapidamente entrou na minha Mercedes como se ela precisasse colocar algum espaço entre nós. Mas não havia como eu deixá-la se afastar de mim.

Capítulo Oito

Leona

Passei meus dedos pelo material macio do vestido. Era feito de seda e algodão, algo que eu nunca tinha usado antes. Parecia quase bom demais para mim. Nunca teria conseguido esse tipo de vestido, nem jamais daria tanto dinheiro por uma peça de roupa. E os sapatos. Eu não sabia que couro tão macio existia. Para Fabiano não era nada.

— Obrigada, — eu disse eventualmente quando estávamos dirigindo em silêncio por um tempo. Os arredores estavam ficando cada vez piores. Não demorou muito para que chegássemos na Roger's Arena.

Fabiano deu um aceno de cabeça. Eu queria saber o que estava acontecendo em sua cabeça. Queria saber por que ele estava realmente fazendo isso.

Meus olhos se demoraram em sua mandíbula forte, a barba loira escura, a maneira como sua boca era definida em uma linha determinada. Ele parecia sempre no controle. Houve um tempo em que já o tenha perdido? Mesmo durante a luta, ele nunca desistia do controle. Ele havia dominado seu oponente com pouco esforço.

Enquanto o observava dirigir, dei minha primeira boa olhada na tatuagem do interior do antebraço direito. Era uma longa faca com um olho no topo da lâmina, perto do cabo. Palavras estavam escritas em letras intrincadas no cabo. Estavam em italiano e eram pequenas demais para eu ler.

Fabiano entrou no estacionamento da Roger's Arena e desligou o motor. Ele estendeu o antebraço para mim para que eu pudesse dar uma olhada mais de perto. Eu estava olhando abertamente?

— O que está escrito? — Encostei meu dedo em sua pele, traçando cada letra e me maravilhando com o quão suave sua pele era. Ele era todo linhas duras e músculo, poder e perigo, mas sua pele o traía porque quando essas camadas eram tiradas, ele era apenas humano.

— *Temere me, perché sono l'occhio e la spada*, — disse Fabiano em um italiano impecável. Ele acariciou as palavras com a língua, quase como se fossem sua amante. Um arrepio correu pelas minhas costas. Eu não pude deixar de me perguntar como seria se ele sussurrasse palavras apaixonadas no meu ouvido com a mesma voz. — O que... — Limpei minha garganta, esperando que ele não pudesse perceber como sua proximidade e voz estavam me afetando. — O que significa?

— Me tema, porque sou o olho e a espada.

A voz de um amante transmitindo palavras tão duras. — Todos os mafiosos têm essa tatuagem? — Perguntei.

Ele sorriu. — Gostamos de nos chamar de Homem Feito ou Camorrista, mas sim, os membros da Camorra têm a mesma tatuagem como forma de se reconhecerem.

— O olho e a espada, — repeti. — O que isso significa? O que você teve que fazer para ganhar essa tatuagem?

Ele se inclinou e por um momento tive certeza de que me beijaria e, pior, percebi que teria deixado. Em vez disso, ele correu um dedo pelo comprimento do meu braço, um brilho sombrio em seus olhos. — Isso é algo que você não quer saber, — murmurou.

Assenti. Com ele estando tão perto, era difícil me concentrar. Eu precisava sair desse carro.

— Saia comigo.

— Eu tenho que trabalhar, — veio a minha resposta estúpida.

Ele deu um sorriso inteligente. — Não hoje. Quando é seu próximo dia de folga?

Eu não sabia. Não tinha falado com Roger sobre isso, e pela maneira que minha situação financeira estava progredindo, eu provavelmente nunca poderia tirar um dia de folga.

— Não importa. Vamos na quarta-feira.

Isso era só daqui a dois dias. Não tinha vindo para Vegas para sair. Jurei a mim mesma manter a cabeça baixa e ficar longe de problemas. Como ia sair com um membro da máfia fazendo isso?

— Não posso. Eu... — Parei. Não conseguia encontrar uma desculpa útil e os olhos de Fabiano falavam uma linguagem clara. Não era inaceitável.

— Não sei se posso tirar esse dia de folga.

— Você irá.

O bar pertencia à Camorra? Ou Roger estava muito intimidado para recusar a Fabiano um pedido como esse?

Toda a minha vida as pessoas haviam pisado em mim. Nada nunca tinha sido fácil para mim. Eu tive que lutar por tudo, e de repente havia Fabiano que conseguia o que queria, que podia lidar com as coisas por mim com algumas palavras simples. Não deveria ter sido bom, mas sempre estive sozinha. Minha mãe não estava em estado algum para cuidar de mim, e meu pai estivera a centenas de quilômetros de distância, e igualmente incapaz, e agora havia alguém cuidando de mim. Gostei, gostei de passar um pouco da pressão de sempre ter que me defender sozinha, de ter que tomar todas as decisões. Gostei demais.

Eu precisava ter cuidado. Homens como Fabiano estavam acostumados a controlar os outros. Se eu deixasse, ele assumiria o controle total da minha vida, *de mim*: corpo e alma.

Afastei meu olhar do rosto dele. O ar estava muito abafado. Um fio de suor desceu pelas minhas costas. Saí do carro, feliz por mais espaço entre mim e Fabiano.

Ele me seguiu, claro, *rondou atrás de mim*.

— Você vai entrar para uma bebida? — Eu perguntei a ele, dividida entre querer que ele ficasse e querer que ele saísse.

— Hoje não, mas vou ter uma conversa rápida com Roger sobre quarta-feira.

Sua mão tocou minhas costas, enquanto ele me levou para dentro. A sensação da palma da mão na minha pele era muito mais perturbadora do que deveria ter sido.

No momento em que entramos no bar, os olhos irados de Cheryl se aproximaram de mim, depois de Fabiano, antes que ela virasse e se dirigisse pela porta atrás do bar. A maioria das mesas ainda estava vazia. A primeira luta ainda não tinha começado, mas uma olhada no

relógio revelou que eu estava quase uma hora atrasada. A culpa me inundou. Eu odiava decepcionar pessoas que confiavam em mim. Roger estava certamente furioso.

Seu rosto avermelhado quando entrou no bar confirmou minha preocupação. Ele parou quando me viu de pé ao lado de Fabiano.

Fabiano acariciou minha pele levemente com o polegar. Eu tive que resistir me inclinar em seu toque. Em vez disso, dei-lhe um rápido sorriso e corri para o bar. Roger não me deu uma olhada, mas percebi que ele estava fervendo. Ele caminhou em direção a Fabiano e ouviu-o. Eventualmente, ele assentiu, mas não parecia feliz com isso.

Cheryl deslizou para o meu lado. — Vestido novo? — Ela perguntou sugestivamente.

Eu corei, embora não tivesse nada para me envergonhar. Retirei algumas garrafas vazias alinhadas ao lado da pia e as escondi nas caixas abaixo do bar.

— Vadia, eu sei que você é nova aqui. Mas não pense que ele está te comprando coisas porque sente pena de você. Esse homem não é capaz de sentir pena.

Aborrecimento me inundou. Ela agia como se soubesse tudo sobre ele. Como ela poderia dizer que ele não tinha sentimentos? Só porque ele não demonstrava, não significava que não os tivesse. — Cheryl, sei o que estou fazendo. Não há nada para se preocupar, confie em mim.

Ela apontou para meu pulso machucado. — Isso é apenas o começo.

— Ele não fez isso, — eu disse de uma vez, mas percebi que ela não acreditava em mim. Fui até uma mesa com homens tentando chamar nossa atenção. A conversa com Cheryl estava levando a lugar nenhum.

Fabiano veio até mim. Os homens na mesa ficaram em silêncio quando ele parou ao meu lado. Ele tocou minhas costas nuas novamente e eu vi o olhar que deu aos outros homens. Ele estava sendo possessivo? Ele se inclinou. — Quarta-feira irei buscá-la as seis na sua casa. — Ele se endireitou e saiu, deixando-me com a marca do seu toque nas minhas costas.

— Serão dois Lager e três Pale Ales? — Repeti o pedido deles.

Eles assentiram, mas não disseram mais nada.

Quando voltei para casa naquela noite, o apartamento estava escuro e silencioso. A porta do quarto do meu pai estava entreaberta. Ele não estava lá. Eu realmente esperava que ele não tivesse ido jogar novamente.

Tirei o vestido e coloquei cuidadosamente sobre uma das caixas de mudança. Amanhã eu lavaria para poder usá-lo novamente no encontro com Fabiano na quarta-feira. Meu estômago apertou com nervos e excitação. Quando me deitei e fechei os olhos, pude sentir a mão dele nas minhas costas novamente, sentir o aroma de seu cheiro almiscarado. Minha mão encontrou o caminho entre minhas pernas quando me lembrei como ele era quase nu, a maneira ágil como ele se moveu durante a luta, a força que escorria dele tão facilmente. Eu nunca me senti tão atraída por alguém antes. Movi meus dedos mais rápido, imaginando que era Fabiano.

Depois, fiquei ainda mais nervosa com o nosso encontro. Nunca tive problemas em recusar caras. Eles nunca eram nem remotamente interessantes o suficiente para eu arriscar minha reputação. Mas com Fabiano, eu sabia que seria mais difícil.

Fabiano

Remo estava descansando no sofá, assistindo a última corrida em sua enorme TV. As corridas estavam ficando cada vez mais populares a cada dia. Se pudéssemos operar as corridas em todos os estados e no Canadá, estaríamos nadando em dinheiro. Mas com a Outfit e a Famiglia nos EUA e a porra da União Córseica no Canadá em nosso caminho, isso não aconteceria em breve. Sem mencionar a Bratva e o Cartel. Todo mundo queria ter uma fatia grossa do bolo.

— O que está acontecendo entre você e aquela nova garota do Roger's? — Remo perguntou, enviando meu corpo para o modo de perigo.

Meu rosto permaneceu em branco. Tomei um gole da bebida, depois me inclinei de novo.

Remo parecia focado na corrida, mas isso poderia facilmente ter sido uma maneira de me fazer baixar a guarda.

— Nada, — disse-lhe despreocupadamente.

Seus olhos encontraram os meus. — Você está comprando as coisas dela e levando-a para sair. Isso é nada?

Soltei uma risada sombria. — Você está me espionando, Remo? Desde quando você se importa com as garotas que estou transando?

— Eu não me importo. Mas ela parece um alvo estranho. Não é seu estilo habitual. E não preciso espionar você. Você sabe como é.

Oh, eu sabia. As pessoas estavam sempre ansiosas para falar merda sobre mim nas minhas costas, esperando que pudessem me denunciar a Remo e ganhar uma recompensa. Elas não sabiam nada sobre ele, se achavam que ficaria impressionado por elas agirem como um rato fedorento. Remo se lembraria de seus nomes, mas definitivamente não seria de uma maneira boa. — Ela é uma distração bem-vinda. As outras garotas são todas iguais. Estão começando a me aborrecer.

Elas riem porque precisam rir. Sorriem seus sorrisos falsos. Me consideravam uma oportunidade. E eu nunca me importei. Elas eram boas em foder e chupar.

— A emoção da perseguição, — Remo refletiu.

Eu sorri. — Possivelmente. Deixe eu me divertir. Não vai interferir com meus deveres.

Remo assentiu, mas havia um brilho intencional em seus olhos que não gostei. — Divirta-se. — Ele voltou sua atenção para o bar. — Ela pode ser mais habilidosa do que parece. Sua mãe é uma prostituta de rua barata em Austin.

Que porra é essa? Enrijeci. Sua mãe era uma prostituta? Ele estava me fodendo? E Remo ter feito uma verificação de antecedentes

sobre Leona me perturbou ainda mais. Se algo chamava sua atenção, isso nunca era uma coisa boa. Dei de ombros, embora tivesse a sensação de que Remo havia percebido meu choque. Ele era muito perspicaz. Por isso ele era o Capo.

— Eu não dou a mínima para quem é a mãe dela.

Os olhos de Remo perfuraram um buraco no meu maldito crânio.

Eu me levantei do sofá. — Vou trabalhar por um tempo. — Remo não parou o olhar enervante.

Precisava explodir um pouco antes de buscar Leona. Eu estava *no limite*. Teria que passar a próxima hora chutando o inferno de um saco de boxe se quisesse manter a calma com ela.

Leona

Papai me evitou desde o incidente. Eu o ouvi voltar para casa de manhã cedo, batendo contra as paredes e quebrando a porta em um estupor bêbado, e ele ainda estava escondido em seu quarto quando saí para o trabalho. Mas na quarta-feira tive meu dia de folga e me evitar era algo que ele não podia fazer. Quando ele saiu do quarto e foi para a cozinha, vestido apenas com boxers cinza e uma camiseta amarelada, congelou na porta quando me viu. Ele obviamente esperava que eu estivesse no trabalho.

— Eles te demitiram? — Perguntou incerto. Não tinha certeza se foi culpa que vi em seu rosto. Os hematomas no meu pulso já tinham desaparecido e provavelmente era o dinheiro que papai tirara de mim.

Balancei a cabeça enquanto bebia meu café. Eu quase não tinha comido nada até agora, mesmo que a geladeira estivesse abastecida com comida depois de eu ter ido fazer compras de manhã. — Não, é meu dia de folga.

— Em um dia de uma grande luta? — Ele perguntou. — Um dos irmãos Falcone estará na gaiola hoje à noite.

Surpresa me encheu. — Eu não posso trabalhar o tempo todo.

Papai sentou-se à minha frente. Círculos escuros se espalharam sob seus olhos, e ele parecia que precisava de um longo banho.

Esperei que ele me pedisse dinheiro. Sabia que ele estava pensando nisso. Ele olhou para as mãos e suspirou. — Eu nunca quis esse tipo de vida para você. Quando você nasceu, pensei que tudo mudaria. Pensei que poderia te dar uma boa vida.

Eu acreditei nele. — Eu sei, — eu disse simplesmente. Sabia que mamãe e papai queriam ser bons pais. Por um tempo eles tentaram.

— Vai ficar em casa hoje à noite? — Ele perguntou. — Você poderia assistir a luta da gaiola comigo. Eles estarão mostrando na tela grande em um bar ao virar a esquina.

Não estava realmente com vontade de assistir outra luta de gaiola, mas fiquei comovida por ele querer passar um tempo comigo, mesmo que parte de mim não pudesse deixar de ficar cautelosa. E eu odiava isso, odiava ter aprendido a ser cautelosa quando meus pais mostravam interesse em estar comigo.

— Vou sair, — eu disse com cuidado.

— Ah, sim? — Curiosidade brilhou em seus olhos.

Eu assenti e fiquei de pé rapidamente. Coloquei meu copo na pia, decidindo limpá-lo mais tarde quando papai não estivesse respirando no meu pescoço. — Eu provavelmente deveria começar a me preparar. — Ainda faltavam duas horas para Fabiano me pegar, mas queria evitar um confronto com meu pai.

Isso me estressaria ainda mais. E eu já estava no limite por causa do meu encontro com Fabiano. Parecia cada vez menos uma boa ideia, mas não podia voltar atrás agora. Talvez ele perdesse o interesse depois desta noite. Não era como se eu tivesse algo remotamente interessante para dizer, e definitivamente não iria falar sobre minha mãe. Se ele soubesse sobre ela, olharia para mim de uma maneira diferente. Era sempre a mesma coisa.

Eu coloquei novamente o vestido verde escuro. Não deveria ter deixado Fabiano me comprar coisas. Toda a minha vida tive que trabalhar duro para conseguir o que eu queria. Tendo por uma vez algo de presente para mim foi incrível. Mas não pude deixar de pensar nas intenções de Fabiano. Nada na vida era de graça. Essa foi uma lição que aprendi cedo.

Chequei meu reflexo no espelho. Finalmente era possível dar uma boa olhada depois que limpei as coisas e o resto do apartamento ontem. Eu nunca usei muita maquiagem e até mesmo para o encontro, decidi mantê-la ao mínimo. Não queria aparecer como se tivesse feito um grande esforço. Coloquei uma base e uma pitada de blush, depois escovei meus cílios com rímel. Peguei meu único batom, um tom de cereja que complementava perfeitamente a cor do meu cabelo. Segurei-o quando estava quase tocando meus lábios. E se Fabiano tentasse me beijar esta noite? O batom não estaria no caminho?

Corei. Não haveria beijos. Eu não tinha a intenção de beijar ninguém no momento, muito menos Fabiano. Mas uma parte traiçoeira do meu corpo formigava de excitação com a ideia. Suspirando, abaixei o batom.

Quando as seis chegaram, estava quase tremendo de nervosismo. Papai felizmente havia deixado o apartamento há dez minutos, então não precisei me preocupar com um confronto entre Fabiano e ele.

O som de um carro estacionando me fez arriscar uma olhada pela janela. Fabiano já estava saindo e um nó se formou ao vê-lo. Ele estava maravilhoso, não como alguém que namoraria uma pobretona como eu. Eu não me enganei pensando que daria em alguma coisa. Um vestido e sapatos legais não mudariam isso.

Peguei minha mochila e saí rapidamente do apartamento. Eu não queria que ele visse o interior e o quão pouco tínhamos. Fechei a porta. Fabiano já estava esperando no final da escada, olhos azuis intensos examinando meu corpo.

Eu desci as escadas lentamente, minha mão no trilho como uma âncora. Ele estava vestido com uma camisa branca que abraçava sua forma muscular. Suas mangas estavam enroladas novamente, revelando seus fortes antebraços bronzeados e a tatuagem da Camorra. Ele deixou os dois botões superiores de sua camisa desabotoados mostrando a sugestão de seu peito perfeito. De alguma forma, saber o que estava por baixo de sua camisa, como ele parecia apenas com seu equipamento de combate, tornava isso ainda mais difícil. Quando cheguei ao penúltimo degrau e fiquei no mesmo nível que ele, um arrepio passou pelo meu corpo. Ele parecia querer me devorar. Pensei em algo sofisticado para dizer, qualquer coisa que pudesse impedi-lo de me dar aquele olhar faminto.

— Oi, — foi tudo o que conseguiu dizer, e até essa palavra soou silenciosa.

Sua boca se contorceu e ele deslizou a mão atrás das minhas costas, a palma da mão encontrando o mesmo ponto de pele nua onde tinha descansado a última vez. Meu corpo ficou vivo com um formigamento, mas não deixei transparecer. Precisava ficar no controle desta noite, e acima de tudo: de mim mesma.

Ele me levou em direção ao seu carro e nós saímos.

Era difícil não me mexer enquanto dirigíamos em silêncio. Ele parecia perfeitamente à vontade, como sempre, dedos longos enrolados frouxamente ao redor do volante. Seu cabelo estava em um tom mais escuro de loiro do que o habitual - ainda molhado de um banho? *Não vá lá, Leona.*

Meu nervosismo cresceu quando as luzes da cidade diminuíram e nós as deixamos para trás completamente eventualmente. — Onde estamos indo?

Eu esperava que ele não pudesse ouvir minha tensão. As histórias estúpidas que tinha lido sobre a máfia surgiram sem ser convidadas e eu quase podia me ver sendo enterrada sob a areia do deserto. Não que a máfia tivesse algum interesse em mim.

Ele conduziu o carro por uma estrada íngreme, depois parou em um mirante. — Aqui.

Segui seu olhar para fora do para-brisa e soltei um suspiro surpreso, depois me inclinei para uma visão melhor. Tínhamos a vista de Las Vegas do nosso local. Era uma vista incrível. Contra o céu noturno, as luzes coloridas piscando eram ainda mais brilhantes, a promessa de excitação e dinheiro. Apesar dos quilômetros entre a Strip e eu, quase podia sentir a excitação, as infinitas oportunidades. Eu desejei que só uma vez em minha vida me fossem oferecidas as oportunidades que tantas pessoas tinham.

Parecia um local tão romântico para um primeiro encontro. Não tinha imaginado Fabiano como o tipo romântico e talvez ele não fosse. Talvez ele quisesse me levar para algum lugar remoto, para que pudéssemos ficar sozinhos. Meu coração bateu na garganta com a ideia. Seu cheiro quente e almiscarado encheu o carro, e meu corpo reagiu de uma forma que nunca tinha experimentado. Ele estava me observando atentamente enquanto eu observava o horizonte de Las Vegas. Eu

gostaria que houvesse algo que pudesse dizer para quebrar a tensão, mas minha mente estava em branco. Ele estendeu a mão e passou um dedo no meu pescoço e ainda mais ao longo da minha espinha, deixando arrepios em seu caminho. Eu podia sentir tudo por todo o caminho até os dedos dos pés. Fiquei maravilhada com a gentileza de seu toque quando ainda me lembrava de como essas mesmas mãos haviam quebrado os ossos do seu oponente com pouco esforço. *Pare com isso, Leona.*

Se eu começasse a pensar assim, era apenas um pequeno passo para agir sobre isso.

— Vamos sair, — disse ele em uma voz baixa que deixou minha boca seca e meus nervos na borda. Quando ele saiu do carro e fechou a porta, soltei minha respiração. Tentei me resguardar de sua proximidade, mas sabia que no momento em que chegasse perto dele novamente, meu corpo seria um caldeirão de sentimentos conflitantes.

Capítulo Nove

Fabiano

O ar frio da noite encheu meus pulmões. Fiquei feliz pelo alívio do perfume tentador de Leona. Eu queria dobrá-la sobre o capô do carro e me enterrar até o punho nela. Porra, queria fazer isso uma e outra vez. Eu não tinha certeza do porque essas malditas sardas e olhos de centáurea me pegaram, mas fizeram. Talvez ela pudesse ver na minha expressão. Eu nunca a tinha visto mais desconfortável na minha companhia do que naquele carro.

Passei a mão pelo cabelo, ainda úmido do banho anterior. Esmurrei a porra do saco de boxe por muito tempo e quase me atrasei para o encontro. Nos últimos dois anos, lidei principalmente com prostitutas ou dançarinas, e com a ocasional garota da sociedade. Sempre estive claro desde o início sobre o que elas queriam: dinheiro, drogas ou atenção da imprensa. Elas não eram tímidas. Queriam algo *de mim*, então me mostraram o que podiam oferecer. Sexo com elas tinha sido um passeio satisfatório sem me segurar. Leona era diferente.

Sua timidez me irritava e fascinava ao mesmo tempo. Ela era um desafio que nunca tive, e meu corpo estava ansioso por conquistá-la. Muito ansioso.

Ela saiu do carro, parecendo quase confusa. Manteve os olhos treinados na visão abaixo de nós quando deu a volta no carro. Suas mãos estavam segurando a velha mochila brega.

— Você é obcecada por essa coisa, — eu disse, sentindo o desejo irritante de aliviar o clima e deixá-la à vontade.

Ela soltou uma risadinha, os olhos se enrugando. — Eu achei que combinaria com os sapatos. — Ela levantou o pé.

Meu olhar foi para suas sapatilhas de couro verde escuro, depois para a mochila de cor não identificável. Talvez tenha sido bege há muito tempo. Ela era definitivamente a primeira mulher que saía em um encontro comigo, segurando uma porra de mochila. Eu ri. — Lembre-

me da próxima vez que formos fazer compras, de comprar uma daquelas bolsas extravagantes que as garotas ficam loucas.

Suas sobrancelhas se ergueram e depois se juntaram. — Você não pode continuar comprando coisas para mim.

Eu girei meu corpo, então estávamos de pé enquanto nivelava meu olhar sobre ela. Ela não recuou, mas eu podia ver arrepios em seus braços. — Quem vai me impedir?

Remo não se importava se eu gastasse meu dinheiro com mulheres, carros ou propriedades, desde que eu não comesse a apostar ou jogar, ou pior, negligenciasse meus deveres.

— Eu? — Foi mais uma pergunta do que uma afirmação.

— Você está perguntando ou afirmando?

Sua carranca se aprofundou e ela suspirou. — Não sou boa em jogar esses jogos de poder. *Nem quero ser.*

— Quem disse que isso é um jogo de poder?

— Não é assim sempre? Com os homens, trata-se sempre de exercer domínio. E você... — Ela balançou a cabeça.

— E eu? — Eu perguntei.

— Tudo que você faz é um sinal de domínio. Quando te vi na gaiola de combate talvez tenha sido a forma mais relaxada que já vi. Mas fora isso, você é como um caçador, sempre procurando alguém que possa desafiar seu status.

Eu sorri. Ela parecia pensar que me conhecia. Ela tinha visto muito em sua vida. Entendi, mas o mundo em que cresci era um tipo muito diferente de tanque de tubarões. — No nosso mundo, você é caçador ou presa, Leona. Eu sei o que sou. O que *você* é?

Pressionei minhas palmas contra seus ombros nus, então deslizei para baixo, observando sua reação. Ela estremeceu. Não me afastou, mas eu poderia dizer que ela estava pensando sobre isso.

— Presa, — ela admitiu com relutância. — Sempre serei. — Ela olhou além de mim em direção a Las Vegas, parecendo perdida e resignada.

Minhas mãos pararam em suas costas. Esta admissão desprotegida fez algo estranho para mim. Desencadeou um lado protetor e feroz que eu não tinha experimentado em relação a uma mulher desde que era uma criança magricela e tentei defender minhas irmãs. A brisa suave soprava seus cachos castanhos enquanto se perdia na visão da cidade.

Eu me abaixei e beijei sua orelha. Ela soltou um suspiro trêmulo. — Talvez você precise de um protetor, então deixará de ser uma presa fácil.

— Eu sou uma presa fácil? — Ela perguntou baixinho.

Eu não me incomodei em responder. Nós dois sabíamos que ela era. E em uma cidade como esta, uma cidade governada por nós, uma garota como ela estava perdida. — Você quer um protetor?

Ela fechou os olhos enquanto eu beijava a pele abaixo da orelha. Pela primeira vez ela dificultou para mim sua leitura. — E você acha que pode ser meu protetor?

Eu poderia protegê-la contra quase qualquer ameaça. Não contra a Camorra. E com certeza não contra mim. Mas não era algo que eu devesse considerar. — Você me viu lutar. Duvida disso?

Ela abriu os olhos e inclinou a cabeça para mim, olhos azuis suaves e sondando. — Não, — disse. — Mas acho que você e seu modo de vida também são ameaças.

Eu não neguei.

— Por que você quer me proteger?

Para ser sincero, eu não sabia. Talvez Aria tivesse conseguido de alguma forma me atingir, e me deixou furioso pensar nisso. Essa porra de pulseira. Não deveria ter aceitado.

— Não há nada que eu possa lhe dar em troca. — Sua expressão se tornou mais determinada. — Não tenho dinheiro para gastar, e não acho que você queira. Você certamente não precisa disso. E se é outra coisa que você quer, eu não sou esse tipo de garota.

Não é esse tipo de garota. As palavras de Remo sobre a mãe dela passaram pela minha cabeça. Isso era um ato afinal?

Havia uma maneira fácil de descobrir, é claro. Agarrei seus quadris. Seus lábios se separaram em surpresa, mas não dei a ela a chance de expressar um protesto.

Eu a beijei e depois de um momento de hesitação ela me beijou de volta.

Soube imediatamente que ela não tinha muita experiência em beijar. Porra. Essa descoberta foi a última gota. Eu tinha que tê-la. Cada pequena polegada dela. Cada fio de cabelo. Todas as sardas. Todo maldito sorriso tímido. Para mim.

E eu tinha que protegê-la de todos os lobos que ela considerava serem ovelhas. Meus dedos emaranharam em seus cachos, inclinando a cabeça para o lado para me dar um melhor acesso à boca doce.

Deslizei minhas mãos de sua cintura para suas costas nuas novamente, depois abaixei. Suas mãos vieram contra meu peito. Saboreei o gosto dela por mais alguns segundos antes de permitir que ela me afastasse.

Seus cílios escuros se agitaram quando seu olhar encontrou o meu. À luz dos holofotes, não conseguia ver se suas bochechas estavam tão vermelhas quanto eu esperava que estivessem. Levantei minha mão e escovei meus dedos ao longo das maçãs altas do seu rosto. Sua pele estava praticamente queimando de vergonha e desejo. Meu pau se contraiu nas calças.

Ela se afastou de mim, caminhou até a beira da colina em que estávamos e olhou para as luzes brilhantes da cidade.

Deixei meus olhos observarem sua silhueta por alguns momentos, permitindo que ela se recuperasse, antes de me aproximar e parar atrás dela. Ela não demonstrou reconhecer minha presença, exceto pela ligeira contração dos ombros. Seu doce perfume florido chegou ao meu nariz. Tracei a linha da espinha dela com meus dedos, precisando sentir sua pele sedosa.

Leona

Aquele toque inflamou desejos que reprimi por muito tempo. Fabiano sempre me tocava como se não quisesse que eu encontrasse alívio dele. Ele sabia o efeito que tinha em mim?

— Por que me trouxe aqui? — Perguntei.

— Porque achei que apreciaria a vista. Você não esteve em Las Vegas por muito tempo.

— A Strip não seria o melhor lugar para mostrar a alguém a cidade?

Fabiano se aproximou do meu lado e eu fiquei feliz em poder vê-lo novamente. Tê-lo tão perto de mim, tê-lo correndo os dedos pela minha espinha, era muito perturbador.

Ele enfiou as mãos nos bolsos de sua calça, seus olhos azuis vagando pela cidade abaixo de nós. E pela primeira vez peguei o vislumbre mais breve por trás de sua máscara. Este era um lugar que ele frequentava. Eu poderia dizer. Esta cidade era importante para ele. Era seu lar.

Eu nunca tive um lugar para chamar de lar. Como seria olhar para algo ou alguém e sentir-se em casa?

— Há muitas pessoas por perto que não entendem a cidade. Aqui tenho a cidade para mim.

— Então você não gosta de compartilhar? — Eu disse provocativamente.

Ele virou o olhar para mim. — Nunca. Nem mesmo minha cidade.

Estremeci. Assentindo, rapidamente olhei para o horizonte. — Você nasceu aqui?

Eu não era muito perspicaz, mas poderia dizer que ele não estava gostando do rumo da nossa conversa.

— Não. Não nesse sentido que você quer dizer — ele disse baixinho. — Mas eu renasci aqui.

Eu procurei seu rosto, mas ele não demonstrava nada. Seu rosto era todo linhas duras. O silêncio se estendeu entre nós.

— Pensei que isso poderia ser um novo começo para mim também, — eu disse eventualmente.

— Por que você precisaria de um novo começo?

— Toda a minha vida fui julgada pelas falhas da minha mãe. Quero ser julgada por mim mesma.

— Estar à sombra da sua família não é fácil, — disse ele, encontrando meu olhar. Outra pequena rachadura em sua máscara. — Mas ser julgado por seus próprios erros pode ser difícil também.

— Você acha que vou fazer muitas coisas erradas?

Ele sorriu. — Você está aqui comigo. Eu diria que você tem uma forte propensão para as coisas erradas.

Eu temia que ele estivesse certo. — Porque você está na máfia.

— Porque eu sou parte da *Camorra*. — Eu amei o jeito que ele rolou os 'r's quando disse a palavra. Quase podia sentir as vibrações na boca do meu estômago. Mas me perguntei por que ele insistiu que havia uma diferença entre a *Camorra* e a máfia.

— Porque eu sou seu *Executor*.

— Executor, — eu disse incerta. Nunca tinha ouvido esse termo antes. — Então você impõe suas leis como algum tipo de polícia da máfia.

Ele riu. — Algo assim, — ele disse sombriamente. Meu intestino apertou com o tom sombrio em sua voz.

Esperei que ele elaborasse, mas ele parecia contente em me deixar ignorante. Decidi perguntar a Cheryl sobre isso mais tarde. Se eu tivesse um celular, ou se meu pai tivesse um computador em funcionamento, teria procurado o termo no Google, mas, como era necessário, eu precisava contar com canais antigos para conseguir informações. Fabiano obviamente não queria revelar mais sobre o que fazia.

— Pensei que você estaria ansioso para ver a luta de hoje à noite. Eu ouvi que vai ser uma grande luta.

Fabiano deu de ombros. — É, mas assisti milhares de lutas na minha vida, lutei centenas. Não me importo se eu perder uma. — Seus olhos se fixaram em mim. — E eu queria você para mim.

Ele estava envergonhado de ser visto comigo? A pobre garçõete e ele, o grande mafioso.

Esfreguei meus braços, a noite fria me alcançando. Fabiano se pressionou atrás de mim e começou a acariciar meus braços através do tecido fino do meu vestido. Sempre perto, sempre tocando. Sua loção pós-barba picante me envolveu como seus braços faziam. — O que você quer de mim? — Eu sussurrei.

— Tudo.

Tudo.

Essa palavra ainda fez minha respiração engasgar enquanto estava acordada naquela noite após nosso encontro. Não havia como adormecer.

Eu não gosto de compartilhar.

Tudo.

Eu estava curiosa sobre Fabiano. Estava atraída por ele. Mas a curiosidade matou o gato. E temi que estar perto de Fabiano pudesse pôr fim a todos os planos que eu tão cuidadosamente havia feito. Queria vê-lo novamente. Queria beijá-lo novamente, mas sabia que não era uma boa ideia. Não sabia o que fazer.

Apenas deixe acontecer.

Estar com ele me fez sentir bem. Poucas coisas na vida fizeram eu me sentir bem. Por que não me permitir esse pequeno pecado? Porque é isso que ele era: pecado.

No dia seguinte, certifiquei-me de estar no trabalho mais cedo para ter tempo para uma conversa com Cheryl. A outra garçonete de idade desconhecida estava lá também. Seu nome era Mel. Eu tive que esperar até que ela finalmente fosse limpar os vestiários antes que pudesse confrontar Cheryl. Alguns de nossos clientes regulares já estavam sentados em sua mesa favorita, mas podiam esperar alguns minutos. Oficialmente, o bar ainda não estava aberto. Não era como se eles viessem aqui pelo serviço extraordinário, de qualquer maneira.

— Você teve a noite de folga, — foi a primeira coisa que saiu da boca de Cheryl quando Mel desapareceu pela porta dos fundos. — No dia de uma grande luta.

— Eu tive um encontro com Fabiano.

Ela balançou a cabeça, a boca apertando. — Deus, vadia. Você não sabe o que é bom para você?

— O que é um Executor?

Ela suspirou. Apontou para a mesa com os homens. — Sabe Eddie ali?

Eu assenti.

— Seu braço está engessado por causa do seu Fabiano. Eles chamam isso de primeiro aviso.

Meus olhos se arregalaram. Fabiano batia nas pessoas? — Primeiro aviso, — eu disse com cuidado. — Quais são os segundo e terceiro aviso?

Ela sorriu simpaticamente. — Isso depende de quanto dinheiro você deve e em que tipo de humor Falcone e Fabiano estarão. Joelho amassado? Cortar o dedo? Ser espancado até que perca o sentido. — Ela fez uma pausa para causar efeito, avaliando minha reação. — O terceiro aviso fará você desejar a morte.

— E quando as pessoas ainda assim não pagam? — Às vezes as pessoas não poderiam pagar. Poderia acontecer. Eu perdi a conta das vezes em que minha mãe esteve falida. Mesmo uma surra não teria mudado isso. E mesmo que ganhasse dinheiro, ela provavelmente teria usado para metanfetamina.

Cheryl passou um dedo pela garganta dela.

Olhei para as minhas mãos, que estavam segurando o balcão do bar. Eu estaria mentindo se dissesse que não poderia imaginar Fabiano sendo capaz de algo assim. Eu o vi lutar, tinha visto a escuridão em seus olhos.

— Agora você está com dúvidas, — disse ela. — Talvez você tenha sorte e ele perca o interesse em breve. Não é como se esses homens considerassem ter um relacionamento sério com alguém como nós.

Eu endureci. — O que você quer dizer?

— Eles são mafiosos italianos. Gostam de brincar com mulheres normais como nós, mas se casam com virgens italianas de criação nobre. Sempre foi assim. Eu não acho que um novo Capo vai mudar isso.

— Este é o século XXI e não estamos na Itália.

— Pode ser também porque suas tradições e regras são de lá.

Tudo.

Em minha mente boba, eu tinha interpretado a palavra como corpo e mente, mas agora eu me perguntava se Fabiano estava à procura de algumas noites antes de passar para a próxima mulher. Isso tudo era muita bagagem para mim. Ele, sendo um Executor, e a máfia com suas regras antiquadas. Minha vida sempre foi uma bagunça e já era bagunçada o suficiente sem ele adicionar combustível ao fogo. Mesmo que meu corpo sofresse por seu toque, e mesmo que alguma parte idiota de mim quisesse conhecê-lo, o verdadeiro Fabiano, eu tinha que ficar longe dele. Talvez pudesse consertá-lo, mas tinha que consertar minha própria vida antes de poder consertar outra pessoa.

Os negócios estavam lentos naquela noite. A maioria dos clientes havia perdido quantias consideráveis de dinheiro na noite anterior durante a grande luta, e ficaram longe do bar. Eu não teria me importado com um dia ocupado, pois teria me distraído dos meus pensamentos errantes. Quando passei por uma mesa ocupada por dois homens mais velhos que haviam bebido a mesma cerveja por quase uma hora, escutei um trecho de sua conversa que me chamou a atenção.

— O matou. Bem desse jeito. Torceu sua cabeça e quebrou o pescoço. Mas o velho sabia o que estava por vir. Não deveria ter tentado fugir sem pagar sua dívida. Falcone não gosta disso. Eu sempre pago. Mesmo que isso signifique sem comida por dias. Melhor sentir fome do que estar morto.

— Você está certo, — disse o outro homem, então caiu em um ataque de tosse. Ocupei-me limpando a mesa ao lado deles, na esperança de descobrir quem havia quebrado o pescoço de uma pessoa. A mera ideia enviou um arrepio pelas minhas costas. Infelizmente, os homens pareciam ter percebido minha presença e mudaram a conversa para as próximas lutas. Fabiano foi quem matou um homem?

Quando saí do bar as duas e quinze daquela noite, o carro de Fabiano estava estacionado em frente à entrada.

Eu congelei no meio do caminho, meio que esperando que fosse uma coincidência. Ele empurrou a porta do passageiro. — Entre. Não posso deixar você andar sozinha à noite.

Olhando para seu rosto bonito, não tinha certeza se poderia terminar as coisas entre nós. Não tinha certeza se queria. As pessoas raramente cumpriram as promessas que fizeram para mim. Aprendi a esperar decepção, mas aqui estava ele cumprindo sua promessa de me proteger. Pela primeira vez na minha vida havia alguém que poderia me proteger. Minha mãe nunca foi capaz disso. Não com suas próprias mudanças de humor, não com as surras de seus nojentos namorados, não com os insultos infligidos a mim por outras crianças.

Fabiano era perigoso e não era alguém para ficar perto. Mas a ideia de que pela primeira vez na minha vida havia alguém que poderia me manter segura era muito atraente.

Fabiano

Notei sua hesitação quando ela me viu. Como um rato na frente da armadilha, dividido entre provar o queijo e sair correndo.

— O que você está fazendo aqui? — Ela perguntou, os braços em volta de sua mochila velha como se ela precisasse de outra barreira entre nós.

— Eu te disse que iria te proteger, e é o que estou fazendo. Não quero que você ande à noite sozinha.

Ela olhou pela janela do passageiro, escondendo o rosto nas sombras. Meu aperto no volante aumentou. — Você não pode me levar para casa todas as noites. Tenho certeza de que você tem *trabalho* a fazer.

Seus lábios se apertaram e seus dedos cravaram em sua mochila. O que ela ouviu? Sempre houve rumores sobre mim. Os piores eram geralmente verdadeiros.

— Não se preocupe. Eu posso arranjar tempo para coisas importantes.

A Camorra era importante. Remo e seus irmãos eram importantes. Ela não deveria ser.

Ela se virou, as sobrancelhas franzidas. — Importante? Eu sou importante?

Ela não era. Ela era... Não tinha certeza do que ela era para mim. Ficava pensando nela quando não estava por perto. Naquelas malditas sardas e aqueles sorrisos tímidos. Sobre como ela estava sozinha, estive sozinha, mesmo quando ainda morava com a mãe. Eu sabia como era estar sozinho em uma casa com outras pessoas. Meu pai. Sua segunda esposa. As empregadas domésticas.

Eu ignorei a pergunta dela. — Se eu não estiver no estacionamento depois do trabalho, então espere no bar até eu ir buscá-la.

— Não estou no jardim de infância. Não preciso de alguém para me buscar. Nem mesmo você, Fabiano. Não há razão para você fazer isso. Eu posso me proteger.

Eu parei na rua dela.

Depois que desliguei o motor, me virei para ela. — Como?

— Eu apenas posso, — disse ela defensivamente.

Eu balancei a cabeça em direção a sua mochila. — Com o que está aí.

— Como você... — Seus olhos se arregalaram uma fração antes de se controlar. — É um problema meu, não é?

— Antes era. Agora é meu. Não gosto da ideia de alguém colocando as mãos imundas em você.

Ela balança a cabeça. — Nós não estamos juntos, estamos? Então não vejo como é da sua conta.

Eu me inclinei, mas ela recuou contra a porta do passageiro. Então é assim que vai ser? — O beijo que compartilhamos significa que é da minha conta.

— Não vamos nos beijar de novo, — disse ela com firmeza, com determinação.

Eu sorri. — Vamos ver. — Eu sabia que ela estava atraída por mim. Senti o quão forte o beijo a afetou, como seus olhos se dilataram com a luxúria. Talvez sua mente estivesse dizendo a ela para ficar longe, mas seu corpo queria ficar muito mais perto, e eu a faria ceder a esse desejo. Mesmo agora, quando me aproximei dela, pude ver o conflito em sua linguagem corporal. A maneira como seus olhos corriam para meus lábios e seus dedos agarravam sua mochila ao mesmo tempo.

— Você não pode me forçar, — ela disse, depois mordeu o lábio, reconsiderando.

— Eu poderia, — eu disse com um encolher de ombros, em seguida, me recostei no meu lugar, dando-lhe espaço. — Mas não vou. — Não havia diversão em usar meu poder ou força para conseguir o que eu queria. Não com Leona. Queria conquistá-la. Queria muitas coisas.

Ela segurou a maçaneta da porta, mas eu coloquei a mão no joelho dela. Ela estremeceu sob o meu toque, mas não se afastou. Sua pele era quente e macia, e tive que reprimir a vontade de arrastar minha mão por baixo da saia e entre as pernas. — O que você usa para se defender?

Ela hesitou.

— Acredite em mim, Leona, não importa se é faca, arma ou Taser. Não vai adiantar contra mim.

— É uma faca. Um canivete borboleta.

Eu teria apostado em Taser. As mulheres geralmente as preferiam ou spray de pimenta, porque era menos pessoal do que ter que enfiar uma lâmina na carne de alguém. — Alguma vez você já usou?

— Você quer dizer em alguém?

— Claro. Não me importa se você pode fazer um sanduíche com ela.

Raiva brilhou em seus olhos azuis, e tive que admitir que gostava de ver aquele tipo de fogo neles, porque ela foi tão dócil e gentil na primeira vez que conversamos. Ela desse jeito prometia mais diversão em outras partes.

— *Claro que não.* Ao contrário de você e seus amigos da máfia, não gosto de matar pessoas.

Amigos? A máfia não era sobre amizade. Era sobre dedicação e lealdade. Sobre honra e compromisso. Eu não tenho amigos. Remo e seus irmãos eram o mais próximo de amigos que eu tinha, mas o que nos conectava era mais forte. Eles eram como família. Minha família escolhida. Não me incomodei explicando tudo isso para Leona. Ela não entenderia. Para um estranho, este mundo não era compreensível.

— Você não tem que gostar de matar para ser bom nisso. Mas duvido que você tenha a chance de considerar matar alguém. Acho que você seria desarmada em pouco tempo e provavelmente sentiria o gosto da sua própria lâmina. Você tem que aprender a lidar com uma faca, como segurá-la e onde mirar.

— Você não negou, — ela sussurrou.

— Negar o quê?

— Que matou pessoas, que gosta disso. — Eu não disse que com algumas pessoas havia um pouco de alegria em acabar com suas vidas. E eu sabia que matar meu pai um dia superaria todos os outros assassinatos até agora. Leona pareceu sinceramente intrigada com a minha reação. Ela ainda não havia compreendido o conceito de ser um Homem Feito?

Em vez de responder, toquei na tatuagem do meu antebraço.

Ela estendeu a mão, as pontas dos dedos enfeitando as linhas pretas de tinta. Seu toque era sempre tão cuidadoso. Eu nunca tinha sido tocado assim por uma mulher. Geralmente elas passavam as unhas nas minhas costas, seguravam e acariciavam. Não havia nada de cuidadoso nesses encontros. Eu gostava, mas isso... Porra, disso eu gostava mais.

— Você poderia removê-la? Poderia deixar de ser o que é?

Eu não conhecia nenhuma outra vida. Nos poucos dias em que não fiz parte da Outfit e ainda não fazia parte da Camorra, antes de encontrar Remo ou antes de ele me encontrar, tinha sido como um tronco no oceano, preso na maré, sem destino para minha jornada. Dias que parecera a eternidade. Eu estava à deriva. — Poderia. Mas não vou. — Remo, claro, não me permitiria desistir. Este não era um fodido trabalho que você poderia dar um aviso prévio de duas semanas. Isso era para a vida. — Como você disse, isso é quem eu sou.

Ela assentiu. Talvez finalmente tivesse aceitado.

— Vou te ensinar como usar essa faca e como se defender.

Ela parecia cansada. Talvez por isso não tenha tentado argumentar, mesmo que tenha percebido que ela queria. Ela abriu a porta e saiu. Virou-se para mim. — Durma bem, Fabiano. Se sua consciência permitir. — Ela fechou a porta e se dirigiu para o prédio.

Quando comecei meu processo de indução na Outfit, me senti culpado pelo que vi os outros fazendo. E, mais tarde, quando comecei a lutar ao lado de Remo, me senti mal por algumas das coisas que fiz, mas agora? Não mais. Depois de anos sendo um executor, não sentia mais nada. Sem arrependimento ou culpa. As pessoas sabiam no que estavam se metendo quando nos deviam dinheiro. Ninguém entrava nisso sem uma falha própria. E a maioria desses caras venderia sua própria mãe se isso significasse ter dinheiro para jogar, apostar ou comprar merda.

Eu nunca tive que matar um inocente. Não havia inocentes em nossos bares e cassinos. Eles eram almas perdidas. Fodidos estúpidos que perderam a casa da família porque passaram noites jogando.

Leona era inocente. O desespero a levou a trabalhar no bar de Roger. Eu esperava que ela nunca entrasse no fogo cruzado. Não gostava da ideia de ter que machucá-la.

Capítulo Dez

Leona

Houve muitas noites sem dormir por causa do barulho vindo do quarto da minha mãe. Porque ela estava com um John ou porque estava tendo um ataque de choro induzido por drogas. Mas agora o barulho na minha cabeça me mantinha acordada.

Os olhos azuis de Fabiano brilharam diante do meu intraocular. Frio e calculista. Atento e alerta. Raramente mais alguma coisa. Exceto quando nós nos beijamos. Houve uma emoção mais calorosa nele. Talvez apenas desejo ou luxúria, mas queria pensar que era outra coisa também.

Pressionei as palmas contra o rosto. *Pare com isso.*

Eu precisava parar de ver algo nele. Precisava parar de querer seu toque quando as mesmas mãos faziam coisas horríveis para os outros, coisas que não conseguia nem imaginar, coisas que eu nem queria saber.

Havia um fascínio doentio que eu não podia negar nem suprimir. A máfia sempre foi algo tirada dos filmes, algo misterioso para mim. Eu sabia que esta era a vida real, não um filme de Hollywood com um bom final. Mafiosos na vida real não eram anti-heróis incompreendidos. Eles eram os bandidos, aqueles que você não queria encontrar.

Ruim. Era um termo tão difícil. O que tinha de ruim?

Estava tentando amenizar. Era algo que eu tinha muita prática em fazer. Me torci e virei, em seguida, eventualmente sentei no colchão e peguei minha mochila no escuro.

Enfiei minha mão e encontrei a faca. Eu puxei para fora, em seguida, apertei o botão que fazia a lâmina disparar com um clique suave. O aço da lâmina brilhava a luz do luar que entrava pelas janelas cobertas de poeira. Nunca usei isso, não de verdade. Apontei para alguém uma vez. O mesmo cara que eu tinha roubado. Ele tinha sido um dos homens da minha mãe. O pior tipo. O tipo que gostava de bater

e insultar mulheres como minha mãe, do tipo que gostava de fazê-las se sentirem ainda mais como uma porcaria do que já se sentiam. Que gostava de negociar o preço depois que o acordo foi feito e muitas vezes paga quase nada. Se minha mãe não estivesse desesperada, ela provavelmente não o teria tido mais do que uma vez, não depois que ele mal lhe pagara qualquer coisa por chupar seu pau nojento e fazer outras coisas repugnantes.

Estava trancada no meu quarto quando os ouvi discutir, e apesar dos avisos de minha mãe de manter meu quarto trancado em todos os momentos em que ela tinha clientes, a briga me atingiu.

Encontrei suas calças no sofá. E decidi verificar o dinheiro nelas. Em vez disso, encontrei a faca. Escondi nas minhas costas quando ele e minha mãe saíram de seu quarto. Minha mãe estava seminua e ele também só usava meias e cuecas.

— Você não vale trinta dólares.

— Seu idiota, eu deixei você gozar na minha boca sem camisinha.

— Como se sua boca suja valesse alguma coisa.

Ele parou quando me viu. Um sorriso doente curvou seus lábios. — Para ela eu pagaria trinta.

Eu tinha quinze anos naquela época.

Ele deu um passo em minha direção. Os olhos da minha mãe dispararam de mim para ele. Eles estavam nebulosos e desfocados. Ela precisava de metanfetamina.

Empurrei a faca para frente e soltei a lâmina.

— Essa merdinha roubou minha faca, — ele rosnou.

— Não se mexa. Ou vou te esfaquear.

Eu queria, e provavelmente teria, sem remorso, se minha mãe não tivesse começado a socá-lo com os punhos, gritando. — Saia! Saia, seu fodido doente! Afaste-se de nós!

Ele tinha saído sem as calças, murmurando maldições e nos deixando com sessenta dólares e uma faca.

Movi a faca de um lado para o outro, estudando-a ao luar. Eu sabia que seria capaz de usá-la se fosse necessário. Não era tão inocente quanto Fabiano talvez achasse. Eu sabia que havia pessoas lá fora que mereciam morrer. Deslizei a lâmina de volta, então enfiei debaixo do meu travesseiro. Fabiano acendeu um lado meu que eu não gostava, um lado que tinha prosperado sob os duros anos crescendo com uma prostituta como mãe e um viciado em jogos de azar como pai. Talvez por isso a proximidade de Fabiano me assustava.

Talvez eu tenha me preocupado que ele trouxesse minhas partes escuras. Afinal, eu era filha dos meus pais e eles não eram bons. Sempre tive a certeza de tentar ser melhor, não suspeitar do pior nas pessoas. Aprendi a sorrir mesmo quando era difícil.

Não tinha certeza de onde isso estava indo entre Fabiano e eu. Mas lutar contra isso era algo que custava muita energia e espaço para a cabeça, os quais eu precisava se quisesse construir uma nova vida. Se mantivesse meu foco no trabalho e talvez encontrasse um novo emprego, eu sairia de Vegas em alguns meses. Fabiano seria uma coisa do passado então.

Alguém bateu na minha porta. Eu olhei ao redor, meus olhos turvados. O sol estava baixo no céu. A porta se abriu e papai entrou.

Eu me sentei sonolenta. — O que está errado? Que horas são?

— Você precisa me dar algum dinheiro. Sei que você deve ter conseguido dinheiro no trabalho esta semana.

Eu tinha ganhado dinheiro, mas além de comprar comida para nós, deixei guardado para finalmente comprar outro (menos caro) vestido. Esfreguei meus olhos, tentando me livrar do nevoeiro cerebral. — Pensei que você estivesse trabalhando também.

Ele não disse nada por um tempo. — Eles me demitiram.

— Antes de eu chegar aqui?

Ele suspirou, depois assentiu. Então ele mentiu para mim. — Leona, eu realmente preciso desse dinheiro.

— Para quem você está devendo dinheiro? Para a Camorra?

— Não importa.

— Importa sim. Eu poderia falar com Fabiano...

— Você é estúpida? Só porque ele está transando com você, não significa que vai ouvir qualquer coisa que você diga.

Eu fechei meus lábios, de repente bem acordada. Ele realmente disse isso?

— Não me dê esse olhar. As pessoas estão falando. Você foi vista andando em seu carro. Estão te chamando de prostituta.

Meu estômago apertou com o insulto. Eu lutei tanto para nunca receber esse rótulo, e agora, longe da minha mãe, em Las Vegas, as pessoas realmente me chamavam de prostituta.

— Isso não é da sua conta, — gritei, ficando com raiva. Eu não queria atacá-lo, mesmo que ele merecesse por mentir para mim constantemente. — Não tenho dinheiro para você.

— Eu deixo você morar aqui, e é isso que ganho?

Ele estava bêbado. Tornou-se mais e mais óbvio. — Eu pago pela nossa comida. Eu limpo o apartamento e você já recebeu dinheiro de mim.

Mesmo que ele tenha me machucado com seus insultos, eu ainda me sentia culpada por recusar.

Sem uma palavra, ele entrou e pegou minha mochila. Ele vasculhou, mas eu aprendi da última vez. Ele me fez pular quando agarrou meu pulso, me arrastando para meus pés. — Diga-me onde está.

Senti o cheiro de tequila em sua respiração. Sempre foi a favorita dele e da minha mãe.

Seu aperto era ainda mais forte do que da última vez. Lágrimas queimavam nos meus olhos quando eu me desliguei, — Me deixe ir. Você está me machucando.

— Me. Diga. Onde. Está. — Ele me sacudiu com cada palavra que disse.

Raiva, quente e ofuscante, queimou através de mim. — É por isso que a mãe te deixou. Porque sempre se perdia e batia nela. Você não mudou nada. Você me dá nojo.

Ele me empurrou para longe, então caí de volta no colchão, antes que ele se virasse. Então ouvi outra voz masculina. Endureci quando as vozes se aproximaram. Rapidamente fiquei de pé e puxei meu jeans curto sobre a calcinha. Papai entrou dizendo: — Ela tem boa aparência. Vá até ela. Isso deve pagar minha dívida.

Respirei fundo. O vício transformava até mesmo as pessoas mais gentis em criminosos implacáveis, e meu pai nem era desse tipo. Ainda assim nunca pensei que ele faria algo assim comigo. Que ele era a razão pela qual minha mãe tinha vendido seu corpo era algo que eu suspeitava o tempo todo.

Papai apontou na minha direção. Um homem de cabelos escuros com mechas cinza entrou. Parecia familiar demais, e um olhar para o antebraço me mostrou que ele fazia parte da Camorra. Meu peito se contraiu de terror. Endireitei meus ombros, meus olhos correndo para minha mochila no chão entre eles e eu. Eu queria que Fabiano estivesse aqui, e essa percepção também me assustou.

Os olhos escuros do homem examinaram meu rosto, então ele balançou a cabeça. — Não podemos, Greg. Ela pertence a Scuderi.

O quê? Eu me impedi de corrigi-lo. Se pertencer a Fabiano significava que eu estava a salvo do meu pai me vendendo como gado, então estava feliz por ser dele - por enquanto.

Papai balbuciou e abriu a boca para discutir, mas o mafioso se virou para ele e bateu com o punho no seu rosto. Sangue saiu de seu nariz e ele caiu de joelhos. — Soto, — ofegou. Mas Soto bateu nele de novo e de novo. Pulei o colchão e agarrei o braço do homem, tentando afastá-lo do meu pai. Talvez papai merecesse, mas não suportaria ver isso. Não podia me afastar e vê-lo sendo espancado até a morte.

Soto me empurrou para o lado, então tropecei para trás e aterrissei com a bunda no colchão, mas ele finalmente desistiu do meu pai. — Duas horas, — disse ele. — Então eu volto.

— Não, espere, — chamei quando ele estava no meio da porta. Papai estava sentado com a cabeça entre os joelhos, o sangue do nariz e do lábio pingando no chão. Fui até as caixas móveis empilhadas contra a parede e alcancei atrás da que estava no chão, tirando todo o

meu dinheiro. Duzentos dólares. Eu entreguei a Soto. Ele contou o dinheiro sem uma palavra. Ele deu um aceno de cabeça e simplesmente desapareceu.

— Quanto você deve a ele? — Perguntei.

— 150, — papai respondeu.

— Mas ele levou duzentos.

— Isso é por ele me fazer uma visita, — meu pai disse amargamente. Ele se levantou, uma palma sangrenta contra a parede. — Se você tivesse me dado o dinheiro imediatamente, isso não teria acontecido. É sua culpa.

Ele saiu do meu quarto, deixando apenas a marca sangrenta da palma da mão na parede cinza. Eu afundei no colchão, drenada.

Fabiano

Chutei o saco de areia mais uma vez. Realmente precisava de outra luta em breve.

Soto atravessou a sala de treinamento em minha direção. Sua expressão era um pouco triunfante demais para o meu gosto. Isso nunca era uma coisa boa com o idiota. — Hall me ofereceu sua filha como uma maneira de pagar suas dívidas, — disse Soto, parando ao meu lado.

— Hall? — Eu perguntei, o nome estava tocando uma campainha em algum lugar. Ele não era alguém que nos devia muito dinheiro, ou eu teria sido enviado para cuidar dele. Não é importante.

— Leona Hall.

Ele não teve a chance de dizer outra palavra. Empurrei-o contra a parede e enfiei meu cotovelo em sua garganta. Sua cabeça estava ficando vermelha, depois roxa, antes de eu diminuir um pouco. — Se você tocou um fio de cabelo em seu corpo, eu vou rasgá-lo em pedaços.

Ele tossiu, me encarando intensamente. — Que porra é essa? Eu não fiz nada.

Remo entrou, olhando entre mim e Soto, ainda pressionado contra a parede. Eu soltei o Soto e dei um passo para trás. Ele esfregou a garganta. — Da próxima vez eu não vou dizer nada sobre essa sua garota. — Ele enfiou a mão no bolso e jogou uma pilha de notas no chão. — Aí. Isso é o que ela me deu. — Com um aceno para Remo, ele cambaleou.

Remo empoleirou-se na beira do ringue de boxe, cotovelos nas coxas, olhos escuros atentos. — O que foi aquilo?

— Nada importante.

Remo inclinou a cabeça para o lado, me estudando. Eu odiava quando ele fazia isso. — Suponho que tenha algo a ver com *essa sua garota*.

Há quanto tempo ele estava ouvindo a conversa? Droga.

— Eu não gosto de compartilhar minhas coisas, — disse com raiva.

— Quem gosta? — Disse Remo. — Se ela está fazendo seu sangue ferver assim, talvez devesse ter dado a ela uma chance antes de permitir que você a reivindicasse.

Meu sangue ferveu, mas mantive uma máscara de calma no lugar. Remo estava me provocando. Ele nunca tiraria uma mulher de mim, nem eu dele. Essa seria a traição final.

— Você perdeu uma luta espetacular. Savio destruiu seu oponente.

— Bom para ele. As pessoas vão parar de pensar que você o favorece porque ele é seu irmão. Vão ver que ele pode lidar com tudo sozinho.

Remo assentiu. — Você trabalhou muito com ele.

Fiquei feliz que ele não pressionou o assunto sobre Leona.

Nós continuamos discutindo as próximas lutas e os planos de Remo para uma expansão das corridas ilegais, mas minha mente

continuava voltando ao que Soto havia dito. Eu precisava falar com o pai de Leona.

Ele me lembrava do meu próprio pai bastardo, que também teria me vendido se isso significasse ganhar uma vantagem. Ele tinha vendido minhas irmãs para os maridos, afinal. Raiva velha e enterrada ressurgiu. Isso me pegou de surpresa.

Depois que saí do cassino abandonado, fui ao apartamento de Leona, mas ninguém estava em casa. Eu nunca havia lidado com o pai dela. Depois de questionar alguns dos meus contatos, descobri onde ele costumava passar o dia, perdendo dinheiro e bebendo em um estupor.

Era um dos cassinos menores e definitivamente mais pobres que possuíamos. O carpete azul-marinho havia se desbotado em muitos lugares em um azul acinzentado, e as queimaduras de cigarro e manchas não identificáveis só aumentavam a imagem geral. Deixei meu olhar vagar pela longa sala com teto baixo cheia de máquinas caça-níqueis, assim como máquinas para Black Jack, pôquer e Roleta. Este lugar não era lucrativo o suficiente para investir em mesas reais de Roleta ou pôquer. Os caras que frequentavam este cassino não tinham altos padrões de qualquer maneira. Nas telas, à esquerda do bar, a luta de Savio e a última corrida de rua eram mostradas. Eu tinha que admitir que Savio tinha se moldado bem. Com seus dezesseis anos, ele havia vencido um oponente muito mais velho e experiente. Por mais arrogante que fosse, ele não se esquivou do trabalho duro.

Dick, o gerente do cassino, correu na minha direção no momento em que me notou. Eu não tinha estado aqui antes. Este era geralmente um cassino que um dos baixos soldados lidaria se houvesse um problema.

— Sr. Scuderi, — ele disse com um pouco de medo de morrer. — O que posso fazer por você?

Esse nome sempre me lembrava do meu pai, e ser comparado a ele era a última coisa que eu queria. Meu humor caiu ainda mais, mas mantive minha raiva sob controle. Dick não era o que eu queria.

— Você pode me dizer onde está Greg Hall, — eu disse.

Ele não perguntou por quê. Só apontou para o canto direito.

O pai de Leona estava sentado em uma máquina de black jack. Ele apenas forçou sua filha a pagar suas dívidas e já estava

jogando fora o dinheiro que provavelmente pegou emprestado de um dos nossos agiotas. Se eu o matasse agora, faria um favor a Leona. Ela provavelmente não veria assim.

Eu inclinei minha cabeça em reconhecimento, então o deixei parado ali e fiz meu caminho em direção ao desprezível covarde.

Ainda estava a poucos passos quando o pai de Leona me viu. Deixou cair o copo de plástico com as batatas fritas e saltou do banquinho, depois foi direto para a saída. Eu dei um sinal para o guarda de segurança na porta, cujo corpo encurralou Hall. Eu não correria atrás desse filho da puta. Ele nem sequer valia tanto esforço. Hall tentou se levantar, mas o guarda o empurrou de volta e o manteve no lugar até eu chegar ao seu lado.

— Vou levá-lo daqui, — disse-lhe, em seguida, agarrei Hall pela gola de sua camisa e arrastei-o para fora em direção ao estacionamento, em seguida, ao virar da esquina para as lixeiras. Ele estava fazendo sons sufocados, o que eu gostei muito.

Soltei-o e ele se mexeu em volta. — Eu paguei!

— Você acha que estou vindo até esse buraco fedorento por causa de malditos cem dólares?

Isso o silenciou. Seus olhos azuis opacos não eram nada parecidos com os de Leona. Que alguém como ele pudesse ser pai de alguém como ela, não parecia possível.

— E sua dívida não está paga. Soto pode ter aceitado o dinheiro de sua filha, mas eu não vou. Esse dinheiro, você está me devendo agora, e eu não vou ser muito paciente com você.

— Mas, — ele gaguejou.

— Mas? — Eu rosnei e lhe dei um soco forte no estômago. — E como você se atreve a tentar vender algo que é meu?

Os olhos de Hall eram como pires.

— Sua filha. Ela pertence a mim. Então você acha que pode oferecê-la a outros homens, sim?

Ele balançou sua cabeça. — Foi um mal-entendido. Eu não sabia que ela era sua.

Meu lábio enrolou em desgosto com a porra de sua covardia. Agarrei-o e o virei, então ele estava esparramado de bruços. Então levantei sua camisa suada e puxei minha faca do suporte na minha perna. Ele começou a lutar contra o meu aperto, mas não me acalmei. Cavei a ponta da faca em sua pele. O sangue subiu. Uma visão maravilhosa. Ele gritou como uma garotinha enquanto eu cortava um 'C' em sua pele. — C significa covarde. Da próxima vez eu vou terminar a palavra. Entendeu?

Ele assentiu fracamente contra o asfalto, ofegante.

Eu levantei. Ele fez xixi na porra da calça. Fodido desperdício de ar e espaço. Com um último olhar para o homem repugnante no chão, entrei no meu carro. Eu precisava ver Leona.

Capítulo Onze

Leona

Apesar da minha falta de sono devido ao despertar rude do meu pai, estava cheia de energia durante todo o dia. Meu pulso ainda estava batendo com raiva e decepção sobre o que aconteceu. Eu não sabia por que ainda me desequilibrava quando um dos meus pais estragava tudo. Eles tinham o hábito de fazê-lo, mas me oferecer ao seu devedor como uma prostituta? Isso foi baixo até para o meu pai. O desespero não explicava tudo.

— Você está limpando o mesmo copo por quinze minutos. Acho que está o mais limpo possível, — Fabiano falou lentamente.

Eu pulei, meus olhos focando nele. Ele estava inclinado contra o bar, os cotovelos apoiados na madeira lisa e um olhar penetrante em seu rosto. Eram apenas oito horas. Eu ainda tinha quase seis horas de trabalho pela frente, então o que ele estava fazendo aqui?

Deixei o copo de lado e Fabiano pegou meu antebraço me puxando para mais perto. Ele examinou as novas marcas em forma de impressão digital no meu pulso. Eu tinha me esquecido delas.

Seus olhos estreitaram, sua boca em uma linha dura. Ele passou o polegar levemente sobre o hematoma antes de soltá-lo. — Amanhã vou buscá-la em casa por volta das dez horas. Eu vou te ensinar a se defender.

Surpreendeu-me ele não perguntar quem me machucou. A não ser, claro, que tenha descoberto o que aconteceu de alguma forma. Ele confirmou minhas suspeitas quando deslizou duzentos dólares para mim. Rapidamente olhei em volta para me certificar de que ninguém estava assistindo. Eu não precisava de especulações sobre o motivo da troca de dinheiro. — Aqui está o seu dinheiro de volta.

— Meu pai, — eu engoli. — Ele está bem? — Não podia acreditar que precisei perguntar.

— Ele está bem.

Eu balancei a cabeça e olhei para o dinheiro. — Mas eu paguei sua dívida. Se você me der o dinheiro de volta, ele estará em apuros.

— Essa não é a sua luta, Leona, — Fabiano murmurou. — Seu pai vai continuar perdendo dinheiro e eventualmente vai morrer por causa disso. Não deixe ele te arrastar para o fundo do poço com ele. Não vou permitir isso.

Eu sabia que ele estava certo. Papai provavelmente já estava perdendo dinheiro que não tinha enquanto conversávamos. Ele não conseguia agir de outra maneira. Ele deixou o vício dominar sua vida. Duvidava que ele ainda considerasse ir para a reabilitação. Eu vi com a minha mãe que a reabilitação não salvaria se você não tivesse a força de vontade para seguir em frente.

— Pegue o seu dinheiro, — Fabiano empurrou as notas na minha direção. — E use para si mesma, pelo amor de Deus.

Peguei o dinheiro e guardei na minha mochila. — Você quer beber algo enquanto está aqui? — Eu peguei o Johnie Walker Blue Label da prateleira.

— Você se lembra, — disse ele com um sorriso.

— Claro, — eu disse simplesmente. Eu me lembrava de cada momento de nossos encontros. Eles eram a luz do meu dia em Las Vegas até agora, por mais ridículo que possa parecer. Eu lhe servi uma quantidade generosa. Não era como se Roger se importasse. A Camorra possuía tudo de qualquer maneira.

Fabiano tomou um grande gole, depois segurou o copo na minha direção. — Quer provar?

Soava sujo do jeito que ele dizia. — Não. Eu não bebo. Nunca.

Ele assentiu como se entendesse, depois tomou o resto de seu uísque e afastou-se do bar. — Eu ainda preciso resolver alguns negócios. Vejo você em algumas horas.

Então ele realmente pretendia me levar para casa todas as noites. Eu observei suas costas largas enquanto ele caminhava pelo corredor, seu andar elegante e ágil como o de um predador.

Às vezes me perguntava se eu era sua presa, se isso era uma divertida perseguição para ele, que logo o cansaria. Eu não tinha certeza se era algo que deveria esperar.

Ele não tentou me beijar novamente quando me levou para casa naquela noite, não desde o nosso primeiro beijo. Talvez ele sentisse que eu o afastaria.

— Amanhã de manhã, vou buscá-la. Vista algo com o qual você possa se exercitar.

Eu saí. Fabiano esperou até eu entrar no nosso apartamento antes de partir.

A luz do apartamento estava apagada quando entrei. Eu a liguei e estava indo para o meu quarto quando notei um movimento no sofá na sala de estar. Papai estava sentado com a cabeça baixa, gemendo. Eu me aproximei dele devagar.

Primeiro notei as garrafas de cerveja vazias na mesa. Se ele parasse de jogar fora dinheiro com álcool, estaria melhor. Então meus olhos foram atraídos para suas costas nuas e uma marca vermelha brilhante.

Liguei as luzes da sala de estar. Alguém havia esculpido um 'C' nas costas dele. O sangue secou ao redor da ferida. Não parecia que papai a tratara de qualquer maneira, exceto por entorpecer a dor com álcool, é claro.

Papai não reconheceu minha presença. Ele manteve o rosto enterrado nas palmas das mãos e soltou um gemido baixo.

— Papai?

Ele grunhiu.

— Quem fez isso? — Eu sabia a resposta, claro.

Papai não respondeu. Ele provavelmente estava bêbado, considerando o número de garrafas vazias que cobriam o chão. Eu me virei e fui para o banheiro pegar uma toalha, a encharquei com água fria, depois procurei nos armários por algo para colocar na ferida. Exceto pelo Tylenol vencido e alguns band-aids sujos, eles estavam vazios.

Voltei para a sala e toquei o ombro do pai para alertá-lo da minha presença. — Eu vou limpar sua ferida, — eu avisei. Quando ele não reagiu, gentilmente pressionei a toalha fria no corte.

Ele soltou um silvo e me atacou. Evitei ser atingida por seu cotovelo por centímetros. — Shh. Estou tentando ajudá-lo, pai.

— Você já fez o suficiente. Deixe-me em paz!

Seus olhos injetados de sangue brilharam de raiva quando ele olhou para mim.

— Você deveria ir a um médico, — falei baixinho, depois coloquei a toalha molhada na mesa à sua frente, para o caso de ele decidir limpar a ferida.

Ele voltou para sua posição curvada e me ignorou.

Fui para o meu quarto e fechei a porta, cansada de um longo dia de trabalho e do que tinha visto. Fabiano tinha marcado meu pai como punição pelo que ele fez. Eu não me enganei achando que essa pequena ferida era a extensão do que Fabiano faria com meu pai se ele errasse novamente.

Eu não tinha certeza se poderia parar Fabiano. Não tinha certeza se tinha energia para tentar. Eu estava cansada de resolver problemas de outras pessoas, quando tinha os meus próprios.

Estava vestida com meu short jeans e uma camiseta solta quando Fabiano me pegou às dez.

Suas sobrancelhas se elevaram quando viu minhas roupas. — Não foi isso que eu quis dizer quando lhe falei para usar roupas confortáveis.

— Eu não possuo nenhuma roupa de treino. E para ser honesta, esta é uma das três roupas que possuo no total, incluindo o vestido que você comprou para mim, — eu disse sarcasticamente.

Fabiano olhou para mim por um longo tempo, depois colocou o carro em movimento.

— Eu vi o que você fez com meu pai, — eu disse a ele.

Nenhum sinal de culpa apareceu em seu rosto. — Ele teve o que mereceu. Se ele não fosse seu pai, estaria pior.

— Isso é você sendo tolerante? — Eu perguntei incrédula.

— Se é assim que você quer chamar.

Não foi a primeira vez que meu pai se meteu em problemas assim. Quando tinha cerca de dez anos e morava com meus pais em Dallas, ele devia dinheiro a um grupo de motoqueiros. Os caras quase o espancaram e a minha mãe até a morte por causa disso. Isso não impediu meu pai de pedir dinheiro emprestado novamente.

Inclinei-me contra o assento, minha cabeça virada em direção a Fabiano. Ele estava dirigindo o carro com uma mão, a outra descansando de um jeito descontraído no console central. Perguntei-me se o seu exterior frio refletia seu lado interno. Será que ele realmente estava tão à vontade com sua vida?

Meus olhos se demoraram na sombra escura da barba de cinco horas. Era a primeira vez que o via com qualquer coisa além de um rosto perfeitamente barbeado e isso me fez querer passar meus dedos pela barba cerrada.

Pecado. Isso era o que ele era.

Ele olhou para mim, seus lábios se curvando e eu desviei meu olhar. Brincar com fogo nunca fizera parte do meu plano de vida. Então por que não conseguia parar de pensar no homem ao meu lado?

Ele parou em frente a um opulento edifício de concreto branco, com pelo menos dez andares de altura, com uma entrada em arco, protegida por um longo telhado com milhares de lâmpadas em várias cores, a maioria delas quebradas. Um prédio de Cassino abandonado, percebi quando entramos pela porta giratória de vidro para o salão de jogos. O silêncio substituíra o som das roletas girando e das máquinas caça-níqueis. O lustre vermelho e dourado estava coberto de poeira, e um ar de abandono pairava sobre as mesas de pôquer vazias e o bar de champanhe. Taças de champanhe quebradas cobriam o balcão de bar preto. Aqui é onde treinaríamos? — Vamos, — disse Fabiano, e passou pela cabine do caixa deserta. O tapete vermelho e azul estava gasto por milhares de pés. Eu o segui, respirando o cheiro de mofo. Fabiano não ficou impressionado com o que nos cercava. Ele estava na sua zona. Eu já podia ver uma mudança em seu comportamento, como se ele

estivesse ansioso pela luta. Talvez a emoção disso fosse seu vício. Talvez todos tivessem um vício.

Saímos do primeiro salão de jogos e entramos no próximo; este ainda mais esplêndido que o primeiro. Lustres de cristal pendiam de tetos altos acima da nossa cabeça e o tapete fofo suavizava nossos passos enquanto meus olhos examinavam as colunas de mármore preto e o papel de parede ornamentado com dourado. A maioria das mesas de roleta havia sido removida, mas algumas permaneceram. Elas não eram mais a atração principal.

Uma gaiola de luta e um ringue de boxe dominavam o centro do salão. Sua brutalidade gritante contrastava com o luxo do passado. E aleatoriamente posicionados entre as mesas de roleta restantes estavam supinos, sacos de pancada e outros equipamentos de levantamento de peso. Cortinas vinho pesadas cobriam as janelas em forma de concha. O sol brilhava através da fresta entre elas. Fabiano virou um interruptor e os candelabros nos banharam com seu brilho dourado e lascado. Isso não era o que eu esperava.

— Então é aqui que você vem para lutar?

Fabiano sorriu. — É aqui que eu venho treinar e às vezes luto, sim.

— É sempre tão vazio?

— Depende. É principalmente para o meu chefe, seus irmãos e eu. Poucas outras pessoas já vieram aqui.

— E eu tenho permissão? — Perguntei.

Ele não disse nada, apenas me levou a uma porta de mogno escuro, depois a um corredor com pintura ondulada e carpete rasgado, viramos em um canto e atravessamos outra porta e de repente estávamos em uma área de piscina. Esta sala foi renovada recentemente. Eu não tive a chance de me registrar mais do que a grande piscina feita de aço inoxidável e a banheira de hidromassagem em uma plataforma elevada à direita. — Precisamos encontrar um short de treinamento decente, — disse Fabiano enquanto me puxava para o vestiário adjacente.

Era funcional como a área da piscina, nada chique ou esplêndido.

— Por que esse lugar?

Fabiano deu de ombros enquanto vasculhava uma cesta com roupas. — Remo quis isso, então ele conseguiu.

— Mas não é caro impedir que o lugar desmorone? É um prédio enorme.

— Algumas partes estão caindo aos pedaços. Mas nos custa mais dinheiro do que um ginásio normal. Ainda assim, o que é a vida sem a decisão irracional ocasional?

Seus olhos azuis seguraram os meus, e o nervosismo que consegui acalmar com a minha curiosidade sobre o edifício retornaram com força total. Fabiano puxou o short vermelho da cesta. — O irmão mais novo do meu Capo usa isso. Talvez eles se encaixem em você.

Eu os peguei dele. — Capo? — Eu perguntei curiosamente. Eu tinha ouvido o termo, claro, mas Fabiano disse isso com tanto respeito, que me surpreendeu.

— Remo Falcone, ele é meu Capo. Meu chefe, se você quiser.

— Você o considera muito.

Ele assentiu uma vez. — Claro.

Eu tinha a sensação de que ele não estava apenas dizendo isso porque precisava. Cheryl soou aterrorizada quando pronunciou o nome de Falcone, mas não havia medo na voz de Fabiano.

— Nós não viemos aqui para bater papo, lembra? — Ele disse com um sorriso. — Agora vamos nos trocar.

Sem aviso, ele soltou o cinto.

Eu me virei com um suspiro surpreso. — Você poderia ter me avisado.

— Eu poderia ter, mas não quis. Pretendo que você veja muito mais de mim.

Eu olhei ao redor em busca de uma maneira de conseguir alguma privacidade, mas a sala não fornecia nada. Não havia reservados, apenas armários e uma área de chuveiro aberta. Oh droga. Tirei meu short jeans e rapidamente coloquei o de boxe, então me virei. Toda a atenção de Fabiano estava em mim, apoiado na parede com os braços cruzados sobre o peito nu. Eu tinha me esquecido desse pequeno

detalhe de lutar com ele. Ele não usava camisa quando estava na gaiola. Meus olhos percorreram suas calças azuis escuras que abraçavam seus quadris estreitos com o delicioso V desaparecendo em sua cintura.

— E? — Ele perguntou.

Eu pisquei para ele, arrancando meus olhos do peito dele. — E?
— Eu repeti.

— Serviu?

Como poderia algo não se servir nesse corpo?

Percebi que ele se referia a *mim*. — Oh, o short, você quer dizer? Eles estão um pouco soltos, mas tudo bem.

— Você parece sexy neles, — disse ele em voz baixa.

Meu rosto ardia de calor.

— Não esqueça sua faca. Eu quero ver você usá-la.

Eu me inclinei sobre minha mochila, feliz por meu cabelo esconder meu rubor, mas ele provavelmente já tinha visto. Peguei a faca e me endireitei. Ele abriu a porta e esperou que eu passasse. Seu cheiro quente flutuou no meu nariz quando passei por ele, tive que me segurar. Voltamos para a bela sala de jogos e eu continuei em direção ao ringue de boxe, feliz por me concentrar em algo mais do que o homem perigoso e musculoso atrás de mim.

— Não aí, — disse Fabiano, com um sorriso na voz. Eu me virei e ele apontou para a gaiola de combate à direita.

— Na gaiola? — Eu perguntei, horrorizada.

Ele pulou na plataforma elevada da gaiola, sorrindo como um tubarão. — Claro. Eu quero ver como você lida com o estresse.

— Ótimo, — eu murmurei. — Como se lutar com você não fosse estressante o suficiente.

Ele estendeu a mão para mim. Coloquei minha mão na dele, e seus dedos se fecharam ao meu redor, quentes e fortes, e ele me puxou para cima. Eu bati contra seu peito e ele me segurou lá por um

momento. Olhei para o rosto dele. O brilho do candelabro acima de nossas cabeças fez seu cabelo parecer dourado.

Só um garoto de ouro? Não, não é isso que ele era.

— Eu pensei que iríamos lutar, — eu sussurrei.

Seu lábio curvou. — Só vendo quão mais desconfortável posso deixar você, — disse ele.

Eu o fuzilei. — O que faz você pensar que isso me deixa desconfortável?

Seu sorriso se alargou. — Então não deixa?

Eu saí de seus braços e apontei para a porta da gaiola. — Como esta coisa abre?

Ele pressionou a maçaneta, parecendo muito cheio de si mesmo.

Eu entrei e senti arrepios na minha pele. Achei que podia sentir o cheiro de sangue velho sob o cheiro proeminente de desinfetante e aço. Fabiano fechou a gaiola com um clique silencioso.

— Eu não entendo a atração, — eu disse enquanto olhava ao redor da gaiola. — Por que as pessoas gostam de ser trancadas em uma jaula como animais?

— É a emoção adicional de não ter uma fuga. A gaiola é implacável.

Eu balancei a cabeça, mexendo na faca na minha mão. O enorme lustre pendurado no teto logo acima da minha cabeça parecia mais intimidante do que decorativo.

— Eu quero ver você lidar com isso.

Apertei o botão que liberou a lâmina. Ela brilhou na luz dourada.

Segurei a faca.

Fabiano curvou os dedos convidativamente. — Faça o que você faria para um atacante.

Segurei a faca um pouco mais alto, minha palma fechando firmemente em torno do cabo.

Fabiano estava sufocando um sorriso, eu poderia dizer. Para ele, isso era provavelmente mais um pequeno entretenimento.

— Ataque.

Dei um passo à frente, mas ele fez preencher a distância que tinha entre nós e fingiu um ataque. — Tente não perder sua faca.

Aumentei ainda mais meu aperto, mesmo que parecesse impossível. Mas antes que eu percebesse, Fabiano estava lá, na minha frente, alto, imponente e musculoso, e tão à vontade com o que estava fazendo. Houve uma curta pressão dolorosa no meu pulso e a faca caiu no chão. Estendi a mão, mas Fabiano foi mais rápido. Ele girou a faca na mão, admirando a lâmina.

Eu o encarei furiosa. — Não é justo. Você é muito mais forte e mais experiente. — Esfreguei meu pulso. Eu nem tinha visto o que Fabiano tinha feito.

Fabiano balançou a cabeça. — A vida não é justa, Leona. Você deveria saber. Seu atacante não será uma fêmea sensível de quarenta e cinco quilos. Ele será um filho da puta de noventa quilos que gosta de machucar as fêmeas sensíveis. — E então ele se elevou sobre mim novamente, todos os músculos e força e poder, e eu queria beijá-lo, não lutar com ele.

— Essa faca, — ele disse em uma voz baixa e ameaçadora enquanto segurava a lâmina entre nós. — Pode ser a sua salvação ou a sua queda. — Ele segurou meu braço e me girou. Minhas costas colidiram com seu peito enquanto ele me pressionava contra ele. Eu congelei com o choque. Ele tocou a ponta da lâmina na pele entre os meus seios, então lentamente arrastou até o meu estômago. A pressão não foi suficiente para deixar uma marca, mas meu estômago embrulhou ao pensar em como seria se fosse. — Essa faca pode dar ao seu oponente outra vantagem sobre você. Se você não pode lidar com a faca, você não deve usá-la.

Ele me soltou e eu cambaleei para frente, para fora do seu abraço. Meu coração batia no peito enquanto olhava para mim mesma, ainda podia sentir o toque da lâmina na minha pele. Fechei os olhos, tentando impedir o meu pânico crescente e, pior ainda, a excitação.

Fabiano estava certo. Se meu atacante pegasse minha faca, ele a usaria contra mim. A faca me dava uma sensação de segurança, mas agora até isso se foi. Virei-me para Fabiano que estava me observando

atentamente. Ele estendeu a faca para mim. Eu me aproximei dele lentamente e peguei.

— Corte-me, — disse ele.

— Perdão? — Eu perguntei.

— Me corte. Quero ver se você tem o que é preciso para machucar alguém. Corte-me.

Eu balancei a cabeça, dando um passo para trás. — Não. Isso é estúpido.

Fabiano balançou a cabeça com óbvio aborrecimento, depois pegou a faca da minha mão. Seus olhos seguraram os meus quando ele pressionou a lâmina contra a palma da mão e cortou. Eu cambaleei para trás, não do sangue que jorrava, mas de suas ações. Ele largou a faca no chão. O sangue escorria no chão cinza. Ele apertou a mão sangrando em um punho, e mais sangue cobriu suas juntas.

— Eu posso ver que você está com medo. O medo nunca é um bom companheiro em uma briga, — disse Fabiano, parecendo completamente à vontade na gaiola de combate. Nenhum sinal de dor também.

Para ele, este era um território familiar, um lugar em que se sentia em casa. Para mim, a grande gaiola parecia se elevar ameaçadoramente sobre mim. Nem seu ambiente luxuoso podia mudar isso. E não estava realmente ajudando que eu deveria atacar Fabiano. Com seu estômago duro como pedra, braços musculosos e olhos afiados, ele já parecia um lutador. E eu o vi lutar. Não havia nada para comparar. Sua velocidade. Sua força Sua determinação.

Eu, no entanto, me senti fora do lugar.

Fabiano abriu os braços, palmas para fora. Meus olhos se demoraram no corte na palma da mão do qual ele parecia alheio. — Bata em mim. Isso é algo que você pode fazer, certo?

Eu dei um passo em direção a ele.

— Feche suas mãos em punhos. Nem pense em me bater com a palma da mão aberta. Você não está golpeando uma mosca.

Ele estava zombando de mim. Cerrei meus punhos como ele ordenou e dei outro passo em direção a ele. Eu nem sabia ao certo onde

bater nele. Ele deu um passo repentino na minha direção, me assustando, e recuei.

— Bata-me, — ele ordenou novamente.

Eu impulsionei meu punho para frente e enfiei em seu estômago. Um segundo antes do impacto, pude ver seu pacote de seis se tornar um pacote de oito enquanto ele enrijecia seus músculos.

Meus dedos colidiram com seu estômago duro e eu estremei. Eu recuei imediatamente.

— Esse foi seu golpe mais duro? — Ele perguntou.

Eu fiz uma careta. — Sim. Por quê? Foi tão ruim assim?

Sua expressão me deu uma resposta inconfundível. — Agora me chute o mais forte que puder e mire o mais alto possível.

Bater já parecia estranho, mas chutar alguém estava completamente fora da minha zona de conforto.

Eu balancei minha perna e dei um chute contra suas costelas. Ele balançou sua cabeça. Poderia muito bem ter batido nele com uma echarpe de plumas. — Isso não é bom. Nem estou me mexendo e seu objetivo e força já estão ruins.

Ele tinha algo de bom para dizer? Estava começando a ficar irritada.

Ele entrou em posição de combate e me enfrentou a distância. Então deu um chute alto contra a gaiola. A batida me fez pular e o chão vibrou sob meus pés descalços pela força do chute de Fabiano. Ainda era difícil acreditar quão alto ele poderia levantar a perna e quão forte poderia chutar. Minha perna teria caído se eu tentasse erguê-la tão alto.

— Talvez você não tenha o incentivo certo. A maioria das mulheres só se atreve a bater forte quando estão encurraladas. Vamos fingir que estou atacando você.

O pensamento emocionou e me aterrorizou imediatamente. Eu balancei a cabeça, tentando parecer estar pronta para isso.

Seus olhos azuis deslizaram sobre meu corpo descaradamente. — Faça o que você precisa para escapar do meu domínio. Machuque-me.

Como se houvesse a menor chance que eu pudesse. E sem um aviso, ele se lançou para frente, agarrou meus ombros e me pressionou contra a gaiola. Presa entre o metal frio e seu peito quente e musculoso, não havia como eu conseguir acertá-lo. Tentei me virar, mas o seu domínio sobre mim não vacilou. — Lute, Leona. Imagine que estou aqui para te machucar, te estuprar, matar você, — ele disse em um sussurro sombrio que arrepiou os cabelos do meu pescoço.

Tentei me afastar da gaiola novamente, mas não havia como mover Fabiano. Ele era tão imóvel quanto à gaiola.

— Você precisa fazer mais do que isso, — ele murmurou contra o meu ouvido, em seguida, lambeu um fio de suor da minha garganta. Isso enviou um formigamento na minha espinha. Sem aviso, ele me soltou e rapidamente o enfrentei, esperando que ele não pudesse ver o que o gesto tinha feito ao meu corpo.

Ele empurrou seu cabelo para trás, um sorriso de satisfação no rosto. — Prepare-se. Espero que você faça melhor desta vez.

Estava prestes a protestar quando ele pulou para frente. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, ele chutou minhas pernas de baixo de mim. Eu ofeguei quando caí para trás e me preparei para o impacto. Mas isso nunca aconteceu. Em vez disso, o braço de Fabiano serpenteou ao redor da minha cintura e me abaixou no chão. Claro que não havia acabado. Ele se ajoelhou sobre mim e pressionou meus pulsos no chão sobre a minha cabeça. Sua palma estava escorregadia contra a minha pele - sangue. Um de seus joelhos encravou entre as minhas pernas, forçando-os a se separarem.

Meu coração galopou no peito enquanto eu olhava para o rosto dele. Isso ainda era um jogo? Ele parecia tão focado e... ansioso. Mas então um sorriso lento se espalhou em seu rosto e a respiração ficou mais fácil. — Espero que isso não tenha sido você realmente tentando, — ele disse. — Um atacante poderia fazer o que quisesse com você agora. Não seria muito difícil arrancar suas roupas e te forçar.

— Você mataria qualquer um que fizesse, — eu disse. Foi uma coisa horrível de se dizer. E não sabia por que tinha dito isso. Eu não sabia se Fabiano iria tão longe.

Ele se abaixou completamente em cima de mim e, de alguma forma, seu peso quente parecia perfeito. — Você acha? — Ele murmurou. — Por que eu faria uma coisa dessas?

Seus olhos me imobilizaram. Eu não pude dizer nada por um tempo.

De repente me senti estupidamente ousada. — Porque você não gosta de me compartilhar.

Possessividade encheu seu rosto. Ele pressionou seus quadris contra a minha virilha, e meus olhos se abriram amplamente. Ele estava duro. Calor me inundou. Eu deveria tê-lo empurrado para longe, mas fiquei muito surpresa e fascinada.

Ele se abaixou e lambeu minha clavícula. — Eu não quero nada mais do que foder você aqui mesmo no meio desta gaiola.

Meus músculos ficaram tensos. Isso foi muito rápido. Eu ainda não tinha certeza se deveria manter essa coisa com Fabiano. E definitivamente não queria ser fodida em uma gaiola como um animal, mesmo que uma pequena parte do meu corpo discordasse.

Eu não tive a chance de afastá-lo porque ele se levantou do chão e ficou de pé em um movimento gracioso.

Fabiano

Eu me agachei na frente dela, observando seus olhos em choque e cachos desgrenhados. Ela se apoiou nos cotovelos, mas não fez nenhum movimento para se levantar.

Seus olhos foram para o meu calção antes de rapidamente desviar o olhar. Eu sabia que ela estaria corando se o seu rosto já não estivesse vermelho pelo esforço. Uma emoção me atravessou, como sempre acontecia quando sua inocência resplandecia. Eu me endireitei e lentamente ela tropeçou em seus pés também.

Ela era uma lutadora horrível. Não era sua natureza ferir as pessoas. Talvez eu pudesse tê-la incitado a bater mais forte se a tivesse machucado. A dor era um forte catalisador, mas machucá-la não era algo que eu tinha em mente. Queria fazê-la gritar, mas não de agonia.

Ela fechou as mãos em punhos. Seus pulsos estavam cobertos de impressões digitais ensanguentadas, mas o corte na palma da minha mão apenas latejava.

— Vamos tentar de novo?

Eu sorri. Ela estava tentando escapar da situação. Inclinei minha cabeça e fingi um ataque. Ela levantou os braços protetoramente e fechou os olhos. — Nunca feche os olhos na frente de um inimigo.

Ela olhou para mim e tentou acertar um golpe no meu estômago, me esquivei de sua tentativa fútil e a agarrei por trás. Tranquei seus braços sob os meus e pressionei meus quadris contra sua bunda. Eu a empurrei para frente até que estivesse pressionada contra a gaiola e minha ereção pressionada contra sua bunda firme. Ela fez um som de protesto. — Fabiano, — ela ofegou, a raiva escoando. — Pare com isso.

— Faça-me parar, — eu desafiei, em seguida, mordi levemente a curva do seu pescoço e suguei a pele em minha boca. Ela soltou um gemido, parou e começou a se contorcer. Quando soltei sua pele macia, deixei minha marca. Ela tentou um chute para trás, mas apenas roçou levemente minha canela. — Você pode fazer melhor, — eu disse.

Ela tentou empurrar para trás, mas novamente não teve chance contra mim. Talvez fosse injusto. Mesmo os melhores lutadores não duraram muito em uma luta contra mim. Mas o que eu estava fazendo com Leona nem chegou perto de uma luta. Brincar era mais parecido com isso.

De repente ela amoleceu sob o meu toque e pressionou sua bunda contra a minha ereção. Se ela achou que isso me afastaria, estava muito enganada. Ao contrário dela, eu tinha experiência mais do que suficiente e não ficava nervoso com uma bunda contra o meu pau. A única coisa chata era a roupa que separava sua bunda do meu pau.

— Brincando com fogo? — Perguntei baixinho.

— Você começou, — ela murmurou, indignação brilhando em seus olhos. Finalmente havia uma luta neles.

— E estou disposto a jogar até o fim, — eu disse sugestivamente. — Você está? — Eu cavei minha ereção contra sua bunda mais uma vez.

Ela ficou imóvel. — Não. Não estou. — Sua voz não era mais brincalhona ou irritada. Olhei para as sardas suaves de seu nariz e bochecha. Seus olhos encontraram os meus. Ela estava inquieta e nervosa, mas não assustada. Ela confiava que eu respeitaria seus limites. Leona poderia ser minha ruína. Afrouxei meu domínio em seus braços, permitindo que ela se virasse. Ela inclinou a cabeça para cima, procurando meu rosto. Eu me perguntei quando ela pararia de procurar por algo que não estava lá. Pressionei as palmas das mãos na gaiola ao lado de sua cabeça, deixando minha cabeça cair para frente até que nossos lábios estivessem a menos de um centímetro de distância. Seus olhos baixaram e ela me surpreendeu quando se levantou na ponta dos pés e fechou a brecha. Seu beijo foi suave e contido. Meu corpo estava gritando por outra coisa. Eu aprofundei o beijo, em seguida, peguei sua bunda e levantei-a até suas pernas envolverem minha cintura. Com suas costas pressionadas contra a gaiola, eu violei sua boca. Ela se agarrou aos meus ombros, suas unhas cavando na minha pele e seus calcanhares na minha bunda. Quando ela se afastou, estava sem fôlego e atordoada.

— Você não é boa em estabelecer limites, — eu disse a ela.

Ela encostou a cabeça na gaiola. — Eu sei, — ela disse culpada.

— Então é isso que você chama de luta? — Nino entrou se arrastando, uma bolsa esportiva jogada por cima do ombro. Seu olhar atento parou em Leona. Cada músculo em mim ficou tenso.

Abaixei Leona, em seguida, coloquei minha mão nas costas dela.

Nino acompanhou o gesto. Sua expressão não mudou. Ao contrário de Remo, ele não era propenso a explosões emocionais. Isso o tornava mais difícil de ler, definitivamente não menos perigoso. Alto, magro, barba bem feita e cabelos escuros puxados em um rabo de cavalo curto, Nino parecia um modelo de passarela. As mulheres se apaixonavam por ele até perceberem que sua expressão sem emoção não era uma máscara. Nino não tinha que esconder suas emoções. Ele não tinha nenhuma.

— Nós terminamos aqui, — eu disse. Cutuquei Leona na direção da porta da gaiola, abri e saí primeiro antes de levantar Leona. Ela ficou perto de mim. Ela estava cautelosa sobre Nino, como deveria estar. Seus instintos não estavam completamente desligados se ela o reconheceu como perigoso.

Eu o cumprimentei com um abraço rápido e um toque no ombro. — Com quem você vai treinar?

— Adamo, se ele decidir aparecer.

Eu revirei meus olhos. — Boa sorte. — Seus olhos deslizaram atrás de mim para Leona novamente. E algo protetor e feroz inchou no meu peito. Ele não disse mais nada. Eu duvidava que ele estivesse realmente interessado nela. Ele estava curioso porque mostrei interesse por ela.

Eu conduzi Leona em direção ao vestiário, mas só peguei nossas mochilas.

— Não vamos nos trocar? — Ela perguntou.

Eu balancei a cabeça. Queria afastá-la de Nino. Era mais seguro se Remo e seus irmãos não vissem Leona com muita frequência. Eu a guiei para fora e na direção do meu carro. Um pouco da tensão me deixou quando coloquei alguma distância entre nós e Nino. Remo e seus irmãos eram como família para mim, mas sabia que não devia confiar neles com Leona.

Leona me olhou de lado. — Quem era ele?

— Nino. Um dos irmãos de Remo.

— Você não gostou de eu estar perto dele, — disse ela.

Se ela percebeu isso, Nino teria também. Isso não era bom. — Praticamente cresci com ele. Ele é como meu irmão, mas não gosto de você perto dele. É melhor que você não se envolva nessa parte da minha vida.

— Tudo bem, — ela disse simplesmente.

Quando chegamos em frente a sua casa, eu me virei para ela, querendo beijá-la novamente. Peguei leve desde o nosso primeiro beijo, mas estava cansado de me segurar, especialmente depois do que aconteceu na gaiola.

— Você vai celebrar o Natal com Remo e seus irmãos? — Ela perguntou.

Endureci. Não esperava essa pergunta. — Eu realmente não celebro o Natal. — Eu não o fiz em vários anos. Não desde que minhas

irmãs partiram para Nova York. Não me importava com o feriado, mas agora que ela mencionou isso, percebi que o Natal estava a apenas uma semana de distância.

— Nem eu. Provavelmente vou trabalhar, — ela disse com um pequeno encolher de ombros.

— Você não vai celebrar com seu pai ou sua mãe?

Ela olhou através do para-brisa, mexendo em seu short. — Eu costumava. Há muito tempo atrás. Quando era pequena, tínhamos duas ou três noites agradáveis de Natal. O resto era uma bagunça. — Ela suspirou. — Depois que meu pai nos abandonou, minha mãe estava ocupada trabalhando o tempo todo para conseguir dinheiro para as drogas. Ela esqueceu coisas como o Natal ou meu aniversário. Isso não era importante para ela. E meu pai... — Ela encolheu os ombros. — Eu suponho que estava feliz por estar longe de nós e da responsabilidade.

Ela ainda não tinha mencionado sua mãe se prostituindo, mas eu lhe permiti esse pequeno alívio. — É por isso que você não deve se sentir responsável pelo seu pai. Ele não é um homem honrado. Ele deve proteger sua própria carne e sangue e não oferecê-la a alguém em troca de uma dívida.

Ela corou. — Você sabe disso?

— Soto me contou.

— Não é fácil abandoná-lo. Ainda o amo apesar de suas falhas, não posso evitar.

Eu fiz uma careta. — O amor é uma fraqueza, uma doença. Você verá onde isso te leva.

Seus olhos azuis se fixaram nos meus, ainda procurando, ainda esperando. — Você não pode dizer isso. O amor é o que nos torna humanos, o que faz a vida valer a pena. O amor é incondicional.

Ela disse isso com tanto fervor que sabia que ela estava tentando se convencer tanto quanto eu. — Você realmente acredita nisso? Você acha que isso te transformou na pessoa que você é hoje? Porque o amor definitivamente não me fez quem eu sou. Sangue e ódio e sede de vingança me mantiveram em movimento. Eles ainda o fazem, assim como honra, orgulho e lealdade. Então me diga, Leona, o amor te formou?

Leona pressionou a mochila contra o peito. — Não eu. Mas ninguém nunca me amou assim — ela disse baixinho. — Meus pais sempre amaram mais o vício do que eu e nunca houve mais ninguém. Então suponho que o amor não me formou. — Ela me olhou nos olhos, desafiadoramente. Ela esperava piedade? Ela não precisava se preocupar. Piedade era uma emoção da qual desisti há muito tempo. Estava furioso. Furioso por ela.

— Então o que fez? — Eu perguntei.

Capítulo Doze

Leona

— Então o que fez?

Essa pergunta ameaçou me desvendar. — Eu não sei, — eu admiti. Olhei para as cicatrizes no peito de Fabiano, para a tatuagem em seu pulso, avaliei a maneira confiante que ele mantinha. Orgulho e honra. Ele expelia isso. Seu corpo era um testemunho de suas convicções, até onde ele chegara. E eu?

Soltei uma risada pequena e vazia. — A esperança no futuro me manteve em movimento. Eu fui uma boa aluna e trabalhei duro. Pensei que teria um futuro brilhante depois do ensino médio. Eu pensei em ir para a faculdade, me formar em direito e me tornar algo mais do que a filha de uma... — Eu engoli a palavra “prostituta”, incapaz de admitir a verdade para Fabiano. —... viciada em drogas. Mas estou falhando.

O rosto de Fabiano ainda não mostrava piedade e eu estava feliz por isso. Havia algo sombrio e feroz em seus olhos. — Se você não lutar pelo que quer, não vai conseguir. Pessoas como nós não recebem seus desejos em uma bandeja.

Como ele poderia nos comparar? Ele era forte e bem sucedido, evidentemente não no sentido convencional. Mas ele tinha o que desejava. A Camorra era sua paixão. — Você é um lutador nato. Eu não sou.

— Eu não nasci um lutador. Fui transformado em um pela merda que me jogaram ao longo dos anos, Leona.

Eu queria lhe perguntar sobre o seu passado, mas ele sempre era muito cauteloso quando mencionava qualquer coisa relacionada a ele. Soltei um suspiro. Ele se inclinou, segurou a parte de trás da minha cabeça e me beijou. Eu mergulhei no beijo, precisava disso agora, precisava sentir algo além do desespero. Sua língua dançou com a minha e seu perfume me envolveu. Fechei meus olhos, permitindo que meu corpo relaxasse. Ele se afastou. — Vou lutar suas batalhas por você agora, Leona. Eu disse que te protegeria.

E eu assenti, como se minha aprovação significasse alguma coisa. A presença esmagadora de Fabiano, sua possessividade implacável, isso foi algo que nunca tive antes. Meus pais nunca demonstraram qualquer tipo de emoção excessiva em relação a mim. Eu tinha sido algo não planejado para eles. Às vezes útil, às vezes incômodo, nunca algo para desperdiçar muita energia.

No fundo eu sabia que a atenção de Fabiano viria com um preço. Eu pagaria por me render a ele de uma forma ou de outra. Mas nesse exato momento não poderia me importar menos.

Saí do carro, minhas pernas trêmulas. Podia sentir o olhar de Fabiano em mim todo o caminho até que eu desaparecesse no apartamento. Eu me inclinei contra a porta e soltei um suspiro. Era como se ele tivesse me deixado nua sem me tocar, como se soubesse meus desejos mais profundos, meus medos mais sombrios.

Naquele dia eu trabalhei no piloto automático. Cheryl não disse nada, mas poderia dizer que ela queria.

Fabiano estava me esperando quando saí às duas e meia. Ele não ligou o carro imediatamente, como de costume. Seus olhos desceram para os modestos saltos pretos que eu estava usando, depois para o vestido azul. Ambos não eram nada de especial e estavam em liquidação, mas eram novos. Eu os comprei esta tarde antes do trabalho para me animar.

— Quero mostrar a você onde eu moro, — disse Fabiano simplesmente.

Meu cansaço sumiu. — Ok.

Eu não sabia o que mais dizer. Isso parecia uma coisa muito pessoal, como outro nível em nosso... o quê? Relacionamento? Era difícil colocar uma etiqueta nisso. Mas tinha a sensação de que Fabiano não levava muitas pessoas para o seu apartamento. Ele parecia alguém que mantinha seu espaço privado bem protegido. Como ele disse, não gostava de compartilhar, e querer compartilhar seu apartamento comigo, mesmo que por algumas horas me deixou feliz. Ao mesmo

tempo, no entanto, sabia que ficar sozinha em seu apartamento, com um quarto à nossa disposição, abria novas possibilidades em nosso relacionamento físico, que não tinha certeza se estava mentalmente pronta. Meu corpo era um assunto diferente de qualquer maneira.

Seus olhos azuis me observaram por alguns segundos, talvez reconsiderando sua decisão.

Enquanto viajávamos, passamos por locais familiares como o Venitian e o Bellagio, e imaginei se poderia conseguir um emprego em um lugar que fosse metade tão bom. Talvez Fabiano pudesse me ajudar. Ele conhecia pessoas mais do que suficientes em Las Vegas, e eu nem queria saber quantos bons hotéis e restaurantes eram de propriedade ou controlados pela Camorra. Mas não queria pedir-lhe esse tipo de favor. Eu podia imaginar quantas pessoas tentaram ganhar algo ao conhecê-lo. Não queria ser assim.

O silêncio encheu o espaço entre nós. O zumbido suave do motor me causou sonolência e me perguntei se concordar em ir ao apartamento dele tarde da noite seria um erro. Talvez Fabiano esperasse que eu passasse a noite com ele.

Meus pensamentos foram interrompidos quando paramos em frente a um elegante arranha-céu e entramos em uma garagem subterrânea.

— Nenhuma casa nos subúrbios com um estacionamento com jardim para você? — Eu perguntei, esperando que minha voz não mostrasse meu nervosismo.

Ele fez uma careta. — Eu prefiro viver no centro da vida. Os subúrbios são para famílias.

Nós saímos do carro dele. O cheiro novo e limpo da garagem com dezenas de carros de luxo já me fazia sentir deslocada. Mesmo novas roupas não poderiam mudar isso. Meus saltos clicaram no mármore branco do elevador quando entramos. A mão de Fabiano na parte inferior das minhas costas já era estranhamente familiar. Ele apertou o botão do último andar e o elevador começou a ascensão silenciosa. Fabiano não disse nada. Talvez ele estivesse tendo dúvidas sobre me levar para sua casa.

O elevador parou e as portas se abriram silenciosamente. Um longo corredor com um carpete bege e paredes de cor creme com detalhes dourados estendia-se diante de nós. Fabiano me levou até uma

porta de madeira escura no final, que parecia ser a única porta desse andar, exceto por uma saída de emergência.

Meu estômago se agitou quando ele abriu a porta para mim. Entrei em seu apartamento e no momento em que a luz acendeu, congelei.

Eu nunca tinha visto luxo assim antes. Nós paramos na área de entrada, que ficava em um nível mais alto do que a área de estar, os tetos altos eram sustentados por colunas de mármore. Desci os três degraus, meus saltos clicando no mármore liso. Eu desejei estar usando os sapatos que Fabiano havia comprado para mim, e não o que comprei pela metade do preço na Target hoje.

O piso de mármore era preto e branco e tinha um desenho geométrico. Quatro sofás brancos rodeavam uma enorme mesa baixa de mármore preto. E acima da área de estar, uma enorme luminária que parecia uma gigantesca bola prateada de lâ pendia do teto alto de dois andares. À esquerda, havia uma mesa de jantar que podia acomodar pelo menos dezesseis pessoas. O piso era feito de mármore preto. Mais à esquerda, havia a cozinha aberta onde a cor branca dominava. Mas meus olhos foram atraídos de volta para a sala de estar e as janelas do chão ao teto. Um enorme terraço com colunas brancas ficava do lado de fora, e dava para a Strip com seus arranha-céus iluminados e luzes piscando.

Eu hesitei, incerta se me era permitido vagar ao redor.

Fabiano fez um gesto convidativo e andei em direção às janelas e olhei para fora. Agora eu podia ver que as colunas brancas rodeavam uma longa piscina quadrada que brilhava em luz turquesa no escuro.

Fabiano abriu a porta do terraço para mim e eu saí. Passando pela piscina, parei no corrimão. Lá embaixo, pude ver a Strip com a Torre Eiffel. Respirei profundamente, atordoada pela visão e pelo apartamento. Eu não ousei perguntar quanto custava. O crime compensava, se feito corretamente. Meus pais nunca imaginaram a maneira certa de fazer isso, no entanto.

Fabiano chegou atrás de mim, seus braços envolvendo minha cintura. Ele beijou meu ombro, depois subiu para minha orelha. O familiar formigamento encheu meu corpo quando me inclinei para ele. Eu não queria afastá-lo, não queria pensar como poderia me fazer parecer estar sozinha em um apartamento com ele à noite. Eu só queria estar, queria saborear a mais bela vista que já vi.

— Isso é incrível, — eu sussurrei. Poderia imaginar morar aqui, poderia facilmente imaginar desfrutar disso. Nunca me considerei uma garota que ansiava por esse tipo de coisa, mas nunca antes tinha sido cercada por isso.

Ele cantarolou sua aprovação, em seguida, afastou meu cabelo da minha garganta. Ele beijou a pele sobre o meu ponto de pulso, então suavemente mordeu. Estremeci com o gesto possessivo. Sua boca se moveu mais para baixo e ele lambeu minha clavícula. Suas mãos se moveram da minha cintura até a minha caixa torácica, a pressão suave e ainda quase esmagadora. Sua presença, o ambiente, as possibilidades do que poderia acontecer a seguir era um maremoto me cercando. — Fabiano, — eu disse incerta, mas minha voz morreu quando suas mãos seguraram meus seios através do tecido do meu vestido. Só uma vez um cara tateou meu peito, foi doloroso e repugnante, e eu o empurrei e vomitei depois.

O toque de Fabiano era suave e, no entanto, enviou picos de sensações pelo resto do meu corpo. Podia sentir meus mamilos endurecerem, e sabia que ele sentia isso contra as palmas das suas mãos. O constrangimento lutou com a necessidade no meu corpo. Eu nunca quis ter intimidade com alguém. A proximidade física sempre foi associada a coisas ruins para mim. Assistir minha mãe vender seu corpo me deixou cautelosa em permitir que um homem se aproximasse. Eu sonhava em me apaixonar e eventualmente fazer amor. Mas Fabiano não acreditava no amor, e eu não tinha certeza se também acreditava. Talvez tivesse que me contentar com menos. Não seria a primeira vez na minha vida. Estar com Fabiano me fez sentir visível e protegida. Isso era mais do que eu tive em muito tempo. Deus, e isso me assustou, porque sabia como facilmente isso poderia ser tirado de mim.

Suas palmas deslizaram até meus ombros e ele começou a empurrar meu vestido para baixo. Meu estômago apertou com antecipação e medo quando o tecido cedeu e se agrupou em volta da minha cintura. A brisa fresca tocou minha pele e meu sutiã fino não me protegeu - nem do frio da noite, nem do olhar faminto de Fabiano. Ninguém nunca me olhou assim. Eu fechei meus olhos.

Fabiano

Arrepios percorreram a pele lisa de Leona e o contorno de seus mamilos eretos empurrou o tecido fino de seu sutiã. Meu pau endureceu com a visão tentadora. Porra. Eu a queria, queria possuí-la. Passei meus dedos por suas costelas, depois até a borda do sutiã. Não era espetacular, nada caro feito de renda ou seda, e ainda assim ela fazia parecer a roupa mais sexy do mundo. Seu corpo ficou tenso sob o meu toque, não com ansiedade. Eu observei seu rosto, seus olhos fechados, o jeito que ela estava mordendo o lábio inferior e seus cílios estavam vibrando. Ela estava nervosa e assustada. Eu me perguntei porque ela se sentia assim. Eu definitivamente não tinha lhe dado motivos para ter medo de mim, o que era surpreendente por si só. Me inclinei até o seu ouvido. — Você já esteve com um homem?

Eu sabia a resposta. Eu era muito bom em ler a linguagem corporal e as pessoas em geral para não saber, mas queria ouvir isso. Estava muito ansioso para que ela admitisse isso.

Ela estremeceu e deu uma pequena sacudida de cabeça.

— Diga, — eu pedi.

Seus cílios se abriram. — Não. Eu não estive com um homem.

Eu beijei sua garganta. — Então eu vou ser o seu primeiro. — Meu pau se contorceu em ansiedade.

— Eu não vou dormir com você hoje à noite, Fabiano, — ela sussurrou.

Eu me endireitei, chocado com suas palavras. Sua expressão mostrava principalmente determinação, mas também havia um lampejo de incerteza. — Não estou acostumado a esperar. Por qualquer coisa.

Ela não se afastou de mim, suas costas ainda pressionadas contra o meu peito, meus dedos ainda em suas costelas. Ela suspirou sob o meu toque. Uma respiração profunda e endireitou a coluna. — Algumas coisas valem a pena esperar.

— E você é uma delas? — Eu perguntei.

Ela olhou para longe, em direção às luzes da cidade. Seus cílios tremeram novamente, mas desta vez para segurar as lágrimas contidas em seus olhos. — Eu não sei.

As palavras eram tão baixas que o vento quase as levou antes que chegassem aos meus ouvidos.

Por um momento senti vontade de esmagar o mundo, tipo queimar tudo. Eu queria ir atrás do pai dela e ver a vida drenar de suas veias lentamente. Queria encontrar a mãe dela e cortar sua garganta, vê-la engasgar em seu próprio sangue. Essas emoções eram estranhas, não por causa da brutalidade ou ferocidade, mas porque eram em nome de uma mulher. Eu tive surtos de protecionismo quando era mais jovem, em relação às minhas irmãs; antes que elas me deixassem e antes de me tornar o homem que sou hoje.

Tracei meus dedos por suas costelas, então deslizei meus braços ao redor de seu estômago. Ela estremeceu. — Vamos entrar, você está com frio.

Seus olhos procuraram os meus, curiosos, esperançosos. Quando ela não encontrou o que estava procurando, balançou a cabeça lentamente e me deixou conduzi-la para dentro. Admiração retornou à sua expressão enquanto ela observava a área de estar. Eu passei a maior parte da minha vida no luxo, considere algo garantido a maior parte do tempo, até que tinha sido arrancado de mim. Mas ela nunca teve nada perto disso. Eu a puxei contra mim, seus mamilos pressionados contra as minhas costelas. — Fique comigo esta noite.

Seus olhos se arregalaram, então ela sacudiu a cabeça freneticamente. — Eu te disse, não vou dormir com você.

Não esta noite, mas em breve. Leona ainda acreditava que poderia fugir de mim, mas ela era minha. — Eu sei, — eu disse em voz baixa, em seguida, deslizei minhas mãos por suas costas.

Ela relaxou, depois ficou tensa como se lembrando de si mesma. — Então por quê? Por que eu passaria a noite se você não vai ser beneficiado?

Porra, se eu soubesse.

— Fique, — eu disse novamente, uma ordem desta vez. Ela olhou para mim, com medo por todas as razões erradas.

— Tudo bem, — ela respirou, resignada e cansada. Ela teve um longo dia. Trabalhar na Arena não era fácil. Eu a ergui em meus braços. Ela não protestou, como se tivesse percebido que era uma batalha perdida. Eu a levei pelas escadas. Ela encostou a bochecha no

meu peito, sussurrando. — Por favor, não me machuque. Eu não acho que posso lidar com isso.

Parei com o meu pé no primeiro degrau, olhando para a coroa de cachos âmbar. Não era a maneira que as pessoas geralmente me imploravam para não as machucar, eu sabia. Teria sido mais fácil se fosse. Eu não tinha certeza se não poderia machucá-la. Estava arrastando-a para um mundo onde as coisas que ela ansiava eram ainda menos atingíveis do que na vida sem esperança a que ela estava acostumada.

Sua respiração suavizou. Ela tinha adormecido?

Ela não deveria, não nos braços de um homem como eu. Sua confiança era tola e completamente infundada. Subi as escadas e entrei no meu quarto. Eu nunca trouxe ninguém aqui. Coloquei Leona na minha cama e ela não acordou. Me permiti observá-la. Seus quadris estreitos, seus seios redondos mal escondidos pelo tecido transparente de seu sutiã, o contorno de sua boceta sob sua calcinha. Eu passei a mão pelo meu cabelo. As mulheres deveriam ser entretenimento e distração agradável. Até agora Leona não era nenhuma dessas coisas, mas eu não podia permitir que ela fosse qualquer outra coisa. Minha vida era dedicada à Camorra, minha lealdade pertencia somente a eles. Não poderia ser de outra maneira. Eu me despi ficando de cueca e me estiquei ao lado de Leona. Eu a observei enquanto dormia ao meu lado em paz. Nunca uma mulher dormiu na minha cama. Nunca vi atração nisso. E eu ainda podia pensar em muitas coisas mais divertidas para fazer com Leona do que dormir, mas observar sua expressão pacífica me dava uma sensação de calma que não sentia há muito tempo, talvez nunca.

Passei meu braço protetoramente pelo seu quadril e me permiti fechar os olhos. Enquanto ouvia sua respiração rítmica, comecei a adormecer.

Eu acordei com o corpo de Leona enrolado em mim, uma de suas pernas entrelaçadas com as minhas, sua respiração vibrando contra o meu peito nu. Eu nunca acordei ao lado de uma mulher, nunca me importei com esse tipo de proximidade física. A proximidade era

reservada para o sexo, e isso era um tipo muito diferente de proximidade.

Eu cuidadosamente me desvencilhei dela, e ela se virou de costas, os cobertores se acumulando em seus quadris. Seu rosto estava relaxado, sem sinal de que acordaria.

Ela deveria ser uma diversão.

Isso era tudo que Remo permitiria.

Diversão.

Eu escovei meu polegar sobre o pequeno mamilo esticado contra seu sutiã. Cresceu sob o meu toque. Os lábios de Leona se separaram, mas ela não acordou. Eu não era um bom homem, nada perto disso, e era hora de parar de agir como se fosse, como se pudesse ser. A pulseira que Aria me deu estava enfiada dentro da minha gaveta de meias e ficaria lá.

Prendi o mamilo entre o polegar e o indicador e comecei a movê-lo de um lado para o outro lentamente, sentindo-o endurecer ainda mais. Leona mexeu as pernas. Ela sentia isso entre suas coxas perfeitas? Eu puxei e ela soltou um gemido baixo. Suas pálpebras tremularam, depois se abriram sonolentas e me encontraram. Surpresa e choque atravessou seu rosto. Puxei seu mamilo mais uma vez e seus lábios se abriram com um suspiro. Meus olhos em seu rosto, desafiando-a a me parar, eu levei minha boca até o seu peito, segurei seu mamilo com meus lábios e chupei levemente através do tecido. Isso impediu qualquer protesto que ela pudesse ter em mente. Eu observei seus olhos sonolentos enquanto chupava mais forte.

Deslizei um dedo sobre a borda do sutiã e puxei para baixo, revelando a protuberância rosa. — Fabiano, — ela disse hesitante, mas não lhe dei tempo para mais palavras. Girei minha língua em torno de seu mamilo, em seguida, me afastei para ver Leona apertar as pernas. Ela tinha um gosto incrível, como transpiração limpa e algo mais doce. Eu abaixei minha boca novamente, tracei a ponta da minha língua ao redor da borda de seu mamilo, então deslizei para o centro e cutuquei, então lambi sua protuberância com movimentos lânguidos de minha língua. Chupei o pequeno mamilo rosa na minha boca, saboreando o gosto e os arrepios de Leona. Ela gemeu novamente.

Se brincar com seus seios fez com que ela se desfizesse, eu mal podia esperar para mergulhar minha língua entre suas dobras sedosas.

Eu tomei meu tempo com o mamilo, querendo que ela me implorasse por liberação. Ela enterrou seus quadris no colchão com uma necessidade óbvia, mas não disse às palavras que eu queria ouvir. Minha ereção estava esfregando dolorosamente contra o tecido da minha cueca, me deixando quase louco.

Cansado de ser paciente, escovei a palma da mão na parte interna da coxa dela. Seus músculos ficaram tensos sob o meu toque, mas ela não me impediu. Eu segurei seu olhar quando meus dedos roçaram a curva entre sua coxa e sua boceta. Ainda sem sinal de protesto. Em vez disso, ela abriu as pernas um pouco mais, confiança em seus olhos.

Droga, Leona.

Eu reivindiquei sua boca em um beijo feroz e deslizei meus dedos sob sua calcinha, e sobre suas dobras suaves. Ela estava tão excitada, tão pronta para eu tomá-la. Seu corpo estava praticamente implorando por isso, mas aquele brilho de confiança em seus olhos arruinou tudo. Eu corri meu polegar lentamente até que escovei seu clitóris. Ela mordeu o lábio, quadris se levantando da cama. Mantive meus olhos em seu rosto, saboreando as expressões de prazer, a maravilha de como eu poderia fazê-la se sentir com o simples toque do meu polegar. A confiança em seus olhos me ancorou, e eu precisava disso, porque meu corpo queria mais do que ela estava disposta a dar, e minhas partes mais obscuras sabiam que nada me impediria. E essas partes eram quase tudo o que restava de mim. Fazia anos desde que essa parte minha não comandava o espetáculo. Meu polegar se moveu em círculos lentos sobre sua carne molhada, e seus suspiros e gemidos tornaram-se menos controlados. Ela apertou meu braço e eu a beijei forte, engolindo seu choro quando gozou. Seus olhos se fecharam enquanto ela estremecia, e por um breve momento, considerei quebrar minha promessa e romper qualquer laço perigoso que estivesse se formando entre nós. Então ela olhou para mim, tímida, envergonhada e culpada, e eu sabia que era muito tarde para isso.

Capítulo Treze

Leona

Meu batimento cardíaco acelerou no meu peito enquanto as últimas ondas de prazer se dissipavam. O embaraço baniu lentamente a euforia emocionante. Fabiano não disse nada e eu também não tinha certeza do que dizer. Eu não queria que as coisas progredissem tão rápido. Dormir na cama de Fabiano, tê-lo me tocando. As sensações tinham sido maravilhosas, diferente de tudo que eu já fui capaz de provocar com meus próprios dedos.

Ele olhou para mim, uma expressão sombria no rosto, como se o que acabara de acontecer fosse um erro. Eu me senti autoconsciente sob seu escrutínio. Não fazia sentido que ele se sentisse infeliz com isso. Ele não tinha ido contra suas próprias convicções. Mas talvez ele tivesse chegado à conclusão de que eu não merecia sua atenção. Talvez eu tivesse feito algo errado, embora não pudesse realmente ver como isso era possível, já que não tinha feito nada além de deixá-lo me tocar.

Preocupação me encheu. Talvez esse fosse o problema.

Sentei-me. A luz do sol filtrava pela brecha nas cortinas brancas e, além delas, podia ver a Strip. Eu não pertencço aqui. Não era uma garota italiana de educação nobre.

— Eu deveria ir, — eu disse suavemente.

Fabiano não disse nada, mas por trás de seus olhos azuis havia algum tipo de conflito interior que eu não entendia.

Estava prestes a sair da cama quando sua mão no meu ombro me parou. Ele se inclinou para mim para um beijo gentil que me deixou sem fôlego, depois se afastou. — Este é apenas o começo.

Este é apenas o começo. Eu não conseguia decidir se era uma promessa ou ameaça.

Entrei no apartamento de papai, fechando a porta com um clique suave, sem querer acordá-lo. Mas, segundos depois do rugido do motor de Fabiano desaparecer, papai saiu da cozinha. Ele parecia pior do que da última vez que o vi, como se precisasse de um longo banho e alguns dias de sono.

Seus olhos vermelhos me encararam em um julgamento silencioso. Eles se fixaram na mancha acima do meu ponto de pulso, e a lembrança de Fabiano deixando sua marca lá ressurgiu. Coloquei minha mão sobre o ponto sensível.

Papai sacudiu a cabeça. — Você deveria ter ficado com sua mãe. — Eu não discuti. Parte de mim sabia que ele estava certo. Passei por ele em direção ao meu quarto. O espaço abafado parecia ainda menos como casa depois da minha noite no apartamento de Fabiano. Eu sabia que não podia me permitir me acostumar com o luxo que ele tinha à sua disposição. Não era algo que eu poderia esperar ter. E até agora nunca tinha esperado, mas era difícil não querer algo tão bonito, uma vez que o experimentasse em primeira mão. E sua ternura, sua proximidade - foi a coisa mais linda de todas. Algo que eu precisava, algo que estava com medo de perder.

A lembrança da boca e das mãos de Fabiano em mim enviou um arrepio agradável através do meu corpo. Essa também era uma experiência que eu nunca pensara querer, e agora me preocupava que não pudesse deixar de querê-la.

Troquei as roupas de ontem e vesti um short e uma camisa, em seguida, joguei minha mochila por cima do ombro e saí. Até que eu tivesse que começar a trabalhar, ficaria em outro lugar. E eu já tinha uma ideia de onde. Agora que as coisas com Fabiano estavam ficando mais sérias, eu precisava descobrir mais sobre o passado dele.

A biblioteca estava quieta quando me sentei em um dos computadores. Eu digitei Fabiano Scuderi no mecanismo de busca e apertei enter. Havia algumas menções sobre Remo Falcone nos últimos anos, especificamente sobre suas lutas que incluía uma foto ocasional de Fabiano com belas garotas da sociedade o que fez meu estômago embrulhar, mas sobre tudo ele parecia ficar fora dos olhos do público. Mas então encontrei artigos mais antigos de mais de oito anos atrás, o que me surpreendeu.

Os artigos não eram de Las Vegas. Eram de Chicago. Alguns deles mencionaram um homem chamado Rocco Scuderi, que era o pai de Fabiano e supostamente o Consigliere da Chicago Outfit. Eu ainda não estava muito bem informada sobre a máfia e seus termos, mas até eu sabia que o pai de Fabiano era importante na família da máfia de Chicago. Pelo que percebi, a Camorra de Las Vegas não estava se dando bem com as outras famílias da máfia no país, então por que Fabiano estava aqui e não em Chicago? Uma foto dele e da sua família chamou minha atenção. Mostrava Fabiano com seus pais e três irmãs mais velhas - todos os três tão bonitos e elegantes que doía olhar para eles. Era isso que Cheryl queria dizer quando falou em virgens italianas de criação nobre.

Eu não era nada parecida com elas.

Apenas uma delas, a mais jovem, compartilhava seu cabelo loiro escuro, enquanto o da mais velha era quase dourado e a do meio, ruiva. Eles eram uma família impressionante. Continuei procurando mais resultados e logo encontrei artigos sobre suas irmãs também, especialmente a irmã mais velha, Aria, com o marido, o chefe da Máfia de Nova York, preenchendo várias páginas.

Eu me perguntei por que ele nunca falava sobre elas. Claro que também não falei da minha mãe, mas ela era viciada em drogas e prostituta. A única coisa que era remotamente embaraçosa sobre a sua família era que eram gangsters, e essa definitivamente não era a razão pela qual Fabiano as manteve em segredo até agora. Se eu tivesse irmãos, gostaria de ficar em contato com eles. Eu sempre quis ter um irmão ou irmã ao meu lado para me apoiar durante as muitas noites em que fiquei sozinha em casa quando minha mãe estava procurando por clientes ou outras maneiras de conseguir dinheiro.

Por fim, havia um artigo de um pequeno jornal de Las Vegas sobre Fabiano intitulado — o filho renegado— que especulava sobre ele ingressar na Camorra de Las Vegas para se tornar o Capo. Aparentemente houve uma desavença com seu pai que o fez sair de Chicago e ajudar Remo Falcone. Mas a informação geral era escassa. Não me deu o que eu realmente queria, um vislumbre por trás da máscara que Fabiano exibia para o público.

O dia seguinte era 24 de dezembro e fui trabalhar como se fosse um dia como qualquer outro. Eu tentei ligar para o centro de

reabilitação, mas não encontrei ninguém. E papai não saiu do quarto antes de eu sair do bar. Feliz Natal para mim. Não que eu tivesse intenção de comemorar. O bar estava deserto, apenas algumas almas solitárias curvadas sobre suas bebidas. — Por que você não sai mais cedo? — Perguntou Cheryl por volta das oito. — Eu posso lidar com nossos dois clientes.

Eu balancei a cabeça. — Você não tem família para comemorar?

Seus lábios se apertaram. — Não. Roger vai me pegar por volta da meia-noite para uma rapidinha de Natal.

Tentei esconder minha piedade. Sabia como enfurecia quando as pessoas me lançavam olhares de piedade. E não era como se meu Natal fosse muito melhor. — Onde ele está afinal? Esta é a primeira vez que ele não está no bar.

— Ele está em casa, celebrando o Natal com a filha.

— Filha? — Eu ecoei em descrença.

Cheryl assentiu. — Sua esposa morreu há alguns anos e ele a cria sozinho.

— Oh. — Por alguma razão eu pensei que Roger não tivesse uma vida além do bar.

— Apenas vá, Chick⁶.

Suspirei. Papai provavelmente não estava em casa. Ele mencionou uma corrida importante que tinha que assistir. Peguei minha mochila e tirei o celular que Fabiano me dera ontem para que eu pudesse contatá-lo. A única pessoa que eu poderia pensar em chamar era Fabiano, mas ele iria querer passar a véspera de Natal comigo? Ele esteve ocupado ontem e simplesmente me deixou em casa depois do trabalho sem mencionar o Natal. Eu cliquei em seu nome e rapidamente digitei uma mensagem.

Sai mais cedo. Você não precisa me pegar se estiver ocupado. Não é tarde demais para eu ir para casa.

Eu nem tinha saído do bar quando Fabiano respondeu.

Espere por mim.

⁶ Pintinho.

Eu não pude evitar um sorriso.

Cheryl me observou do outro lado do salão, sacudindo a cabeça, e eu rapidamente saí para o estacionamento. Sabia que ela não ficaria feliz se soubesse quanto tempo eu passava com Fabiano. Mas eu estava feliz, apesar de tudo.

Dez minutos depois, sua Mercedes parou ao meu lado.

Entrei e sentei ao lado dele como se tivesse sido sempre assim. Ele não se moveu para me beijar, nunca o fez enquanto podíamos estar sendo vigiados, mas ele colocou a mão no meu joelho.

— Eu não acho que você realmente deve me levar para casa todas as noites, — eu disse, tentando ignorar o modo como meu corpo estava aquecendo ao seu toque.

Fabiano guiou o carro com uma mão. — Eu sou um homem de honra. Mantenho minhas promessas.

Honra. Uma palavra que tinha desempenhado pouco ou nenhum papel na minha vida até agora. Meus pais não estavam familiarizados com o conceito. Honra teria ficado no caminho de seu vício.

Meus olhos viajaram para a tatuagem da Camorra novamente. Isso assustava as pessoas. Fabiano assustava as pessoas. Não tinha percebido isso no começo, mas agora que eu procurava os pequenos detalhes no comportamento das pessoas ao seu redor, era impossível não notar.

Talvez eu não soubesse o suficiente sobre a Camorra e Fabiano para ter medo, talvez fosse tola por não ter medo.

— Eu achei que talvez esta noite você quisesse celebrar a véspera de Natal com os Falcones. — Eles eram como sua família depois de tudo.

Seus dedos apertaram meu joelho. — Remo e seus irmãos não celebram a véspera de Natal.

— Mas e sua verdadeira família? Você nunca menciona isso.

Os lábios de Fabiano apertaram por um breve instante antes que ele moldasse sua expressão na calma habitual. — A Camorra é minha família. Remo é como meu irmão. Eu não preciso de nenhuma outra família além dessa.

Esperava que ele me contasse mais sobre sua verdadeira família. Hesitei, sem saber se deveria mencionar que encontrei artigos sobre eles. Não queria me mostrar uma perseguidora, mesmo que fosse o caso.

— Pergunte, — disse Fabiano com um encolher de ombros, como de costume capaz de ler o meu rosto e as perguntas nele.

— Eu encontrei algo sobre sua família na internet. Havia uma foto sua com eles e alguns artigos sobre suas irmãs. Um deles chamava você de filho renegado.

Seus lábios se curvaram em um sorriso sarcástico. — Interessante à interpretação torcida de eventos nesse artigo, — disse ele.

— Então, você não veio para Las Vegas porque queria se tornar Capo aqui?

— Eu ficaria feliz em me tornar Consigliere para Dante Cavallaro e a Outfit. Quando não sabia de nada, achava que seria a honra máxima seguir os passos do meu pai. Agora eu sei que não há honra em herdar sua posição. A única maneira de merecer uma posição de poder é se você lutar por isso, se você sangrar e sofrer por isso.

— E você fez, — eu disse. Eu vi as cicatrizes. E mesmo sem elas. Você não se transforma como Fabiano se a vida não tivesse lhe obrigado.

— Eu fiz, e Remo também. Ele arrancou sua posição como Capo das mãos sangrentas do homem que se considerava capaz do trabalho.

— E seus irmãos? E quanto a eles? É por isso que todos eles têm que lutar? Para provar seu valor.

— Essa é uma das razões, sim.

Era estranho que a humanidade achasse que tinha chegado tão longe, que os humanos se considerassem superior aos animais, quando nós também ainda seguíamos nossos instintos básicos. Nós procuramos pelos fortes, ávidos por um verdadeiro líder, um alfa para guiar nosso caminho, para tomar as decisões difíceis. A emoção das lutas pelo poder ainda nos cativava - por que mais esportes como luta livre ou boxe eram tão populares?

Percebi que não estávamos indo para o apartamento de meu pai nem para a casa de Fabiano.

— Com fome? — Ele perguntou, apontando para o KFC drive-thru, o canto da boca se contorcendo.

Eu balancei a cabeça, imaginando o que ele estava tramando.

— Que tal frango para o jantar e Las Vegas para nós mesmos? — Ele perguntou.

Eu sorri. — Soa perfeito.

O carro cheirava a frango frito e batatas fritas quando Fabiano dirigiu até a colina onde tinha me levado no nosso primeiro encontro. Nós provavelmente éramos as únicas pessoas que celebravam a véspera de Natal com uma refeição do KFC, mas eu não me importava. Não era como se eu tivesse tido jantares de Natal muito melhores nos anos anteriores. Fiquei contente porque Fabiano não estava tentando imitar uma celebração tradicional. Nós estacionamos na extremidade da colina e olhamos para as luzes brilhantes da cidade enquanto comíamos. — Eu acho que este é o melhor Natal da minha vida, — eu disse entre bocados de frango.

— Eu queria que não fosse, — Fabiano murmurou.

Dei de ombros. — Então você teve bons Natais com sua família?

As paredes subiram, mas ele me deu uma resposta. — Quando eu era jovem, cinco ou seis anos, antes de minha irmã mais velha ir embora. Depois disso, as coisas rapidamente despencaram.

Ele ficou em silêncio e largou seu recipiente meio comido.

Eu lambi o molho dos meus dedos, depois os baixei autoconsciente quando notei Fabiano me observando. Ele levou a mão até minha garganta e roçou meu ponto de pulso, onde ele deixou uma marca dois dias atrás, seus olhos azuis possessivos e... algo mais gentil.

— Vamos sair um pouco. Eu tenho um cobertor no porta-malas.

Fabiano saiu do carro e pegou o cobertor. Eu andei até o capô do carro e deixei meus olhos observarem o horizonte. Las Vegas parecia como sempre. Chamativa, colorida e brilhante. Poderia ser qualquer outra noite além do Natal, e fiquei feliz por isso. Fabiano chegou ao meu lado e me entregou o cobertor de lã contra o frio. Eu o envolvi ao meu

redor. Era macio e cheirava a lavanda. O corpo de Fabiano estava tenso, e ele estava olhando - não, *encarando* para baixo em um pequeno pacote em suas mãos.

Um pacote azul escuro com uma fita prateada. Ah não. Isso era para mim? Meu estômago despencou. Eu não comprei nada para ele. Nem tinha pensado nisso. Fazia tanto tempo desde que tinha celebrado o Natal de qualquer maneira que nem pensei em comprar um presente para ele. E o que eu poderia ter comprado de qualquer maneira? Ele tinha todo luxo possível.

Desviei meu olhar do pacote para encontrar Fabiano agora me olhando como se estivesse tentando se decidir. Eventualmente, ele estendeu a mão com o presente.

Eu não o peguei. — Você não precisa me dar nada.

Sua mão apertou o pacote. — Eu quero que isso desapareça.

OK. Eu pisquei.

Peguei o pacote, hesitante. — Eu não comprei nada para você.

Ele não pareceu surpreso. — Você não precisava, Leona. Isso não é nada.

— Não, não é. Ninguém me deu um presente de Natal em anos, — admiti, e me senti crua por causa disso.

A expressão de Fabiano se suavizou por um breve momento. Abri o pacote com dedos trêmulos. Dentro havia uma pulseira que parecia suspeitamente ouro. Pequenas pedras azuis a decoravam. — É lindo.

— Coloque-a, — disse ele enquanto sentava no capô do seu carro. Ele tinha um brilho muito estranho em seus olhos enquanto observava a pulseira como se ela existisse para assombrá-lo.

Ergui meu braço e ele prendeu a pulseira em volta do meu pulso. As pedras brilharam a luz do carro. Teria que esconder isso do meu pai e no bar também. Era patético pensar que eu raramente teria a oportunidade de usá-la abertamente.

Eu procurei os olhos de Fabiano. Eles não mostravam nada. Parte de mim tinha medo do que eu queria. Parte de mim tinha medo que ele cansasse de mim no momento em que eu lhe desse o que ele *queria*. Eu sabia como as coisas podiam acabar.

Sua mão encontrou a minha, ligando nossos dedos e eu olhei para nossas mãos, em seguida, lentamente de volta, porque não tinha certeza se ele estava fazendo isso porque sabia como me afetava ou se estava sendo real. Se isso - o que quer que fosse - era real.

Ele segurou meu rosto e me puxou em direção a ele. Meus joelhos bateram no para-choque entre suas pernas enquanto nossos corpos se moldavam. Ele me beijou, lento e lânguido. Eu pressionei as palmas das mãos contra seu peito firme, sentindo seu batimento cardíaco calmo. Seus lábios percorreram minha bochecha, depois escovaram minha orelha. — Posso pensar em algo que você poderia me dar de presente.

Eu congelei contra ele, meu olhar procurando o seu. Na quase escuridão, era difícil lê-lo. Às vezes parecia que ele estava fazendo isso de propósito, dizendo algo para quebrar o momento, para destruir o que poderia ser algo bonito.

Por quê? Eu limpei minha garganta. — Eu te disse...

— Você não vai dormir comigo, eu sei.

Eu levantei o pulso com a pulseira. — Foi por isso que você comprou isso?

Seus olhos se estreitaram. — Então você dormiria comigo? — Ele soltou uma risada sombria. — Para ser honesto, esperava que você quisesse fazer isso sem a ajuda de joias extravagantes.

Eu corei. — Eu quero.

Seus olhos ficaram ansiosos, seu corpo alerta. — Você quer? — Ele perguntou em voz baixa.

— Mas não hoje e não amanhã. Preciso te conhecer melhor.

Seu rosto estava muito perto e ele balançou a cabeça. — Você sabe tudo o que há para saber. E tudo que você ainda não sabe é para o seu próprio bem.

— Eu quero saber tudo, não apenas as coisas boas.

— Não há coisas boas, Leona. Você conhece as coisas ruins e só há coisas piores por trás delas.

— Eu não acredito nisso, — eu sussurrei, inclinando-me e beijando-o levemente.

— Você deve. Eu sou tudo que as pessoas te avisaram. Eu sou cada coisa desprezível que dizem e pior.

— Então por que me sinto segura quando estou com você?

Ele balançou a cabeça, o rosto quase com raiva. — Porque você não sabe o que é bom para você, e porque só vê o que quer ver.

— Você é gentil comigo.

Essa parecia ser a última gota. Ele ficou de pé, suas mãos segurando meus braços. — Eu não sou gentil, Leona. Nunca fui. Para ninguém.

— Para mim você é, — eu disse teimosamente. Por que ele não podia ver?

Ele olhou para mim, em seguida, levantou os olhos para a cidade atrás de mim. Seu domínio nos meus braços afrouxou. O que ele estava pensando?

Ele sentou novamente no capô, antes de me virar e me puxar contra ele, então minhas costas estavam pressionadas contra o seu peito. — Diga-me algo sobre sua família, — eu sussurrei. — Qualquer coisa.

Por um longo tempo ele não reagiu. — Minhas irmãs me criaram mais do que minha mãe ou meu pai.

Prendi a respiração, esperando que ele dissesse mais. Eventualmente, arrisquei outra pergunta. — Como elas eram?

Fabiano descansou a cabeça levemente no topo da minha cabeça. — Aria era protetora e carinhosa. Gianna leal e feroz. Lily esperançosa e alegre. — Eu tentei imaginá-las juntas, tentando reunir a descrição de Fabiano com a foto da notícia que encontrei e seus falsos sorrisos nela.

— E você? Como você era quando garoto?

Seu aperto nos meus quadris se tornou doloroso, e eu sabia que ele estava escapulindo. — Eu era fraco.

— Você era uma criança. — Eu o senti balançar a cabeça, então ele se afastou. Eu não queria isso e coloquei minhas mãos sobre as dele para mantê-las no lugar. — O que aconteceu?

— Elas partiram. Porque elas fugiram, meu pai me queria morto. E o menino que ele queria morto, *morreu*.

O quê? Seu pai o queria morto?

Sua respiração estava quente contra a minha garganta quando ele murmurou. — Eu quero ver você nua.

Eu fiquei tensa, então tentei me virar para olhá-lo, mas ele não me deixou ver seu rosto. Suas mãos na minha cintura me mantiveram no lugar. Sua súbita mudança de assunto e *humor* me perturbou. — Você disse que se sentia segura comigo. Então prove isso. Eu quero ver cada centímetro seu.

— Não é justo que você esteja usando isso contra mim, — eu disse baixinho. Minha mente estava zumbindo com o que ele me disse.

— Se você se sente segura, então você confia em mim?

Eu confiava nele? Não tinha certeza. Eu não confiava em ninguém há muito tempo, ou nunca. Eu nem sequer confiava em mim na metade do tempo.

— Ou talvez no fundo você saiba que não pode confiar em um homem como eu. Talvez no fundo você saiba que não sou seguro. — Ele parecia triunfante.

Eu peguei o zíper do lado do meu vestido e lentamente comecei a baixá-lo. Fabiano me soltou para que eu pudesse ficar de pé e abaixar o zíper completamente. Peguei a bainha do vestido, mas as mãos de Fabiano estavam lá, me impedindo. — Deixe-me.

Eu levantei meus braços apesar do meu nervosismo e ele puxou a roupa sobre minha cabeça. Tremi contra o frio. Ele tinha me visto de calcinha antes e ainda assim isso parecia diferente, mais exposto. Eu encontrei o seu olhar. Sentado à beira do capô, o corpo tenso de antecipação, como um jaguar prestes a saltar. — Venha, — ele disse baixinho, e eu entrei entre suas pernas. Ele soltou meu sutiã e deixou cair no chão entre nós. Então seus dedos engancharam na bainha da minha calcinha. Lentamente, ele a passou pelos meus quadris até que elas caíram aos meus pés. Seus olhos examinaram meu corpo

descaradamente. Seu olhar permaneceu na minha parte mais privada e eu tive que lutar contra o desejo de me cobrir. A maneira como ele me observava, como se eu fosse especial, fez minha respiração ficar presa na minha garganta. — Veja, — eu disse eventualmente. — Eu me sinto segura com você.

Ele passou os braços em volta de mim, me puxando para perto. Meus mamilos esfregaram contra sua camisa e um doce formigamento agitou meu estômago. — Você não deveria. — Sua voz era áspera e profunda. Suas mãos desceram nos meus quadris, em seguida, uma delas começou a subir lentamente até segurar meu peito. O frio ao meu redor se tornou uma lembrança distante quando ele puxou meu mamilo, rolou-o entre o polegar e o indicador. Podia me sentir molhada de seu toque em segundos. Lentamente, a outra mão deslizou da minha cintura para a minha bunda. Ele segurou minha bochecha e apertou, em seguida, desceu, para a parte de trás da minha coxa antes de deslizar os dedos entre as minhas pernas. As pontas dos dedos dele roçaram em mim e eu soltei um longo suspiro trêmulo. Na penumbra, avistei a ereção lutando contra suas calças.

O que eu estava fazendo?

Sempre que eu ficava acordada à noite, ouvindo minha mãe com seus clientes, imaginava meu futuro com um marido conservador. Um homem que trabalhava das nove as cinco, um homem seguro e chato, e aqui estava eu com Fabiano, um homem que era tudo menos isso. Ele não se encaixava com o futuro que eu imaginava, não se encaixava na vida que eu planejava cuidadosamente para mim mesma.

Mas quem disse que ele faria parte do meu futuro? Ele definitivamente nunca deu qualquer indicação de querer um para sempre, que queria mesmo um relacionamento. E o que eu queria? Não tinha mais certeza. E enquanto seus dedos trabalhavam minha carne aquecida e eu me agarrava a ele, decidi deixar minhas preocupações por enquanto. Meu corpo se rendeu aos sentimentos que se formavam na boca do meu estômago e ofeguei quando seus dedos me acariciaram. Era emocionante. Vivo. Eu me senti viva. Ele se moveu mais rápido, e eu gritei, minha cabeça caindo para trás enquanto correntes de prazer passavam por mim.

O céu acima de nós era infinito, cheio de possibilidades e esperança. Tola esperança.

Oh Deus. Estava me apaixonando por ele.

Eu pressionei minha testa contra o ombro de Fabiano, tentando recuperar o fôlego. Ele pegou minha mão e descansou contra a protuberância em suas calças. — Isso é o que você faz comigo, Leona, — ele rosnou.

Era tudo o que eu fazia para ele?

Uma mistura de triunfo e necessidade me encheu. Necessidade de mais do que seu corpo poderia dar, mas peguei o zíper dele e o puxei para baixo. *Aceite o que você pode conseguir, Leona.*

Meus dedos pararam antes do próximo movimento. Levantei meus olhos para os dele e havia um lampejo da mesma necessidade. Ele também sentia isso? Fabiano se afastou do capô, quebrando o momento e libertou sua ereção de suas calças. Seus olhos me fizeram tremer, de frio e fome. — Eu quero você de joelhos, Leona. Quero meu pau na sua boca.

Congelei, minhas defesas disparando. Outro momento arruinado. Ele era tão bom nisso.

Eu de joelhos? Isso era algo que jurei que nunca faria. Com ninguém. Os homens da minha mãe sempre quiseram sua boca, se sentiam poderosos quando ela se ajoelhava diante deles, gostavam de degradá-la daquele jeito. Às vezes, quando estava chapada, ela me contava sobre isso, sobre sua repulsa, sobre o gosto repugnante, sobre asfixia, porque eles fodiam sua boca sem piedade. Eu nunca permitiria que isso acontecesse comigo. Muito menos assim. Não tinha certeza do que Fabiano via em mim, se ele se importava comigo, ou se querer estar na minha boca era sua maneira de me possuir um pouco mais.

Eu dei um passo para trás, balançando a cabeça. — Não, — eu disse. Os olhos de Fabiano brilharam, mas não tive chance de ler a emoção.

— Eu não sou sua prostituta, Fabiano. Não gosto de você me dando ordens.

Ele sorriu sombriamente. — Isso não foi uma ordem, Leona. Acredite, é muito diferente quando dou uma ordem.

Perigoso. Isso é o que ele era. Às vezes eu vislumbrava isso sob sua máscara e sempre tentava esquecer.

— E eu não gosto que você me provoque. Você continua flertando comigo, deixando-me tocá-la, e acha que não vou querer mais? Mesmo um cara normal iria querer fodê-la, e eu sou um *assassino do caralho*. E você espera que eu fique sentado e espere pacientemente que você se decida.

Um assassino. Ele nunca admitiu isso. Eu nunca perguntei a ele, porque no fundo preferia não saber, e mesmo assim o conceito de ele acabar com a vida de alguém era muito abstrato para entender. Parecia algo distante, algo que não é deste mundo.

Um comentário mordaz morreu em meus lábios quando percebi a insinuação de cautela nos olhos de Fabiano. Ele estava desconfiando de mim, achando que eu estava brincando com ele, talvez o usando como as outras mulheres que só viam seu poder e as possibilidades que isso traria para elas. Fabiano e eu tínhamos muita dificuldade em confiar nos outros.

— Não estou brincando com você, — eu disse baixinho. Toquei seu peito, sentindo seu calor mesmo através da camisa. Seus músculos flexionaram sob o meu toque, mas não suavizaram, nem corpo nem expressão. Ele me considerava como uma cobra, um rato. Suspirei, não querendo explicar minha reação a isso porque não podia contar a ele sobre minha mãe, não sem ele me olhar de forma diferente. — Eu quero tocar em você, — eu disse, e era verdade. — Mas não vou colocar minha boca em você. Eu acho que é degradante. Minha mãe sempre teve um mau gosto para homens e todos gostavam de subjugá-la assim.

Seu olhar era muito confiante, como se soubesse mais do que estava disposto a compartilhar. Eu desviei o olhar, preocupada que ele soubesse exatamente o que eu estava escondendo, não apenas sobre minha mãe.

— Eu não tenho intenção de te degradar, — disse ele. Estendi a mão para ele hesitante, meus dedos roçando sua textura. Ele endureceu imediatamente, mas nenhum som saiu de seus lábios enquanto ele me observava. Pela primeira vez eu não queria saber o que estava acontecendo em sua cabeça, assustada demais de que me dissesse mais sobre mim do que sobre ele. Sua mão se fechou em volta dos meus dedos, mostrando-me exatamente como ele gostava de ser tocado.

Minha própria respiração acelerou enquanto eu o acariciava mais forte e mais rápido. Ele nunca tirou os olhos de mim e lá estava outra

vez aquele lampejo de emoção. Eu apertei ainda mais minha mão, o fiz rosnar baixo em sua garganta, e substituí a emoção em seus olhos por luxúria. Melhor. *Seguro*. Eu poderia quebrar o momento também. Tinha que quebrá-lo, se eu quisesse sair disso ilesa.

Fabiano ficou tenso, o controle finalmente escorregando e ele gozou com um estremecimento. A repulsa que eu esperava nunca veio. Eu queria tocá-lo, e foi incrível vê-lo assim. Queria mais e mais do que isso.

Quando nossa respiração finalmente se acalmou, Fabiano pegou o cobertor de lã do chão e o envolveu em volta de nós, seu corpo quente contra o meu. Eu me inclinei para trás, fechando os olhos. Apesar da beleza da cidade abaixo, nada poderia se comparar com a sensação de nossos corpos pressionados um contra o outro. Estive sozinha por tanto tempo. Talvez toda a minha vida. E agora havia alguém cuja proximidade me dava uma sensação de pertencer que eu não achava possível. Fabiano era um perigo para qualquer um ao redor, mas para o meu coração, ele representava o maior perigo de todos.

Capítulo Quatorze

Leona

Manhã de Natal. Meu pai devorou a torrada francesa que preparei e depois se levantou. — No Natal, acontece uma das maiores corridas do ano. Eu preciso fazer minha aposta.

Claro que ele precisava. Era sempre sobre apostas e jogos de azar. Sobre corridas e lutas. Como eu poderia esperar que meu pai quisesse passar o Natal comigo? Eu balancei a cabeça, engolindo as palavras amargas que queriam sair. Ele saiu da cozinha, me deixando sozinha com os pratos sujos. Esperei que ele saísse do apartamento antes de pegar o pedaço de papel dobrado com o número do centro de reabilitação da minha mochila e discar com o meu novo telefone. Depois de dois toques, uma voz feminina mecânica respondeu. — Estou ligando por Melissa Hall, sou filha dela. — Culpa me encheu. Essa foi apenas a segunda vez que tentei telefonar desde que estive em Las Vegas, mas os médicos haviam me dito que era melhor dar tempo para minha mãe se acomodar antes que fosse confrontada com influências externas novamente.

Houve silêncio do outro lado, exceto pelo clique de alguém digitando algo no teclado. — Ela saiu há dois dias.

— Saiu? — Eu repeti, meu estômago apertando com força.

— Recaída. — A mulher ficou em silêncio do outro lado, esperando que eu dissesse alguma coisa. Quando não o fiz, ela acrescentou: — Você quer que eu chame um de seus médicos para que ele possa explicar os detalhes para você?

— Não, — eu disse com raiva, depois desliguei. Eu tinha entendido. Minha mãe recaíra novamente. Eu não sabia por que esperava algo mais dela. E agora ela estava lá sozinha, sem mim. O medo cutucou minhas entranhas. Esta tinha sido sua última chance. Ela teve uma overdose duas vezes no passado, e eu fui a única a salvá-la, mas agora eu estava longe. Ela não podia estar sozinha. Ela se esquecia de comer, e ficava triste, triste demais, especialmente depois de um John tratá-la como merda. Ela precisava de mim.

Eu olhei friamente para os pratos na minha frente, escutei o silêncio ensurdecedor do apartamento. Lágrimas obscureceram minha visão. Precisava encontrá-la antes que fosse tarde demais. Eu sempre fui a guardiã na nossa relação. Minha mãe era como uma criança em tantos aspectos. Nunca deveria ter escutado os médicos. Eu sabia desde o começo que minha mãe era uma causa perdida. Havia apenas uma pessoa a quem eu poderia recorrer.

Eu digitei: **“Preciso da sua ajuda, Fabiano. Por favor”** no meu celular e pressionei 'enviar'.

Fabiano

— Hoje vai nos render milhões, — disse Nino.

Eu desviei meu olhar da tela da TV mostrando o aquecimento da corrida. Nino estava olhando para o iPad em seu colo.

Remo sacudiu a cabeça para o irmão, irritado. — Assista a corrida pelo amor de Deus. Nós temos um agenciador para as apostas. Divirta-se pela primeira vez. Pare de agir como um nerd de matemática.

Nino deu de ombros. — Eu não confio em nossos agenciadores para fazer um trabalho melhor do que eu. Por que se contentar com uma opção menor?

Savio bufou. — Você está tão cheio de si mesmo.

Se Nino não fosse irmão de Remo, ele teria estudado matemática ou alguma merda assim. Ele era um gênio, o que o tornava duas vezes mais letal.

Remo deslizou a faca do suporte sobre o peito, depois a atirou com um movimento de seu pulso. A lâmina afiada perfurou o couro marrom macio ao lado da coxa esquerda de Nino. Nino olhou para cima do iPad e depois para a faca que se projetava do sofá. — Ainda bem que as corridas nos trazem muito dinheiro já que você continua destruindo nossos móveis, — ele demorou.

Remo acenou para ele.

Nino colocou o iPad na mesa ao lado dele e depois tirou a faca. Ele começou a torcê-la entre os dedos.

— Então, como está indo com sua garçonete? — Remo perguntou. — Ainda não está entediado dela?

Dei de ombros. — Ela é divertida o suficiente.

Os olhos assertivos de Nino me observaram sobre sua brincadeira com a faca. Eu não tinha certeza do que exatamente seu cérebro retorcido havia percebido da única vez que ele me viu com Leona. Ele não entendia emoções. Essa foi a minha salvação.

— Boa foda? — Perguntou Savio, sorrindo.

Eu não estava feliz com a mudança que a nossa conversa tinha tomado.

— Que diabos, — exclamou Savio, apontando para a TV. — Adamo está dirigindo um dos carros de corrida.

Todos nos voltamos para a tela. Adamo estava ultrapassando dois carros de uma só vez, os motoristas não o viram disparar atrás deles. — Boas habilidades de condução para uma criança de treze anos, — eu disse.

Remo franziu o cenho. — Um dia desses vou matá-lo, irmão ou não.

Meu celular vibrou no bolso da minha calça jeans. Eu tirei, então olhei para a tela. Leona

Eu preciso da sua ajuda, Fabiano. Por favor.

Sentindo os olhos de Remo em mim, coloquei o celular de volta no meu bolso.

— Sua garçonete, — disse ele.

Eu cruzei meus braços atrás da minha cabeça. — Ela pode esperar.

— Por que você iria desperdiçar o seu dia com a gente se você pode ter uma boa foda? — Perguntou Savio, em seguida, levantou-se. — Na verdade, por que você não organizou algum tipo de entretenimento, Remo?

Remo pegou o celular. — Obviamente, o tempo em família acabou. — Então ele riu de sua própria piada antes de seus olhos deslizarem para mim. — Vá até ela. Então não teremos que dividir as garotas com você.

Levantei com um encolher de ombros, como se não me importasse de sair ou ficar, mas minha mente estava vacilando. O que estava acontecendo? Leona parecia desesperada.

— Não se esforce muito com essa sua garota, — disse Remo com um sorriso de tubarão. — Não seria bom se meu Executor perdesse uma luta.

Eu revirei meus olhos. Minha próxima luta era em seis dias na véspera de Ano Novo. — Não se preocupe.

As ruas estavam desertas enquanto eu dirigia até Leona. As pessoas estavam comemorando o Natal com suas famílias. Eu peguei vislumbres ocasionais através das janelas, onde as pessoas trocavam presentes ou compartilhavam uma refeição em família. Eu sabia que a maior parte era uma fachada. Minha família sempre fez um grande show celebrando o Natal juntos também, mas a portas fechadas nós estávamos tão longe da família feliz quanto você poderia imaginar. Nosso pai sempre se certificou de que fôssemos infelizes.

Ontem à noite foi a primeira véspera de Natal que desfrutei em muito tempo. Por causa de Leona. Minhas mãos cerraram. Eu não deveria ter lhe dado a pulseira. Eu não tinha certeza do que tinha acontecido comigo.

Nada. Eu queria me livrar da porra da coisa. Isso foi tudo. E por que não dar a Leona?

Estacionei na rua de Leona e saí do carro. Eu não tinha me incomodado em mandar mensagens para ela.

Toquei a campainha e, momentos depois, Leona abriu a porta, parecendo surpresa e aliviada. Seus olhos estavam vermelhos de chorar. Eu escolhi não comentar. Consolar os outros não era o meu forte e tinha a sensação de que ela preferia que eu ignorasse sua emotividade.

Atrás dela, vi o pequeno apartamento que ela e seu pai compartilhavam, com o tapete gasto e o papel de parede amarelo pelo

fumo. Ela seguiu meu olhar e corou. — Eu não achei que você viria, — ela disse calmamente.

— Estou aqui.

Ela assentiu devagar, depois abriu a porta. — Você quer entrar?

O apartamento estava muito longe de ser convidativo, mas eu entrei. Leona fechou a porta e, em seguida, seus braços estavam em volta da minha cintura em um aperto firme e ela estremeceu. Eu hesitei, em seguida, levantei a mão para a cabeça dela e a toquei levemente. — Leona, o que está acontecendo? — Alguém a machucou? Quando isso poderia ter acontecido? Eu a trouxe para casa por volta das quatro da manhã. Agora eram apenas doze horas.

Ela levantou a cabeça. — Por favor, ajude-me a encontrar minha mãe.

— Sua mãe?

— Ela saiu da reabilitação. Ela não pode cuidar de si mesma sem mim. Eu sempre fui a pessoa que garantiu que ela comesse e não sofresse uma overdose. Nunca deveria tê-la deixado, mas achei que ela estava segura na reabilitação.

— Shhh, — eu disse, tocando sua bochecha. Ela estava tremendo. — Tenho certeza que sua mãe está bem.

— Não, ela não está. Ela não pode lidar com a vida. — Ela fechou os olhos e eu sabia o que estava por vir. — Ela vende seu corpo por drogas. E às vezes isso a faz se sentir tão suja e horrível que ela só quer desistir. Eu não estarei lá para impedi-la da próxima vez que isso acontecer.

Depois de toda a negligência que Leona sofreu, ela não deveria se preocupar com a mãe dessa maneira. Isso mexeu alguma parte de mim que achei estar morta. — Vou encontrá-la para você, — eu disse a ela. — Onde ela foi vista pela última vez?

— Austin.

Isso era um pouco problemático. Os cartéis mexicanos e os MCs locais estavam no controle do Texas. Remo queria mudar isso eventualmente, mas agora a Camorra tinha pouco poder lá. Remo tinha seus contatos, claro. Pessoas que preferem nos ver no poder aos

mexicanos. Talvez um deles possa ajudar. Mas isso exigiria que *eu pedisse* ajuda a Remo.

— Tem certeza de que sua mãe não vai procurá-la?

Leona deu de ombros. — Eu não sei. Ela pode tentar. Se ela se lembrar para onde eu vim. Ela nem sempre lembra corretamente. Seu cérebro está uma bagunça por causa de todas as drogas. — Ela fechou os olhos. — Se algo acontecer com ela, nunca vou me perdoar.

— Nada vai acontecer com ela, — eu disse com firmeza. Eu acariciei sua bochecha e ela me deu um sorriso choroso. — Obrigada, Fabiano. — Eu abaixei minha cabeça e beijei seus lábios. O beijo foi doce. Eu nunca tive um beijo doce na minha vida.

Quando voltei para a mansão Falcone, ouvi os gemidos. Eu caminhei até a sala de entretenimento com mesas de bilhar, sofás, TVs e ringue de boxe. Sávio estava inclinado sobre uma mulher nua esparramada na mesa de bilhar, fodendo-a. Outra mulher se tocava na mesma mesa.

Ela sentou quando me viu, em seguida, pulou da mesa. Eu a tinha fodido antes, mas não lembrava o nome dela. Ela se aproximou de mim, mas balancei a cabeça, estreitando meus olhos para ela. Ela congelou, os olhos cintilando com desconforto.

— Onde ele está? — Perguntei.

Remo nunca leva essas mulheres para o seu quarto.

— Lá fora, — Sávio murmurou, então continuou a foder a prostituta.

Saí em direção à sala de estar e para o terraço com a vista da piscina. Remo estava lá, nu, com a mão em punho no cabelo de uma mulher e fodendo sua boca com força. Ele estava olhando para ela como se preferisse cortá-la em pedaços a atirar seu esperma em sua garganta.

Seus olhos dispararam para encontrar os meus, e ele parou de empurrar, mas segurou a mulher no lugar com o punho, seu pênis profundamente dentro de sua boca.

— Eu preciso da sua ajuda, — eu disse. Ele já havia reunido informações sobre a mãe de Leona, então sabia que ele a encontraria.

As sobrancelhas negras de Remo se juntaram. Ele empurrou a mulher para longe e ela caiu sentada, em seguida, rapidamente saiu correndo. Ele não se incomodou em se cobrir.

— Eu preciso encontrar alguém. A mãe de Leona.

— Você precisa? — Ele disse baixinho, a suspeita apertando seus olhos. — Por que *você* precisa encontrar a piranha?

Se achasse que Leona estava se tornando importante demais para mim, o que ela não estava, ele poderia tomar ações pelas próprias mãos e se livrar dela. — Porque Leona colocou na sua cabeça que a vadia vai morrer sem a ajuda dela.

Remo se aproximou. Eu não pude ler seu estado de espírito. Ele estava... tenso. — E você vai ajudá-la, porque?

Essa era a porra da pergunta, não era?

— Porque eu quero. — Era uma entrada perigosa. Eu tinha que esperar que os anos que passamos como irmãos me protegessem.

— Isso tem algo a ver com suas irmãs e como você foi abandonado e essa merda?

— Você me salvou quando eu precisei ser salvo.

— Eu não estava sendo heroico, Fabiano. Eu fiz porque sabia que você era digno de se tornar o que é hoje.

— Eu não estou sendo heroico também. Você vai me ajudar?

Remo sacudiu a cabeça. — Não comece a ficar suave comigo, Fabiano. — Ele não parecia zangado ou ameaçador.

Eu relaxei minha postura. — Não estou, confie em mim.

Remo passou a mão pelos cabelos. — Você é um empata-foda, seu idiota.

— Você provavelmente a teria matado antes que pudesse ter atirado seu esperma na garganta dela.

— Eu a teria matado enquanto atirava meu esperma em sua garganta, — disse Remo com um sorriso sombrio. Ele pegou as calças e as vestiu. — Eu suponho que a prostituta está em algum lugar no Texas, vendendo sua vagina usada para qualquer idiota com alguns dólares?

— Provavelmente.

— Boa oportunidade para irritar os mexicanos, suponho. Talvez eu possa conseguir um favor com o Tartarus MC.

Eu não lhe agradei. Ele não gostaria disso.

Capítulo Quinze

Fabiano

Algo tinha deixado Remo animado. Eu observei seu rosto ocasionalmente, sabendo que coisas que animavam Remo geralmente envolviam sangue e destruição.

Soto entrou, arrastando uma mulher pelo braço.

Sufoquei um suspiro. As mulheres não eram meu campo de trabalho. Remo sabia que eu preferia lidar com homens, e nos últimos dois anos, ele me permitiu essa clemência. Eu duvidava que ele entendesse, ou aprovasse minha relutância em lidar com as mulheres, mas machucá-las nunca me dera a emoção de punir os homens. Soto por outro lado conseguia degradar o sexo frágil em mais do que apenas o sentido literal.

Degradante. A expressão de Leona quando lhe pedi para me dar um boquete brilhou em minha mente, mas eu bani qualquer pensamento dela.

Eu lancei a Remo um olhar questionador. Por que eu deveria vê-lo punir uma puta drogada em estado lastimável?

Soto empurrou a mulher em nossa direção. Ela oscilou sobre seus sapatos de couro vermelho muito altos e, eventualmente, caiu de joelhos. Ela levantou-se, revelando meias arrastão rasgadas e um vestido vermelho de verniz que pendia de seu corpo esquelético. Quando ela levantou o rosto para olhar com medo para nós, uma sacudida de reconhecimento passou por mim. Eu mascarei meu choque antes que Remo pudesse notar. Ele esteve me observando de perto nos últimos dias desde que lhe pedi ajuda.

Olhos esbugalhados, azuis como os de Leona, espreitaram de mim para Remo e Soto. Havia uma leve semelhança. Talvez quando mais jovem a mãe de Leona se parecesse ainda mais com sua filha. Antes das drogas e do álcool e as constantes surras de Johns.

Ela cambaleou em seus saltos altos. Seus dedos tremiam e havia um fino brilho de suor em sua pele desgastada. Ela precisava da próxima dose.

— A encontrei, — Remo disse, um brilho animado em seus olhos que me disse que isso era mais do que apenas por me ajudar. Mais de uma vez eu me arrependi da decisão de abordá-lo. Leona não era mais uma entre muitas para ele. Ela era alguém com um nome e um rosto, alguém para ter cautela.

— Tive que entregar alguns milhares em dinheiro para o *presidente* da porra do MC pela puta sem valor porque ela trabalhava em suas ruas. Eu me pergunto que parte dela deve valer cinco mil dólares. Olhe para ela.

Eu não precisei. Ela não valia tanto dinheiro.

Cinco mil dólares.

Porra.

O Tartarus MC tinha nos roubado. E Remo tinha deixado. Nada bom.

— O que você diz prostituta? Você vale tanto dinheiro? — Sua voz era perigosamente agradável. Pessoas que não o conheciam poderiam confundir isso com um bom sinal.

Ela rapidamente balançou a cabeça. Ela sabia como lidar com homens perigosos. Com um passado como o dela, não deveria ser uma surpresa. — Onde eu estou?

— Las Vegas, *minha propriedade*, e agora você também é.

Ela assentiu devagar, aturdida, depois sua expressão mudou. — Minha filha Leona está aqui.

Cale a boca. Eu não queria o nome de Leona nesta sala. Eu precisava descobrir uma maneira de tirá-la da cabeça de Remo.

— Ela está, — disse Remo, seus olhos deslizando para mim, apertando os lábios. — Agora voltando aqueles cinco mil dólares que você me deve.

Droga. Seria fácil eu pagar esse valor, mas eu não era doido.

Ela sorriu torto. — Eu ganho um bom dinheiro, sei o que os homens querem.

Os olhos escuros de Remo viajaram por seu corpo. — Eu duvido que qualquer homem queira sujar seu pênis assim.

Ela nem sequer se encolheu com as palavras dele. Ela tinha ouvido pior. Qualquer que seja o orgulho que já tivera, desapareceu. Ela não tinha honra, não tinha nada. Era por isso que Leona se agarrava a sua virgindade como se fosse sua única salvação. E mesmo sabendo disso, ainda queria tirar isso dela.

Remo tirou uma pequena sacola transparente com dois cubos de metanfetamina do bolso e balançando-a na ponta dos dedos. A mãe de Leona respirou fundo, um som agudo e rouco. Seu corpo ficou tenso, olhos aguçados e ansiosos. Para ele não era nada. Nosso estoque estava cheio de metanfetamina, heroína e ecstasy, cheio de dinheiro também.

Ela deu um passo em direção a ele, lambeu os lábios rachados.

— Você quer isso, hein? — Ele perguntou em voz baixa. Ela acenou bruscamente.

— O que você faria para conseguir isso?

— Qualquer coisa, — ela disse rapidamente. — Eu vou chupar seu pau e você pode foder minha bunda. Sem preservativo.

Como se Remo tivesse que se contentar com alguém como ela. Ele *era* Las Vegas. Ele poderia ter qualquer uma. A boca de Remo se apertou de desgosto. — Não há detergente suficiente no mundo para limpar você.

— Então talvez ele? — Ela acenou para mim.

Os olhos de Remo se voltaram para mim. — Eu acho que ele prefere uma versão mais jovem de você. Menos usada.

Leona não era usada de forma alguma. Ela era pura e inocente. Era *minha*.

A mãe de Leona olhou para Soto finalmente. Até mesmo Soto não parecia nem perto de estar animado com a perspectiva de transar com ela. Ele geralmente não era exigente de onde colocar seu pênis feio, mas essa mulher estava muito perdida, mesmo para ele.

— Estou bem, chefe, — disse ele, recusando-a como uma mosca incômoda.

Remo fechou os dedos ao redor da bolsa. — Talvez você tenha alguma outra coisa que possa nos oferecer. Ou talvez outra pessoa? — Ele inclinou a cabeça com um sorriso perigoso. — Talvez sua filha leve na bunda em seu lugar. Ela pode até valer cinco mil dólares.

Meus dedos se contraíram na minha arma, mas eu parei. Isso era uma loucura. Eu jurei lealdade a Remo e à Camorra. Isso não era sobre essa mulher na nossa frente. Remo estava me testando, e sentiu a necessidade de me perturbar. Leona era uma distração. Ela não era uma ameaça para a Camorra de forma alguma.

— Ela não é assim. Não toque nela, — a mãe de Leona disse ferozmente. Eu a observei de novo. Pouco restava nela. Ela não tinha orgulho, nem honra, nada, mas, apesar de sua necessidade do crack nas mãos de Remo, a parte dela que se preocupava com a filha, não importava o pouco que restasse, vencera. Isso era mais do que se poderia dizer sobre o pai de Leona.

Remo jogou a bolsa no chão. — Você não vale o meu tempo.

Ela correu para frente e pegou a bolsa, embalando-a como uma criança. — Você é minha propriedade desde que me deve dinheiro. Vá para as ruas. Você é muito pobre para os nossos bordéis. — Ela não estava ouvindo. Ela estava remexendo em sua bolsa. Finalmente, sua mão emergiu com uma seringa com crosta de sangue velho.

O rosto de Remo se contorceu de raiva. — Aqui não!

Ela recuou. Fui até ela, agarrei seu braço e a levantei. Eu a arrastei para fora, os olhos de Remo queimando minhas costas enquanto eu saía. — Cinco mil mais juros, Fabiano. Diga a Leona também.

Empurrei a mãe de Leona para o banco de trás do meu Mercedes, em seguida, fui para trás do volante. — Nem pense em se drogar no meu carro, — eu rosnei. Irritado com ela, com Leona e, acima de tudo, comigo mesmo.

A mãe de Leona se encolheu contra o assento. Ela não se moveu a viagem inteira, exceto por seus olhos que me observavam como se eu fosse atacá-la. Ela já estava quebrada.

Suspirei e deixei-a no carro enquanto me dirigia para a Arena de Roger.

No momento em que Leona me viu, ela largou tudo e correu na minha direção.

— Eu a encontrei. Ela está no meu carro.

Os olhos de Leona se arregalaram e ela me abraçou. Porra me abraçou no meio da Arena de Roger, sob os olhos de dezenas de clientes. Eu agarrei seus braços e a afastei.

Leona

Eu deixei cair meus braços, percebendo o que tinha feito. Fabiano parecia chateado. E eu entendi. Não só ele tinha que manter as aparências, mas as pessoas não deveriam saber sobre nós.

— Como ela está? — Eu perguntei enquanto o seguia para fora. Eu mal conseguia acompanhar o ritmo dele. Ele parecia desesperado para fugir.

Ele abriu a porta e mamãe saiu cambaleando. Ela parecia uma bagunça, como se tivesse sido encontrada com um John e não tivesse tido tempo de se limpar adequadamente. Eu a vi em um estado pior, então me movi para frente e passei meus braços ao redor dela. Ela retornou meu abraço brevemente, depois baixou os braços, trêmulos. Quando vi a seringa e o saco plástico na mão esquerda, soube por quê. — Eu preciso... — ela sussurrou.

Eu assenti. Eu sabia que ela precisava de uma dose. Recuei e ela caiu de joelhos, nervosamente mexendo no saco de plástico.

Fabiano ficou perto de mim. Eu podia sentir sua presença como uma sombra de desaprovação. O cheiro da droga derretendo encheu meu nariz enquanto mamãe segurava a colher sobre o isqueiro. Ela soltou um pequeno gemido quando a agulha finalmente perfurou sua pele machucada.

Eu lancei um olhar por cima do meu ombro. A expressão de Fabiano era de pedra. Duro, implacável, frio. — Obrigada.

Olhos azuis se estreitaram uma fração. — Cinco mil, foi o que Remo teve que pagar por ela. Até que ela possa pagar, pertence à Camorra.

— Isso é muito dinheiro. Ela nunca poderá pagar. Ela mal conseguia pagar por metanfetamina e comida antes.

Ele desviou o olhar e dirigiu-se para o lado do motorista. — Ela vendeu seu corpo por anos, terá que continuar fazendo isso. Mandaremos os Johns que não têm dinheiro para os prostíbulos e ela lhes dará o que eles querem.

Eu olhei para suas costas porque ele não me mostrava seu rosto. — Mas esses homens são sempre os piores. Eles gostam de bater e humilhar.

Com a mão na porta do carro, ele parou. Seus ombros se ergueram. Seus olhos estavam frios como um lago glacial quando ele virou a cabeça. — Eu não posso fazer nada. Eu já fiz muito. Você não sabe o quanto estou arriscando por você. Sua mãe está perdida, Leona. Ela tem estado por um longo tempo. Salve-se e deixe que ela cuide de sua merda sozinha.

— Eu não posso, — eu disse a ele. Ele entrou no carro e partiu sem outra palavra.

Você não sabe o quanto estou arriscando por você.

Por quê? Por que você está arriscando tanto, eu queria perguntar a ele, mas ele se foi, e não responderia de qualquer maneira.

Mamãe estava enrolada em si mesma, aparentemente feliz.

— Quem é essa? — A voz de Cheryl me fez pular. Ela apareceu ao meu lado.

— Minha mãe, — eu admiti.

Cheryl não disse nada enquanto nós duas assistíamos a minha mãe se perder em sua névoa de drogas. — Ela não pode ficar aqui. Roger vai perder a cabeça se vir uma drogada em seu estacionamento.

— Eu sei, — eu disse. — Mas não tenho carro, e não há como um táxi nos levar assim.

Cheryl suspirou. — Eu odeio dizer isso, Chick, mas você é mais problema do que parece. — Ela puxou as chaves do carro do bolso de trás, em seguida, apontou para um velho e enferrujado Toyota. — Entre. Vou te dar uma carona rápida. Mel pode segurar a barra.

— Obrigada, — eu sussurrei. Ela acenou, depois me ajudou a levar minha mãe até o carro e colocá-la no banco de trás. Ela também me ajudou a levar minha mãe para o apartamento, mesmo quando meu pai esbravejava ao nosso redor. Paguei por comida e lhe dei dinheiro mais do que suficiente nas últimas semanas. Ele teria que lidar com a mãe dormindo no sofá por enquanto.

— Você vai acabar como ela! — Ele gritou quando saiu. Cheryl já tinha ido embora.

Eu me empoleirei na beira do sofá ao lado da minha mãe que estava murmurando em sua névoa. Mamãe em Vegas significava mais problemas para mim. Eu não queria que ela trabalhasse nas ruas de novo, mas não tinha dinheiro suficiente para pagar sua dívida com a Camorra.

Meu celular apitou. Eu o tirei da minha mochila.

Era uma mensagem do Fabiano.

Você precisa que eu a busque no trabalho hoje à noite?

Mesmo que ele estivesse chateado com a situação, honrou sua promessa de me proteger. Eu sorri para o meu celular.

Não. Estou em casa com minha mãe. Obrigada.

— Esse olhar, — mamãe resmungou, me assustando. — Quem é ele?

— Ninguém. Não há ninguém, mãe. Durma.

Ela mal conseguia manter os olhos abertos, a névoa das drogas acenando para ela. — Espero que ele seja bom para você.

— Ele é bom para mim, — eu disse. Bom *para* mim, isso era um caso a parte.

— Ele te ama como você a ele?

Minha garganta se fechou. — Durma, mãe. — E finalmente seus olhos se fecharam.

O amor quebrava as pessoas. Ele havia quebrado a mamãe antes que as drogas fizessem o resto.

Eu não amava Fabiano. Eu estava me apaixonando por ele. Caindo mais e mais a cada dia. Em sua escuridão e o que havia por baixo.

Fabiano não queria amor. Ele não acreditava nisso.

Eu não podia amá-lo.

Capítulo Dezesseis

Leona

Meu estômago se agitou com nervosismo. Como se eu fosse a única a lutar em uma jaula. Olhei para as portas do vestiário, esperando que Fabiano emergisse. Essa era a sua segunda luta que pude assistir, mas desta vez estava preocupada. Preocupada com Fabiano, preocupada que ele se machucasse ou pior. Nas últimas semanas trabalhando na Roger's Arena, eu tinha visto quão brutal a luta poderia ser. Vários homens morreram no hospital depois. E se algo acontecesse com Fabiano?

Eu não o via desde que ele deixou a minha mãe no estacionamento ontem. Estava no armazém quando ele chegou e quase me enlouqueceu não poder dizer a ele novamente o quanto eu apreciava sua ajuda. Mamãe dormiu a maior parte do dia, e eu a fiz prometer que ela não deixaria o apartamento sozinha. Nós descobriríamos uma maneira de conseguir o dinheiro que ela devia mais tarde, até então minhas economias teriam que bastar. Meu pai não ia ajudar, isso estava claro.

A porta do vestiário se abriu e Fabiano saiu, alto e musculoso. Eu sorri. Ele parecia invencível. Fabiano era graça e ferocidade e poder quando andou em direção ao centro da sala sob os aplausos da multidão. Seus olhos eram a coisa mais assustadora que eu já vi. Ele estava furioso. Isso era por minha causa, por causa da minha mãe. Talvez o adversário, que esperava por ele, também visse isso, porque por um momento ele parecia querer cancelar a luta.

Fabiano saltou para dentro da gaiola, parecendo um gato e de tirar o fôlego. Seus olhos procuraram os meus e por uma fração de segundo ele pareceu em paz.

Parei de lavar os copos, parei de ouvir os clientes. Havia apenas ele. A multidão entrou em erupção com uma nova onda de aplausos. Esse *homem*. Ele era meu.

Eu nunca tinha valido nada, mas um olhar dele me fez sentir como o centro do mundo.

Seu oponente pulou de um pé para o outro, com os punhos levantados, tentando incitar Fabiano a entrar em ação. Com um último olhar para mim, Fabiano saltou em direção ao seu oponente.

Seus socos eram duros. Não houve hesitação em seus golpes e chutes. Seus olhos estavam atentos e alertas, lendo seu oponente e usando sua fraqueza. Tudo sobre este esporte era brutal e duro. Implacável. Mas os movimentos de Fabiano falavam de graça e controle. A multidão gritou e aplaudiu cada vez que ele acertou um golpe. O sangue logo cobriu as mãos e braços de Fabiano. Ele foi mais duro e cruel com seu adversário do que da última vez.

Cheryl se aproximou enquanto colocava copos sujos na água para lavar. — Espero que isso coloque algum juízo em você. Se isso não te assustar, nada vai.

Medo era a última coisa em minha mente enquanto eu observava Fabiano. Cheryl me olhou e balançou a cabeça. — Oh Chick, e eu achava que Stefano era o romântico da Camorra. Quem teria pensado que seu monstro iria partir seu coração?

— Ele não é um monstro. E ele não vai quebrar nada, — eu murmurei.

Ela carregou sua bandeja com garrafas de cerveja para a mesa ao lado. — Ele vai quebrar *alguma coisa*. Se for apenas seu coração, você tem sorte. E se você não enxergou o monstro nele até agora, pode ter mais problemas do que eu pensava. Não venha correndo na minha direção quando você o encontrar.

Ela não sabia de nada. — Não se preocupe.

Logo o homem estava deitado no chão, Fabiano se agachou sobre ele, socando-o repetidas vezes.

Eu tremi e me senti aliviada quando o homem finalmente deu um tapinha no chão em sinal de rendição. O árbitro entrou na jaula e levantou o braço de Fabiano no ar. Fabiano olhou na minha direção, corpo coberto de sangue.

Ele parecia magnífico. Suas palavras do nosso primeiro encontro voltaram para mim, sobre machos alfa e seu apelo, e tive que admitir que ele estava certo do meu ponto de vista. Eu nunca fiquei hipnotizada por uma luta antes, mas assistir Fabiano era uma coisa completamente diferente.

Ele saiu da gaiola e aceitou as mãos de vários clientes o congratulando, mas seus olhos continuavam voltando para mim. Larguei o pano de prato e peguei uma garrafa de água.

— Onde você está indo, Chick? Bem na cova dos leões?

Cheryl sacudiu a cabeça e tomou o meu lugar atrás do bar. — Continue. Todo mundo tem que cavar sua própria sepultura, suponho.

Enviei-lhe um sorriso agradecido, apesar de suas palavras irritantes, e fui para o vestiário. As pessoas ainda estavam muito focadas na jaula de combate, onde o agenciador da Camorra estava.

Eu não me incomodei em bater antes de entrar no vestiário. Ele me viu o seguindo. Duvidava que alguém conseguisse se aproximar dele. Minhas roupas grudavam à minha pele por trabalhar o dia todo e isso deveria ter me deixado constrangida. Eu precisava de um banho, mas minha necessidade de outra coisa era ainda mais forte. Fabiano tinha limpado os vestígios de sangue restantes. Agora seu peito apenas brilhava com o suor, o brilho acentuando cada gomo duro de seu corpo perfeito. Queria lamber ao longo do vale entre seus peitorais, até o cabelo fino desaparecendo na bainha de sua cueca. Nunca senti tanto desejo assim. Ele estava arriscando sua posição por mim e eu queria arriscar algo também.

Rapidamente afastei meu olhar de Fabiano e entrei no vestiário, então fechei a porta antes que alguém me visse. Eu precisava parar de pensar assim sobre Fabiano. Tocá-lo e ser tocada por ele era bom, mas se eu permitisse mais, ele pararia de me respeitar. Ele perderia o interesse. Eu *sabia* disso. Especialmente agora que ele sabia o que minha mãe era. A porta fria sob as palmas das minhas mãos me prendeu. Eu não ouvi sua abordagem, mas o senti parar atrás de mim, seu calor pressionado contra as minhas costas. — Você continuou me distraindo hoje, — ele murmurou perto do meu ouvido. Eu estremei com a proximidade dele. Vê-lo lutar hoje, me excitou. Não adiantava negar. O esporte era brutal e duro, e Fabiano não tinha piedade quando batia em seus oponentes, mas meu corpo respondeu à sua visão. Ele parecia invencível. Poderoso.

A imagem de seu olhar faminto depois que ele ganhou enviou um doce formigamento para o local entre as minhas pernas. — Eu não posso ficar aqui para sempre. As pessoas vão começar a se perguntar o que estamos fazendo. — Eu não duvidei que várias pessoas tivessem me

notado vindo ao vestiário com Fabiano. Eu me encolhi com o que eles poderiam pensar de mim agora.

— Deixe-os pensar, — Fabiano rosnou, em seguida, lambeu meu ombro. — Você tem um gosto perfeito.

Eu estremei. — Estou suada.

Ele agarrou meus quadris e puxou-me para ele, sua cabeça descendo e seus lábios reivindicando os meus. Eu abri minha boca para encontrar a sua. Passei a mão pelo seu peito liso, meus dedos arrastando sobre os cumes. Perfeição. Ele assobiou quando deslizei sobre um corte.

— Desculpe, — eu murmurei rapidamente, mas ele me acalmou com a língua.

Ele me empurrou até que minhas canelas colidiram com algo duro. Seu braço envolveu a parte inferior das minhas costas e ele me abaixou até eu deitar no banco de madeira estreita. Com um joelho entre minhas pernas, ele se inclinou sobre mim, sua boca devastando a minha, roubando minha respiração e me deixando tonta de emoções e necessidade. Ele não parou e eu podia me sentir mais e mais excitada a cada segundo. Sua língua era tão maravilhosamente hábil enquanto acariciava a minha. O cheiro de suor fresco e o próprio aroma de Fabiano me envolveram.

Ele moveu seu joelho até pressionar contra a minha virilha e eu gemi em sua boca com a sensação. Eu tive que me impedir de me esfregar descaradamente contra o joelho dele por alguma liberação. — Fique assim, — ele ordenou, então se afastou e apenas quando se ajoelhou no chão entre as minhas pernas, me fez perceber o que tinha em mente.

Meus olhos correram para a porta. — Fabiano, por favor. E se alguém entrar?

— Eles não vão.

— Estou suada. Você *não pode*. — Eu empurrei sua cabeça, mas ele não se deixou dissuadir do que estava fazendo. Ele empurrou minha saia para cima, então enfiou um dedo sob minha calcinha e a deslizou para o lado. Ar frio atingiu minha carne molhada e meus músculos se apertaram com o desejo. — Oh Leona, — ele sussurrou sombriamente. — Eu pensei que você não gostasse de me ver lutando.

— Ele inclinou a cabeça contra a parte interna da minha coxa, seus olhos correndo da minha área mais privada, molhada e latejante por ele, para o meu rosto. Corei de vergonha, mas não disse nada.

— Mas sua boceta parece gostar muito disso.

Por que ele teve que usar essa palavra?

Ele soprou contra mim e eu tremi. Eu precisava que ele me tocasse. Afastá-lo estava ocupando uma parte dos meus pensamentos enquanto o observava abaixar seu olhar faminto entre as minhas pernas novamente.

E então ele se inclinou para frente e eu preendi a respiração, cada músculo do meu corpo enrijecido de tensão. Sua língua disparou, lambendo minha carne aquecida, enviando uma torrente de sensações através da parte inferior do meu corpo. Eu apertei meus olhos e mordi meu lábio para me impedir de fazer um som. A música ainda estava tocando lá fora, mas não queria arriscar nada. Ele levou seu tempo, me explorando com sua língua. Bom Deus.

Engoli em seco e arqueei para fora do banco enquanto ele mantinha suas ministrações, boca e língua certas de cada movimento e contração que causavam, levando-me até um ponto que nunca imaginei.

— Você é perfeita, — ele rugiu contra mim, e o som de sua voz era como um banho quente depois de horas no frio.

Eu enrolei meus dedos ao na beira do banco, agarrando-o desesperadamente enquanto minhas pernas começaram a tremer. Minha respiração em rajadas curtas.

Fabiano fechou a boca em cima de mim e começou a chupar. Choraminguei, mas ele pressionou, a língua circulando e sacudindo. Eu estava caindo. Um tipo diferente de queda do que anteriormente. Soltei um pequeno grito, uma mão correndo para agarrar seu cabelo loiro. Ele cantarolou sua aprovação enquanto eu o mantinha no lugar. Eu precisava disso. Ele se afastou alguns centímetros e eu bufei em protesto. Estava tão perto. — Não pare, — implorei, não me importando com o quão desesperada eu soava. Estava tão perto de gozar. Necessidade crua.

Uma necessidade tão forte que *doía*. Eu queria me jogar desse penhasco e cair e cair. Eu precisava dessa queda.

— Mas e se alguém entrar, — ele perguntou em voz baixa, sua língua deslizando ao longo da minha coxa. Ele estava me provocando agora.

— Fabiano, por favor. Eu não me importo!

Ele riu. Ele segurou meu olhar enquanto abaixava a cabeça muito devagar e quando seus lábios roçaram minha carne eu quase chorei de alívio. Ele passou a língua sobre o meu clitóris, os olhos me *possuindo*, *possuindo* cada centímetro meu, e eu ofeguei quando meu corpo explodiu com o calor. Eu balancei contra o banco e se as mãos de Fabiano em meus quadris não tivessem me mantido no lugar eu teria caído no chão em uma pilha. Minha visão escureceu enquanto as ondas de prazer passavam por mim.

Meus membros pareciam pesados e lentos. Gradualmente, o latejar entre as minhas pernas começou a desvanecer-se. Fabiano se agachou sobre mim, olhos cheios de possessividade. Eu respirei pesadamente.

— Isso foi perfeito, — eu disse.

Ele balançou a cabeça. — É apenas o começo.

Lá estava novamente. Essa promessa soa como uma ameaça. Para onde ele estava me levando? Por um caminho que eu nunca escolhi para mim, um caminho mais distante de uma vida mundana e burguesa que eu imaginara para mim. Ele beijou minha garganta. — E feliz Ano Novo.

Ano Novo, eu quase esqueci. Será que este seria finalmente um bom ano?

Fabiano se endireitou, flexionando todos os músculos e a fome sombria enquanto se erguia sobre mim. Mesmo os calções largos não conseguiam esconder sua ereção. Eu me sentei, sabendo o que ele queria e querendo também, mas não tinha certeza se era sábio. Nós já estávamos no vestiário há muito tempo. Mas parei de ser sábia há muito tempo atrás.

Eu olhei para ele, olhos fixos nos dele. Estendi a mão e pressionei minha palma contra a protuberância em seu calção. Seus abdominais flexionaram, mas ele não fez nenhum som. Ainda cheio de controle. Eu queria vê-lo desistir, queria que ele caísse como eu. Corpo e coração.

Eu o esfreguei através do tecido fino, o sentindo crescer ainda mais. Puxei seu cós, querendo vê-lo em toda a sua glória nua.

E, pela primeira vez, não me importava como eu pareceria querendo um homem, sentindo luxúria e agindo assim. Enrolei meus dedos em torno de seu pau, sentindo-o pulsar. Estava duro e quente, e ainda assim suave. Maravilhoso. Cada centímetro dele.

Eu corri meus dedos para cima e para baixo lentamente, mas Fabiano deu um impulso em seus quadris. Eu olhei para cima.

— Leona, não estou em estado de espírito para a abordagem suave.

Eu aumentei meu aperto e me movi mais rápido, mas eventualmente o deixei tomar o controle quando ele fechou a mão sobre a minha e empurrou seus quadris no ritmo de seus golpes. Sangue novo escorria da ferida sobre suas costelas, mas ele não parecia se importar. Levantei meu olhar de nossas mãos se movendo juntas, para o rosto dele. Fome e necessidade. E aquela leve emoção que me assustou, deve tê-lo assustado ainda mais. Eu sabia disso agora.

Quando ele ficou tenso e sua liberação assumiu, observei seu rosto maravilhada, esperando por uma revelação, e ele parecia maravilhado, mas imperturbável. Ainda no controle, mesmo agora.

Eu acho que te amo.

Seus olhos se abriram, e sua máscara sem emoção deslizou sobre suas feições enquanto nos encarávamos. Ele pegou minha mão e me levou para o chuveiro.

Eu o segui mesmo quando disse: — Fabiano, não podemos.

Ele ignorou meu protesto e puxou meu vestido por cima da minha cabeça, em seguida, tirou minha calcinha. — Você disse que precisava de um banho.

Eu desisti de protestar e deslizei sob o fluxo quente com ele. Suas mãos deslizaram sobre minha pele lisa e seus lábios encontraram os meus. Sangue tingiu o chão de rosa. Ele olhou para mim, enquanto a água colava seu cabelo contra a cabeça dele. — Você ainda acha que eu quero degradar você?

Eu corei, querendo esquecer minhas palavras daquela noite. Ele me deu prazer com a boca, mas foi diferente. — Não, — eu disse baixinho.

— Bom. — E então seus lábios estavam de volta nos meus e eu deixei ele me tirar da realidade enquanto seu calor me rodeava. Coloquei minha mão sobre o coração dele, sentindo sua batida. Eu queria que batesse apenas por mim. Seus dedos enrolaram em volta da minha mão e ele a puxou para longe. Longe de seu coração, e levantou-a aos lábios para um beijo. Eu pressionei minha testa contra seu ombro.

Isso era o suficiente.

Capítulo Dezessete

Leona

Sufoquei um suspiro quando uma batida soou na minha porta. Tinha que sair para o trabalho em poucos minutos e não tive tempo para conversar com meu pai. Desde que mamãe havia se mudado para cá dois dias atrás, nosso relacionamento já tenso havia piorado. Ele só queria meu dinheiro de qualquer maneira. Essa foi a única razão pela qual ele deixou, eu e mamãe ficarmos com ele. Mas eu não tinha muito dinheiro. Tinha dado quase todas as minhas economias para minha mãe, para que ela pudesse pagar parte de sua dívida com a Camorra. E ainda não era suficiente, razão pela qual ela estava na rua vendendo seu corpo novamente.

Eu abri a porta.

Papai estava mortalmente pálido, suor cobrindo sua testa.

— O que há de errado? — Eu perguntei, mesmo tendo a sensação de saber. Era sempre o mesmo problema.

— Estou com problemas, Leona.

— Você sempre está, — eu disse, pegando minha mochila para sair, mas meu pai agarrou meu braço. — Leona, por favor. Eles vão me matar. Ele vai.

Eu congelei. — Por que eles fariam isso?

— Estou devendo demais. Não posso pagá-los. Eu sou um homem morto se você não me ajudar, Leo, por favor.

Leo. Esse era o apelido pelo qual ele me chamava quando eu era uma garotinha, quando ainda era ocasionalmente um pai decente.

Ele não é da sua conta. Foi o que Fabiano me disse, e depois dos últimos dias do meu pai tratando minha mãe como merda, eu queria concordar com ele.

— Quanto você deve a eles?

— Eu não sei. Dois mil talvez. Eu não sei! Perdi a noção.

Como ele poderia perder a noção de suas dívidas? Fechei meus olhos por um momento. O dinheiro restante era para eu ingressar na faculdade, para me comprar um futuro e, mais uma vez, meu pai arruinava tudo. Eu me virei e peguei o dinheiro do meu esconderijo embaixo do tapete, e estendi para meu pai. Ele não aceitou. — Eu não posso levar o dinheiro para eles. Eles vão me matar antes que eu possa entregá-lo. Leona, você deve ir para mim.

Eu poderia ir até Fabiano e dar-lhe o dinheiro. Claro que ele não aceitaria. Ele alegremente mataria meu pai. Ele já tinha feito o suficiente por mim. — Onde eu preciso levá-lo?

— É chamado de Sugar trap. É lá que Falcone e seus Executores ficam na maior parte do tempo. — Ele me deu o endereço, então apertou minha mão. — Você tem que se apressar. Talvez eles já tenham enviado alguém atrás de mim.

Peguei minha mochila e me dirigi para o lugar que papai havia me dito. Não apenas estava desistindo do meu dinheiro suado por ele. Eu também chegaria atrasada ao trabalho por causa disso. Se Roger me demitisse, estaria condenada. Eu duvidava que conseguisse um emprego na Strip, ou em qualquer outro lugar, logo. Sabia que precisaríamos de cada centavo que ganhava para minha mãe e meu pai em Vegas.

Quando o sinal de neon vermelho e amarelo da Sugartrap chamou minha atenção, parei. A palavra estava encravada entre duas pernas abertas, de salto alto. As janelas eram tingidas de preto para que você não pudesse olhar para dentro. Eu sabia que tipo de lugar era este, e não era um lugar onde que queria colocar os pés.

Havia um negro enorme, vigiando a porta. Eu me aproximei dele devagar. Ele não se mexeu.

— Estou aqui para ver Remo Falcone. — Mesmo quando eu disse isso, percebi o quão tola deveria ter soado. Remo Falcone era o Capo da Camorra. Ele possuía tudo o que importava se eu acreditasse em Fabiano. Por que diabos ele perderia seu tempo comigo?

O segurança parecia pensar o mesmo porque ele bufou. — Sr. Falcone não escala as meninas que trabalham aqui. Vá embora.

Escalar as meninas? — Não estou aqui para trabalhar neste lugar, — eu disse indignada. — Estou aqui porque tenho dinheiro para ele.

O homem inclinou a cabeça para o lado, mas ainda não me deixou passar. Tentei dar uma olhada no relógio dele para ver o quanto estava atrasada para o trabalho. Peguei o dinheiro da minha mochila e mostrei ao segurança. Ele estendeu a mão, mas puxei de volta. Eu não confiava nele para entregá-lo a Falcone. — Vá embora, — ele murmurou.

— Deixe-a passar, — veio um resmungo frio atrás de mim. Eu me virei encontrando um homem alto. Nino Falcone. Ele acenou para eu entrar na luz sombria da Sugartrap. Entrei, porque, na *verdade*, duvidava que alguém pudesse desobedecer àqueles olhos frios.

— Em frente, — disse ele. Continuei andando, apesar de tê-lo atrás de mim me deu arrepios.

O corredor se abria para uma área de bar de veludo vermelho e laca preta. Havia postes e cabines com cortinas de veludo e várias portas que se ramificavam da sala principal.

— Continue. Primeira porta à direita.

Eu olhei para ele por cima do meu ombro. Ele andou dois passos atrás de mim, me observando com aqueles olhos frios e ilegíveis. Mostrei-lhe o dinheiro. — Talvez você possa dar o dinheiro ao seu irmão. É do meu pai. Seu nome é Greg Hall.

— Eu sei quem ele é, — Nino Falcone disse, absolutamente sem nenhum indício de emoção em seus olhos. — Continue.

Eu tremi e me movi em direção à porta que ele indicou. Eu girei a maçaneta e entrei, em outro longo corredor com paredes pretas e um tapete vermelho. Continuei andando até o final, onde a outra porta esperava. Os cabelos do meu pescoço erguiam-se pela proximidade de Nino Falcone, e no seu escrutínio silencioso. — Permita-me, — ele avançou e passou por mim para abrir a porta. Ele entrou em um longo quarto sem janelas. Havia uma mesa no lado esquerdo que parecia intocada. À esquerda havia um saco de boxe e sofás. Remo estava sentado em um deles, laptop no colo. Seus olhos se moveram quando seu irmão entrou. Então eles deslizaram para mim e eu soube que tinha sido um grande erro vir aqui. O homem, Soto, que atacou meu pai, estava de pé ao lado como se estivesse se reportando ao seu Capo.

Remo Falcone largou o laptop e se levantou do sofá. Onde Fabiano era graça e controle, esse homem era um poder desequilibrado e mal continha a agressão. Meus dedos amassaram o dinheiro.

— Ela está aqui para pagar as dívidas de seu pai, — disse Nino. Eu não tinha certeza se ele estava falando de dinheiro.

— Ela está? — Remo perguntou curiosamente. Ele contornou o sofá, mais perto de mim e desejei que ele não tivesse feito. Um sorriso curvou seus lábios e eu dei um passo para trás, mas o braço de Nino parou meu movimento. Ele não estava olhando para mim, apenas para seu irmão. Alguma compreensão silenciosa passou entre eles e eu não estava nela. — Vou deixar você lidar com isso então. Volto mais tarde — disse Nino, e saiu, fechando a porta na minha cara.

Eu fiquei lá, pequena e trêmula, tentando parecer determinada e forte. Meus olhos voaram para onde Remo estava apoiado com o quadril contra o encosto do sofá. Soto, atrás dele, tinha algo ansioso e alegre em sua expressão.

Eu segurei o dinheiro incerta. — Eu trouxe o dinheiro que meu pai lhe deve.

Remo me olhou com uma intensidade inquietante. — Eu duvido disso.

Eu fiz uma careta. Ele não podia ver quanto dinheiro eu segurava em minhas mãos. Era um pacote de notas de dez e vinte dólares. — São mil dólares.

— Mil? — Remo perguntou com uma risada. — Quanto você acha que ele nos deve?

Eu estremeci. Meus olhos correram para Soto novamente, depois de volta para Remo.

Eu lambi meus lábios nervosamente. — Ele disse dois mil.

Remo sacudiu a cabeça uma vez e se afastou do sofá. Ele chegou mais perto e eu tive que lutar contra o desejo de correr. Não havia como conseguir fugir dele de qualquer maneira. Ele me assustou mais do que qualquer outra coisa, e *eu* fui estúpida o suficiente para enfrentá-lo, porque meu pai não conseguia controlar seu vício.

— Dez mil e isso sem juros. No total, ele nos deve perto de quatorze mil.

Meu estômago despencou. — Quatro mil de juros? — Eu engasguei. — Isso é extorsão!

— Somos a máfia, Leona, — disse Remo Falcone, divertido. Ele sabia meu nome? Fabiano conversou com ele sobre mim? *Por causa da minha mãe.*

— A cada dia que ele não nos paga, outros quinhentos de juros vêm em cima.

Eu não podia acreditar. Pai deve ter percebido que ele devia muito mais do que apenas alguns milhares. Ele tinha armado para mim? — Mas... mas eu não tenho muito, e não tenho como ganhar dinheiro o suficiente a menos que você não cancele os juros.

Remo sacudiu a cabeça. — Isso não é uma negociação, garota. Seu pai nos deve dinheiro, e talvez você tenha se esquecido, mas sua mãe também. Seu pai deveria pagar até ontem à meia-noite. Ele não fez isso. — Agora, Remo estava a apenas dois passos de mim e colocou meu corpo no modo de alerta.

— Eu tenho isso. — Eu levantei meu pulso com a pulseira que Fabiano tinha me dado no Natal. A culpa me encheu. Como poderia pensar em desistir de seu presente?

Algo nos olhos de Remo mudou e ele preencheu a distância restante entre nós. Eu bati contra a porta, tentando evitá-lo, mas ele segurou meu braço com força e observou a pulseira. Um fogo brilhou em seus olhos quando olhou para mim. — Isso pagaria a dívida de seu pai. Uma joia cara para alguém como você.

Isso liquidaria catorze mil dólares? Eu olhei para o bracelete. Remo soltou meu pulso. Seus lábios se torceram cruelmente. — Infelizmente, é tarde demais. Seu pai pagará sua dívida com sangue.

— Por favor, — eu implorei. — Ele nunca vai lhe dever de novo.

— Você está disposta a jurar sobre isso? — Remo sussurrou.

Eu sabia o quanto um juramento significava para a Camorra. E eu sabia que seria mentira. Desviei meus olhos dos cruéis de Remo. — Por favor. Tem que haver algo que eu possa fazer. Não o mate.

Remo inclinou a cabeça. Minha mendicância não significava nada para ele. — Não sou eu quem vai matá-lo. É Fabiano, mas você deve saber disso, não é? — Sua voz era baixa e ameaçadora.

— Não há algo que eu possa fazer? — Eu sussurrei desesperadamente, e algo piscou em seus olhos escuros. Deus, eu queria engolir todas as sílabas que havia proferido. O que eu disse? Meu pai havia me enviado aqui para pagar suas dívidas e eu estava arriscando minha vida por ele.

Por um longo tempo, Remo não disse nada.

Eu dei um aceno brusco. — OK. Eu vou embora.

Remo colocou a mão na porta. Respirei fundo e recuei para longe dele. Eu me atrapalhei com o meu celular. Talvez Fabiano pudesse me ajudar. Eu não fui longe. Remo pegou o celular da minha mão e olhou para ele.

— Só me deixe sair.

Ele desligou meu celular com uma expressão estrondosa. — É tarde demais para isso, eu temo. — Ele acenou com a cabeça em direção a Soto, que veio em nossa direção imediatamente. — Acho que precisamos dar um exemplo.

Soto agarrou meu braço. O brilho animado em sua expressão fez o terror voar através de minhas veias. — O porão? — Ele perguntou com um pouco de ansiedade.

Bile viajou pela minha garganta. Remo deu um aceno de cabeça, seus olhos descendo para o meu bracelete novamente como se o tivesse visto isso antes. — E Soto, você vai esperar até eu dar uma ordem antes de começar. Se você colocar um dedo nela antes, eu vou cortá-lo.

Soto me puxou para baixo de um lance de escadas até um pequeno quarto com apenas um colchão no canto e uma cadeira no outro.

— Mal posso esperar para começar, cadela. Fabiano ficará furioso, — Soto murmurou, então me soltou. Eu tropecei contra a parede. Não havia como escapar dele.

Eu não tinha certeza de quanto tempo passou com ele me despindo com os olhos, quando um som baixo me fez pular. Soto pegou

o celular, depois olhou de volta para mim, com um olhar malicioso. —
Hora de brincar.

Capítulo Dezoito

Fabiano

Amaldiçoei quando Griffin me entregou a lista com pessoas que não pagaram suas dívidas de apostas. Greg Hall. Mas desta vez ele devia mais do que seria capaz de pagar de volta. Ele estava em terceiro na lista. Leona, esperançosamente, não estaria em casa quando eu lhe fizesse uma visita.

Por que esse filho da puta tem que pegar o nosso dinheiro?

Quando finalmente chegou a sua vez, estacionei no meio-fio, me sentindo irritado. Eu saí, mas meu motor chamou a atenção de Hall.

Ele me viu através das janelas, provavelmente estava observando a rua o dia todo. Ele conhecia as regras. Sabia das consequências. Esta não era a primeira vez depois de tudo. Mas hoje ele sofreria mais que alguns ossos quebrados. Sua vida terminaria hoje.

Ele desapareceu de vista, provavelmente tentando escapar. Como se isso fosse acontecer. Eu corri ao redor do prédio e o vi saindo da porta traseira do complexo de apartamentos. Suspirando, corri atrás dele. Suas pernas eram mais curtas e ele estava muito fora de forma para me evadir por muito tempo.

Quando o alcancei, agarrei-o pelo punho de sua estúpida camisa do Havaí e o joguei no chão. Ele gritou quando aterrissou com força de costas, olhos vermelhos me encarando com receio. Se o impacto já o fez gritar como um boceta, eu teria que encher sua boca ou ele alertaria toda a vizinhança com seus gritos. Dei um soco forte nas costelas, fazendo-o ofegar para respirar. Isso iria silenciá-lo por um tempo. Então eu o arrastei atrás de mim, ouvindo suas tentativas desesperadas de falar além da falta de oxigênio em seus pulmões. — Não. Por favor — ele conseguiu dizer quando chegamos à porta do apartamento.

Eu o ignorei. Se eu parasse sempre que alguém me implorasse, a Camorra estaria falida. E uma grande parte de mim estava ansioso para torturá-lo por sua negligência em relação à Leona. Ele causou -lhe apenas problemas, e continuaria a fazê-lo.

Eu o empurrei para o apartamento que ele não tinha se incomodado em trancar quando correu. Ele bateu no chão e eu puxei minha faca. Talvez eu terminasse meu trabalho nas costas primeiro.

Seus olhos se aproximaram da lâmina em terror. — Mandeí Leona para liquidar minha dívida! Você não precisa fazer isso.

Eu congelei. — O que você acabou de dizer? — Eu andei em direção a ele. Se ele concordou em deixar a filha lidar com isso, era a pior escória do mundo. Ele assentiu e desgosto tomou conta de mim. Eu realmente queria mergulhar minha faca em seus olhos covardes.

— Eu mandei Leona...

Eu me agachei sobre ele, levantando-o pelo colarinho. — Onde você a mandou?

— Aquele Falcone.

Enfiei meu punho em seu rosto, quebrando seu nariz e mandíbula. Eu o teria espancado até a morte se achasse que havia tempo. Mas se Leona estava a caminho de Remo, não podia desperdiçar nem um segundo sequer. — Onde exatamente? — Leona não iria entrar na mansão de Remo, afinal.

— Eu disse a ela para ir a Sugar trap, — ele disse, o sangue escorrendo de sua boca. Eu dei um soco nele novamente, então me levantei e segurei seu colarinho. Eu o arrastei em direção ao meu carro.

— Eu te disse que mandei a Leona! Minha dívida será liquidada!

— Cale a boca!— Eu rosnei.

Eu sabia o quanto ele nos devia, e ele também sabia disso. Não havia como Leona ter dinheiro suficiente.

A Sugar trap era o pior lugar que ele poderia ter escolhido, e eu suspeitava que ele soubesse disso. Ele sacrificou sua própria filha para salvar sua bunda infeliz. Abri o porta-malas e o joguei, depois o fechei em seu rosto aterrorizado.

Corri pela Strip, só diminuí quando me aproximei da Sugar trap, uma das nossas casas de prostituição e o lugar onde Remo lidava com mulheres que davam problemas à Camorra. Não adiantaria se alguém

me visse com pressa. Remo se perguntaria o porquê e descobriria tudo. Talvez ele já tivesse.

Estacionei no meu lugar de sempre. O Aston Martin de Remo já estava estacionado na frente, assim como o Buick de Soto. Puxei Hall do porta-malas, depois o arrastei atrás de mim enquanto passava pelo guarda sem cumprimentos e cruzei a parte pública do bordel, para a ala de trás. Hall continuou implorando e rastejando. Encontrei Remo em seu escritório, como de costume, não atrás de sua mesa, mas no sofá, olhando através de um protótipo de carro. Ele não olhou para cima quando eu entrei, mas sabia que era eu. Ele esperava por mim. Eu o conhecia há anos. Conhecia os jogos que ele jogava. Eu fui um dos seus melhores jogadores por um longo tempo. Levou todo o meu autocontrole para não perguntar a ele sobre Leona imediatamente. Eu precisava jogar certo ou seria em vão.

— Você veio rápido, — disse ele e quando encontrou meu olhar, havia algo de ruim em sua expressão. Empurrei Hall para o chão. Ele aterrissou com força, seus malditos olhos de besouro disparando entre Remo e eu.

— O idiota me disse que enviou sua filha para lidar com sua dívida. Eu precisava checar com você antes de prosseguir com ele.

— Claro, — disse Remo com um sorriso frio. Ele não olhou uma vez para Hall. Isso era sobre mim, sobre nós. — É a terceira vez que Hall está devendo. Sua filha se ofereceu para pagar sua dívida.

Eu sabia de tudo isso e não dava à mínima. Tudo o que importava era que Leona não se machucasse.

— Então você pegou o dinheiro dela?

— Eu não pedi dinheiro a ela. Ela não seria capaz de pagar tanto. Mas estava determinada a salvar seu pai.

— Onde ela está? — Perguntei com cuidado. Cada músculo do meu corpo estava tenso porque sabia que se algo acontecesse com Leona, eu perderia isso.

— Ela está no porão. Pagando sua dívida da única maneira que pode.

Meu sangue gelou. — Soto? — Foi tudo que consegui dizer.

Remo acenou com a cabeça, mas seus olhos perfuraram o meu crânio. — Ele desceu com ela dois minutos atrás.

Dois minutos. Eu não tinha muito tempo. Leona não tinha muito tempo. — Eu sou seu executor. Deixe-me tê-la.

Remo veio até mim, passos lentos e medidos. E pela primeira vez, tentei imaginar o que teria que fazer para vencê-lo, matá-lo. Ele era como um irmão e eu odiava ter chegado tão longe. — Você nunca lida com mulheres. Você me pediu para deixar Soto cuidar dessa parte do negócio e eu lhe concedi seu desejo, Fabiano.

Ele estava certo. Ele nunca entendeu, mas porque eu era como um irmão, ele aceitou minha relutância. E Remo não era o tipo de aceitar.

— É diferente com ela, — eu disse, deixando a minha fome mostrar, mas não a minha proteção. Se Remo pensasse que isso não era nada divertido, nada salvaria Leona.

Hall ainda estava agachado no chão, e eu fiz um voto silencioso para deixá-lo sofrer antes que eu lhe concedesse a morte.

— Não acho que você lidar com ela terá o efeito desejado, — disse Remo. — Você tem visto ela por semanas. Você transando com ela na minha masmorra não vai mandar uma mensagem.

— Eu não a peguei ainda. Ela se recusou.

— Recusou você? — Remo perguntou, como se a palavra não significasse nada para ele. Seus olhos se tornaram calculistas. — E você deixou?

Oh Leona, eu espero que você valha a pena. Remo estava na caça.

Eu não disse nada. Tinha a sensação de que isso pioraria as coisas. — Deixe-me lidar com ela, — eu disse calmamente. Eu coloquei minha mão em seu ombro e ele deixou acontecer, me deu esperança. Ainda gosto de irmãos. — Você não vai se arrepender.

— Eu sei que não vou, — disse ele. — Mas talvez você vá. — Ele fez uma pausa. — Então, lide com ela, Fabiano. — Eu estava prestes a virar e invadir o porão para Leona, mas sua mão apertou o meu antebraço. Ele virou-se para a tatuagem da Camorra. — Você é meu Executor, Fabiano. Você esteve ao meu lado desde o começo. Você nunca me decepcionou. Não comece agora.

— E eu não vou, — eu disse ferozmente. — Vou cuidar dela.

Remo me deu um olhar de advertência. — Não me desaponte, Fabiano. Ela é apenas uma mulher. Lembre-se de onde está sua lealdade.

Eu mal escutei. Saí correndo do quarto e descí as escadas, sabia que tinha que chegar a tempo. Desci dois degraus de cada vez. Não podia me atrasar.

Eu sabia para onde ir. Soto sempre escolhia o mesmo quarto. Não me incomodei em bater, em vez disso, abri a porta da nossa sala de interrogatório. — Eu mal posso esperar para você chupar meu pau, — Soto falou. — Escolha do caralho ser condenada.

Leona estava pressionada contra a parede, parecendo apavorada enquanto Soto abria as calças, revelando sua bunda peluda. O terror encheu o rosto bonito de Leona, e por um momento eu considerei colocar uma faca nas costas de Soto.

— Saia, — eu rosnei. — Estou assumindo.

Soto se virou, mostrando-me seu pau deplorável. Ele me deu um olhar atordoado. — Pensei que você não gostasse de lidar com mulheres, — ele disse ironicamente. — Foi por isso que Remo me deu o trabalho.

— Mudei de ideia, — eu rosnei. — Agora saia antes que eu perca a paciência.

Soto atirou em Leona um outro olhar faminto, mas então puxou as calças e passou por mim, murmurando xingamentos.

A porta se fechou. Eu sabia que a câmera estava apontada para nós, registrando tudo. Talvez Remo estivesse assistindo. Isso não tinha nada a ver com Greg Hall e tudo a ver comigo. Remo estava me testando. Remo confiava em mim tanto quanto um homem como ele podia confiar em alguém, como ele confiava em seus irmãos, e agora sentia a necessidade de me testar.

Uma pequena parte de mim sentiu fúria em relação à Leona por ser a razão disso.

Remo nunca duvidou de mim. *Nunca*. E eu jurei com meu próprio sangue nunca lhe dar razão para isso.

Leona se afastou da parede, parecendo confusa, esperançosa e assustada ao mesmo tempo. — Oh Fabiano, — ela sussurrou, aliviada. — Estou tão feliz por você ter vindo. Estava tão assustada.

Não fui até ela.

Eu não era o salvador que ela esperava. Ela deu outro passo em minha direção, então parou, olhando para mim com olhos esperançosos. Lentamente a esperança desapareceu. — Fabiano? — Ela perguntou no mais baixo sussurro.

Eu desliguei meus malditos sentimentos inúteis. Estaria morto sem Remo. Tudo o que eu era hoje foi graças a ele. Ele me salvou. Eu não podia tentar matá-lo, nem mesmo por Leona. E tentar seria tudo o que aconteceria. Remo era tão forte quanto eu, e ele ainda tinha seus irmãos ao seu lado.

Andei em direção a Leona e, pela primeira vez, ela recuou. Quando suas costas bateram na parede, eu estava na frente dela. Pressionei meu corpo contra o dela, enjaulando-a, e afundei meu nariz em seu cabelo. A câmera só faria parecer que eu estava a encurralando. Seu doce aroma floral atingiu meu nariz.

— Fabiano? — Ela murmurou. Hesitante, ela colocou as mãos na minha cintura como se não tivesse certeza se deveria me abraçar. Isso teria sido o fim de tudo. Porra, mas eu queria envolver meus braços ao redor dela. Nada mais.

Foda-me.

Foda-se.

— Eu te disse que não sou bom, — eu disse baixinho.

Ela olhou nos meus olhos, e sabia o que ela veria, exatamente o que eu precisava que ela visse para ser convincente. Leona começou a tremer contra mim, com medo de comer a pouca esperança que restava. Eu puxei seus braços para longe da minha cintura, agarrei seus pulsos e os preendi em cima de sua cabeça contra a parede. Eu a encurralei com meu corpo e ela permitiu. Ela soltou um gemido sufocado, sem entender a expressão. Ela deveria estar lutando nesse momento. Essa rendição de coração partido era algo que eu não conseguia lidar. Ainda havia aquela porra de esperança idiota. Era pior do que implorar e chorar. Pior do que qualquer coisa, porque significava

que ainda acreditava que havia mais em mim do que o assassino de coração frio.

Talvez ela ainda não entendesse o que eu deveria fazer com ela.

Eu pressionei meus lábios contra sua orelha. — Não posso te poupar. Estamos sendo vigiados, se eu não fizer isso, Soto vai e não posso permitir isso.

Medo apareceu em seus olhos e me encarou. — Porque você não compartilha, certo? — Ela sussurrou miseravelmente.

Eu queria que fosse só isso. — Porque Soto vai te *quebrar*.

— E você não vai?

Nós já estávamos conversando há muito tempo. Cada segundo que passava podia selar nosso destino.

— Como mulher, é concedida a você uma escolha diferente dos homens. Você pode pagar com seu sangue como um homem teria que fazer, ou com seu corpo, — eu disse bruscamente. Eu só falei essas malditas palavras uma vez antes, e nunca mais depois disso. Remo havia entregado a tarefa para Soto porque eu não podia fazer isso. Ele me permitiu essa porra de fraqueza.

Ela levantou o queixo e eu sabia que ela considerava escolher a primeira opção, porque preferia sofrer com a dor a se tornar como sua mãe. Droga. — Leona, — eu sussurrei, inclinando-me para ela novamente, surpreso pelo desespero na minha voz.

Cuidado, Fabiano.

Você é meu executor.

— Escolha a segunda. Eu posso fingir um, mas não o outro.

Confusão encheu seu rosto.

— Escolha a segunda opção, — murmurei novamente.

— Segunda, — ela disse, resignada. Ainda não entendendo o que eu tinha oferecido.

Ela começou a chorar baixinho. Eu assisti as lágrimas descendo em silêncio sobre suas suaves sardas. Seus olhos seguraram os meus e,

em seguida, apenas assim, ela assentiu. — Faça o que você tem que fazer.

Eu a queria desde o primeiro segundo em que pus os olhos nela, queria ser o único a arrancar sua inocência dela, queria possuí-la de todas as formas possíveis. Mas não assim, não na frente de uma câmera fodida, não duro e rápido, e brutalmente como Remo esperava. Ela valeria o risco?

A Camorra era minha família. *Minha vida.*

Na minha hora mais escura, Remo estava lá para me pegar. Ele me mostrou o meu valor. Ele poderia ter me matado. Ele era um monstro, mas eu também.

Leona segurou meu olhar. E tomei minha própria decisão. Foda-se. — Tentarei não machucar você. Lute comigo e chore. Tem que parecer real, — eu sussurrei duramente.

Confusão encheu seus olhos.

Eu balancei seus pulsos e apertei. — Faça a sua parte ou estamos ambos perdidos.

Dei um olhar de advertência a ela, em seguida, agarrei seus quadris e joguei-a no colchão no canto. Ela soltou um grito aterrorizado que ricocheteou nas paredes. Não dei tempo para ela se recuperar. Isso precisava ser convincente. Esperava que a longa espera no começo não tivesse levantado às suspeitas de Remo, porque *sabia que* ele estava assistindo. Subi em cima dela, prendendo-a com o meu corpo mais alto. Minha boca estava de volta em seus ouvidos. — Confie em mim. Porque a partir de agora eu vou ter que mostrar o monstro que sou com todo mundo. Agora lute com tudo o que você tem.

Não esperei por sua resposta porque não importava se ela concordasse ou não. Nós estávamos além desse ponto. Eu agarrei seus pulsos em uma mão e comecei a empurrá-los quando Leona finalmente entrou em ação. Ela gritou: — Não, — e lutou contra o meu aperto, seus quadris balançando, pernas chutando, mas não adiantou. Eu empurrei seus pulsos contra o chão. Ela ofegou de dor. Droga. Jogar áspero era difícil sem *realmente machucar*. Diminuí o meu aperto, sabendo que não seria perceptível na câmera. Apertei seus seios através de seu vestido, então me abaixei e empurrei minha mão abaixo de sua saia. Eu estava feliz por ela ter me permitido tocá-la e vê-la antes, então esta não seria sua primeira experiência.

— Não, por favor não! Por favor! — Ela chorou, tão convincente que algo feio e pesado se instalou no meu estômago. Era por isso que Soto era responsável por essa parte do trabalho.

— Cale a boca, sua puta!— Eu rosnei.

Isso machucou em seus olhos. Eu respirei pesadamente. Não conseguia tirar os olhos do rosto dela, daqueles olhos azuis de centáurea, daquelas malditas sardas. Ela segurou meu olhar e eu o dela. Um segundo. Dois segundos. Não poderia fazer isso, nem mesmo fingir. Eu me senti mal no estômago. Porra. Cortei homens em pequenos pedaços, fiz tantas coisas horríveis que nunca me incomodaram, mas isso... isso eu não podia fazer. Não de verdade. Nem para mostrar. Nunca.

Soltei seus pulsos. Suas sobrancelhas franzidas. Abaixei minha cabeça até que minha testa descansou contra a dela, e ela soltou um pequeno suspiro, em seguida, levantou a mão e tocou minha bochecha.

Não tinha certeza de quanto disso à câmera gravava. E não me importei.

— Fabiano?

Eu não tinha certeza se poderia salvá-la, nos salvar depois disso. Afastei-me e me endireitei antes de ajudá-la a ficar de pé. Ela apertou meu braço, ainda tremendo.

— O que vai acontecer agora? — Ela sussurrou.

Remo queria sangue. Ele queria a confirmação de que eu era seu soldado, que era capaz de fazer o que deveria ser feito. Ele queria ver meu monstro. E ele faria.

Leona me odiaria por isso.

Capítulo Dezenove

Fabiano

Nós subimos. Remo estava esperando por nós. Nino também estava lá e, a seus pés, encolhido Hall, com fita adesiva na boca, mas ainda muito vivo. Leona endureceu, mas meu aperto em seu braço a manteve ao meu lado. Eu não tinha certeza se ela tentaria correr em direção a ele.

Remo olhou para Leona da cabeça aos pés. Ele sabia. Sabia antes de colocar os olhos nela. Leona tremeu contra mim.

Nino estar aqui me disse duas coisas. Primeiro: Remo achou que precisava de reforços e esse reforço não seria eu. Segundo: Esse reforço não seria para mim porque ele achava que precisava de reforço *contra mim*.

Eu soltei Leona, mas dei a ela um olhar que deixou claro que precisava ficar onde estava. Ela entendeu.

Andei em direção a Remo. Ele não se levantou de onde estava empoleirado na mesa, mas o olhar que me deu foi um que dispensava apenas aos seus oponentes na gaiola.

— Então, — ele disse com firmeza. — Você não lidou com ela.

— Eu não lidei com ela porque ele é o único que eu deveria lidar. — Balancei a cabeça em direção a Hall. — Desde quando deixamos os devedores fugirem com merda? Desde quando deixamos as filhas ou esposas pagarem por seus crimes? Desde quando, Remo? — Estava muito perto dele agora, e finalmente ele se levantou, trazendo-nos ao mesmo nível.

— Desde o momento em que decidi que ela pagaria pelo pai. Minha palavra é lei.

— É lei, — eu confirmei ferozmente. — Porque você é o Capo. *Meu Capo*, e eu sempre segui seu comando, porque você me ensinou o verdadeiro significado de honra, lealdade e orgulho. — Eu dei outro passo em direção a ele, então estávamos quase nos tocando. — Mas não

há nada de honrado em fazer uma mulher inocente pagar as dívidas de seu pai, Remo.

Seus olhos escuros perfuraram os meus. Eu sabia que Nino estava assistindo, provavelmente com uma mão em sua arma. — Nós não poupamos as mulheres.

— Não, nós não poupamos mulheres que estão endividadas conosco, porque elas trouxeram isso para si mesmas. Elas sabiam no que estavam se metendo quando pediram dinheiro. Mas isso é diferente e você sabe disso. Não sei por que você sente a necessidade de testar minha lealdade assim, mas peço que reconsidere. Não há razão para você duvidar de mim. Leona é apenas uma mulher. Ela não significa nada para mim. Você é como um irmão.

— Você tem certeza disso? — Ele perguntou em um murmúrio baixo. — Porque quando você a olha, ela não é apenas uma mulher.

Meu peito se contraiu. — Eu sou fiel a você, à Camorra, à nossa causa.

— Alguém vai ter que sangrar por isso, — disse ele, e se recostou na mesa. Alívio tomou conta de mim.

— E vou fazê-lo sangrar por você.

— Eu sei que você vai, — ele disse baixinho, desafiadoramente.

Eu me virei para Hall. Seus olhos se arregalaram e depois dispararam para Leona. Ela ficou congelada. Eu queria que ela saísse, mas não era isso que Remo queria, e não podia pedir mais do que ele já tinha dado. Balancei a cabeça para Nino e ele entendeu. Ele se mudou para Leona, que deu um passo para trás. Quando seus dedos se fecharam em torno de seu braço para impedi-la de interferir, foi preciso toda a minha força de vontade para não rosnar para ele.

Andei em direção a Hall, que tentou se afastar, mas bateu no sofá. Eu puxei a fita da sua boca e ele gritou de dor.

— Fabiano, por favor. — Leona implorou.

Era o pai dela ou ela. Alguém teria que pagar.

— Quando você enviou sua filha para Remo para pagar sua dívida, você sabia o que aconteceria com ela? Você sabia que ela iria sangrar por você?

Seus olhos se voltaram para Leona novamente, procurando por ajuda.

Eu o agarrei pela camisa e o puxei para cima. — Você sabia o que aconteceria com Leona?

— Sim! — Ele gritou.

— E você não se importou?

— Eu não queria morrer!

— Então você a enviou para que ela pudesse sangrar e morrer por você?

Ele ficou boquiaberto. *Oh, eu o faria sangrar.*

E aproveitaria cada segundo disso. Eu não arrisquei dar uma olhada em Leona. Talvez ela pudesse me perdoar.

Mas não achei que ela voltaria a olhar para mim da mesma forma. Não depois do que eu tinha que fazer. Depois do que eu *queria* fazer.

Tirei minha faca. Hall tentou correr, mas eu o empurrei para baixo e subi em cima dele. Ele lutou e dei um soco nele. Sua cabeça foi para trás, mas eu precisava ter cuidado para não o nocautear. Isso simplesmente não bastaria.

As pernas de Remo apareceram ao meu lado e depois ele segurou Hall. Ele me deu seu sorriso torcido, e senti meus próprios lábios se curvarem. Nós faríamos isso juntos. Juntos como no começo. Abaixei minha faca e quando a ponta da lâmina deslizou pelo estômago de Hall, separando carne e músculo, todo o resto se apagou.

Remo e eu fizemos o que fazemos melhor.

Eu não tinha certeza se tinha sido um monstro antes dele, se sempre tive isso em mim e ele só despertou essa parte, ou se ele tinha me transformado em um. Não importava.

Quando os gritos de Hall morreram e seu coração parou de bater, voltei a mim mesmo. Remo e eu nos ajoelhamos no chão ao lado do corpo, em seu sangue. Minhas mãos estavam cobertas, e a faca ainda estava na minha mão.

Remo se inclinou para frente, com voz calma. — Isso é o que você realmente é. O que nós dois somos. Você acha que ela pode aceitar isso?

Eu não disse nada. Estava com medo de enfrentar Leona, ver o desgosto e terror em sua expressão.

Remo assentiu. — Isso foi o que eu pensei. Ela vai embora. Todas elas o fazem. Ela não vale a pena. Pessoas como nós estão sempre sozinhas. — Ele tocou meu ombro. — Somos como irmãos.

— Somos, — eu confirmei, então finalmente ousei olhar para trás. Leona e Nino tinham ido embora. Eu me levantei, a faca caindo no chão.

— Onde ela está?

— Nino a arrastou para fora quando ela vomitou porque as coisas ficaram muito difíceis.

Eu olhei para o local onde ela estava.

— Vá se limpar, — disse Remo. — Eu vou pedir que Nino desove o corpo em algum lugar que será encontrado rapidamente.

Eu balancei a cabeça, mas não me mexi.

— E Fabiano. — Remo esperou até que eu encontrrei seu olhar para continuar. — Desta vez eu deixo você recusar meu pedido. Desta vez você será poupado. Lembre-se do seu juramento. A Camorra é nossa família.

Eu balancei a cabeça novamente, então fui trocar de roupa antes de sair em busca de Leona. Eu a encontrei na sala principal da Sugar trap, empoleirada em uma banqueta no bar, segurando um copo com um líquido escuro entre as mãos. Nino encostado no balcão como um sentinela. Ela ficou olhando para as mãos quando parei ao lado dela. Nino saiu sem dizer uma palavra.

Peguei o copo e ela se afastou da minha mão. Lá estava. Finalmente ela reagiu à minha proximidade do jeito que deveria. Eu odiava isso. Peguei o copo e bebi o líquido em chamuscas, Brandy.

— Pensei que você não bebesse, — eu disse baixinho.

Ela levantou os olhos azuis de centáurea. Contra sua pele pálida e mortal, suas sardas se destacavam ainda mais. — Hoje é um bom dia para começar, eu acho. — Ela engoliu em seco e baixou o olhar como se não pudesse suportar olhar para mim. Ela ainda estava em choque.

— Não, não é. Não deixe acontecer.

— Não deixe o que acontecer? — Ela repetiu.

— Não deixe minha escuridão te arrastar para baixo.

Aqueles malditos olhos azuis se encheram de lágrimas. Enrolei minha mão em torno de seu pulso, ignorando seu tremor e puxei levemente. — Vamos, Leona. Nós devemos sair.

Por muito tempo seus olhos descansaram em meus dedos. Então ela finalmente escorregou do banquinho e me seguiu.

Eu era hipócrita porque, mesmo quando a avisei sobre a minha escuridão, sabia que nunca a deixaria ir.

Leona

Minhas mãos tremiam quando eu as enfiei entre as minhas pernas. Fabiano ficou em silêncio ao meu lado enquanto dirigia seu Mercedes pelo tráfego. Ele estava limpo agora.

Seus dedos, suas mãos, suas roupas.

O sangue.

O sangue do meu pai.

Uma nova onda de náusea tomou conta de mim, mas não havia mais nada no meu estômago.

As coisas tomaram um rumo ainda pior.

Você não pode escolher a família, é o que as pessoas sempre dizem. E isso não tem que definir quem você se tornou. Mas minha mãe

e meu pai conseguiram me afastar tanto do caminho que eu queria tomar, eu não tinha certeza se encontraria o caminho de volta.

E agora meu pai estava morto. Morto pelo homem que eu amava.

Deus me ajude, eu ainda o amava.

Ainda?

Ainda. Depois do que eu vi, depois do que ele fez.

E isso era o pior: que eu ainda podia sentir qualquer coisa por ele depois de ter visto o que ele realmente era. Um monstro.

Meu pai era um ser humano horrível - tinha sido. Ele levou minha mãe a vender seu corpo, ofereceu meu corpo por dinheiro a Soto e me deixaria morrer para poder viver. Talvez ele merecesse a morte, mas não merecia o que aconteceu hoje. Ninguém merecia.

Fechei os olhos contra as imagens de Fabiano com a faca, do olhar distorcido que ele compartilhou com Remo. Eles haviam feito isso antes. Eles *gostavam*.

Nino me arrastou para longe depois que Fabiano começou a cortar meu pai. Mas os gritos nos seguiram, até que não existiam mais. Eu fiquei aliviada porque acabou. Para o meu pai, para a minha mãe e para mim. Não há mais dívidas de apostas ou embriaguez. E essa percepção me quebrou completamente. Eu não sentia falta do meu pai.

Ele havia armado pra mim. Eu sabia que ele estava com medo da Camorra, mas eu também.

Fabiano o matou.

Meus olhos foram atraídos para o homem ao meu lado. Seu olhar estava focado na estrada à frente. Nas últimas semanas, nos conhecemos. Eu pensei em conhecê-lo, pensei em criar uma conexão. Agora não tinha mais certeza do que era real.

Executor. A palavra não tinha significado para mim até agora. Estremeci quando me lembrei do porão. Quantos horrores aquelas paredes tinham visto? E por quantos deles Fabiano fora o responsável? Quantas pessoas ele matou? Ele os fez sangrar?

Tanto sangue em suas mãos.

Empurrei o pensamento de lado. Isso levava a um caminho escuro que não aguentaria agora. Eu já havia me enterrado em um buraco profundo do qual nunca conseguiria sair. Eu realmente poderia amar alguém como ele? E alguém como ele poderia *amar alguém*?

O amor é uma doença, uma fraqueza.

Leona é apenas uma mulher. Ela não significa nada para mim.

Essas palavras ameaçaram me quebrar, mas Remo falou: '*Você tem certeza disso? Porque quando você a olha, ela não é apenas uma mulher*'.

E essas palavras ainda me assombravam depois de tudo. Lágrimas enchiam meus olhos. Fabiano era um assassino.

Ele fez isso por mim, então não teria que me machucar. Ele me protegeu. E parte de mim se sentiu consolada por esse fato. O que isso diz sobre mim?

Fechei meus olhos novamente. Eu tinha que acabar com isso, tinha que sair. Eu não podia ficar, apesar de amá-lo, ou talvez porque o amava. Tinha que quebrar essa ligação retorcida, tinha que fazer isso enquanto as memórias de hoje ainda estavam frescas.

— Onde você está me levando? — Eu perguntei quando percebi que estávamos indo para a melhor parte de Vegas.

— Para o meu apartamento.

Eu só conseguia olhar. *Ele realmente acha que eu passaria a noite na mesma cama com ele depois do que fez hoje?*

Você quer a proximidade dele.

Ainda.

Depois de tudo.

O medo encheu minhas veias. Não dele. — Você perdeu a cabeça? Não vou para casa com você depois do que você fez.

Fabiano puxou o carro para o lado e pisou no freio, me fazendo suspirar pelo impacto do cinto. Eu não tive a chance de recuperar o fôlego, no entanto. Ele não estava com o cinto então pôde se inclinar sobre mim, olhos furiosos. — Você não percebe em que tipo de

problema estamos? Fui contra as ordens de Remo por você. Eu mostrei fraqueza. Ele vai assistir todos os meus movimentos agora. Ele nos observará.

— Você matou meu pai.

— Eu fiz, para não ter que machucá-la, então Remo não sentiria a necessidade de machucá-la.

— Talvez eu tivesse preferido que você o deixasse me machucar.

Fabiano riu sombriamente, olhos azuis procurando meu rosto. — Você não pode acreditar nisso depois de hoje. Remo fez homens crescidos implorar por misericórdia, ou por morte mesmo.

— Assim como você, — eu sussurrei. — Você e ele, vocês são iguais. Vocês dois gostaram disso. Eu vi em seus olhos. — Eu engoli em seco.

Seus olhos piscaram com emoção, e meu coração rasgou vendo isso. — Você nem percebe o que estou arriscando por você. Você me fez ir contra tudo com o que sempre me importei.

Tudo com o que sempre me importei.

Importei. Não mais?

No fundo sabia a resposta, e isso me aterrorizava porque se ele sentisse o que eu sentia, se fosse capaz disso, deixá-lo iria destruir não apenas a mim.

— Você deveria ter deixado Soto fazer o trabalho.

Sua expressão estava em branco. Ele era bom demais nisso. Muito bom em todas as coisas escuras e perigosas. — Talvez eu devesse, — ele disse simplesmente. — Isso teria me poupado de um monte de problemas. — Ele torceu uma mecha do meu cabelo em torno de seu dedo com uma expressão estranha. — Afinal, quem diz que você vale a pena?

Suas palavras não me machucaram porque eu tinha visto o brilho em seus olhos no porão mesmo que não ousasse acreditar, mas Remo tinha confirmado que não era minha imaginação.

Fabiano precisava me afastar. E eu sabia que precisava deixá-lo para que pudesse fazer o que tinha que ser feito. — Não finja que você

agiu com a bondade do seu coração. Você me salvou porque queria ser o primeiro a me *foder*.

A palavra deixou um gosto amargo na minha boca, mas teve uma reação de Fabiano.

Seus lábios se curvaram em um sorriso frio. — Você está certa. Eu serei o primeiro a te *foder*.

— Não se eu tiver uma palavra a dizer sobre o assunto.

Ele soltou uma risada sem alegria antes de puxar o carro de volta para a rua.

— Você é um monstro, — eu disse asperamente.

— Eu sei.

Quinze minutos depois, entramos na garagem subterrânea. Ele estava realmente me levando para o apartamento dele. Fabiano abriu a porta do carro e estendeu a mão para mim. Eu olhei para ela, depois para o rosto dele. — Vamos lá, Leona, — ele disse baixinho. — Não me faça carregar você.

Peguei a mão dele e deixei ele me colocar de pé. Ele não me soltou quando me puxou em direção ao elevador que nos levaria ao seu apartamento.

Uma vez dentro do elevador, minhas emoções começaram a transbordar. Raiva, terror, tristeza, e tudo mais. — Por que você teve que me escolher? — Eu perguntei miseravelmente. E *por que, por que, por que* meu coração o escolheu?

Ele não disse nada, apenas me deu aquele olhar impenetrável. As portas do elevador se abriram e ele me puxou para o seu apartamento. Ele me puxou e me beijou ferozmente, e por um segundo o beije de volta, o beije com cada parte torcida e horrenda de mim que o amava.

Minhas palmas vieram contra o peito dele. — Não, — eu disse com firmeza, e afastei-me dele. Meu pulso correu em minhas veias. Fabiano veio ao redor, nunca permitindo que eu me afastasse dele. Por que ele não podia simplesmente me deixar ir?

— Você sabe, — ele disse baixinho. — Eu nunca quis que nada disso acontecesse. Você era apenas uma garota pobre e solitária. Não escolhi isso, não escolhi você.

— Então pare com isso. Seja o que for entre nós, pare com isso. Agora, — eu sussurrei, olhando em seu rosto frio e bonito.

Ele segurou meu rosto. — Você não acha que eu faria se pudesse? — Seus lábios roçaram os meus. — Mas não posso. Eu não vou. Você é minha e vou te proteger, não importa o preço.

— Proteger-me? — Eu ecoei.

Fabiano era um destruidor, não um protetor. Ele não era um cavaleiro de armadura brilhante.

— E quem vai me proteger de você?

— Você não precisa de proteção de mim. Hoje deveria ter provado isso.

— Hoje provou que você cometeu crimes horrendos em seu passado, que você ainda comete coisas atrozes todos os dias, e que você gosta de fazê-las.

— Leona, — ele disse sombriamente. — Nunca menti para você. Eu sou o Executor da Camorra. Sou a dor e a morte, nunca fingi ser outra coisa. Não finja que você era ignorante para se sentir melhor.

Eu baixei meu olhar, me sentindo culpada e furiosa imediatamente porque ele estava certo.

Morte. Sangue. Dor.

É isso que estar com Fabiano significava.

E amor.

Mas eu não conseguiria um sem o outro.

Essa não era a vida que eu imaginava. E ele me ama? O que quer que ele sentisse, o que quer que eu tenha visto, o que quer que Remo tenha visto, não era amor.

— Vamos, — disse Fabiano, puxando-me para as escadas. — Vamos conversar de manhã. Você passou por muita coisa hoje.

O que sobrou para falar de manhã? Ainda assim, o segui.

Eu tomei um banho e Fabiano não se juntou a mim. Talvez ele finalmente tenha entendido que sua proximidade era demais agora. Coloquei a camiseta que ele tinha levado para mim, então entrei no quarto.

Fabiano já estava na cama, as cobertas puxadas até a cintura, revelando seu peito. Adormecer contra o seu peito foi a melhor coisa de estar com ele nas últimas semanas. Uma última vez. Entrei debaixo das cobertas com ele e descansei minha bochecha contra seu peito, bem sobre seu coração. Batia em um ritmo calmo. Eu me perguntava o que faria a frequência cardíaca aumentar, se os eventos de hoje não puderam. Seus dedos acariciaram meu braço, e eu corri meus dedos sobre todas as cicatrizes em seu peito e estômago. — Isso não pode acabar bem. Isso nos matará, você sabe disso.

Fabiano me puxou para cima do corpo dele. — Você acha que eu permitiria isso? Farei qualquer coisa para te proteger.

— Até matar Remo?

Ele ficou tenso. — Remo é como meu irmão. Se ele cair, eu caio.

Procurei seus olhos. Ele estava falando sério. — Você poderia sair de Las Vegas. Começar em algum lugar novo.

Leona, pare com isso. Acabe com isso.

Ele balançou a cabeça como se não pudesse entender. — A Camorra está no meu sangue.

Sangue. Gritos.

Eu olhei para a tatuagem em seu pulso. A Camorra era o amor da sua vida. Nada poderia competir com isso, muito menos eu. — Sangue, — murmurei.

Os olhos de Fabiano eram como um céu tempestuoso de verão. — Eu vou lidar com o Remo. Não se preocupe com isso. Agora que seu pai se foi, as coisas vão se acalmar. Você pode continuar com sua vida.

Se foi.

Morto. Assassinado. Torturado.

— Você realmente acredita nisso? — Perguntei. Que vida eu deveria continuar?

Fabiano

O olhar que ela me deu agora era o que esperava no começo. Era o olhar que eu odiava ver. Estava arriscando minha reputação, minha vida e a confiança de Remo por ela. Tudo por ela.

Eu beijei Leona com força. Por um momento ela congelou, depois devolveu o beijo com a mesma força.

Aprofundei o beijo, minhas mãos descendo em seus quadris e eu rolei, estendendo-me sobre ela. Apoiei meu peso com meus cotovelos enquanto a beijava com mais força. Ela devolveu o beijo com tanta necessidade. Eu deslizei minha mão por baixo da blusa dela, os dedos passando por sua coxa lisa. Eu a queria, nunca quis nada tanto. Ela se afastou da minha boca, ficando tensa embaixo de mim. — Não, Fabiano, — ela saiu. — Eu não posso fazer isso agora, não depois de tudo o que aconteceu.

Respirei fundo. Quem disse que haveria outra chance para nós? Meu pau estava tão duro que ameaçou rasgar meus boxers. Eu tinha meia vontade de ignorar o não e continuar. Podia imaginar quão apertada e quente ela era, quão apertado seu canal iria apertar no meu pau. Porra. Eu a queria. Queria tê-la antes de enfrentar Remo amanhã, antes de arriscar minha vida *novamente*. E se ele tivesse mudado de ideia?

Seus olhos azuis encontraram os meus. Odiava que a inocência confiante tivesse desaparecido deles, odiei que eu fosse a razão disso.

Porra. O que me tornei?

Pressionei minha testa contra a dela, respirando profundamente. — Você será o meu fim, Leona.

Ela não disse nada. Rolei para fora dela, porque ficar entre as pernas dela me deu ideias que eu não precisava. Eu a puxei para os

meus braços. Ela não resistiu. Ela me segurou com a mesma força. — Eu não vou, — ela murmurou com sono.

— Não vai?

— Ser o seu fim.

Seu corpo ficou macio. Eu me apoiei no meu cotovelo. Passei meus dedos por sua garganta, observando-a dormir. Estava feliz por ela finalmente se afastar, feliz por seus olhos não estarem olhando para mim com aquela expressão quebrada.

Ela não entendeu o que eu arrisquei por ela hoje.

Ela não poderia entender.

Eu faria isso de novo, iria salvá-la novamente, mesmo que isso significasse arriscar à ira de Remo.

Capítulo Vinte

Leona

Eu acordei em silêncio e uma cama vazia. Eu rolei, olhando para os lençóis amarrotados ao meu lado. Enterrei meu nariz no travesseiro, absorvendo o cheiro familiar de Fabiano, deixando-me levar de volta ao tempo em que era capaz de fingir que não sabia o que ele era.

O arrependimento veio sobre mim. Ontem à noite, quando ele me queria, deveria ter deixado. Deveria ter nos permitido aquela noite, aquele momento para guardar. Tarde demais agora.

Eu me permiti deitar na cama macia de penas por mais alguns minutos antes de me sentar, minhas pernas penduradas na beira da cama. Tudo cheirava fresco e limpo, e a sala estava inundada de luz. Isso não era nada como os lugares onde eu cresci e vivia agora. Parecia um sonho às vezes. A atenção de Fabiano. Que alguém como ele poderia me querer. Eu deveria ter percebido que não era duraria. Os sonhos sempre vinham com um preço para garotas como eu. Mas o tempo de sonhar acabou agora.

Rapidamente juntei minhas roupas e me vesti. Eu me permiti alguns segundos para admirar a Las Vegas Strip estendendo-se abaixo do apartamento. Esse luxo era algo que eu me sentia desconfortável como na primeira vez que o vi. Eu raramente tinha mais do que alguns dólares e aqui estava eu em um apartamento que custara mais do que ganharia como garçõete toda a minha vida. Coisas lindas são sempre tiradas de você, é o que minha mãe costumava dizer. Eu não queria acreditar nela, mesmo que essa coisa entre Fabiano e eu parecesse boa demais para ser verdade em uma cidade governada por alguém como Remo Falcone. E agora o aviso dela se tornou realidade.

No elevador, fechei os olhos, revivendo tudo o que tinha acontecido desde que eu pus os pés no solo de Las Vegas. Eu não era mais aquela garota. Fabiano me mudou, mas não podia mudá-lo, não tinha certeza se queria.

Fabiano. Ele estava a caminho de Remo novamente, a caminho de cumprir suas ordens. Eu estava grata por ele ter me protegido; que me

salvou, mas a única razão pela qual precisei de ajuda foi por causa da única coisa que ele jurou sua vida: a Camorra.

Meu pai era responsável por suas dívidas. Meu pai havia me avisado. Eu sabia de tudo isso. Mas meu pai, pelo menos, tinha seu vício como desculpa. Fabiano, no entanto, estava no controle de suas ações. Ele escolheu ser o Executor de Remo. Ele escolheu a Camorra todos os dias novamente. Ele escolheu a escuridão e a violência. Ele escolheu esta vida. E agora era a minha vez de fazer uma escolha.

Poderia admitir que estava com medo dos meus sentimentos por ele, tinha sido assim desde o início. Ao longo dos anos, assisti minha mãe se apaixonar por um cara horrível após o outro, arrastando-a mais e mais em seu vício de drogas. Tudo começou com sua primeira má escolha: meu pai que a transformou em prostituta.

Fabiano era o homem que as pessoas sempre me avisaram, mas não conseguia me afastar dele. Sua família tinha moldado ele assim, como a minha tinha me moldado. Nós éramos dois lados da mesma moeda. Talvez fosse por isso que sabia que precisava sair, desde que ainda fosse uma possibilidade. Mas parte de mim não queria ir. Não havia nada lá fora esperando por mim. Estava virando as costas para algo que eu desejara por toda a minha vida: amor.

Peguei um ônibus de volta para casa, embora Fabiano sempre me pedisse para pegar um táxi, mas estava sem dinheiro, exceto pelas poucas moedas que encontrei no balcão da cozinha do apartamento de Fabiano. Entreguei a Remo tudo o que tinha ontem. Agora eu tinha que começar do zero. Se as coisas continuassem progredindo do jeito que estavam, eu nunca seria capaz de pagar as mensalidades da faculdade.

Talvez eu esperasse muito da vida.

Hesitei na frente da porta do nosso apartamento. Ele estava morto. E de alguma forma foi minha culpa.

Respirei fundo antes de entrar. O cheiro de café fresco flutuou até mim e alívio me encheu. Pelo menos, mamãe estava lá. Rapidamente corri para a cozinha para encontrar minha mãe debruçada sobre uma xícara de café. Ela olhou para cima. Havia uma contusão escura em sua bochecha. Eu toquei no local. — O que aconteceu?

— Seu pai e eu discutimos ontem de manhã. Ele queria dinheiro, mas eu disse que não tinha nenhum.

Eu afastei minha mão. Pensar que arrisquei minha vida por ele. Por causa dele, fui forçada a ver o lado mais sombrio de Fabiano.

Ele pagou por seus crimes. Fabiano o fez pagar.

Seus olhos vidrados me examinaram da cabeça aos pés. — Onde está seu pai?

— Se foi, — eu disse com voz rouca. — Papai se foi.

— Foi?

— Ele o matou por minha causa, — eu admiti, e me senti bem em expressar a verdade.

Eu coloquei uma mão no ombro magro da minha mãe. Ela não parecia triste. Havia alívio. — Ele se matou. Apostas, sempre apostas e apostas. Eu disse a ele que iria matá-lo.

— Sim, mas no final o Fabiano o matou por minha causa. Por mim. Para me proteger.

Os olhos cheios de sangue da mamãe eram muito conhecedores e, pela primeira vez, queria sua neblina de drogas. — Aquele que você ama? Aquele com os frios olhos azuis?

— Sim, — eu sussurrei.

— Eu pensei que ele te tratava bem.

— Ele faz, — eu falei.

— Homens como ele geralmente não o fazem.

— Eu tenho que sair.

— Por causa dele?

Porque eu o amo apesar do que ele é.

— Porque se eu ficar não vou conseguir o futuro que desejei toda a minha vida, — eu disse a ela em vez disso.

— Às vezes, o futuro que pensamos que queremos não é o futuro que precisamos.

Eu balancei minha cabeça. — Ele não é um homem que eu deveria amar. É por isso que preciso sair.

Mamãe inclinou a cabeça. — Você não pode fugir do amor.

Não fazia sentido falar com ela sobre isso. Todas as escolhas na sua vida tinham sido um erro. Nós duas sabíamos disso. — Você tem que vir comigo, mãe. Você não pode ficar aqui. Sozinha.

Ela balançou a cabeça. — Eu tenho que pagar minhas dívidas com a Camorra. E eu gosto daqui. Este apartamento é melhor que o último que nós tivemos.

— É o apartamento do papai.

— Agora é meu, — mãe falou.

— Mãe, — eu segurei seus dois ombros, tentando fazê-la ver a razão. — Se você ficar aqui, não posso te proteger.

Ela sorriu. — Você não tem nenhuma obrigação de me proteger, Leona. Eu sou sua mãe.

— Mamãe...

Ela reafirmou. — Não, pela primeira vez, deixe-me ser mãe. Se você tiver que sair, então faça. Mas não posso fugir de novo.

— A Camorra vai te machucar se você não pagar. Você deveria vir comigo, mãe. Podemos começar de novo.

— Leona, é tarde demais para eu começar de novo. E o que eles podem fazer para me machucar que não tenha sido feito para mim antes? Eu já passei por tudo isso e ainda estou aqui.

Eu olhei para ela. Ela ainda estava aqui, mas só porque entorpecia tudo com drogas.

— Ele te machucou?

Demorou um pouco para entender quem ela queria dizer. — Fabiano? Ele não me machucou. Mas ele machuca outras pessoas.

— Se ele é bom para você, por que sair?

Fabiano foi a primeira pessoa que cuidou de mim, mas também era o homem que me levava por um caminho que eu não deveria seguir.

Eu peguei a xícara de café. Minhas mãos tremiam quando levei a xícara até a boca e tomei um longo gole.

Tinha que sair. Fechei meus olhos contra a sensação de desespero que tomou conta de mim. Eu nunca realmente pensei que Las Vegas fosse meu destino final, mas esperava poder usá-lo como ponto de partida para algo novo e melhor.

Agora estava ainda pior do que quando cheguei nessa maldita cidade com minha mochila e chinelos. Eu não tinha nenhuma economia e não só isso, agora até perdi meu coração para um homem cujo coração só batia pela Camorra. Um homem que era brutal e perigoso. Um homem que acabaria sendo minha morte porque não poderia me manter segura e não trair seu juramento.

Ainda assim uma pequena voz estúpida fez a mesma pergunta que minha mãe tinha feito: *por que sair?* Essa era provavelmente a mesma voz que minha mãe ouvia toda vez que voltava para um cafetão depois que ele pedia desculpas por espancá-la em uma poça sangrenta. Talvez Fabiano estivesse certo na noite do nosso primeiro encontro sobre o nosso DNA, determinando a maioria das nossas decisões. Talvez os genes da minha mãe sempre me impedissem de viver uma vida normal.

Meus olhos foram atraídos de volta para sua forma magra, debruçada sobre a mesa novamente. Ela não estava mais olhando para mim, em vez disso, estava descascando o vermelho do seu esmalte. Suas mãos tremiam. Ela precisava de uma dose. Ela levantou os olhos.

— Você não tem dinheiro para mim antes de sair?

Não. Este não era o meu futuro. — Desculpe mamãe.

Ela assentiu. — Está bem. Apenas saia e seja feliz.

Seja feliz.

Eu não disse nada. Tomei um banho rápido, sentindo um cansaço profundo que não tinha nada a ver com noites sem dormir. Eu deixaria Las Vegas para trás, deixaria Fabiano para trás e tudo o que ele representava: sangue, escuridão e pecado.

Eu me inclinei na porta da cozinha. — Estou indo embora, — eu disse à minha mãe.

Ela olhou para cima. — E você não vai voltar?

— Não posso.

E ela assentiu, como se entendesse, e talvez sim. Afinal, nos mudamos depois de todos os seus rompimentos e nunca mais voltamos.

— Tenho que ir agora, — eu disse. Fui até ela e beijei sua bochecha. Ela cheirava a fumaça e levemente a álcool. Eu não tinha certeza se a veria novamente.

Trinta minutos depois, cheguei à Roger's Arena. Fui diretamente para Cheryl que estava como sempre lá. Seu caso com Roger a mantinha ocupada até o começo da manhã na maioria dos dias. Às vezes eu pensava que ela morava no bar. No momento em que me viu, um completo alívio encheu seu rosto e ela correu para mim, agarrou meu braço e me arrastou para uma mesa. — Você está bem, Chick? — Ela perguntou em um tom preocupado. Fiquei surpresa com a reação dela.

Ela se afastou. — Ouvi o que aconteceu com seu pai.

Endureci. Eu duvidava que ela tivesse ouvido o que realmente aconteceu.

— Foi Fabiano, não foi?

Eu desviei o olhar.

— Eu te disse que ele era perigoso, Chick. Mas não se culpe pelo que aconteceu com seu pai. Ele tinha isso vindo por um longo tempo. É um milagre que ele durou tanto tempo com todas as apostas e apostas.

— Você pode me dar algum dinheiro?

Ela estreitou os olhos. — O que aconteceu com o dinheiro que você ganhou? Seu pai desgraçado gastou isso em apostas? — Ela se benzeu como se isso tornasse melhor insultar um homem morto.

— Por favor, Cheryl. — Eu não disse a ela que a pagaria de volta porque não achava que poderia. Eu nunca voltaria a Las Vegas e, se lhe enviasse dinheiro, teria o risco de que Fabiano me rastreasse.

— Você quer fugir, certo?

Eu assenti. — Eu tenho que.

Ela apertou os lábios. — Ele não ficará feliz com isso.

— É a minha vida. Minha escolha.

Cheryl tocou minha bochecha num gesto quase maternal. — Chick, parou de ser sua escolha no momento em que ele colocou os olhos em você e decidiu que queria ter um pedaço. Ele não vai deixar você ir a menos que perca o interesse.

— Eu tenho que sair, — eu disse novamente.

— O que aconteceu com seu pai finalmente fez você ver que tipo de homem ele é?

Ela deve ter visto algo no meu rosto porque sua expressão se suavizou. — Ele machucou você também?

Mordi meu lábio com um pequeno aceno de cabeça. Eu não podia divulgar. O que aconteceu entre Fabiano e eu tinha que permanecer meu segredo. Como poderia explicar a ela que me apaixonei por alguém como ele?

— Se eu te der dinheiro e ele descobrir... — Ela parou.

Não tinha sequer considerado isso. Eu me afastei e assenti. — Você está certa. Não posso te arrastar para isso. Você me avisou desde o começo. Eu não quis ouvir. Agora tenho que lidar com as consequências.

Ela suspirou, então pegou sua bolsa e tirou algumas notas. — Cem é o suficiente para você?

Eu procurei o rosto dela. Ela realmente queria fazer isso?

Ela empurrou o dinheiro para mim. — Não me dê esse olhar de cachorrinho, Chick. Apenas pegue o dinheiro e corra o mais rápido que puder, e não ouse voltar.

Eu o peguei hesitante, em seguida, puxei Cheryl em um abraço apertado. Depois de um momento de surpresa, ela me apertou de volta. — Você pode ficar de olho na minha mãe? Apenas agora e depois? Eu sei que é pedir muito, mas...

— Eu vou, — disse ela com firmeza, então me empurrou para longe. — Agora vá.

E eu fiz.

Me virei e não olhei para trás.

Capítulo Vinte e Um

Fabiano

Eu mandei uma mensagem para Leona duas vezes, mas ela não respondeu. Não queria nada mais do que ir até ela imediatamente, mas não podia desapontar Remo novamente. Esta manhã ele agiu como se tudo estivesse bem entre nós, mas eu estava cauteloso.

Ainda assim precisava vê-la, precisava ver se aquele olhar quebrado de ontem tinha sumido. Não conseguia pensar em mais nada. Eu me endireitei perante os homens no chão. — Hoje é seu dia de sorte. Não posso poupar mais tempo com você, — eu disse enquanto embainhei minha faca. Fui até o lavatório e comecei a limpar minhas mãos. Demorou um pouco até que a água as limpasse.

O homem levantou o rosto ensanguentado do chão. — Eu juro que pagarei amanhã. Eu juro. Vou ao meu irmão...

— Não dou à mínima onde você consegue seu dinheiro. Amanhã recebemos nosso dinheiro ou você passará mais tempo com a minha faca.

Ele empalideceu.

Deixei-o em seu estado lastimável e corri para o meu carro. Tentei ligar para Leona de novo, mas continuou indo para sua caixa postal. E se Remo tivesse mudado de ideia depois de tudo?

Eu liguei para ele enquanto me dirigia para a Roger's Arena.

Ele respondeu depois do segundo toque. — Feito?

— Sim feito. Há mais alguma coisa que você precise que eu cuide?

Houve uma pausa. — Venha mais tarde. Nino, Adamo e Savio estarão lá. Vou pedir pizza e podemos assistir a lutas antigas.

— Pepperoni e pimentão para mim, — eu disse, então desliguei. Remo não tinha Leona. Ele estava disposto a esquecer de ontem.

Então por que ela estava me ignorando?

Mas eu sabia por quê. Depois que ela dormiu em meus braços na noite passada, pensei que poderia me perdoar pelo que eu fiz, pelo o que tinha que fazer porque o pai dela não me deixou uma escolha.

Eu parei na frente do Roger's Arena. Seu turno havia começado há uma hora. Entrei no bar. Havia poucos clientes nas mesas. Eles olharam em minha direção antes de sussurrar entre eles. Todos sabiam da mensagem sangrenta que Remo deixou para nossos outros devedores. O cadáver de Hall foi um bom aviso. A maioria pagou suas dívidas pela manhã.

Meus olhos examinaram a área do bar, mas em vez dos cachos cor de âmbar de Leona, vi cabelos pretos horivelmente tingidos atrás do balcão. Cheryl se me lembrou corretamente.

Eu fui até ela. Ela se endireitou e colocou um sorriso falso, mas o medo em seu rosto gritou para mim. — Onde está Leona? — Eu exigi.

— Leona? — Ela perguntou intrigada como se não soubesse de quem estava falando. Com um olhar de mim, ela disse rapidamente. — Ela não apareceu. Eu tive que assumir o turno dela. Roger está chateado.

— Eu não dou a mínima para o Roger, — eu rosnei, fazendo-a recuar.

Eu a olhei por alguns segundos, ela se contorceu sob o meu olhar. — Tem certeza de que você não sabe onde ela poderia estar?

— Ela é uma colega, não uma amiga. Mantenho meu nariz fora dos negócios de outras pessoas. É mais seguro.

Eu me virei e saí. *Onde diabos estava Leona?*

Corri em direção ao complexo de apartamentos em que ela morava e bati meu punho contra a porta. No momento em que a mãe de Leona abriu uma lacuna, empurrei para dentro. Ela tropeçou em seus calcanhares, colidindo com a parede. Ela estava vestindo apenas uma tanga, revelando muito do seu corpo esgotado, e um momento depois eu percebi o porquê. Um cara gordo emergiu do quarto, apenas de cuecas brancas, ostentando uma porra de ereção.

— Onde ela está? — Eu rosnei.

A mãe de Leona piscou. Ela estava drogada.

Ele olhou para mim de boca aberta. Isso me irritou pra caralho. Eu agarrei sua garganta e esmaguei-o contra a parede, fazendo-o gaguejar. Então olhei para a mãe de Leona novamente. — Te dou dez segundos para me dizer onde ela está, ou por Deus, vou fazer você me ver esfolar esse idiota vivo.

O terror sacudiu sua estrutura.

A mãe de Leona não parecia se importar. Seu batom estava manchado em sua bochecha esquerda como se tivesse limpado a boca. Olhei dela para seu cliente, meus lábios se curvando com desgosto. Ela provavelmente não se importaria de eu o cortasse em pedaços. Eu o empurrei para longe, então avancei para ela. Não gostava de machucar mulheres, e Leona definitivamente nunca me perdoaria se machucasse sua mãe, mas precisava encontrá-la. Isso me deixou em um impasse. Tentei me acalmar e me concentrar. Tentei lê-la como se estivéssemos nós enfrentando na jaula.

Eu suavizei minha expressão. — Eu protegi sua filha. Seu marido...

— Ex-marido, — ela corrigiu.

— Eu me livrei dele para que ele não machucasse você ou Leona novamente.

Poderia dizer que sua determinação estava se esvaindo, mas ainda não era suficiente para me dizer. Enfiei a mão no bolso de trás e tirei duzentos dólares. Segurei para ela. — Tome isto. — Ela fez, mas hesitou ainda. — Eu poderia te dar metanfetamina de vez em quando, de graça.

Seus olhos se iluminaram. E eu sabia que tinha ganho. Drogas conquistaram seus sentimentos por sua filha. — Ela saiu, — disse ela naquela voz rouca. — Ela arrumou suas coisas e saiu cerca de duas horas atrás. Eu não sei para onde, não perguntei a ela.

— Tem certeza de que não sabe? — Perguntei em voz baixa.

— A prostituta estúpida mal se lembra de seu nome ou como chupar um pau, — seu *John* murmurou, tentando me ajudar para se salvar. Ele estava tentando se levantar, mas eu o empurrei no chão e desembainhei minha faca, a fúria fria queimava no meu estômago. —

Eu pedi sua opinião? Da próxima vez que você nos interromper, vou ter que te dar um gosto da minha faca, entendeu?

A mãe de Leona encontrou meu olhar. — Leona foi até a rodoviária. Isso é tudo que eu sei. Eu juro. — Procurei seu rosto. Ela estava dizendo a verdade. — Então você vai me dar metanfetamina?

— Eu vou, — eu disse, enojado.

— O que você quer com ela? — Perguntou a mãe de Leona.

— Ela é *minha*, — eu disse a ela.

— Não a machuque. Ela ama você.

Um choque passou por mim. — Você não sabe do que está falando.

Ela não disse nada e eu saí do apartamento. Corri para o meu carro e acelerei. Ela estava fugindo de mim? Ela realmente achou que eu a deixaria ir?

Ela ama você.

Se ela amasse, não fugiria. Lembrei-me das palavras de Remo depois que matamos Hall. Que as pessoas sempre saiam. Leona também foi embora.

Eu parei o carro na estação rodoviária. Um dos motoristas de ônibus buzinou porque eu estava barrando o caminho dele, me viu quando saí e rapidamente desviei o ônibus em volta do meu carro, quase batendo em outro ônibus.

Eu fui até a bilheteria.

— O que posso fazer por você? — Uma mulher mais velha demorou a responder em uma voz entediada.

Eu deslizei meu celular com uma foto de Leona para ela. — Onde ela foi?

A mulher olhou para a tela e balançou a cabeça. — Não posso te dizer...

— Onde? — Eu repeti devagar.

Ela levantou os olhos para os meus. Ela não me reconheceu. Empurrei minha camisa e mostrei a tatuagem no meu antebraço. Se ela morava em Vegas por mais de algumas semanas, sabia o que aquilo significava.

— Eu... eu acho que ela pegou o ônibus para São Francisco. Saiu dez minutos atrás.

— Você tem certeza? — Eu odiaria perder meu tempo. Peguei meu telefone de volta e guardei no meu bolso.

Ela assentiu.

Levei mais dez minutos para encontrar o ônibus. Eu me posicionei na frente e freei. O motorista do ônibus gritou comigo e tentou me ultrapassar à esquerda. Espelhei o movimento dele, então ele não teve escolha a não ser parar atrás de mim.

Eu pulei para fora do carro ao mesmo tempo em que o motorista abriu a porta do ônibus. Ele estava puxando a calça grande demais por cima da barriga enquanto descia as escadas e gritou. — Você perdeu a porra da sua mente? Vou chamar a polícia!

Eu o ignorei e tentei passar por ele no ônibus. Sua mão disparou e me agarrou pelo braço, em seguida, girou o punho para mim.

Movimento errado. Eu levantei meu antebraço, evitando seu soco, em seguida, bati meu cotovelo em seu rosto, ouvindo e sentindo os ossos se quebrarem. Ele caiu de joelhos com um grito abafado. — Fique aí, mais um movimento e você nunca mais verá sua família.

Ele me deu um olhar de lado, furioso, mas depois de ver minha tatuagem foi inteligente para não agir com sua raiva. Desta vez ele não me parou quando subi os degraus do ônibus. Meus olhos percorreram as fileiras de assentos até que eles pousaram em cachos âmbar familiares na penúltima fileira.

Ignorei a multidão que me encarava e me dirigi para Leona, que me observava como se eu fosse uma aparição, saída do inferno. Parei na frente dela e segurei minha mão. — Venha.

— Estou saindo de Las Vegas, — disse ela, mas suas palavras não tinham convicção. Seus olhos azuis pareciam ver as partes mais profundas e mais escuras da minha alma, e sabia que ela odiava o que via. Amor. Não, ela não poderia me amar.

— Não, você não vai. Nós precisamos conversar. Você está saindo do ônibus comigo *agora*.

— Ei, ouça, cara, se a moça não quer ficar com você, você tem que deixar ir e aceitar, — disse um cara que parecia não ver nenhuma maldade no mundo. Algum garoto mochileiro que veio de uma boa família, teve uma infância protegida e agora estava fora para alguma aventura. Eu poderia dar a ele mais do que isso.

Sua coragem escorregou de seu rosto e ele engoliu em seco.

Leona praticamente pulou do banco, segurando meu braço, as unhas se abrindo. Eu desviei os olhos do garoto mochileiro e me virei para ela.

— Eu vou contigo. Apenas... apenas vamos agora — ela sussurrou. Peguei a mochila dela e gesticulei para ela andar na minha frente. Ela fez sem protestar. Ninguém mais tentou me impedir, nem o garoto mochileiro novamente.

Do lado de fora, o carro da polícia parou ao lado do ônibus. Os policiais estavam em pé com o motorista do ônibus ao lado do meu carro, conversando em seu aparelho de rádio. Provavelmente checando minha licença. Leona fez uma pausa e me deu um olhar questionador. — Você parece estar em apuros.

Coloquei minha mão em suas costas, ignorando o jeito que ela se afastou do meu toque. Ela olhou teimosamente à frente, não me dando a chance de ler seu rosto. Poderia dizer que a única razão pela qual ela estava cooperando era que havia muitas pessoas por perto que eu poderia machucar.

O policial abaixou o rádio quando me notou. Ele disse alguma coisa ao colega, depois indicaram ao motorista que os seguisse. Ele parecia atordoado quando apontou na minha direção. O policial mais velho puxou o braço do homem e disse alguma coisa com raiva, depois acenou de volta para o ônibus. Leona seguiu a cena com uma expressão incrédula. — Até a polícia? — Ela perguntou horrorizada.

Eu abri a porta do carro para ela. Ela hesitou.

— Las Vegas é nossa.

E você é *minha*.

Ela afundou no assento de couro e eu fechei a porta. Depois de jogar sua mochila no porta-malas, deslizei para trás do volante e liguei o motor.

— Onde você está me levando? — Ela perguntou.

— Casa.

— Casa?

— Para sua mãe. Essa é a sua casa por agora, certo?

Ela franziu a testa. — Eu não vou voltar lá. Estou saindo de Las Vegas.

— Eu te disse que você não vai.

— Pare o carro. — Ela começou a tremer ao meu lado. — Pare o carro! — Ela gritou. Se alguém, exceto Remo tivesse usado esse tom comigo, teriam se arrependido completamente.

Eu parei em um estacionamento e desliguei o motor antes de me virar para encará-la.

Ela estava olhando para o para-brisa e seus dedos apertavam os joelhos com tanta força que os nós dos dedos estavam ficando brancos. — Você não pode me fazer ficar, — ela falou.

— Eu posso e vou, — eu disse a ela. Sabia que deveria ter a deixado sair, deveria ter lhe dado à chance de seguir em frente, de encontrar uma vida melhor, mas não podia.

— Você já não fez o suficiente? — Ela perguntou em um sussurro irritado.

Eu levantei minhas sobrancelhas. — Nunca fiz nada para você.

— Você realmente acredita nisso?

— Encontrei sua mãe para você. E salvei sua vida.

— Você matou meu pai, — ela sussurrou.

— Não me diga que sente falta dele. Sua mãe definitivamente não o faz.

Ela empalideceu como se eu tivesse acertado. — Você me arrastou para sua escuridão.

— Eu não te *arrastei* em nada. Não forcei você a ir naquele primeiro encontro. Não forcei você a me beijar ou me deixar lamber e tocar você. Você foi uma participante voluntária e nós dois sabemos que você gostou. Minha escuridão te excitou.

Seus olhos se arregalaram, mas não negou. Ela não podia. Eu me inclinei muito perto dela, saboreando o seu doce aroma. Ela estava me fazendo parecer o cara mau nisso? Mesmo? Ela não percebeu o que eu estava colocando na linha? Remo ia ser ainda mais suspeito no futuro. Estava arriscando meu status e o que estava recebendo em troca?

Ela me empurrou para longe dela. — Vou tentar sair de novo e de novo. Você não pode estar sempre lá para me impedir.

— Talvez você deva lembrar que sua mãe ainda nos deve quatro mil dólares.

Ela congelou. — Você está ameaçando matá-la também?

— Não, — eu disse. — Apenas lhe lembrando de que ela precisa de alguém que tenha certeza de que ela nos pague de volta. — Eu era um filho da puta por usar sua mãe contra ela, mas faria qualquer coisa para impedir Leona de sair, mesmo isso.

— Apenas me diga o que você quer de mim. Quer que eu durma com você? Isso pagaria a dívida da minha mãe? — Ela disse com tanto desgosto que minhas veias se inflamaram de fúria.

— Você realmente acha que te foder uma vez vale muito? Leona, acredite em mim, não vale. Para você pagar quatro mil, você terá que me deixar ter sua boceta por um longo tempo.

Ela me deu um tapa forte e me pegou de surpresa. Peguei sua mão, meus dedos apertados ao redor de seu pulso fino. Eu a puxei para mim, então nossos rostos estavam a centímetros de distância. — Desta vez. Só desta vez, — eu disse em voz baixa. — Nunca levante a mão contra mim novamente.

Ela olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas. — Eu te odeio.

Essas palavras não eram novidade para mim, mas vindo dela...

— Posso lidar com o ódio. O sexo é muito melhor quando há ódio envolvido.

— Eu nunca vou dormir com você, Fabiano. Se isso significa que estou quebrando alguma regra da Camorra, então que seja. Torture-me se você precisar, mas não serei sua. Nem agora, nem nunca.

Eu poderia dizer que ela estava falando sério, mas ela não sabia nada de tortura. Inclinei-me perto do ouvido dela. — Vamos ver sobre isso.

Ela abriu a porta e fugiu do carro.

— Não esqueça sua mochila, — chamei pela janela aberta. Ela foi para trás e pegou. — E Leona, — eu disse em aviso. — Nunca tente fugir de mim novamente. Não vou deixar você ir, e vou te encontrar onde quer que você vá.

Ela me observou, ombros caídos, expressão desesperada. — Por quê? — Ela murmurou. — Por que você não me deixa sair? Eu não valho a pena.

Remo tinha dito o mesmo. E eu sabia que eles estavam certos. Ela não era nada. Eu fodi tantas mulheres, poderia ter muito mais, Leona não era nada espetacular.

— Você está certa, você não vale.

Ela se encolheu como se eu a tivesse destruído. Aqueles olhos azuis machucados. Ela assentiu, depois se virou.

Eu quase a chamei, mas o que poderia ter dito?

Eu sinto muito. A ideia de você me deixar é a pior tortura que posso imaginar. Seja a mulher pela qual Aria me deu aquele bracelete.

Fique, mesmo que eu não valha a pena.

Capítulo Vinte e Dois

Leona

Eu praticamente corri de volta para casa, meu coração batendo na minha garganta com raiva e mágoa. Não podia acreditar no que ele disse para mim. Ele realmente quis dizer isso?

Estava sem fôlego quando cheguei ao apartamento. Abri a porta e congelei a caminho do meu quarto. Grunhidos e gemidos vinham do quarto do meu pai. Minha mãe já estava usando isso para o trabalho? Ele não estava morto há mais de vinte e quatro horas e ela seguiu em frente.

Eu bati contra a porta do quarto até que ela finalmente a abriu, vestida com um roupão de banho, nada abaixo dele.

— Leona?

Um homem peludo, de pelo menos setenta anos, estava esparramado na cama completamente nu. Eu me virei e invadi a cozinha onde segurei o balcão em um aperto mortal.

Lágrimas queimavam nos meus olhos.

Eu podia ouvir minha mãe se arrastando atrás de mim. — Você voltou por causa daquele homem? Ele parecia realmente decidido a encontrar você. Parece que você realmente ficou sob a pele dele, — mamãe disse ao parar ao meu lado. Tive dificuldade em ignorar sua nudez magra.

A única maneira de ficar sob a pele de Fabiano era com uma faca. Não deveria ter sido uma surpresa que minha mãe tenha tomado a possessividade de Fabiano como um sinal dele se importando comigo. Ela tinha o hábito de cometer esse erro com seus namorados antigos. — Ele não me deixou sair. Eu não queria voltar.

— Talvez seja o melhor.

Eu procurei o rosto dela. — Você disse a ele que eu fui para a rodoviária, certo?

Ela finalmente fechou o roupão de banho. — Acho que ele realmente se importa com você.

— O que ele fez? Te ameaçou?

Ela parecia envergonhada.

— Ele te deu o quê? Dinheiro? Drogas?

— Ele prometeu me dar metanfetamina de vez em quando. De graça, Leona. Mas não teria contado nada a ele se não achasse que estava tudo bem.

Mamãe tocou minha mão. — Não é uma coisa ruim estar com alguém como ele, especialmente se ele é bom para você. Ele detém o poder, pode te proteger. O que há de tão ruim em estar com ele?

— Mãe, Fabiano matou o papai, não lembra?

A mão da mamãe apertou a minha. — Eu me lembro. Mas também me lembro da primeira vez que tive que vender meu corpo quando morávamos em San Antonio e seu pai devia dinheiro a um dos MCs locais. Ele me pediu para ajudá-lo, mas nas minhas costas já havia dito ao seu presidente que eu iria abrir minhas pernas para pagar sua dívida. Você era apenas um bebê e eu ainda estava me recuperando de dar à luz a você. Cinco deles. Tive que dormir com cinco deles. Tive que suportar suas mãos imundas em todos os lugares. Eles levaram mais do que foi acertado. E foi doloroso, mas sabe de uma coisa? Depois, seu pai perguntou se eu iria foder com ele também. Eu o odiei. Mas ele prometeu que era só desta vez. Não foi. Da próxima vez que ele devia dinheiro, eu tive que fazer de novo, e naquela vez eles me deram metanfetamina, e eu peguei porque me fez esquecer. Então sim, lembro que Fabiano matou seu pai e sou grata. Na rua, eles me contaram o que aconteceu com ele e tudo que conseguia pensar era que desejava estar lá para ver porque ele me destruiu, e por causa disso nunca estive lá para você. Eu sou uma mãe horrível.

Fiquei sem palavras.

— Seu pai sempre apenas se protegeu. Isso é tudo que ele se importava, salvar sua própria bunda feia. Então, se você me falar que Fabiano matou alguém para *te proteger*, eu te falo que poderia ser pior. Fabiano faria com que você pagasse suas dívidas com seu corpo?

— Não, — eu disse com convicção. — Ele mataria qualquer um que ousasse me tocar.

— Bom.

— Ei, você vai voltar? Paguei quarenta dólares! — Gritou o cliente de minha mãe.

Mamãe suspirou. — Eu tenho que voltar para *ele*.

Eu a observei correr de volta para o quarto. Lentamente, afrouxei meu aperto de morte no balcão.

Precisava descobrir uma maneira de conseguir o dinheiro que minha mãe devia à Camorra, para que ela pudesse parar de vender seu corpo. Se continuasse trabalhando no Roger's Arena, ganharia dinheiro suficiente para pagar o apartamento, a comida e as drogas dela. Ela nunca mais teria que suportar o contato de ninguém. Não queria pensar sobre o que ela disse sobre Fabiano. Mesmo antes de suas palavras, quando estava sentada no ônibus, eu me perguntava se deveria realmente deixá-lo. Se deveria desistir da chance de amar. Mas as palavras duras de Fabiano hoje tiraram essa decisão do meu peito. Isso não era sobre amor, não para ele pelo menos.

Peguei o resto do dinheiro que Cheryl tinha colocado no meu bolso. Eu ainda tinha cinquenta dólares sobrando. Não muito. Mas eles poderiam se transformar em mais.

Peguei minha mochila novamente e saí, feliz pelo silêncio no quarto. Se tivesse que ouvir minha mãe transando com aquele velho bastardo, eu enlouqueceria.

O rosto de Cheryl caiu quando entrei no bar. Ela largou o que estava fazendo e cambaleou na minha direção, ignorando alguns clientes acenando para ela para servi-los. Mel assumiu rapidamente. Cheryl agarrou meu braço e me puxou para trás do bar. — O que você está fazendo aqui? Você não deveria ter ido embora agora?

— Fabiano me pegou, — eu disse baixinho. Eu não precisava de pessoas ouvindo. Poderia dizer pelos olhares que as pessoas estavam me dando que eles já estavam falando sobre mim, por causa do que aconteceu com meu pai.

— Oh foda-se. — Ela suspirou. — Eu te disse.

— Eu sei.

— Você sabe, se ele não deixar você sair, talvez você precise vencê-lo com suas próprias armas. Vá junto, deixe-o se divertir, dê o que ele quer até que não queira mais. Não pode ser tão difícil?

Eu desviei o olhar.

— Ou ele é algum tipo de bastardo sádico no quarto também?

Eu não disse nada. Sabia que Fabiano não gostaria que eu falasse sobre esse tipo de coisa. Por alguma razão, não queria trair sua confiança e fiquei desconfortável falando sobre isso. Porque não importa o que ele disse durante nosso último encontro, ele mostrou um lado mais gentil quando estava comigo, um lado que não queria que as pessoas soubessem.

Dormir com Fabiano não me assustou pelas razões que Cheryl suspeitava. Ele estava muito longe de ser sádico no quarto.

— Vou dar o seu dinheiro de volta assim que Roger me pagar, ok?
— Eu disse a ela.

Ela encolheu os ombros. — Não me importo com o dinheiro. Gostaria que tivesse ajudado você.

Eu sorri. Nunca esqueceria que ela estava disposta a me ajudar. — Onde está Griffin?

Suas sobrancelhas se ergueram. — Não vá por esse caminho. É muito escorregadio. Você viu onde ele levou seu pai.

Ela não precisava me dizer. Lembrei-me do que havia acontecido com meu pai, revivi em cores vivas repetidamente. Mas depois do que mamãe me contou hoje, não estava mais dividida com a morte dele. Pelo menos não porque ele se foi. Eu só queria não ter que ver Fabiano fazer o que ele tinha feito. — Sei o que o vício faz com as pessoas, e não tenho intenção de fazer disso um hábito, acredite em mim.

— Ninguém nunca faz. — Ela encolheu os ombros. — Ele está no estande atrás da gaiola.

— Obrigada, — eu disse, então caminhei até Griffin, sentado com o olhar colado ao iPad enquanto empurrava um garfo de batata frita na boca. Eu afundei no banco em frente a ele. Ele olhou para cima, depois para baixo. — Não preciso de nada.

— Não estou aqui para atendê-lo, — eu disse rapidamente.

Empurrei os cinquenta dólares para ele. — Quero apostar contra o Boulder.

Griffin levantou uma sobrancelha grisalha, depois assentiu. Boulder ganhou todas as lutas nas últimas duas semanas, rumores que seria o próximo adversário de Fabiano, se ele ganhar hoje à noite. E todos estavam certos de que ele venceria esta noite.

— Isso é de 1 a 20, — ele disse calmamente.

Tanto dinheiro. — Posso apostar dinheiro que não tenho?

— Você pode obter um crédito conosco e usá-lo para a sua aposta, — disse Griffin, em seguida, apontou para o meu pulso. — Ou você poderia apostar isso. Eu te daria quinhentos.

— Vale muito mais, — eu murmurei.

Ele encolheu os ombros. — Então venda em outro lugar.

Passei os dedos pela delicada pulseira de ouro. — Não está à venda. — Estúpida. Estúpida. Estúpida. Por alguma razão boba não tinha coragem de vender o presente de Fabiano.

— Só me dê 200 como crédito. — Indo para a Camorra, que dia. Boulder teria que perder esta noite. Então mamãe estaria livre, e Fabiano não seria mais capaz de segurar sua dívida contra mim.

Fabiano

Eu tive que olhar uma segunda vez, incapaz de acreditar nos meus olhos. Leona estava entregando dinheiro para Griffin, nosso apostador. Eu só ia à Roger's Arena para ver se Leona já havia voltado ao trabalho e assistir à luta de Boulder mais tarde. Andei em direção a eles. — O que está acontecendo aqui?

Griffin acenou uma saudação para mim. — Ganhando dinheiro como eu deveria.

Leona me lançou um olhar indignado.

— Quanto ela apostou?

— Cinquenta em dinheiro e duzentos emprestados contra Boulder.

Olhei para ela. Boulder era um dos melhores. Ele vinha logo depois de mim e dos irmãos Falcone. Ele não perderia sua luta. — Ela não vai apostar, — eu pedi.

Griffin hesitou com os dedos contra o seu iPad, finalmente olhando para mim. Uma carranca juntou as sobrancelhas cinzentas.

— Eu vou, — Leona interrompeu. — Meu dinheiro é tão bom quanto o de qualquer um.

As pessoas ao redor estavam começando a olhar. Agarrei-a pelo braço e puxei-a da mesa de couro para longe de Griffin.

— Isso significa que a aposta ainda está ativa? — Ele gritou, por isso que Remo gostava dele. Ele estava sempre focado no trabalho em suas mãos, nunca em ser distraído.

— Sim, — gritou Leona em resposta.

Eu a arrastei para os fundos e depois desci para o depósito, fervendo. Somente quando a porta se fechou atrás de nós, eu a soltei. — Você perdeu a porra da sua mente?

— Preciso de dinheiro para pagar as dívidas de minha mãe com você, lembra? — Ela murmurou. Eu cambaleei em direção a ela, apoiando-a na parede. Ela estava me deixando louco. — E você acha que pode fazer isso fazendo novas dívidas? Boulder vai ganhar e você perderá não apenas o cinquenta que você apostou, mas estará endividada com mais duzentos. Não acho que você os tenha, e logo eles serão o dobro.

Ela me deu um olhar 'que seja'. — Eu sei o que significa estar em dívida com a Camorra. — Pela primeira vez, ela rolou o 'r' da mesma maneira que eu faço. — Eu vi o que significa estar em dívida com o *seu Capo*.

Pressionei minhas palmas contra a parede ao lado de sua cabeça, olhando para ela. — Você viu o que significa estar em dívida com Remo, mas nunca *sentiu* o que significa estar endividado conosco. Há um mundo de diferença entre esses dois cenários.

Ela sorriu sem alegria. Não. Era tão errado em seu rosto sardento. Esses sorrisos eram para os outros. Não para ela. — E quem vai me fazer sentir o que isso significa? Quem vai me lembrar das minhas dívidas? Quem vai enviar o Falcone para fazer o trabalho sujo dele? Quem ele vai mandar para quebrar meus dedos ou me levar de volta para aquele porão?

Eu não disse nada.

— Quem será aquele que me fará sangrar e implorar, Fabiano? Quem?

Ela balançou a cabeça, parecendo esmagada. — Você é seu Executor. Sua mão sangrenta. Você é quem eu tenho que temer, certo?

Ela endireitou a coluna e pegou a faca no coldre do meu peito. Eu a deixei fazer isso. Ela segurou meu olhar quando a puxou para fora. — Quem vai perfurar minha pele com essa faca? Quem vai tirar meu sangue com essa lâmina?

Ela pressionou a ponta da faca contra o meu peito. — Quem? — A palavra era um mero sussurro.

Inclinei-me mais perto, mesmo quando a lâmina cortou minha camisa e pele. Leona puxou de volta, mas me aproximei ainda mais. — Espero que você nunca descubra, — eu murmurei. — Porque com certeza não serei eu, Leona.

Ela exalou e eu bati meus lábios contra os dela, minha língua exigindo entrada. E ela se abriu, me beijando de volta quase com raiva. A faca caiu no chão com um barulho alto quando deslizei minha mão entre nós e em sua calcinha até que encontrei seu centro quente, já molhado. Eu acariciei meus dedos sobre o clitóris, fazendo-a ofegar na minha boca. Deslizei meu dedo em seu calor apertado. Tão gostosa.

Ela ficou tensa com a invasão, mas suavizou ao meu redor enquanto eu pressionava a palma da minha mão contra o seu feixe de nervos. Eu a comi com o dedo lentamente, permitindo que ela se acostumasse com a sensação. — Não quero ver você fazendo uma aposta novamente. Você me entendeu? E nenhuma outra maneira bagunçada de ganhar dinheiro também. Nem sempre vou poder te proteger.

Ela bufou, seus olhos brilharam de prazer enquanto eu bombeava nela lentamente com o meu dedo. — E como eu devo pagar a dívida da minha mãe? Ou talvez você não queira que eu pague para que possa me chantagear com isso? — Sua voz tremia de desejo. O som mais sexy do mundo.

Acariciei meus dedos sobre o lado dela até o peito e escovei o mamilo através de sua camisa, sentindo-a tremer contra o meu toque. Ela estava chegando perto. — Este é um bom começo. — Eu estava *brincando com ela*.

Ela se encolheu, forçando-me a puxar meu dedo para longe. — Não, — ela sussurrou como um animal ferido. — Eu lhe disse não e isso permanece. Você mesmo disse: não valho o seu tempo. Eu não sou nada, lembra?

Eu balancei a cabeça. — Você não é nada. — Se ela fosse, Remo não estaria respirando no meu pescoço.

— O que eu sou então, Fabiano?

Eu me inclinei e a beijei lentamente, deixando seu cheiro e gosto engolfar meus sentidos, antes que eu recuasse. Suas bochechas estavam coradas. — Você é minha.

Dei um passo para trás, me virei e a deixei sozinha no depósito.

Leona

— Você é minha.

Assisti ele sair, atordoada. Por um momento, ele olhou para mim como se eu fosse inexplicavelmente preciosa.

Isso era mais do que ele querer me possuir?

Não seja idiota.

Ele era um assassino. Um monstro. Ele era o braço direito de Falcone. Ele era seu *executor*.

Estremeci com a ideia do que ele fez com as pessoas sob as ordens de Falcone. Ele não era o cara fofo que eu tinha sido levada a acreditar na primeira vez que o vi. Como eu poderia tê-lo imaginado outra coisa senão um assassino? Fabiano era muitas coisas, mas fofo ou gentil não estavam entre elas. E ainda assim eu me apaixonei por ele. O que isso diz sobre mim?

Esta cidade era podre, corrupta e brutal. O diabo tinha suas garras afundadas profundamente no solo de Vegas e ele não estava deixando ir. Se eu quisesse sobreviver nesta cidade, teria que jogar sujo como qualquer outra pessoa. Olhei para o meu relógio. Três horas até a luta final, até que Boulder tivesse que me devolver o dinheiro. Fabiano disse: ele nem sempre poderia me proteger e eu não queria que ele precisasse. Eu precisava levar as coisas em minhas próprias mãos. Algo no chão chamou minha atenção. A faca de Fabiano. Eu a peguei.

Rapidamente corri de volta pelas escadas, procurando no bar por um sinal de Fabiano, mas ele se foi. Aliviada, corri para Cheryl. — Eu preciso sair por um tempo. Volto em breve.

— Hey!— Ela me chamou, mas eu já estava saindo.

Voltei uma hora depois com algumas das pílulas da minha mãe no bolso. Eram as que ela tomava quando não conseguia colocar as mãos na metanfetamina. Elas a deixavam tonta e seu coração batendo como tambores no peito. Esperava que fizessem a mesma coisa com Boulder.

Meus nervos estavam desgastados quando a penúltima luta começou. Eu não tinha visto Boulder ainda. E se ele não aparecesse cedo para sua luta, não seria capaz de entregar a garrafa de água que tinha preparado para ele.

— O que há com você esta noite? — Cheryl pegou o copo com a cerveja da minha mão. O colarinho de espuma havia diminuído. Ela

jogou na pia, depois encheu uma nova e deu para o homem no final do balcão do bar.

E então o homem careca e barrigudo conhecido como Boulder finalmente entrou no bar e se dirigiu para o vestiário. Peguei a garrafa da mochila debaixo do bar e outra, intocada para o seu oponente antes de seguir devagar. Eu olhei ao meu redor antes de bater na porta. As pessoas estavam ocupadas com a luta.

Nenhum som veio de dentro, mas empurrei a maçaneta para baixo e entrei.

Boulder estava sentado no banco, olhando para o chão em concentração. Ele olhou para cima e segurei a garrafa para ele. Ele não pegou, apenas acenou para o banco ao lado dele. Estava prestes a colocá-la lá quando notei a substância branca que havia se acumulado no fundo da garrafa. Dei uma sacudida rápida, então coloquei ao lado dele.

Esperei um momento, mas ele não se moveu para pegá-lo. Seu oponente saiu do banheiro e eu lhe entreguei a outra garrafa.

Virei-me e saí. Eu não esperei. Sempre trouxe água para os lutadores, mas não ficava olhando eles beberem. Quando saí, soltei um suspiro nervoso e rapidamente fui para trás do bar antes que alguém notasse que algo estava errado.

Quando Boulder emergiu para lutar, ele segurava a garrafa na mão. Se ele não bebesse, eu teria cavado um buraco mais profundo. Ele subiu no ringue e levantou a garrafa, em seguida, derramou um pouco do líquido sobre a cabeça.

Prendi a respiração e só soltei, quando finalmente ele levou a garrafa aos lábios e a esvaziou.

Demorava um pouco para as pílulas surtirem efeito, e a mudança era sutil. Eu esperava que sutil o suficiente para que ninguém suspeitasse de nada. Ele simplesmente parecia estar com falta de concentração e, ocasionalmente, como se estivesse aturdido, o que poderia ser explicado pelos golpes que seu oponente havia acertado contra sua cabeça.

Quando Boulder caiu e finalmente se rendeu, eu poderia ter morrido de alívio. Esperei que o alvoroço se acalmasse e a maioria dos convidados saísse antes de me aproximar de Griffin em um momento de

silêncio. Ele me deu cinco mil dólares e a sensação das notas nítidas acalmou meus nervos. — Este é o seu dia de sorte, suponho, — disse ele.

Balancei a cabeça, de repente apavorada que ele pudesse ficar desconfiado. Virei-me e saí antes que alguém me visse com Griffin.

Peguei minha mochila, enfiei o dinheiro dentro e me dirigi para a porta dos fundos. E se isso tivesse sido um grande erro? Se alguém descobrisse, estaria condenada.

Fabiano estaria esperando por mim no estacionamento e não queria enfrentá-lo agora, não até ter certeza de que poderia mentir convincentemente hoje.

Passei pela porta dos fundos e respirei o ar frio da noite, tentando abafar o meu pânico. Eu não deveria ter feito isso.

— Engraçada coincidência, — disse alguém atrás de mim.

Eu me virei para encontrar Soto alguns passos atrás de mim.

— Você ganhou um pouco de dinheiro hoje.

Minha mão na mochila apertou. Eu ainda tinha a faca de Fabiano enterrada em algum lugar, mas me lembrei de quão pouco me ajudou contra Fabiano. Soto não era Fabiano. Eu nunca tinha o visto lutar, mas suspeitava que tivesse mais prática ao manusear facas do que eu.

Ele se aproximou. — Não paro de pensar como você teve tanta sorte. Tenho certeza de que Remo também se perguntará se eu contar a ele.

Alcancei dentro da minha mochila, em seguida, peguei a faca.

Ele riu. — Desde o porão, não consigo parar de imaginar como seria enterrar meu pau na sua boceta. É uma pena que Fabiano tenha a honra de lidar com você.

— Não se aproxime, ou eu vou...

— Me matar? — Ele perguntou.

— Soto. — A voz de Fabiano cortou a luz fraca da rua dos fundos. Eu me virei devagar. Fabiano estava vindo em nossa

direção. Sua forma alta se misturava com a escuridão, vestido com uma camisa preta e calça preta.

Soto tinha a mão na arma do coldre em volta da cintura, os olhos apertados em Fabiano. — Eu a vi levando água para Boulder antes da luta e ele perdeu.

— Ela é uma garçonne, Soto. Ela serve bebidas a todos. Ela me serviu água antes das minhas lutas também — disse Fabiano, condescendente, enquanto se posicionava entre Soto e eu.

— Ela serviu mais do que aquilo que ouvi. Ela apostou dinheiro contra ele e ele perdeu. Remo não vai acreditar que seja uma coincidência. Remo vai adorar isso. Aparentemente você não fez um bom trabalho no porão fodendo algum sentido nela. Desta vez, vou me certificar de que Remo me deixe lidar com isso. E ele vai depois que você fodeu tudo.

— Você provavelmente está certo, — disse Fabiano lentamente, com os olhos em mim. Eu não consegui desviar o olhar. Seus olhos estavam ardendo de emoção. — Ele vai deixar você lidar com ela. — Ele segurou a arma na mão, mas Soto não podia ver.

Eu não disse nada.

Ele colocou um silenciador no cano com facilidade praticada.

Deus me ajude. Eu o deixaria matar um homem por mim. Novamente. Mas desta vez eu poderia tê-lo parado.

Fabiano me encarou como se esperasse que eu protestasse.

Eu não fiz.

Então ele se virou e puxou o gatilho. A cabeça de Soto foi empurrada para trás pela força, e então caiu no chão. Eu olhei para sua forma imóvel. Não senti nada. Sem arrependimento. Sem alívio. Nenhum triunfo também. Nada.

Fabiano desmontou o silenciador da arma e devolveu os dois ao coldre em volta do peito, depois se aproximou de mim, pegou a faca das minhas mãos trêmulas antes de tocar uma palma na minha bochecha. Eu olhei para ele. — Você o matou.

Ele matou um dos homens de Remo. Outro Camorrista. Por mim.

— Eu prometi que iria protegê-la e honrarei minha promessa, não importa o preço.

As palavras ficaram entre nós.

— Saia. Vá para o meu apartamento e espere lá por mim. Pegue um táxi.

Ele estendeu as chaves. Eu as peguei sem uma palavra de protesto. Ele me soltou e eu voltei devagar. — O que você vai fazer?

— Vou lidar com isso, — disse ele, franzindo a testa para o corpo morto.

Engoli em seco, depois me virei e corri para a estrada principal para pegar um táxi. Tive que confiar em Fabiano para lidar com isso, para nos tirar da bagunça que eu causei.

Parecia estranho entrar em seu apartamento sem ele. Meu corpo estava tremendo de adrenalina enquanto subia as escadas para o quarto. Fabiano matou por mim. E eu deixei. Eu poderia ter avisado Soto. Uma palavra de advertência, isso é tudo que teria bastado. Permaneci em silêncio. Mas não havia culpa.

Por que não havia culpa?

Você está finalmente jogando por suas regras, Leona. É por isso.

Tomei um longo banho quente para acalmar meus nervos desgastados. Quando voltei para o quarto, vestida com uma das camisas brancas e fofas de Fabiano, quase uma hora se passou. Esperava que Fabiano estivesse aqui agora.

Preocupação torceu meu estômago. E se algo tivesse dado errado? E se alguém nos viu e alertou Remo?

Eu me sentia tonta de ansiedade quando afundei na cama. Meus olhos ficaram no relógio da mesa de cabeceira, observando um minuto

após o outra passar, e imaginando por que precisava que Fabiano voltasse em segurança para mim.

Fabiano

Traição.

Eu quebrei Omertà matando um colega Camorrista.

Por Leona.

Eu considerei minhas opções enquanto olhava para o corpo de Soto. Eu poderia, claro, fazê-lo desaparecer. Ninguém sentiria falta dele, muito menos sua esposa. Mas Remo poderia relutar em acreditar que Soto desertou. Afinal, o homem tinha sido leal.

— Droga, — eu murmurei. *Fidelidade.*

Lealdade à Camorra e a Remo, foi o que eu prometi. Um juramento que significava tudo para mim, mas proteger Leona fazia com que meu juramento fosse impossível.

Remo não dava a mínima para Soto ou que eu o matara, mas ele se importava comigo por matar Homens Feitos sem suas ordens diretas.

E então houve a luta miserável de Boulder esta noite. Era uma grande possibilidade que Remo também suspeitasse disso. Deus, Leona. Por que ela teve que apostar? Por que teve que se meter com coisas que não tinha ideia?

Porque eu a encurralei em um canto e cães encurralados tendem a morder. Porra!

Eu poderia tentar culpar o fracasso de Boulder a Soto. Dizer a Remo que ele drogou o homem e que eu o havia matado por causa disso. Mas Soto não tinha interesse em mudar o resultado da luta. Ele não fez uma aposta, nenhum Camorrista jamais faria se soubessem o que era bom para eles. Mas Leona tinha, e Griffin contaria a Remo se

ele perguntasse. Eu agarrei Soto e o arrastei em direção ao meu carro. O estacionamento estava deserto, mas se eu perdesse mais tempo em pé e procurando uma solução para a bagunça em que estava, isso poderia eventualmente mudar. Coloquei o corpo de Soto no porta-malas e saí da cidade para o deserto. Eu tinha uma pá no porta-malas, ao lado do pneu sobressalente.

Quando encontrei um local promissor, estacionei o carro, peguei a pá do porta-malas e a enfiei violentamente no chão seco. Levaria horas para cavar fundo o suficiente para esconder o corpo. E todo o trabalho duro pode ser para nada no final.

Estava coberto de sujeira e suor quando finalmente destranquei meu apartamento com minha segunda chave. Estava quieto por dentro. Fechei a porta e fui para o armário de bebidas. Não me incomodei com um copo, em vez disso tomei um longo gole de uísque da garrafa. A queima do álcool apagou o nevoeiro de exaustão.

Leona apareceu no topo da escada, iluminada pelo brilho suave do quarto. Ela estava vestida com uma das minhas camisas. Ela parecia pequena nela. Vulnerável.

— Fabiano? É você? — Ela perguntou hesitante. Tomei outro gole.

Coloquei a garrafa no balcão e me movi em direção à escada, então um passo após o outro. Os olhos de Leona examinaram minha aparência amarrotada. — Estava preocupada, — disse ela quando parei dois passos abaixo dela, trazendo-nos no nível dos olhos.

— Demora um tempo para enterrar um corpo no solo seco do deserto, — eu disse, minha voz rouca do uísque.

Ela assentiu como se soubesse do que eu estava falando. — Sinto muito.

— Também sinto muito, — eu me desliguei.

Sua boca se separou. — Você sente?

— Por fazer você pensar que não tinha escolha a não ser fazer algo tão tolo, por fazer você pensar que não poderia vir a mim pedir ajuda. Não por matar seu pai. Eu faria de novo se isso significasse protegê-la.

Ela desviou o olhar, o peito arfando. — Você parece que poderia usar um chuveiro.

Eu sorri ironicamente. — Poderia usar muitas coisas agora.

Ela inclinou a cabeça para mim, procurando meus olhos, mas não disse nada. Passei por ela e fui para o banheiro. Tirei minhas roupas. Eles estavam cobertos de poeira e sangue de Soto. Teria que queimá-las amanhã. Não que isso importasse. Entrei no chuveiro. Leona estava na porta, me observando. Mantive meus olhos nela enquanto a água quente caía sobre mim. Gostei da visão dela na minha camisa. Eu teria preferido ela nua.

Esta noite tudo mudou. Eu fiz uma escolha e escolhi Leona. Sobre a Camorra, sobre Remo.

O que aconteceu no porão - isso era algo que Remo tinha sido capaz de ignorar, mas hoje, eu matando um de seus homens para proteger uma mulher?

Não. Isso era algo que ele nunca perdoaria, nem compreenderia. Ele não era o tipo que perdoava. Eu não me perdoaria se fosse ele.

Fechei a água. Leona pegou uma toalha e entregou para mim. Seus olhos desceram pelo meu corpo, depois de volta para o meu rosto. Eu a queria. Eu queria, *precisava de* algum pequeno sinal que tinha escolhido certo. Porra.

Eu me enxuguei sem entusiasmo e joguei a toalha no chão.

Leona não se moveu quando avancei nela, agarrei seus quadris e abaixei minha boca na dela para um beijo duro. Meus dedos em sua cintura se apertaram quando ela me beijou de volta.

Comecei a guiá-la para trás, para fora do banheiro e para a minha cama. Ela não resistiu. Suas pernas bateram na cama e ela caiu para trás. Minha camisa subiu por suas coxas, revelando que ela não estava usando calcinha. Respirei asperamente. Meu pau já estava duro. Eu queria finalmente estar nela.

Ela deve ter visto também, mas só havia necessidade em seus olhos, não medo. Subi na cama e me movi entre as pernas, em seguida, as afastei e abaixei meu corpo em cima do dela.

Ela respirou fundo, mas não me afastou nem protestou. Eu a beijei novamente, minha língua saboreando sua boca. Meu pau estava pressionado contra sua parte interna da coxa. Uma pequena mudança de meus quadris e eu estaria enterrado em seu calor apertado.

Ela levantou a mão, a que estava com a pulseira, e passou-a pelo meu cabelo molhado, que estava pingando água em nossos rostos.

Eu recuei alguns centímetros. — Por que você não penhorou para a sua aposta?

Ela seguiu meu olhar. — Não pude fazer isso. Porque você deu para mim.

Porra. O brilho nos olhos dela. — Pensei que você me odiasse. Foi o que você disse.

— Eu estava tentando. Mas... — ela parou. — Você me salvou de novo. Você é o único que se importa o suficiente para arriscar tudo por mim. É patético, mas só existe você.

Eu não podia dizer nada para suas palavras emocionais. Nada que teria feito justiça a elas. — Eu quero você, — eu murmurei em seu ouvido, em seguida, acrescentei uma voz ainda mais baixa. — Eu *preciso de* você.

Seus olhos procuraram os meus. Ela não conseguia parar de procurar por algo, mesmo depois de tudo o que havia acontecido.

Ela levantou os quadris ligeiramente, fazendo a ponta do meu pau deslizar sobre suas dobras lisas. Eu assobiei em resposta ao convite silencioso. Era muito atraente. Tomá-la agora, sem mais espera. Mas ela valia a espera.

Sentei-me e desabotoei sua camisa, em seguida, a ajudei a retirá-la, permitindo que meus olhos observassem sua pele impecável. Estava cansado e ainda irritado. Meu controle estava no limite, mas me forcei a baixar a boca para sua boceta. Surpresa brilhou em seu rosto e, em seguida, seus lábios se separaram em um gemido suave quando mergulhei minha língua entre suas dobras. Depois de alguns golpes ao

longo de sua carne aquecida, fechei meus lábios em torno de seu clitóris. Eu estava muito impaciente para a abordagem lenta.

Ela me recompensou com um suspiro e abriu as pernas ainda mais. Minha boca em seu feixe de nervos rapidamente a deixou ofegante e escorregadia de excitação. Empurrei um dedo nela, amando pra caralho o jeito que suas paredes se apertavam ao meu redor. Eu mal podia esperar que eles fizessem isso com meu pau. Ela empurrou seus quadris, gritando e eu empurrei um segundo dedo nela. Ela estremeceu, enquanto eu a guiava através do orgasmo com movimentos lentos dos meus dedos e língua. Mas minha própria necessidade era muito urgente agora. Meu pau estava perto de explodir.

Endireitei-me e abri a gaveta. Tirei uma camisinha antes de cobrir meu pau com ela. Leona me observou com uma mistura de ansiedade e antecipação. Eu me estiquei acima dela e guiei meu pau para sua entrada. Por um momento, considerei dizer alguma coisa, palavras que ela queria ouvir, palavras amorosas, palavras gentis, mas não conseguia. Eu estava cheio de tanta escuridão e desespero porque sabia que esta era a única noite que teríamos. Senti isso no fundo do meu coração.

Segurei seu olhar enquanto empurrava para frente. Minha ponta deslizou para dentro, fortemente apertada pelo calor dela. Ela ficou tensa, a respiração parada em sua garganta. Seus olhos eram suaves e emocionais. Eu não pude me segurar. Não queria. Capturei sua boca, os olhos perfurando os dela, enquanto a reivindicava completamente. Sua resistência caiu sob a pressão e ela ofegou contra meus lábios, o corpo esticou debaixo de mim.

— Eu traí por você, eu matei por você, — falei asperamente, puxando-a lentamente até que apenas a minha ponta permaneceu dentro dela. — Eu vou sangrar e vou morrer por você. — Empurrei de volta para ela, tentando segurar.

Seus olhos se arregalaram. Das minhas palavras e dor. Ela se agarrou a mim, aqueles olhos azuis de centáurea nunca deixando meu rosto.

Eu vou sangrar e vou morrer por você.

Não foi uma promessa, nem uma declaração descartável dos meus sentimentos. Foi uma previsão.

Empurrei mais e mais com cada impulso e ela segurou em mim, os olhos perfurando os meus. E eu a reivindiquei a cada impulso, tentando me convencer de que isso valeu a pena, que Leona valeu a pena o problema que eu estava disposto a assumir por ela.

Que por ela vale a pena morrer.

Porque Remo me mataria.

Ela respirou fundo algumas vezes. Eu sabia que precisava ter mais cuidado, ir mais devagar, mas não conseguia parar. Parecia que nosso tempo estava passando por nossos dedos e eu precisava fazer valer cada momento. Ela me fez trair Remo, algo que nunca tinha considerado antes, ela me fez quebrar meu juramento de colocar a Camorra em primeiro.

Ela valia a pena?

Enquanto nossos corpos cobertos de suor se moviam um contra o outro, enquanto sua tensão apertava em mim, enquanto seus olhos se fixavam nos meus com confiança e algo mais forte e mais perigoso, decidi que ela valia a pena. Não tinha certeza de como isso havia acontecido. Como eu poderia ter chegado tão longe? Como ela ainda podia olhar para mim com aqueles olhos carinhosos pra caralho depois de tudo? Ela estava confusa e eu também.

Eu a segurei com força quando gozei dentro dela. Ela engasgou novamente, sua respiração ofegante, bochechas coradas. Ela piscou para mim devagar como se estivesse atordoada e apenas acordando de um sonho. Seus lábios roçaram os meus suavemente, e poderia dizer pelo brilho em seus olhos que ela estava prestes a dizer palavras que eu não poderia dizer de volta. Palavras que ela nem deveria pensar em dizer, não depois do que eu fiz, não depois do que ela sabia sobre mim, não quando eu era um homem morto andando. Nenhuma palavra mudaria isso. Nada poderia. — Não diga nada, — eu sussurrei duramente, e ela ouviu. Eu rolei e puxei-a contra mim. Ela estremeceu, mas depois se pressionou contra mim. Seu corpo contra o meu parecia que deveria ser assim. Mas sabia que talvez fosse a única vez que eu poderia segurá-la assim.

Leona

Acordei com os dedos de Fabiano traçando minha espinha. O toque foi gentil, quase reverente.

Olhei por cima do meu ombro. Ele estava apoiado em seu braço e seguiu o movimento de sua mão nas minhas costas. Mãos que poderiam matar sem remorsos, mãos que eram inexplicavelmente gentis para mim. Seu olhar me encontrou e eu rolei. Nenhum de nós disse nada. Eu o beijei.

Estava dolorida pela noite passada, mas não deixaria isso me parar, não só porque parecia que ele precisava disso mais do que o ar, mas também porque eu precisava dele. Ontem à noite, Fabiano, em cima de mim, em mim, senti que as coisas haviam se encaixado. Eu nunca tive um lugar para chamar de lar, mas com ele me senti ancorada.

As coisas eram complicadas entre nós, não podiam ser qualquer outra coisa, dados nossos passados e vidas, mas sabia que não importava o que ele fosse, ninguém jamais me faria sentir mais cuidada do que ele. Nós éramos torcidos, quebrados e fodidos. Nós dois. Por que eu já pensei que poderia estar com alguém engomadinho, alguém com um passado normal? Esse tipo de homem nunca me aceitaria, não da mesma maneira que Fabiano fazia. Alcançando seu pescoço, eu o puxei em minha direção. Ele não resistiu. Nossos lábios deslizaram um sobre o outro quando ele chegou entre nós, encontrou minha boceta para testar minha prontidão. Ele se mexeu e sua ponta pressionou contra mim. Meus dedos em seu pescoço se apertaram quando ele me reivindicou com um empurrão lento. Minhas paredes tremeram em uma mistura de dor e prazer. Eu exalei bruscamente. Ele se moveu devagar, gentilmente. Ontem à noite havia sido com desespero e possessividade, e talvez até medo e raiva. Isso foi diferente. Parecia que... fazíamos amor. De uma maneira distorcida. Talvez torcido fosse tudo que eu conseguiria.

Sua boca encontrou a minha enquanto seu peito roçava meus seios. Gemi quando ele atingiu um ponto profundo dentro, e levantou minha bunda, precisando de mais. Seus dedos deslizaram entre as minhas pernas, encontrando meu feixe de nervos e começaram seu jogo suave. Ofeguei contra seus lábios, e sua língua escorregou, encontrando a minha para uma dança lenta. Meus dedos enrolaram no lençol enquanto ele acelerava. Faíscas de prazer viajaram do meu núcleo para todas as terminações nervosas.

Eu gritei, meus quadris se contraindo, e Fabiano empurrou com força em mim enquanto também perdeu o controle. Nós ofegamos, balançamos um contra o outro. Muitas sensações, muitos sentimentos. Por um momento ele não se moveu, sua boca quente contra a minha garganta, então ele rolou e me puxou com ele para que minha bochecha descansasse contra seu peito. Como se estivesse tentando esconder seu rosto de mim.

Nossa respiração estava irregular.

— Minha irmã deu para mim, — disse ele. Suas palavras me arrastaram de volta à realidade.

Eu segui seu olhar em direção ao bracelete pendurado no meu pulso. Eu torci minha cabeça para ter um vislumbre de sua expressão, mas ele me apertou.

— Sua irmã?

— Aria, minha irmã mais velha. A última vez que a vi, ela deu para mim.

O fato de sua irmã ter dado a ele tornava tudo ainda mais precioso. — Quando você era mais jovem?

— Não, — ele disse baixinho. — Pouco antes de te conhecer. Estava em uma missão em Nova York. — Ele ficou em silêncio. Ele não queria falar sobre a missão e eu não insistiria.

— Então ela deu a você para que você se lembrasse dela?

Ele riu, um som cru. — Ela deu para mim, então eu daria a alguém que me ajudaria a lembrar do irmão que ela costumava conhecer.

— Então você nem sempre foi assim. — Era uma coisa estúpida para dizer. Ninguém nasceu um assassino. Eles foram transformados em um, pela sociedade e sua educação. Ele finalmente me permitiu levantar meu rosto.

Havia um sorriso estranho no rosto dele. — Assim como?

— Você sabe, — eu disse baixinho, porque o que mais estava lá para dizer? Ele sabia o que ele era.

— Eu sei, — ele murmurou. — Isso é tudo que eu sempre serei. Você sabe disso, certo?

Parte de mim queria contradizê-lo porque era o que se deveria fazer, mas não podia. — Eu sei, — eu disse, e ele sorriu ironicamente. — Eu dei a pulseira para você porque queria que fosse sua. Incomodava-me que minha irmã estivesse tentando me manipular de alguma forma. Mas acho que deu certo no final.

Eu me perguntei o que ele quis dizer com isso, mas o celular dele tocou naquele momento. Nós dois olhamos para a mesa de cabeceira e meu coração acelerou quando vi quem estava ligando.

Fabiano

Eu olhei para a tela. Remo. Eu me desenrolei de Leona e peguei meu celular.

Os olhos de Leona me pediram para ignorar a ligação, mas precisava descobrir se Remo estava em nossa trilha. Eu atendi. — Está tudo bem?

— Eu preciso que você mate Adamo para mim, — ele murmurou.

Eu sentei, chocado.

Leona me lançou um olhar preocupado. Eu balancei a cabeça, tentando mostrar a ela que não estávamos em apuros. Ainda.

— O que você quer dizer? — Eu perguntei com cuidado. Ele não poderia estar falando sério. Adamo era um chato, mas como poderia ser de outra maneira? Ele tem apenas treze anos, e tinha apenas cinco anos quando seu pai foi morto. Remo e seus irmãos tiveram que se esconder depois disso porque sua própria família estava lutando pela posição como Capo e os queria mortos. Ele já tinha visto muito.

— Cane me disse que sabe que Adamo usou cocaína. Duas vezes.

Eu fiz uma careta. — Tem certeza disso?

— Aparentemente ele está andando com um dos nossos garotos de recados. O filho da puta deu a ele as coisas. — Remo fez uma pausa. — Ontem à noite ele roubou meu Bugatti e o levou para um prédio.

Adamo conseguiu roubar outro carro?

— Um dia ele vai se matar. Ele não parece se importar com sua vida.

Eu soltei meu aperto do celular. Remo estava preocupado. Ou tão preocupado quanto Remo era capaz de ficar. — O que você quer que eu faça?

— Dê-lhe um bom susto. Um que o impeça de fazer merda assim. E mate todos os outros filhos da puta. Faça-o assistir. Não seja tolerante com ele, machuque-o, Fabiano. Se ele ficar viciado nessa merda, ele está perdido. Uma bala na cabeça será seu fim então.

— Entendido. Eu vou lidar com ele.

Leona se preocupou com o lábio inferior. — Isso não parece bom.

— Não é, mas não tem nada a ver com a gente, — eu disse com um suspiro. Foi um bom sinal que Remo confiou em mim com o Adamo. Isso significava que talvez eu vivesse para passar outra noite com Leona em meus braços. — Eu tenho que lidar com um dos irmãos de Remo.

Surpresa encheu seu rosto, mas ela não pediu mais detalhes.

— Por que você não fica aqui e toma café da manhã? Eu ainda devo ter ovos na geladeira. — Eu deslizei para fora da cama e me vesti rapidamente. Com um beijo e uma última olhada no rosto preocupado de Leona, saí e fui em busca de Adamo.

Encontrei o Bugatti no lado da rua, completamente destruído. Um caminhão de reboque da empresa com quem trabalhamos nas corridas estacionado atrás dele, e Marcos, um dos outros organizadores de corridas, e o motorista do caminhão de reboque estava andando em volta do carro. Eu saí do meu carro e caminhei em direção a eles.

Marcos levantou as palmas das mãos. — Eu não sei como ele conseguiu entrar na corrida de qualificação. Aquele garoto é como o maldito David Copperfield.

— Onde ele está? — Perguntei.

Ele encolheu os ombros. — Ele saiu com dois caras. Aquele garoto Rodriguez e o garoto Pruitt, o que vende cocaína por aqui.

Perguntei ao redor até que finalmente encontrei um dos nossos distribuidores que sabia onde Pruitt passava seus dias. Era uma oficina de reparos abandonada. Olhei através do portão meio aberto.

Adamo e os dois meninos mais velhos estavam reunidos em volta do capô de um velho Chevrolet vermelho. O cabelo comprido de Adamo estava emaranhado na cabeça com sangue, e mesmo assim ele ria de algo que Pruitt dizia. O filho da puta empurrou um pedaço de prata com pó branco para Adamo, que parecia ansioso para colocar seu nariz naquilo.

— Melhor doce de nariz, eu te digo, — disse Pruitt, inclinando-se para cheirar suas próprias coisas.

Eu entrei. Adamo foi o primeiro a me ver e abriu a boca para um aviso. Agarrei a parte de trás da cabeça de Pruitt e empurrei-a com força, esmagando seu rosto no capô. — Aproveite o seu nariz doce, — eu rosnei, em seguida, puxei sua cabeça para trás. Sangue estava saindo do nariz e seu rosto estava coberto de cocaína. Seus olhos arregalados e atordoados se fixaram no meu rosto. Dei-lhe um sorriso frio, mas soltei-o quando Rodriguez pulou em minha direção com uma barra de ferro. Pruitt desmoronou aos meus pés e Rodriguez bateu a barra na minha cabeça. Eu caí de joelhos. As drogas caíram do capô. Eu puxei minha faca e o cortei de baixo para cima, abrindo-o. Ele largou a barra de ferro, depois caiu de joelhos na minha frente, segurando o estômago. Levantei-me e olhei para Adamo. Seu choque foi substituído pelo desafio quando encontrou meus olhos. Ele ergueu o queixo em desafio.

Oh, garoto.

Ele deu um passo para trás do capô e ergueu as mãos enluvadas, uma delas estava segurando uma faca do jeito que eu havia ensinado a ele. — Você acha que é durão, não é? Foi o que pensei quando tinha a sua idade.

Eu me aproximei e aponte para a cocaína no capô. — Então é assim que você quer acabar com sua vida?

— Não importa. Remo enviou você para me matar de qualquer maneira! — Ele gritou e me olhou, mas havia lágrimas em seus olhos. — Eu bati o carro favorito dele. E sei que Cane contou a ele sobre a cocaína.

— Se você planeja usar essa faca em breve, faça isso.

Ele correu em minha direção e girou a faca de lado como se quisesse cortar minha garganta, mas a tentativa foi indiferente e seu objetivo era muito baixo. Ele não estava nisso. Eu agarrei seu ombro, empurrei-o para baixo no capô, em seguida, trouxe meu cotovelo para baixo em seu pulso. Ele largou a faca com um grito de dor. Eu o soltei e recuei. Ele embalou seu pulso, lágrimas finalmente caindo quando afundou no chão sujo. Ainda é apenas um menino. Remo esquecia-se disso. Quando Remo havia se tornado Capo, Adamo estava sozinho com muita frequência. — Não levante uma faca contra mim novamente a menos que seja para treinamento ou se você realmente quer me matar, — eu disse a ele.

— Apenas faça isso, — ele murmurou, mas havia medo em sua voz.

Eu me agachei na frente dele. — Fazer o quê?

— Me matar.

— Remo não te quer morto, Adamo. E acho que você sabe disso. E você sabe que não vou te matar. Se toda essa merda é sua maneira de chamar a atenção dele, não está funcionando do jeito que você quer. Você está apenas o irritando.

— Ele está sempre chateado desde que se tornou Capo, — disse Adamo calmamente. — Talvez ele precise transar com mais frequência.

Eu ri porque ele era muito jovem para fazer isso. — Aquele que precisa transar é você. Mas se você mantiver essa merda, morrerá virgem.

Ele corou e desviou o olhar.

— Tenho certeza que Remo pode pedir a algumas garotas bonitas para cuidar disso para você.

— Não, — ele disse ferozmente. — Eu não gosto dessas garotas.

Eu me endireitei e estendi a mão para ele pegar. — Calma, tigre. — Ele pegou minha mão depois de um momento de hesitação e eu o puxei para seus pés. Ele gemeu de dor e embalou seu pulso novamente. — Eu vou levar você para Nino. Ele vai arrumar isso para você. — Nino, sendo o gênio que era, sabia mais sobre medicina do que a maioria dos médicos.

— Vamos, — eu disse a Adamo. Ele balançou ligeiramente. Do ferimento em sua cabeça do acidente de carro ou por causa da dor em seu pulso, eu não podia dizer. Agarrei seu braço e o estabilizei. Ele só alcançou meus ombros, então não foi problema mantê-lo em pé. Pruitt estava se arrastando para outra porta. Puxei minha arma do coldre e coloquei uma bala na cabeça dele.

Adamo estremeceu ao meu lado. — Você não tinha que fazer isso.

— Você está certo. Eu poderia tê-lo levado para Remo. Nós dois sabíamos como isso teria terminado.

Adamo não disse mais nada quando o levei em direção ao meu carro e o ajudei a entrar no banco do passageiro. — Eles eram meus amigos, — ele murmurou quando liguei o carro.

— Amigos não teriam lhe dado cocaína.

— Estamos vendendo as coisas. Todo viciado em Vegas é um cliente da Camorra.

— Sim. E porque sabemos o que isso faz com as pessoas, não consumimos essa merda.

Adamo revirou os olhos antes de inclinar a cabeça contra a janela, manchando-a de sangue. — O que há com você e aquela garota?

Eu travei. — Do que você está falando?

— Aquele com as sardas.

Eu estreitei meus olhos em aviso.

Adamo me deu um sorriso triunfante. — Você gosta dela.

— Cuidado, — eu avisei.

Ele encolheu os ombros. — Eu não direi a Remo. Pelo menos ela tem o seu próprio livre arbítrio. As meninas que Remo sempre traz para casa beijam o chão em que ele pisa porque elas o temem. É nojento.

— Adamo, você é uma criança, mas precisa crescer e aprender quando manter a porra da boca fechada. Remo é seu irmão, mas ainda é... Remo.

Adamo ficou de boca fechada quando entramos na mansão Falcone. Remo, Savio e Nino estavam sentados nos sofás da sala de estar. Savio se levantou com um sorriso e deu um soco no ombro do irmão. — Você está ferrado. — Então se afastou. Dezesseis e quase tão intolerável quanto Adamo na maioria dos dias. Nino, por outro lado, parecia quase entediado, mas isso não significava que ele não seria capaz de recitar cada palavra do dia seguinte.

Remo me deu um aceno de cabeça. Talvez Remo não tivesse perdido sua confiança em mim. Talvez as coisas acabassem bem depois de tudo. Remo se virou para o irmão. — Pulso quebrado?

Adamo olhou para o chão. Eu o soltei e dei um passo para trás. Isso foi entre Remo e ele. Remo se afastou do sofá e foi em direção a Adamo. — Você não vai usar drogas de novo. Sem cocaína, heroína, maconha, crack, qualquer nome. Da próxima vez, não vou mandar Fabiano. Da próxima vez eu vou lidar com você. — Se alguém fosse matar um de seus irmãos, então seria Remo.

Adamo levantou a cabeça, o mesmo desafio em seus olhos.

Eu queria dar um tapa nele.

— Como você lidou com a nossa mãe?

O rosto de Remo ficou parado.

Nino levantou-se lentamente do sofá. — Você não deveria falar de coisas que não entende.

— Porque ninguém as explica para mim, — argumentou Adamo. — Estou cansado de você me tratar como uma criança estúpida.

Nino se posicionou entre Adamo e Remo, que ainda não havia dito nada. — Então pare de agir como uma. — Ele agarrou o braço de Adamo e o puxou junto. — Deixe-me tratar suas feridas.

Remo ainda não se moveu. Seus olhos eram como fogo infernal negro.

Ótimo. E eu fui deixado para lidar com ele assim.

— Prepare uma briga para mim esta noite. Alguém que possa se defender de mim.

As únicas pessoas que poderiam se manter contra ele eram Nino e eu. Savio estava a caminho de chegar lá.

Os olhos de Remo se fixaram em mim e por um momento tive certeza de que ele me pediria para lutar com ele. Nós nunca lutamos em uma partida oficial. Por um bom motivo, não havia laços na gaiola de combate. Um de nós teria que desistir.

— Ou melhor dois. Avise Griffin. Ele deveria se apressar com as apostas.

Suspirei, mas não adiantava discutir com Remo quando ele estava com esse humor. Talvez isso o distraísse por um tempo. Quanto mais tempo demorasse para ele perceber que Soto havia desaparecido, melhor. Eu me virei para arrumar tudo, quando a voz de Remo me fez parar.

— E Fabiano, você viu o Soto recentemente? Não consigo contatá-lo e ninguém parece saber onde ele está.

Forcei minha expressão em uma leve curiosidade. — Talvez um de seus clientes tenha lhe dado problemas hoje?

— Talvez, — disse ele em voz baixa, mas seus olhos disseram outra coisa.

Capítulo Vinte e Três

Leona

Eu tinha pensado em ficar doente e ficar no apartamento de Fabiano, aconchegada nos cobertores macios que cheiravam a ele, a nós. Mas eventualmente as preocupações em minha cabeça se tornaram muito altas. Eu precisava me distrair.

E funcionou. O bar estava ocupado naquele dia. As pessoas estavam quase superexcitadas sobre alguma coisa. Eles beberam e comeram mais do que o habitual, e Griffin teve dificuldade em aceitar suas apostas. Eu ouvi o nome Falcone ser mencionado algumas vezes, mas não tinha certeza qual deles iria entrar na gaiola.

— Você ouviu que Remo Falcone vai lutar de novo esta noite? — Cheryl disse quando fui até ela atrás do bar.

Ouvir seu nome transformou meu interior em gelo. — E?

— É um grande negócio. Ele não lutou em quase um ano. Ele é o Capo depois de tudo.

— Então por que agora? — Eu perguntei, de repente preocupado.

— Eu ouvi que seu irmão mais novo destruiu seu carro favorito, — disse ela. Boa. Era com isso que Fabiano teve que lidar?

Roger veio atrás de nós com uma caixa de cerveja e colocou-a ao nosso lado com um baque surdo. — E ouvi dizer que é porque um dos seus homens desapareceu, provavelmente desertou, — disse ele. — E agora pare de fofocar. Falcone não gosta disso.

— Quem? — Perguntou Cheryl.

— Um cara chamado Soto.

O frio tomou conta de mim. — O que você quer dizer com ele desertou?

Roger me deu um olhar estranho. — Ele desapareceu sem uma palavra. Isso geralmente significa que alguém desertou. Se os russos ou

outra pessoa o pegassem, eles teriam deixado uma mensagem sangrenta para trás. — Ele passou por nós em direção a Griffin e dois lutadores já vestidos de short. Eu os tinha visto na gaiola nos últimos dias. Ambos venceram suas lutas.

— Você parece pálida. O que está errado? Até agora você deve estar acostumada a tudo isso. São negócios diários por aqui.

Eu assenti distraidamente.

— Falando no diabo, — sussurrou Cheryl.

Eu segui seu olhar em direção à entrada. Falcone e Fabiano entraram na arena. Meus olhos encontraram os de Fabiano. Os seus eram ferozes e preocupados.

Agarrei as bordas do balcão.

Eu vim a Las Vegas por uma vida melhor. Por um futuro longe da miséria que era a existência da minha mãe. Longe da escuridão que era sua companheira constante.

E agora estava presa em algo muito mais sombrio do que qualquer coisa que sabia que existia.

Os olhos de Remo vagaram de Fabiano para mim e algo frio e assustador se encolheu na boca do meu estômago. Se ele descobrisse que Fabiano havia matado um de seus homens por minha causa, ele não só acabaria com a vida de Fabiano, mas também com a minha. E não seria rápido.

Remo finalmente desviou os olhos de mim e eu pude respirar novamente. Rapidamente me virei e me ocupei separando os copos limpos que Cheryl tinha trazido da cozinha mais cedo. Eu mantive minha cabeça baixa enquanto servia cerveja para os clientes. Não queria arriscar pegar os olhos de Fabiano novamente.

Griffin subiu na plataforma da jaula e parei o que estava fazendo. Ele nunca tinha feito isso antes. Ele levantou as mãos para acalmar a multidão. — Partida da morte, — ele anunciou simplesmente e um silêncio atravessou a multidão, seguido por aplausos estrondosos.

— O que isso significa? — Eu sussurrei.

Cheryl me deu um olhar aguçado. — Vai ser feio, Chick.

Fabiano encostou-se em um dos lados da cabine, onde dois dos irmãos Falcone estavam sentados. Ele não tinha me procurado desde que entrou pela primeira vez com Remo. Provavelmente era melhor assim.

Mas no fundo desejei que ele me desse um pequeno sinal de segurança, mesmo que fosse apenas uma demonstração.

Quando Remo seguiu em direção à jaula, um nó se formou na minha garganta. Isso ia ficar feio como Cheryl tinha dito.

A luta de Remo superou todas as lutas anteriores em sua brutalidade. Remo queria machucar.

Quebrar. Matar. Isso não era sobre ganhar.

Isso era loucura, crueldade e sede de sangue.

Ele enfrentou dois adversários, mas o primeiro foi morto nos primeiros dois minutos. Falcone quebrou o pescoço com um chute forte. Depois disso, ele foi mais cuidadoso. O segundo adversário foi o que eu senti pena. Sua morte não foi rápida. Era como assistir a uma brincadeira de gato e rato.

Eventualmente tive que virar as costas para a cena.

Pressionei minha palma contra a minha boca, respirando pelo meu nariz.

Quando a multidão começou a gritar, atrevi-me a olhar para trás e desejei não ter olhado. Remo estava completamente coberto de sangue. O homem a seus pés, era a fonte disso.

Respirei fundo, tentando lutar contra a minha náusea crescente.

— Eu acho que você deveria ir lá fora e pegar um pouco de ar, — disse Cheryl. — Se você vomitar, significa apenas mais trabalho para nós duas.

Eu dei uma sacudida na minha cabeça. — Estou bem, — eu disse. Forcei um sorriso para um cliente que estava acenando para mim por mais cerveja. Rapidamente carreguei uma bandeja e fui até ele. Talvez o trabalho me mantivesse distraída da gaiola. Nunca olhei para ele ou Remo. Se eu quisesse manter a compostura, tinha que fingir que nada disso havia acontecido.

Roger estava xingando enquanto limpava a gaiola. Nem Cheryl nem Mel, e muito menos eu concordaria em entrar lá.

Fabiano tinha desaparecido com Remo e seus irmãos quase uma hora atrás, e me perguntei se ele estaria lá para me pegar hoje à noite. Eu suspeitava que ele não corresse o risco de sermos vistos juntos hoje. Minhas suspeitas foram confirmadas quando saí para o estacionamento e o encontrei vazio, exceto pelo carro de Roger.

Eu hesitei. Deveria esperar por ele? Mas e se Remo exigisse sua presença? Fabiano não podia arriscar nada agora.

Levantei minha mochila no ombro e decidi ir para casa. Eu passei meus braços em volta de mim. Não tinha certeza se meus dentes estavam batendo porque eu estava com frio. Eu ainda tinha o dinheiro que ganhei com a minha aposta contra o Boulder na mochila, ainda não encontrara tempo para dar à minha mãe. Eu queria me livrar do dinheiro o mais rápido possível.

Uma nova onda de pânico tomou conta de mim. Precisávamos sair de Las Vegas antes que Remo descobrisse. E quando *eu, se tornou nós?*

Quando vi Fabiano cometer o maior pecado por mim? Ele tinha feito isso antes, mas desta vez eu deixei.

O familiar ronronar de um motor chamou minha atenção. Parei e me virei para ver a Mercedes de Fabiano dirigindo pela rua em minha direção. É claro que ele se certificaria de que eu estava em segurança.

Entrei no momento em que ele parou ao meu lado. Ele ligou o acelerador e deu meia-volta, nos levando de volta ao seu apartamento. Depois do que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas, foi difícil formar as palavras certas, ou quaisquer palavras, realmente.

E Fabiano não falou também. Ele estava tenso, os dedos segurando o volante, os olhos brilhando no escuro.

— Ele sabe? É por isso que ficou furioso hoje?

— Isso não foi Remo furioso, confie em mim. Foi ele tentando não enlouquecer.

Tanto sangue, e a excitação doentia nos olhos de Remo quando quebrou o pescoço do primeiro homem, e o que veio depois... Se isso não era enlouquecer, não sabia o que era. — Fabiano, — comecei, mas ele balançou a cabeça.

— Em casa. Preciso pensar.

Dei-lhe espaço e silêncio, mesmo que minha mente estivesse zumbindo tão alto com pensamentos que não pude acreditar que ele não ouviu.

Ele não disse nada, mas ele pegou minha mão enquanto me levava para seu apartamento. Eu apertei para mostrar a ele que não ia quebrar, que poderia lidar com as coisas também. No momento em que a porta se fechou, ele segurou minhas bochechas e me beijou. Ele recuou depois de um momento. — Você deveria sair de Las Vegas.

Fabiano

— O quê? Você me impediu de sair não muito tempo atrás, — ela disse incrédula, afastando-se de mim.

Fiquei igualmente surpreso com minhas palavras. Não queria que Leona saísse. Não queria perdê-la, mas se ela ficasse, eu a perderia também.

— Eu sei, mas as coisas são diferentes agora. Não posso te proteger se Remo descobrir sobre Soto.

— E você? Não me diga que ele vai te perdoar.

Eu balancei a cabeça. — Ele não vai. — Perdão? Não, isso não era algo que Remo daria. Leona apertou minha mão novamente como se eu fosse a pessoa que precisava de consolo. Não conseguia lembrar a última vez que alguém tentou me consolar.

— Então venha comigo. Podemos sair de Las Vegas juntos.

Olhei para a minha tatuagem, para as palavras que ainda me enchiam de orgulho quando as li. — Fiz um juramento.

Leona balançou a cabeça em descrença. — Você fez um juramento para um homem que vai te matar.

— Sim, porque eu quebrei meu juramento matando um colega Camorrista. Não posso culpar Remo por isso.

Ela balançou a cabeça novamente, só que mais forte. — Fabiano, por favor. Não podemos simplesmente ir para Nova York, onde sua irmã mora? Ela vai te aceitar, não vai?

Aria me aceitaria. Mas Luca, ele colocaria uma bala na minha cabeça como deveria. — Talvez ela seja estúpida assim. Porque ainda acha que posso voltar a ser o irmão que ela conhecia, mas não sou mais ele, e não quero ser. — Aquele garoto queria agradar seu pai, então ele não o achou digno o suficiente para herdar seu posto. Eu aprendi a lutar por isso.

— Ela vai aprender a aceitar a pessoa que você é agora.

— Eu duvido.

— Por quê? Eu faço. — Seus olhos ficaram suaves e algo no meu peito se apertou.

— Às vezes você realmente me lembra de Aria com sua teimosa insistente em cuidar de sua mãe, mesmo que ela não mereça isso.

— Isso é porque eu a amo. Não posso evitar.

— Então talvez o amor não seja a escolha certa para você.

Ela me olhou com uma expressão estranha. Um que eu não pude colocar. — Sim, muito provavelmente. Minha mãe sempre amou as pessoas e coisas erradas. Acho que peguei isso dela.

Ela não disse nada por um tempo e eu não sabia o que dizer.

Limpei minha garganta. — Não deixarei Las Vegas, nem a Camorra, nem Remo e seus irmãos. Vou arriscar sua ira, mas vou manter meu juramento.

— Por que isso significa muito para você? Eu não entendo. — Seus dedos apertaram minha camisa. — Explique para mim. Por que você arriscaria tanto por eles?

— Minhas irmãs e eu éramos um sindicato. Nós nos unimos contra nosso pai e nossa mãe. Pensei que seria sempre assim. Eu era um menino. Mas então uma após a outra foram embora até que fui deixado em uma casa enorme com meu pai fodido e sua noiva criança. Elas pensaram que eu poderia me segurar, mas naquela época eu ainda era fraco. E quando meu pai decidiu que não precisava mais de mim, eu estava perdido. Eu não queria correr para Nova York com meu rabo entre as pernas como um fracasso e implorar a Luca para me aceitar. Ele teria feito isso apenas por causa de Aria. — Eu corri minha mão pela garganta e ombro de Leona, saboreando na suavidade de sua pele. Poderia dizer que ela estava tentando seguir minhas palavras, mas para ela o meu mundo, o mundo da máfia, era muito diferente. Se você não cresceu como eu ou minhas irmãs, você não conseguia entender o que exatamente significava nascer em nosso mundo.

— Eu teria morrido sem Remo. Eu era incapaz de cuidar de mim mesmo, de lutar, de praticamente qualquer coisa, mas Remo sabia como sobreviver e ele me ensinou. Ele me levou como se eu fosse outro de seus irmãos. Remo é um filho da puta cruel, mas ao longo de todos os anos ele lutou para reivindicar Las Vegas e nos anos que se seguiram, ele manteve seus irmãos próximos. Eles eram mais sobrecarga do que ajuda no começo, especialmente Savio e Adamo que eram jovens demais. Ele poderia ter ganhado Las Vegas mais cedo, mas ele ficou escondido para mantê-los seguros. Ele protegeu eles e eu. Eu nem sempre sei o que está acontecendo em sua mente distorcida, mas ele é leal e um bom irmão.

Eu poderia dizer que ela não podia acreditar, e pelo que viu de Remo sua descrença era compreensível. — Então, você sairá de Las Vegas, levará sua mãe com você, se for necessário, e mudará para a costa leste. Remo não vai arriscar um ataque ao território de Luca agora. — Eu levantei o braço dela com a pulseira. — E se você não souber o que fazer, se precisar de ajuda, vá a Nova York, a um clube chamado Sphere, e mostre a eles seu bracelete. Diga-lhes que Aria reconhecerá isso. E diga a Aria que você é a escolhida.

— A escolhida? — Ela perguntou com uma carranca.

— Aria vai entender.

Capítulo Vinte e Quatro

Leona

Lavei alguns copos que ninguém tinha lavado ontem à noite. Esta manhã eu finalmente dei à mamãe o dinheiro que ganhei. Esperava que ela usasse para pagar sua dívida. Eu a avisei para não pagar tudo de uma vez para que não levantasse suspeitas. Ela provavelmente gastaria a maior parte disso em um suprimento de drogas de qualquer maneira.

Cheryl estava montando cigarros ao meu lado para o seu turno porque quando as coisas ficavam ocupadas mais tarde, ela dificilmente encontrava tempo. As pontas dos dedos dela tinham um leve tom amarelado. Ela fumava muito nos últimos dias. Considerando meus nervos desgastados, desejei ter algo para acalmá-los.

Ela não me perguntava sobre Fabiano há algum tempo e eu sabia que não deveria oferecer nenhum tipo de informação para ela. Era complicado demais envolver mais pessoas nisso.

A porta se abriu. — Estamos fechados, — ela gritou sem sequer olhar para cima.

Meus olhos deslizaram para a entrada e minhas mãos pararam. Nino Falcone e um de seus irmãos mais novos entraram. Cheryl seguiu meu olhar e baixou os cigarros. Seus olhos dispararam para mim.

Eles vieram até nós. Eles não se apressaram, pareciam quase relaxados como se fosse uma visita amistosa. Mas os frios olhos cinzentos de Nino se fixaram em mim e eu só sabia que eles estavam aqui por mim. Frieza arranhou meu peito. Eu rapidamente sequei minhas mãos, minha mão direita alcançando o celular que coloquei no balcão ao meu lado. Precisava contar a Fabiano sobre isso. Talvez ele pudesse pelo menos escapar, mas sabia que ele não iria.

Nino balançou a cabeça, expressão vazia, olhos duros. — Eu não tocaria isso se fosse você.

Tirei minha mão do meu celular. Cheryl deu um passo para trás de mim, deles. Seus olhos com preocupação e medo, por ela ou por mim, eu não conseguia dizer.

Nino apoiou os cotovelos no bar. Ele usava uma camisa preta de gola rolê e parecia um estudante da Ivy League, não um mafioso, mas uma olhada em seus olhos e ninguém o teria achado nada além de perigoso. E eu o vi lutar, tinha visto muitas tatuagens perturbadoras em seu corpo, sempre coberto por roupas quando ele não estava na gaiola. Ele apontou para o Johnie Walker Blue Label. — Me dê um copo.

Minhas mãos tremiam quando enchi o copo com uísque. Ele tomou um gole. — Meu irmão e eu vamos levá-la conosco agora. Temos alguns assuntos para discutir. — Ele examinou meu rosto. — Você não vai lutar contra nós, eu suponho.

Engoli. O irmão mais novo apareceu. Ele ainda era adolescente, definitivamente alguns anos mais novo que eu, mas não havia sinal de inocência infantil no rosto. Ele não me tocou quando parou ao meu lado. Os olhos de Cheryl se encheram de pena.

Dei-lhe um pequeno sorriso, em seguida, acenei em direção a Nino em concordância. Não havia outra opção. Lutar contra eles teria sido ridículo. Ouvi Fabiano falar sobre suas habilidades de luta. Eu mesmo vi Nino na gaiola. Eles me colocariam no chão num piscar de olhos, e, como Fabiano, não tomariam cuidado para não me machucar, muito pelo contrário. Peguei minha mochila e celular.

— Savio, — disse Nino simplesmente.

Savio estendeu as mãos e eu dei a ele as duas coisas sem resistência. Então ele sacudiu a cabeça. Andei na frente dele, mesmo que tê-lo nas minhas costas levantasse os pequenos cabelos no meu pescoço. Nino apareceu ao meu lado. Nenhum de nós falou enquanto me levavam para fora em direção ao seu carro, um Mercedes SUV preto. Savio abriu a porta de trás e eu entrei. Eles se sentaram na frente, sem se incomodar em me amarrar. Não houve pressa. Nino sentou-se atrás do volante e partimos.

Minhas mãos estavam tremendo muito quando enrolei meus dedos em volta dos meus joelhos em uma tentativa de me acalmar. Isso não significava que estávamos em apuros. Talvez alguma outra coisa estivesse acontecendo. Mas não encontrei uma explicação que tranquilizasse minha mente. Eu peguei Savio me observando através do

espelho retrovisor, enquanto seu irmão mais velho estava completamente focado na estrada.

A viagem aconteceu em absoluto silêncio. Eventualmente, um muro alto apareceu e nós passamos pelos portões e subimos pela entrada em direção a uma mansão. Era uma bela grande propriedade. Branca e majestosa.

Os irmãos Falcone saíram, e logo depois Nino segurou minha porta. Eu pulei para fora do carro, feliz por minhas pernas conseguirem me segurar apesar de tremerem.

— Onde está o Fabiano? — Perguntei, tentando mascarar meu medo e fracassar em grande escala.

Nino apontou para a entrada, ignorando minha pergunta ou talvez respondendo? Eu não tinha certeza. Juntos nós caminhamos dentro da linda casa. Eles me levaram para outra ala e depois para uma grande sala com uma mesa de sinuca e um ringue de boxe. Nele, Remo estava chutando e socando um saco de boxe.

Ele não estava vestindo uma camiseta e, por alguma razão, aquela visão, mais do que qualquer outra coisa, enviou uma onda de terror pelo meu corpo. Sua parte superior do corpo estava coberta de cicatrizes, a maioria não tão desbotada quanto a do rosto, e como Fabiano ele era todo músculo. Uma tatuagem de um anjo ajoelhado cercado por suas asas quebradas cobria suas costas. Eu nunca tinha visto de perto. Ele pulou a corda e aterrissou graciosamente do outro lado, os olhos nunca me deixando quando veio em minha direção. Meu corpo inteiro paralisou com a sua abordagem.

— Onde está o Fabiano? — Eu perguntei de novo, odiando o quão trêmula minha voz saiu.

Ele inclinou a cabeça para o lado. — Ele estará aqui em breve, não se preocupe. — Suas palavras não deveriam ser consoladoras. A ameaça neles impediu isso.

Fabiano

Eu olhei para o texto de Remo: **Venha.**

Nada mais.

Eu parei. Soube imediatamente que algo estava acontecendo. Tentei ligar para Leona, mas foi direto para a caixa de correio, e foi quando uma pontada de preocupação passou por mim. Corri em direção a Roger's Arena.

Cheryl estava fumando em frente à entrada, com os dedos trêmulos. Porra.

Ela balançou a cabeça para mim. — Ela não está aqui. Eles a levaram. — Ela deu uma tragada. — Espero que você esteja feliz agora que arruinou a vida dela.

Essa foi a primeira vez que ela me deu qualquer coisa além de falsa simpatia. Não tive tempo a perder com uma resposta. Em vez disso, voltei para dentro do meu carro e corri.

Remo faria as honras ele mesmo? Ou ele pediria a Nino para colocar uma bala na minha cabeça?

Se ele me permitisse o privilégio de ter uma morte rápida, o que eu duvidava. E quanto a Leona? Eu poderia lidar com a tortura, mas Leona, e se ele a machucasse na minha frente e me fizesse vê-la morrer? Minhas mãos agarraram o volante.

Eu parei na garagem de Remo e pulei para fora do carro, sem me preocupar em fechar a porta.

Alguns dos soldados de Remo me observavam como o homem morto que eu era. Todos nós sabíamos que eu não sairia daqui vivo.

Não tive que perguntar onde Leona estava. Sabia onde Remo mantinha esse tipo de conversa. Não me incomodei em bater e, em vez disso, entrei direto no salão de treinos.

Remo, Nino e Savio estavam lá.

E Leona no centro. Seus olhos dispararam para mim e o alívio brilhou neles. Sua esperança estava errada. Desta vez não conseguiria salvá-la. Nós dois morreríamos. Eu morreria tentando defendê-la, mas seria inútil. Não contra Remo, Nino e Savio, e todos os homens que se reuniram em outras áreas da casa.

Remo empoleirou-se na beira da mesa de bilhar. Ele parecia controlado - o que me preocupou. Ele não era um homem que normalmente se importava em controlar a si mesmo ou a sua raiva.

— Remo, — eu disse baixinho com um aceno de cabeça para ele. Eu andei até Leona. Precisava estar perto dela quando as coisas piorassem.

Os olhos de Remo brilharam. Tive que lutar contra o desejo de pegar minha arma. Remo, Nino e Savio pareciam relaxados o suficiente, mas eu não era idiota para pensar que eles não tinham tomado todas as precauções necessárias para garantir que não sairíamos daqui vivos.

— Qual é o significado de tudo isso, Remo? — Eu perguntei com cuidado.

Ele rangeu os dentes e afastou-se da mesa. — Ainda não admite isso?

Meus músculos ficaram tensos. — Admito o quê?

Eu não sabia exatamente o que Remo tinha descoberto. Admitir matar Soto por Leona seria suicídio.

— Quando você começou a persegui-la, pensei que fosse uma breve aventura, mas você se envolveu demais.

— Eu tenho feito o meu trabalho como sempre, Remo.

Ele parou em frente a mim. Muito perto. — Não me lembro de pedir a você para matar Soto.

Lá estava. A decisão que selou nosso destino.

Pensei em fingir que não sabia do que ele estava falando, mas isso teria piorado as coisas. Empurrei Leona um passo para trás, então meu corpo estava protegendo-a completamente.

Remo viu. — Tudo isso por causa dessa garota, — ele rosnou. — Você me traiu pela filha de uma puta barata e um viciado em jogos de azar. Depois de tudo que fiz por você, você me apunhala pelas costas.

Segurei a mão de Leona em um aperto esmagador, protegendo-a com meu corpo, mesmo que isso deixasse Remo ainda mais furioso. Meus olhos fizeram um rápido exame da sala. Remo sozinho era um adversário perigoso, mas teria tentado a minha sorte. Mas com seus

dois irmãos na sala conosco, não tinha chance. Nino também era impossível de bater.

Eu ainda lutaria contra eles, mas isso só estava adiando o inevitável. Me permiti um olhar para Leona que estava me observando com confiança em seus olhos. Ela achou que eu poderia nos tirar daqui. Lentamente, o medo substituiu sua confiança. Apertei a mão dela uma vez. Ela me recompensou com um sorriso trêmulo e soltei sua mão. Eu precisava das minhas duas mãos se quisesse ter a menor chance.

Considere negar que eu tinha matado Soto, mas enquanto eu poderia suportar a tortura, Leona não seria capaz de manter nosso segredo se Remo ou Nino virassem seu talento especial nela. — Eu nunca quis trair você. E nunca fiz. Soto era um rato. Ele não era um bom soldado.

— Não é o seu lugar decidir quem é um bom soldado. Eu sou o Capo e decido quem vive e morre, — ele disse em sua voz mais tranquila.

Remo nunca era tranquilo assim. Ele não estava apenas furioso. Estava esmagado porque eu o traí e isso era muito pior.

— Eu não deveria ter feito. Sempre fui um bom soldado e sempre serei seu leal soldado se você me deixar.

— Você está pedindo perdão? Por misericórdia? — Ele riu.

Eu sorri friamente. — Não. Eu não estou.

Leona olhou para mim como se eu tivesse perdido a cabeça, mas ela não conhecia Remo. Eu o vi rir nos rostos dos que imploravam e sabia que ele não tinha um coração para derreter.

— Faça comigo o que você quiser. Mas, como um favor de anos de serviço leal, peço que deixe Leona ir.

Remo riu novamente. A maneira como seus olhos vagavam por Leona, ele provavelmente já estava pensando em todas as coisas que poderia fazer com ela. O protecionismo cru desabou sobre mim.

— Deixe-me lutar por sua vida. Eu lutarei com quantos homens você quiser.

Remo andou em minha direção. Eu lutei contra o desejo de puxar uma arma. Ele parou bem na minha frente. Nossos olhos se trancaram. Anos de lealdade, de fraternidade passaram naquele momento, e um profundo arrependimento se instalou em meus ossos.

— Você vai lutar comigo até a morte, — disse Remo.

Eu olhei para ele sem entender. Desde que minhas irmãs partiram, desde que minha mãe morreu e meu pai me queria morto, ele era a única família que eu tinha. Ele e seus irmãos. Porra, nós passamos todos os dias juntos nos últimos cinco anos. Tínhamos sangrado juntos, rimos juntos, matamos juntos. Eu jurei lealdade a ele. Eu teria colocado minha vida para baixo por ele.

Virei meu olhar para Leona que estava me observando e Remo com seus olhos inocentes. Mas por ela, eu o mataria. Eu mataria todos eles.

— Se você ganhar, ela estará livre, — disse Remo para Nino, que se tornaria Capo se Remo morresse. — E você Fabiano vai colocar sua vida sem outra luta.

— Eu vou.

Ele assentiu. — Talvez Nino se sinta benevolente o suficiente para lhe conceder vida depois. — A expressão de Nino me deixou com pouca esperança para isso. Não que isso importasse. Se eu matasse Remo, a Camorra estaria em alvoroço. Nino teria as mãos cheias. Ele prevaleceria, é claro, mas talvez me desse à chance de... de quê? Fugir, correr com Leona? De Vegas, da Camorra? Juntar-me à porra da Famiglia? Porra. Eu não tinha certeza se poderia fazer isso. Mas não era algo que tinha que decidir agora, provavelmente nunca.

— Até a morte, — eu disse a Remo, estendendo minha mão para ele. Ele segurou e nos apertamos as mãos, então deu um passo para trás, fixando seu olhar frio em Leona. — Espero que você possa viver consigo mesma agora que Fabiano assinou sua carta de morte por você.

Leona abriu a boca no que parecia um protesto, mas eu segurei sua mão com força. Ela apertou os lábios.

— Amanhã, — disse Remo, então se virou para Nino. — Arrume tudo. Ligue para o Griffin.

Ele lutou com dois homens apenas ontem, mas sabia que a vantagem que me dava era equilibrada pela fúria que Remo sentia.

Seus olhos me encontraram novamente. — Você vai passar a noite aqui onde eu posso ficar de olho em você.

— Você sabe que eu não vou fugir, — eu disse a ele.

— Uma vez eu *soube* que você era leal, — disse ele.

Ele acenou para Nino e Savio, e eles levaram Leona e eu em direção a um quarto de pânico sem janelas e trancaram a porta.

Leona agarrou minha camisa. — Isso é suicídio. Ele quer te matar.

— Ele me deu a chance de lutar por sua vida é mais do que ele teria dado a qualquer outra pessoa. Que ele mesmo lute é a maior prova de respeito que posso imaginar.

Ela não parecia entender. Eu não esperava que ela fizesse isso. — Você vai ganhar, certo? Você é o melhor.

— Eu nunca ganhei contra o Remo.

Os olhos de Leona se arregalaram. — Nunca?

Eu a puxei contra mim, minhas mãos deslizando sob sua camiseta. Escovei meu nariz ao longo de sua garganta. — Nunca.

As mãos dela em minha camisa se apertaram, então ela as deslizou sob o tecido, os dedos acariciando minha pele. Sua necessidade encontrou a minha quando rasgamos e puxamos as roupas um do outro até que finalmente ficamos nus. Eu tentei memorizar cada centímetro de seu corpo, seu cheiro, sua suavidade, seus gemidos.

Mais tarde, quando nos deitamos nos braços um do outro, murmurei: — Não me importo de morrer por você.

— Não, — ela sussurrou. — Não diga isso. Você não vai morrer.

Eu beijei o topo de sua cabeça. — O amor só te mata. Foi o que meu pai disse. Suponho que ele tenha acertado isso.

Leona parou de respirar. Ela levantou a cabeça. Um olhar para seus olhos de centáurea e eu sabia que ela valia a pena. — Você acabou de...?

— Durma, — eu disse suavemente.

Capítulo Vinte e Cinco

Fabiano

— Você tem sorte do meu irmão fazer isso por você, — disse Nino. — Eu teria cortado sua garganta.

Ele disse isso em uma voz clínica. Para ele, isso era sobre lógica e pragmatismo. Para Remo, isso era pessoal. Para Remo, eu era como um irmão e tinha ido contra ele. Nino atravessou a sala para os irmãos.

Cada último assento estava ocupado e ainda mais espectadores estavam contra as paredes, olhos ansiosos pela luta de uma vida. Leona apertou as mãos ao meu lado, os olhos deslizando de mim para Remo, que estava cercado por seus três irmãos, até Adamo estaria assistindo a luta pela primeira vez. Eles sabiam que poderia ser sua última chance de dizer adeus a ele.

A emoção da multidão lentamente penetrou em meus ossos. A emoção da luta tomou conta de mim.

Remo olhou para mim. Hoje à noite nós dois morreríamos. Nós sabíamos disso. Todos os outros resultados seriam um milagre. Leona estava relutante em me deixar ir quando Griffin chamou meu nome. Antes que eu soltasse o aperto dela, eu a beijei na frente de todos, porque isso não importava mais. Eu me afastei e entrei na jaula onde Remo já estava esperando por mim.

Griffin estava dizendo algo para a multidão ou para nós, não tinha certeza.

Remo se aproximou e só parou quando seu peito quase tocou o meu. — Eu te amei como um irmão. Hoje é onde tudo termina. — Ele estendeu a mão.

Eu não tinha certeza se Remo poderia amar. Antes de Leona, eu tinha certeza de que não era capaz disso também. Segurei seu antebraço, minha palma cobrindo a tatuagem em seu pulso e ele refletiu o gesto. Então nos soltamos e recuamos alguns passos.

Griffin saiu da gaiola e trancou a porta antes de gritar. — Até a morte!

O bar explodiu em aplausos, mas tudo desapareceu ao fundo. Isso era sobre Remo e eu. Eu avancei e ele também. Depois disso o nosso mundo se estreitou para essa luta, até o momento. Remo foi rápido e irritado. Ele conseguiu alguns bons golpes antes que meu punho colidisse com seu abdômen pela primeira vez. Havia sangue na minha boca e meu lado direito doía ferozmente, mas ignorei os dois, focado em Remo, em seu peito arfando, seus olhos estreitos. Ele pulou e eu tentei me abaixar, mas depois ele estava em cima de mim. Nós caímos no chão, seu antebraço pressionado contra a minha garganta.

Remo apertou mais, até as estrelas dançarem na frente dos meus olhos. — E você ainda acha que ela vale a pena? — Ele murmurou em meu ouvido.

Procurei o rosto de medo de Leona na multidão.

— Sim, — eu gritei.

Nunca valeu tanto a pena morrer por alguém.

Leona

O rosto de Fabiano estava ficando cada vez mais vermelho no estrangulamento de Remo. Eu não conseguia respirar. A multidão ao meu redor aplaudia como loucos, como se isso não fosse vida ou morte. Para eles, era pura diversão, algo para distraí-los de suas vidas miseráveis.

Os olhos azuis de Fabiano se fixaram em mim, ferozes e determinados.

Tentei dar-lhe força com a minha expressão, apesar de nunca ter me sentido mais impotente e desesperada na minha vida. O homem que eu amava estava lutando por nossas vidas. Amor - quando aconteceu? Eu não tinha certeza. Estava se aproximando de mim. Eu nem tinha dito a ele diretamente. Talvez nunca tivesse a chance de dizer a ele.

E mesmo que ele ganhasse, Nino ainda poderia terminar sua vida.

De repente, Fabiano arqueou as costas e enfiou o cotovelo no lado de Remo, mas ele não se mexeu. Fabiano inclinou-se para frente tanto quanto o aperto de Remo permitiu e então empurrou a cabeça para trás com força total, batendo contra o rosto de Remo. A multidão explodiu com aplausos e gritos.

E, de repente, Fabiano se soltou e se levantou cambaleando antes de mirar um chute em Remo, acertando-o nas costelas. Remo se sacudiu, mas rapidamente rolou para o lado e se colocou de pé, e então eles se encararam de novo. Eles estavam circulando um ao outro, ambos cobertos de sangue da cabeça aos pés, cheios de hematomas e cortes. Dois predadores esperando por um lampejo de fraqueza.

— Talvez agora você perceba o que fez, — disse Nino logo atrás de mim. Eu pulei e dei um passo para longe dele. Não tirei meus olhos da luta. O que eu fiz? Me permiti chegar perto de um homem que deveria estar fora dos limites. Provou que eu era mais parecida com minha mãe do que queria admitir. Mas não me arrependi. E não permitiria que Nino Falcone me assustasse. Eu estava além desse ponto.

Remo pousou três socos duros contra o estômago de Fabiano antes que ele fosse atingido no rosto, e então eles estavam chutando e socando tão rápido, perdi a conta. Empurraram um ao outro para o chão, levantaram-se, bateram e chutaram.

O rosto de Fabiano não era mais reconhecível de todo o sangue que o cobria, mas também o de Remo. Eu estremeci.

Perdi a noção do tempo; sua luta tornou-se mais errática e menos cautelosa. Não havia mais como segurar. Mesmo para alguém que não estava dentro das regras, ficaria claro que dois homens estavam lutando por sua vida.

Remo agarrou Fabiano e empurrou-o com força total na cerca. Fabiano bateu e caiu de joelhos. Eu ofeguei e dei um passo à frente.

Remo agarrou a cabeça de Fabiano, mas de alguma forma Fabiano conseguiu levantar do chão e empurrar o joelho para cima na virilha de Remo. Ambos caíram no tatame, ofegando e cuspidando sangue. Por uma fração de segundo, Fabiano se permitiu outra olhada em mim.

Por que parecia um adeus?

Comecei a andar em direção à gaiola, precisando parar com essa loucura. Nino entrou no meu caminho, alto e frio. — Você fica onde está, a menos que queira morrer.

— Como você pode assistir seu irmão morrer? — Eu perguntei incrédula.

Os olhos frios de Nino observaram a luta na jaula, onde os dois homens batiam um no outro com os cotovelos e punhos, meio ajoelhados no chão, muito fracos para se levantar de quase uma hora de luta sem parar.

— Todos nós temos que morrer. Podemos escolher morrer de pé ou de joelhos implorando por misericórdia. Remo está rindo da morte como qualquer homem que se preze deveria.

Fabiano

Com cada respiração, senti como se uma faca estivesse cortando meus pulmões. Pressionei minha palma contra o meu lado direito, sentindo minhas costelas. Elas estavam quebradas. Cuspi sangue no chão.

Remo estava me observando de perto quando me ajoelhei na frente dele. Ele se certificaria de mirar seus próximos golpes no lado da minha costela. Seu braço esquerdo estava pendurado frouxamente ao seu lado depois que consegui deslocar com o cotovelo novamente. Só que desta vez não poderia dar a ele tempo para realocá-lo.

Pressionei minha palma contra o chão, tentando me empurrar de volta para uma posição de pé. O chão estava escorregadio de sangue. A sala tremeu com rugidos e aplausos quando Remo e eu conseguimos nos levantar. Nós dois estávamos balançando. Nós não poderíamos durar muito tempo. Todos os ossos do meu corpo pareciam estar quebrados. Remo estremeceu, não se incomodando em escondê-lo. Nós passamos do ponto de fingir que não estávamos com dor. Isso estava chegando ao fim.

— Pensando em desistir? — Eu perguntei.

Remo puxou seus lábios em um sorriso sangrento. — Nunca. E você?

Ele poderia ter me matado sem sujar as mãos. Ele poderia ter colocado uma bala no meu crânio e teria acabado com isso. Em vez disso, ele escolheu me dar uma chance justa. Remo foi odiado. Ele merecia esse ódio como poucos homens neste mundo, mas pelo que ele fez hoje, eu o respeitaria até meu último suspiro.

— Nunca.

Corri em direção a Remo sob o aplauso estrondoso da multidão. O dinheiro que a Camorra ganharia com as apostas desta noite estabeleceria novos padrões. Meu corpo explodiu de dor quando colidi com Remo. Nós dois caímos no chão e começamos a lutar. Nós não tínhamos mais força para o kickboxing. Isso seria resolvido no chão, com um de nós sufocando o outro ou quebrando o pescoço.

Algo explodiu. Remo e eu desmoronamos, desorientados. A porta da arena de luta caiu e homens entraram. Eles gritaram um para o outro em italiano e inglês. Não russo.

A Outfit ou a Famiglia atacando um local de Las Vegas?

Eles se espalharam pela sala, começando a atirar.

E Remo e eu estávamos no meio do espaço em uma gaiola de luta iluminada como peixinho dourado em um aquário.

Pelo canto do meu olho, vi Nino empurrando Leona para o lado para que ela caísse no chão fora da linha de fogo. Ele começou a atirar nos intrusos enquanto corria em nossa direção. Remo e eu pressionamos no chão, tentando não sermos atingidos por balas perdidas. Não era uma morte honrosa morrer de joelhos no chão, incapaz de reagir.

Eu podia ver um alto intruso mascarado vindo em nossa direção, já recarregando sua arma. Este não era o fim que eu imaginava. Sendo baleado na cabeça por algum idiota da Outfit ou da Famiglia.

Nino chegou à jaula quando dois homens começaram a disparar contra ele. Antes de mergulhar debaixo de uma mesa, ele jogou uma arma por cima da gaiola. Aterrisou com um baque suave na poça de sangue entre Remo e eu.

Remo tinha apenas um braço bom, então eu pulei para frente e agarrei a arma com a mão direita enquanto usava a minha esquerda para acertar o ombro deslocado de Remo para impedir uma luta antes mesmo de começar. Ele rosnou quando caiu de volta. Ajoelhei-me imediatamente, a arma apontada para frente.

Remo sorriu torto e abriu os braços em convite. — Faça. Melhor você do que eles.

Desculpe, Remo, não desse jeito.

Eu mirei, tentando impedir que meus braços machucados tremessem, e então puxei o gatilho. A bala atingiu seu alvo bem entre os olhos.

Remo virou-se para o que estava atrás dele e só podia assistir o atacante que apontava uma arma para a cabeça cair no chão. Eu tropecei em direção a Remo, ignorando os gritos de dor do meu corpo. Não perdi tempo, nem avisei Remo, em vez disso, agarrei seu braço deslocado e o arrumei com um puxão praticado. Remo gemeu, depois tropeçou em seus próprios pés. Eu joguei meu braço por cima do ombro dele e o guiei em direção à porta da gaiola, atirando em qualquer um que parecesse que poderiam ser uma ameaça. Bati contra a porta da jaula trancada, mas as pessoas estavam ocupadas salvando suas próprias bundas. E os homens e irmãos de Remo estavam tendo um tiroteio com cinco atacantes que estavam escondidos atrás do bar.

Meus olhos procuraram nossos arredores. Onde estava Leona? Ela se salvou? Ela conhecia este lugar e estaria escondida em algum lugar seguro. Ela era inteligente, tentei me acalmar. Não estava funcionando. Eu bati na porta, mas a coisa foi construída para durar. — Foda-se!— Eu gritei.

Remo também tentou a sorte, mas essa coisa era forte demais. Ela chacoalhava, mas fora isso: nada.

De repente, a cabeça de Leona apareceu diante de nós. Seus olhos vagaram entre Remo e eu, mas ela não disse nada. Ela provavelmente desistiu de me entender e este mundo há muito tempo. Ela se atrapalhou com a chave na fechadura até que finalmente a porta se abriu, nos liberando. Soltei Remo e pulei para fora da gaiola, ofegando com o impacto. Eu ficaria machucado por semanas.

Se Remo me deixar viver tanto tempo; Eu ainda deveria morrer por minha traição. Remo pousou ao meu lado e pegou uma arma de um

homem caído no chão. — Eu vou em frente, você me cobre, — ele ordenou como nos velhos tempos. Eu pressionei um beijo nos lábios de Leona. Ele assistiu com uma expressão imóvel.

— Vamos embora, — ela implorou. — Esta não é a nossa luta.

Eu sorri desculpando-me. — Esta será sempre a minha luta, contanto que Remo deixe. — Eu a empurrei para o lado da gaiola, onde ela não seria vista facilmente. — Fique aí. É muito perigoso.

Ela assentiu como se entendesse por que eu tinha que fazer isso quando se apertou contra o lado da gaiola.

Remo e eu nos viramos e fizemos o que fazemos melhor. Demorou mais uma hora para quebrar o ataque. Os dois últimos atacantes levantaram suas armas para suas próprias cabeças para acabar com suas vidas antes que pudéssemos colocar as mãos neles. Atirei em um deles na mão antes que ele pudesse puxar o gatilho, então eu estava nele. — Você vai se arrepender do dia em que decidiu entrar em nossas fronteiras.

Ele cuspiu em meus pés nus. — Foda-se.

Remo riu, depois tossiu e cuspiu sangue no chão. — É assim que seu cuspe vai parecer em breve também, — ele murmurou.

Deixamos que Nino e Savio levassem o homem para a sala de armazenamento à prova de som. Adamo recuou em um dos estandes, parecendo abalado. Ele segurava uma arma na mão e olhou para um dos atacantes. Este foi o dia do seu primeiro assassinato?

Podia sentir os olhos de Leona em mim enquanto eu seguia atrás de Remo para pressionar detalhes do atacante. Sabia que ela estava chocada com o que eu estava fazendo. Mas ela sabia o que eu poderia fazer e ainda estava aqui.

Levou quarenta minutos para obter as informações que precisávamos, Remo e eu estávamos machucados e cansados, e precisávamos de tratamento médico. Não podíamos perder tempo com métodos elaborados de tortura. Por sorte, Nino fez a maior parte do trabalho. O homem estava deitado no chão, ofegando. Remo se ajoelhou ao lado dele. — Então, deixe-me ver se entendi, — ele disse calmamente. — A Outfit mandou você para o meu território. Para quê?

O homem sacudiu a cabeça. — Eu não sei. Estou seguindo ordens. Seu território é maior que o nosso. Nós queremos uma parte. Este foi um bom momento.

Remo assentiu. — Jogando sujo. Eu gosto disso.

Ele se levantou e me deu uma olhada. Enfieí minha faca na garganta do otário.

— Isso significa guerra. Se a Outfit acha que podem jogar forte, vamos mostrar a eles do que somos capazes.

Eu limpei minha faca no meu short ensanguentado. — Aposto que será interessante.

Remo levantou as sobrancelhas escuras. — Será?

Eu me endireitei apesar da dor nas minhas costelas. — Eu devo morrer, lembra?

Remo e eu nos encaramos por um longo tempo. Nino e Savio trocaram olhares também. Eu me perguntava o que eles queriam. Eu morto? Não podia dizer, e eles não eram os únicos a decidir de qualquer maneira.

Remo colocou a mão no meu ombro, olhos ferozes e cheios de alerta. — Dessa vez eu vou deixar você viver. Você provou sua lealdade colocando uma bala na cabeça do meu inimigo quando você poderia ter me matado. Não faça nada pelas minhas costas novamente, Fabiano. Não haverá uma luta de morte, vou colocar uma bala no seu crânio.

— Como você deveria, — eu disse a ele, então pressionei a palma da minha mão do meu lado novamente. — Leona deve estar segura. Ela deve ser minha. Eu a quero ao meu lado, quero passar minha vida com ela.

— Se é o que você quer.

Eu assenti. — Ela me viu no meu pior, e ainda está aqui.

Remo acenou com a mão para mim. Ele não conseguia compreender. — Ela é sua, não se preocupe. Agora vá até ela e faça um bom e longo boquete como recompensa pelos seus problemas.

Revirei os olhos e me arrastei até a escada. Eu duvidava que conseguisse um hoje. Cada parte do meu corpo estava doendo, mas eu estava disposto a tentar.

No momento em que voltei para o bar, Leona saltou do banco do bar e correu em minha direção, jogando os braços em volta da minha cintura. Eu ofeguei com a pontada de dor nas minhas costelas, meu ombro, foda-se, meu corpo inteiro. Ela soltou seu aperto, olhos preocupados olhando para mim. Seu cabelo estava por todo o lado, e havia um pequeno corte em sua bochecha. Passei a parte de trás do meu dedo indicador sobre ele. — Você está ferida.

Ela soltou uma risada. — Eu estou machucada? Você está sangrando e machucado. Pensei que você morreria naquela gaiola, e quando você desapareceu com Remo no depósito temi que você não saísse novamente. — ela sussurrou.

— Estou bem, — eu disse e ela me deu uma olhada. — Estou vivo, — eu emendei. Para a porra do meu corpo chegar perto de ficar bem de novo, isso demoraria um pouco.

— Mas e quanto a Remo? Ele não vai te matar?

Ela não estava preocupada com a própria vida também? Talvez ela tivesse esquecido, mas minha luta teria decidido seu destino também.

— Nós chegamos a um entendimento. Ele me deu outra chance. — Porra, pensar que eu veria esse dia.

— Ele fez? — Leona expressou a descrença ainda ancorada no meu corpo.

Eu a cutuquei na direção da entrada. — Agora vamos, eu quero ir para casa.

Ela congelou. — Não vamos para casa. Você precisa ir ao hospital. Remo deve ter quebrado todos os ossos do seu corpo.

— Eu quebrei o mesmo número nele, — eu disse imediatamente.

Leona balançou a cabeça, incrédula. — Eu não me importo com ele. Mas você precisa de tratamento.

Inclinei-me, minha boca se curvando apesar da porra do corte no meu lábio inferior. — Eu sei exatamente o tratamento certo para mim.

Ela inclinou a cabeça para longe. — Você não pode estar falando sério.

Escovei minha mão sobre o lado dela. — Estou falando sério. Você não vai honrar o desejo de um homem moribundo?

Ela me empurrou, irritada e meio divertida. Estremeci porque meu corpo doía como o inferno. — Desculpe!— Ela desabafou, dedos sobre o meu peito em um pedido de desculpas silencioso.

— Eu quase perdi você, e a porra da minha vida, você não acha que eu mereço uma recompensa?

Ela balançou a cabeça novamente, mas sua determinação estava derretendo. Seus dedos demoraram no meu abdômen, o toque de uma mistura de dor e promessa. — Eu realmente não acho...

— Eu não vou para o hospital, — eu a interrompi, em seguida, enterrei meu nariz contra sua garganta — Quero sentir você. Quero sentir algo mais do que essa porra de dor.

Ela abriu a porta do passageiro do meu Mercedes para mim. Eu levantei minhas sobrancelhas. — Você não pode dirigir.

Entreguei-lhe as chaves sem protestar, aproveitando sua surpresa. — Então você irá.

Poderia dizer que ela estava com medo de destruir meu carro. Como se eu desse a mínima pra coisa. — Leve-nos para a nossa colina, — eu pedi quando ela saiu do estacionamento.

Suas sobrancelhas franziram novamente, mas ela fez o que eu pedi. Depois que ela estacionou, eu me empurrei para fora do carro e fui para o capô. Eu sentei e olhei para a minha cidade. Leona se aproximou de mim. — E agora? — Ela sussurrou.

Eu a puxei entre as minhas pernas e a beijei suavemente, então mais forte, mas tive que me afastar quando minha visão começou a girar. Tentei mascarar minha tontura, mas os olhos de Leona se estreitaram.

— Seu corpo está uma bagunça, Fabiano. Vamos para o hospital. Não há como você fazer nada agora mesmo.

Eu guiei a mão dela para o meu pau, que estava ficando duro sob o toque dela.

Seus olhos azuis encontraram os meus. — Então, cada parte do seu corpo está doendo, exceto por esse, — disse ela, apertando meu pau através do tecido. Eu ri e me arrependi imediatamente. — Parece que sim.

— Claro, — ela murmurou em dúvida. — Você realmente deveria ir ver um médico.

— Eu vou, mais tarde, — eu disse baixinho. — Agora eu quero lembrar porque a vida é melhor do que a merda da morte.

Ela se inclinou para frente mais uma vez, beijando-me doce e quase tímida, como se algo em sua mente estivesse distraíndo-a. Quando ela se afastou, sua incerteza foi substituída por determinação.

Ela deslizou meu short, roçando várias feridas no caminho, e ficou de joelhos diante de mim. Meu pau sacudiu a vista tentadora. Eu não esperava que ela fizesse isso depois do que disse sobre chupar pau sendo degradante e tudo mais, mas eu não iria lembrá-la. Ela envolveu seus dedos ao redor da base do meu pau, abriu a boca e lentamente me levou em centímetro por centímetro.

Sagrada Foda.

Estive com tantas mulheres, mas cada experiência com Leona ofuscou meu passado. Ela engasgou quando minha ponta bateu na parte de trás de sua garganta e rapidamente se moveu um pouco para trás, e eu tive que resistir ao desejo de agarrar seu cabelo e segurá-la no lugar para que eu pudesse foder sua doce boca. Em vez disso, forcei meu corpo a relaxar sob sua língua macia, permitindo que ela me explorasse e provasse. Mas eventualmente precisei de mais, então assumi o controle. Comecei a mover meus quadris, deslizando meu pau dentro e fora de sua boca quente mais e mais rápido a cada vez.

Leona e eu poderíamos estar mortos agora. Mas nós não estávamos. Puxei meus quadris para cima, e ela me deixou. Ela lutou para levar o máximo de mim em sua boca quanto possível, e a visão, porra, me desfez. Minhas bolas apertaram e eu avisei, mas Leona não se afastou e eu gozei em sua boca.

Foi o orgasmo mais doloroso que eu já tive, e ainda assim, enquanto observava Leona lambendo seus lábios incertos, decidi que também era o melhor.

Ela passou a mão sobre a boca, olhando para mim. Podia ver a vulnerabilidade em seus olhos.

Eu a puxei para cima de mim apesar da agonia que atravessou minhas costelas, precisando que ela tirasse da cabeça que qualquer coisa que eu fizesse era para degradá-la e finalmente que entendesse o que eu sentia por ela, mesmo que eu tivesse dificuldade de entender. — Leona, nada que eu faça será para degradar você. E ninguém mais ousará degradar você também. — Eu suavizei minha voz. — Você está bem? — Eu corri meu polegar sobre seus lábios macios.

Ela passou a mão pelo meu cabelo suado e manchado de sangue. — Podemos estar juntos agora? Quero dizer de verdade?

— Nós podemos e nós vamos. Quero que você more comigo. Eu quero amarrar você a mim, quero impedir você de fugir, nunca mais.

Não foi romântico, não foi legal. Mas eu não era daquelas coisas.

— Então estou bem.

Soltei uma risada pequena, então estremei. Ela levemente traçou minhas costelas, mas mesmo isso doeu.

— Mas por que você me quer em primeiro lugar? Eu tenho pensado sobre isso desde o começo, mas sabia que você nunca me contaria a verdade de qualquer maneira, — ela disse.

— E agora você acha que eu vou fazer?

Ela traçou o corte abaixo da minha bochecha. — Você está muito abalado. Acho que agora é minha melhor chance.

— Você está se tornando mais esperta.

Ela encolheu os ombros. — Sobrevivência do mais forte e tudo mais. Ou como você chamou?

Eu coloquei minha mão sob sua blusa e sutiã, e corri meu dedo sobre o mamilo. Ele endureceu imediatamente sob o toque. Leona lambeu os lábios enquanto seus olhos brilharam. — Por quê? — Ela repetiu sua pergunta anterior. Eu puxei seu mamilo. Ela sorriu. — Pare de me distrair.

Deslizei minha outra mão até sua coxa e na perna de seu short. Meu polegar afastou a calcinha e deslizou em seu calor

úmido. Ela ainda estava apertada, mas não havia resistência. Suas paredes apertaram em volta do meu dedo enquanto eu deslizava para dentro e para fora lentamente. Ela gemeu e começou a balançar os quadris.

— Por que, — ela moeu novamente enquanto balançava sua boceta contra a minha mão. Troquei meu polegar por dois dedos e me movi mais rápido. Levantei sua blusa, em seguida, fechei meus lábios em torno daquele mamilo rosa perfeito. Eu provei suor em sua pele. Ela tinha medo por mim, por nós. Eu chupei seu mamilo mais forte. Ela engasgou, lentamente se desfazendo. Adicionei um terceiro dedo e ela arranhou meus ombros, sua expressão uma mistura de êxtase e desconforto. Dor passou por mim quando seus dedos cavaram a pele machucada, mas parecia bom pra caralho. Empurrei meus dedos mais e mais rápido nela, apreciando seu aperto, sua umidade, seus gemidos. Porra, aqueles sons sem fôlego eram música para os meus ouvidos. Suas paredes apertaram meus dedos e ela jogou a cabeça para trás, soltando um longo gemido. Eu soltei seu mamilo e observei meus dedos deslizarem dentro e fora dela. Seu aperto nos meus ombros se soltou. Lentamente seus olhos se abriram e ela me observou. Continuei movendo meus dedos dentro e fora dela muito lentamente, deixando-a cavalgar as últimas ondas suaves de prazer. — Porque você não me julgou. Você não me conhecia. Você não entrou em nossa conversa na esperança de conseguir alguma vantagem.

Leona sorriu. — Mas eu consegui algo disso. Eu tenho você.

Eu balancei a cabeça para ela. Lentamente deslizei meus dedos para fora dela. — Você não sabe o que é bom para você.

Ela soltou um pequeno suspiro e levantou um ombro. — Bom é superestimado.

Eu a beijei novamente, saboreando-me nela.

— Você quase morreu hoje por mim, — ela sussurrou. — Ninguém nunca fez algo assim por mim. As pessoas podem continuar me dizendo para ficar longe de você, se quiserem, mas isso não vai me fazer te amar menos.

Meu corpo ficou tenso com a admissão dela. O amor era uma coisa perigosa, algo que trouxe os lutadores mais difíceis até os joelhos. Fraqueza era algo que eu não podia pagar, não se eu quisesse ficar no lado bom de Remo. Mas o amor não era uma escolha. Foi como

uma maldita tortura. Algo que aconteceu com você e você não consegue pará-lo. A única forma de tortura que não pude resistir.

Eu tirei uma onda suada de seu rosto, imaginando como ela poderia ter colocado uma lágrima na fachada impenetrável que eu construía desde que meu pai me abandonou. Ela, com sua ingenuidade irritante, seu sorriso tímido. Na minha vida assisti as pessoas com quem eu me importava me deixar um após o outro. Eu prometi a mim mesmo nunca permitir que mais ninguém entrasse em meu coração. E agora Leona havia mudado tudo.

— Sua expressão é um pouco desconcertante. O que está acontecendo?

Eu balancei a cabeça em exasperação. Não tinha tido medo de ninguém em um tempo e aqui estava eu sendo uma merda por causa disso. — Foda-se, — eu respirei. — Eu te amo.

Ela deu um pequeno passo para trás, espanto refletido em seu lindo rosto. — Não achei que você diria isso.

— Você não achou que eu te amava?

Ela riu, então se enfiou entre as minhas pernas novamente, nos aproximando e enviando uma pontada de dor através do meu corpo do movimento, mas não poderia ter me importado menos. Se eu não achasse que poderia empurrar uma das minhas costelas quebradas em meus pulmões, teria fodido com ela naquele momento. Não, *feito amor com ela*, Deus me ajude.

— Depois que você concordou em um jogo de morte, eu tinha quase certeza que você me amava, — disse ela com um pequeno sorriso. — Mas não achei que você iria admitir isso.

Às vezes eu esquecia o quão bem ela me conhecia. Que ela ainda queria estar comigo encheu meu coração com uma estranha sensação de conforto, mas ao mesmo tempo com um medo profundo que eu não sentia há muito tempo. A ideia de um jogo de morte com Remo não me assustou, a morte e a dor não, mas o amor de Leona e meu amor por ela: me assustaram de maneira perversa. Mas era algo que teria que lidar porque Leona não iria a lugar nenhum e eu não deixaria de amá-la.

Capítulo Vinte e Seis

Leona

As contusões e cortes de Fabiano haviam sarado. O Roger's Arena foi reformado, mas eu não estava mais trabalhando para ele. Fabiano não queria que eu fosse. Afinal, agora eu era oficialmente sua garota. Até minha mãe finalmente parou de vender seu corpo porque não precisava mais fazer isso. Ela pegou as drogas com Fabiano. A Camorra tinha mais do que suficiente do material tóxico. Não era o que eu queria para ela. Ainda queria que ela parasse de tomar a merda completamente, mas era tudo que eu poderia fazer por ela. O resto foi sua escolha.

De repente, as pessoas me trataram de maneira diferente. Com respeito, não por causa de quem eu era, mas por causa de quem eu pertencia: O Executor da Camorra.

Foi bom ter alguma consideração, mas ainda preferia que as pessoas me respeitassem por minhas próprias realizações. Um dia talvez.

Sentei-me em silêncio ao lado de Fabiano, observando Nino Falcone destruir seu oponente na jaula de combate. Remo se sentou na mesma mesa, mas preferia ignorá-lo. Ele estava sendo civil comigo desde a luta até a morte. E eu, por sua vez, o tratei com o respeito que ele esperava como Capo. Fiz isso por Fabiano e porque não era suicida. Mas nunca gostei dele. Muito pouca humanidade foi deixada nele, se alguma vez esteve lá em primeiro lugar. Seus dois irmãos também estavam na mesa. Sávio, que assobiava sempre que seu irmão acertava um golpe, e Adamo, que parecia afundado em si mesmo, nem uma vez olhando para a gaiola.

Fabiano passou a mão pela minha coxa, me assustando. Meus olhos encontraram os dele, então rapidamente fiz uma varredura do nosso entorno. As pessoas ficaram hipnotizadas pela luta e não prestaram atenção ao que estava acontecendo debaixo da nossa mesa.

Fabiano voltou sua atenção para a luta também, mas continuou acariciando o interior da minha coxa. Nino jogou seu oponente na jaula

e a sala explodiu em aplausos. Fabiano enfiou a mão debaixo da minha calcinha, encontrando-me excitada como de costume quando me tocava. Ele se inclinou, sua respiração quente contra o meu ouvido. — Espero que isso não seja por causa de Nino, — disse ele com voz rouca.

Eu revirei meus olhos.

— Hoje à noite eu vou transar com você nessa jaula.

Ele mergulhou um dedo entre minhas dobras e eu tive que abafar um gemido. Os olhos de Remo deslizaram para mim e eu rapidamente fechei minhas pernas, forçando Fabiano a tirar sua mão. Ele sorriu, então comentou sobre um movimento que Nino fez com a perna como se nada tivesse acontecido.

Com um estalo audível, Nino quebrou o braço do adversário. Adamo recuou a cadeira e ficou em pé, com os olhos selvagens, depois virou-se e correu para a saída. Eu não sabia por que, mas empurrei minha própria cadeira para trás e o segui. Ele era um Falcone. O irmão de Remo, mas também tinha apenas treze anos. E ele obviamente estava lidando mal com o que aconteceu nas últimas semanas. Eu o encontrei no estacionamento, com a mão na porta de um elegante Ford Mustang vermelho.

— Seu carro? — Eu perguntei brincando.

— Remo, — disse Adamo, torcendo as chaves do carro entre os dedos.

— Ele deixa você dirigir isso? — Eu duvidava que alguém deixasse um garoto de treze anos dirigir um carro ao redor de Vegas, mas Remo não estava exatamente de acordo com as regras.

Adamo virou os olhos com raiva para mim. — Não, ele provavelmente vai chutar minha bunda. Eu roubei a chave.

— Oh. — Ele ainda estava me observando, ainda torcendo a chave como se precisasse do menor motivo para ficar. Eu dei um passo mais perto. — Eu não gosto da luta da jaula. Muito brutal.

— Não tão brutal quanto a vida real.

Vida da máfia. Sua vida e agora a minha também. — Eu sonho com o ataque. — E sobre as horas antes, o medo do jogo da morte.

Ele olhou para a chave em sua mão. — Eu atirei em alguém.

— Eu sei, — eu disse baixinho e dei outro passo à frente e coloquei minha mão em seu antebraço levemente. Seus olhos se levantaram. Apenas treze anos e eles pareciam já cansados. — Foi legítima defesa.

— Nem sempre será. Eu sou um Falcone. Logo serei um camorrista.

— Verdade. Mas quem diz que você vai ter que machucar as pessoas. Você poderia fazer corridas de rua. É uma grande parte do negócio, certo? Então seria bom ter um Falcone mostrando o que ele pode fazer. Eu ouvi que você já é muito bom.

Seus lábios se contraíram. — Sim. Mas Remo acha que eu sou muito jovem.

— Uma vez que você seja introduzido, tenho certeza que ele mudará de ideia. Se você pode segurar uma arma, pode correr um carro, não acha?

Ele sacudiu a cabeça devagar. — Remo atacará a Outfit em retribuição. Ele precisará de um lutador, não de um piloto de corrida.

Eu tinha imaginado muito dos comentários enigmáticos de Fabiano nos últimos dias. As coisas ficariam difíceis em breve. — Por que você não volta para dentro? Roubar o carro do seu irmão não lhe trará nenhum favor.

Seus olhos foram entre o carro e o bar, então ele fechou a porta. Nós nos viramos e voltamos para a entrada, onde Fabiano estava esperando com os braços cruzados sobre o peito.

Adamo estremeceu.

— Você andou nos espionando? — Perguntei.

Ele empurrou a parede. — Vocês dois têm uma queda por problemas.

Eu bufei.

Fabiano pegou o olhar de Adamo e pôs a mão no ombro dele. — Correr não vai ajudar. — Ele inclinou o dedo indicador contra a testa de Adamo. — Não pode fugir do que está lá. Pesar e culpa, eles te seguem. — Fabiano tocou o pulso de Adamo e o menino deu um pequeno aceno de cabeça como se entendesse.

Fabiano bagunçou o cabelo dele. Adamo recuou em protesto, depois Fabiano fingiu um ataque e uma luta corpo a corpo⁷ se seguiu. Depois de um momento, Fabiano empurrou um Adamo sorridente em direção à porta. — Dentro.

Adamo entrou e seguimos. Os olhos de Remo se aproximaram de nós imediatamente. Seu irmão colocou a chave na frente dele, então caiu de volta em sua cadeira.

Fabiano e eu nos sentamos, e ele pegou minha mão debaixo da mesa, ligando nossos dedos.

Remo se inclinou para mim e eu fiquei tensa. Fabiano apertou minha mão em apoio, mas seus olhos estavam na luta. — O que você fez para impedi-lo de sair?

Foi preciso esforço para segurar os ferozes olhos escuros de Remo. — Tentei fazê-lo ver a luz no escuro.

— Como você fez para ele, — disse ele com uma inclinação de cabeça para Fabiano. Não foi uma pergunta.

Eu olhei para Fabiano, mas seus olhos seguiram os movimentos de Nino na gaiola - pelo menos parecia assim. Antes de Remo se virar, um lampejo de reconhecimento passou por sua expressão.

Eu não acho que ele tenha falado sério, mas Fabiano e eu fomos os últimos convidados no bar. Cheryl limpou o balcão, olhando-nos com cansaço. — Devemos sair também.

— Eu disse a você que eu teria você contra essa gaiola hoje à noite. — Ele se virou para Cheryl e levantou a voz. — Você pode sair. Eu tenho as chaves. Vou trancar mais tarde.

Cheryl largou o pano, pegou sua bolsa e passou por nós. Ela estava distante desde que eu estava oficialmente ao lado de Fabiano.

⁷ Luta corpo a corpo ou *luta* agarrada (em inglês: *grappling*) é uma expressão utilizada para generalizar qualquer estilo de *luta* agarrada, seja em pé ou no chão.

Ele pegou minha mão e me pôs de pé, então me levou para a gaiola no centro. Meu núcleo apertou em antecipação quando ele saltou para a plataforma e me puxou junto. Entrei na gaiola, em seguida, ouvi o clique familiar da porta se fechando. Um arrepio agradável correu pela minha espinha. Fabiano pressionou meu corpo por trás, sua ereção cavando na minha parte inferior das costas. Eu arqueei minha bunda contra ele, precisando de suas mãos em mim. Depois de sua curta provocação durante a luta, foi difícil entender um pensamento direto. Ele puxou meu vestido sobre a minha cabeça e o jogou no chão, então puxou minha calcinha.

Fabiano me impulsionou para frente com seu corpo até que eu não tive escolha a não ser me apoiar na gaiola. Ele passou as mãos pelos meus ombros e pelos meus braços, depois segurou minhas mãos e as levantou acima da minha cabeça. Liguei meus dedos na grade da jaula enquanto Fabiano pressionava meu corpo contra o metal frio. Meus mamilos endureceram imediatamente. A sensação do aço implacável contra os meus seios e os músculos igualmente implacáveis de Fabiano era estranhamente erótica. Ele recuou e eu bufei em protesto, mas quando olhei por cima do ombro, vi-o puxar sua cueca. Seu pau já estava duro para mim. Eu estremeci de antecipação. Havia fome em seus olhos e a mais quente emoção que ele não tentou mais esconder. Seus movimentos eram ágeis e perigosos enquanto ele andava em minha direção. Lutador e assassino, e meu. Voltei para a gaiola e encostei minha testa contra ela.

Ele deslizou a mão entre minhas coxas e as afastou. Cumprindo ansiosamente, depois esperei que seus dedos me mandassem para o céu. Em vez disso, senti sua ponta pressionar minha abertura. Surpresa me encheu, mas então arqueei minha bunda para mostrar a ele que eu não me importava de pular as preliminares. Estar em uma gaiola com ele era todas as preliminares que eu precisava. Mas ele não empurrou para dentro de mim. Em vez disso, ele correu sua ponta da minha abertura para o meu clitóris e de volta novamente. Eu gemi, arqueando contra ele por mais atrito. Meus mamilos se esfregaram delicadamente contra o metal.

E então ele empurrou para dentro de mim em um impulso duro. Eu gritei, meus dedos agarrando-se dolorosamente à grade. Ele deslizou para dentro e para fora. Sua mão deslizou sobre meu estômago, e abaixou até seus dedos roçarem meu clitóris. Eu gritei de novo e ele empurrou ainda mais em mim. Seus dedos estabeleceram um ritmo lento enquanto me fodeu rápido. Meus dedos na grade apertaram dolorosamente quando uma onda de prazer passou por mim. Gritei seu

nome, meio delirante da força do meu orgasmo. Eu tinha dificuldade em ficar de pé. Meus dedos se afrouxaram na grade, e as mãos de Fabiano cobriram as minhas, ligando nossos dedos e me segurando.

Sua pelve bateu na minha bunda novamente. Eu choraminguei. As sensações eram quase demais, mas Fabiano não conhecia piedade. Sua pélvis bateu contra minha bunda uma e outra vez enquanto ele dirigia-se ainda mais fundo em mim. Pontos dançaram diante da minha visão. — Oh Deus, — eu ofeguei. Seu próximo impulso me catapultou em um doce esquecimento, uma escuridão de sentido elevado e prazer esmagador. Ele me virou e me abaixou no chão, então levantou meus pés para seus ombros e levantou minha bunda. Sua ponta descansou contra minha carne sensível. Seus olhos azuis pareciam desequilibrados. Fora de controle. De uma vez. Ele deslizou para dentro de mim devagar, depois saiu de novo. A maneira como ele estava segurando meus quadris para cima eu podia ver sua ereção deslizando entre minhas dobras quando senti minhas paredes cedendo a ele. Os músculos de Fabiano se flexionaram enquanto ele tomava seu tempo deslizando para dentro e fora de mim.

Eu comecei a tremer. Fabiano sorriu sombriamente e separou minhas dobras com os polegares, revelando meu clitóris. Se ele me tocasse lá, eu desmoronaria. Mas ele não fez. Ele só assistiu seu pau deslizar para dentro e para fora, seus polegares tão perto de onde eu mais precisava de seu toque.

Estendi a mão, muito desesperada para a minha próxima liberação para esperar que ele fizesse um movimento, mas ele pegou meu pulso. Ele levou minha mão à boca e apertou um beijo de boca aberta na minha palma, sua língua saindo e lambendo o suor. Eu gemi com a sensação enquanto viajava todo o caminho até o meu clitóris. — Fabiano, — eu implorei. — Pare de me torturar.

O sorriso de predador. — Mas é o que eu faço melhor.

Bom Deus. Não havia como eu não estar indo para o inferno por isso. E eu não podia nem fingir que me importava. Ele deslizou para dentro de mim novamente e então, felizmente, ele capturou meu clitóris entre os dedos e girou entre eles. Eu me desfiz. Minhas omoplatas arquearam-se dolorosamente contra o chão, minhas unhas procurando por alavancagem. E então Fabiano me seguiu com uma maldição e gemido. Eu forcei meus olhos abertos, precisando vê-lo. Ele teve a cabeça jogada para trás, os olhos fechados. A visão mais incrível de todas.

Lentamente ele abaixou a cabeça e olhou para mim, os lábios torcendo-se ironicamente. — Eu realmente te corrompi. Você não estava nem preocupada que alguém pudesse entrar.

Eu virei minha cabeça para o lado. O bar estava deserto, mas é claro que ele tinha razão. Não tínhamos trancado as portas e não seria a primeira vez que Roger passava a noite em seu escritório.

Cobri meus olhos com a mão, tentando recuperar o fôlego. Fabiano pegou meu pulso e puxou meu escudo para longe, então me puxou para cima, então eu montei suas pernas. Passei meus braços em volta do seu pescoço, procurando em seus olhos por confirmação de que ele estava bem comigo aproveitando tanto isso. — Você valeu a pena, sabe? — Ele acariciou meu pescoço e eu sorri para mim mesma.

— O que exatamente? — Eu sussurrei.

— A dor, a espera, a ira de Remo. Tudo.

Foi aí que tudo começou. Onde meus sonhos de uma vida normal terminaram e algo diferente, algo igualmente bom que eu percebi agora, tinha começado.

— Eu te amo, — eu respirei.

— E eu te amo, — disse ele, e as palavras ainda soavam estranhas em seus lábios.

Eu toquei a tatuagem em seu pulso. — Mais que isso.

— Mais que isso. — Mas porque eu sabia que ele amava a Camorra, amava Remo como um irmão por qualquer motivo inexplicável, eu nunca pediria a ele para escolher.

Ele tirou meu cabelo da minha testa suada. — Você deveria começar a procurar formulários de inscrição para a faculdade. A Universidade de Nevada é um bom lugar para começar.

Eu me afastei. — Eu não tenho dinheiro.

Fabiano sorriu. — Eu poderia muito bem colocar todo o dinheiro de sangue em minha conta para um bom uso. A Camorra ainda precisa de um bom advogado. Porque não você?

Eu não pude acreditar. — Você quer dizer isso? — Eu não ousei esperar que o tivesse entendido direito.

Ele assentiu. — Mas eu tenho que te dizer que tem que ser em Vegas. Eu não posso deixar você ir, sendo um bastardo possessivo e tudo mais.

Eu o beijei, excitação surgindo através de mim.

— Minha possessividade nunca te excitou tanto assim antes, — ele disse ironicamente.

Eu balancei a cabeça, tendo dificuldade em formar palavras para expressar minha gratidão. — Eu não quero sair de Las Vegas. Porque Las Vegas é a sua casa e você é a minha.

Ele me puxou para um abraço doloroso e eu afundei nele.

Meu protetor.